

Diocese de Santo André



Liturgia

3

Diretório Diocesano



DIOCESE DE SANTO ANDRÉ

LITURGIA

DIRETÓRIO DIOCESANO



SUMÁRIO

DECRETO	11
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	15
SIGLÁRIO	17
CAPÍTULO 1	
O QUE É LITURGIA	19
1.1 Liturgia e sua identidade	19
1.2 Liturgia como Mistério	20
1.3 Rito: Expressão da Liturgia	20
1.4 Celebração de um Memorial	21
CAPÍTULO 2	
SERVIÇO DA PRESIDÊNCIA	23
2. 1 O Bispo	23
2.2 Catedral	24
2.3 Símbolos episcopais e seu uso na Liturgia	25
2.4 O Presbítero	26
2.5 O Concelebrante	27
2.5.1 <i>Missa Concelebrada</i>	27
2.6 O Diácono	31
2.6.1 <i>Missa com diácono</i>	32
CAPÍTULO 3	
ASSEMBLEIA DOS FIÉIS	37
3.1 O sentido de ser Assembleia	37
3.2 Participação e Gestos	38

3.2.1 Palmas na Liturgia	40
3.3 O Silêncio Sagrado	41
3.4 Serviços na Liturgia	42
3.4.1 Acólito	42
3.4.2 Cerimoniário	44
3.4.3 Coroinha	46
3.4.4 Leitor, salmista, e quem proferirá as preces	53
3.4.5 Animador (“comentarista”)	59
3.4.6 Cantores	60
3.4.7 Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC)	60
3.4.8 Presidir a Celebração da Palavra	61
3.4.9 O Ministério da Acolhida	61
3.4.10 Recolher as ofertas	62
3.5 Servir no espaço litúrgico	63

CAPÍTULO 4

A EUCARISTIA	65
4.1 Sacramento da Eucaristia	65
4.2 Celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia	66
4.2.1 A Celebração da Palavra de Deus na ausência de Presbítero	66
4.2.2 Distribuição da Comunhão aos enfermos e idosos	69
4.2.3 Adoração ao Santíssimo Sacramento	70

CAPÍTULO 5

MOMENTOS DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA	73
5.1 Ritos Iniciais	73
5.1.1 Procissão de Entrada	73
5.1.2 Saudação	73
5.1.3 Ato Penitencial	74
5.1.4 Hino de Louvor	75
5.1.5 Oração do Dia (Coleta)	76
5.2 Liturgia da Palavra	77

5.2.1 Leituras.....	77
5.2.2 Salmo Responsorial	77
5.2.3 Aclamação ao Evangelho	78
5.2.4 Homilia	79
5.2.5 Profissão de Fé (Credo).....	79
5.2.6 Oração Universal, da Comunidade ou Preces dos Fiéis	80
5.3 Liturgia Eucarística.....	81
5.3.1 Apresentação dos Dons	82
5.3.2 A Oração do Santo.....	82
5.3.3 Oração Eucarística.....	83
5.3.4 A Doxologia da Oração Eucarística (Por Cristo, com Cristo...)	84
5.3.5 Sinal de Paz.....	84
5.3.6 Cordeiro de Deus	85
5.3.7 Comunhão	85
5.3.8 O Silêncio Eucarístico no pós-comunhão	91
5.3.9 Oração depois da comunhão.....	91
5.4 Ritos Finais.....	92

CAPÍTULO 6

A CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS E DAS EXÉQUIAS.....	93
6.1 A Celebração da Reconciliação (de um só penitente)	93
6.2 A Celebração da Unção dos Enfermos.....	94
6.3 A Celebração do Matrimônio (fora da missa).....	95
6.4 A Celebração do Batismo (de Crianças, fora da missa).....	98
6.5 A Celebração da Crisma (na missa).....	100
6.6 O Sacramento da Ordem (sempre dentro da missa)	102
6.7 Exéquias (Sacramental)	105

CAPÍTULO 7

AS CELEBRAÇÕES NO ANO LITÚRGICO	107
7.1 O Tempo Litúrgico.....	107
7.2 O Domingo.....	107

7.3 Ano litúrgico	108
7.4 O Ciclo do Natal (Ciclo da Manifestação).....	109
7.4.1 O advento	109
7.4.2 Os Domingos do Advento	110
7.4.3 A Coroa do Advento.....	110
7.4.4 A Música no Advento.....	111
7.4.5 O presépio	111
7.4.6 A Ornamentação	111
7.5 O Tempo do Natal.....	111
7.5.1 Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo	112
7.5.2 A festa da Sagrada Família.....	112
7.5.3 O dia 31 de dezembro.....	112
7.5.4 A solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus.....	113
7.5.5 Epifania.....	113
7.5.6 Batismo do Senhor	114
7.6 O Tempo Comum (Primeira Parte)	114
7.7 O Ciclo Pascal	115
7.7.1 O Tempo da Quaresma	115
7.7.2 As Campanhas da Fraternidade	116
7.7.3 Quarta-feira de Cinzas.....	116
7.7.4 Os Domingos da Quaresma	117
7.8 A Semana Santa.....	118
7.8.1 O Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor.....	118
7.9 O Tríduo Pascal	120
7.9.1 A Quinta-feira Santa: conclusão da quaresma	120
7.9.2 Sexta-feira da Paixão do Senhor.....	123
7.9.3 O Sábado Santo	124
7.9.4 O Domingo de Páscoa.....	127
7.10 Tempo Pascal	127
7.10.1 A Solenidade de Pentecostes	128

7.11 Tempo Comum (Segunda Parte).....	128
7.11.1 Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo	129
7.12 A escolha das leituras segundo os graus de celebração	131
7.13 As Cores Litúrgicas.....	133
7.14 Tabela dos Dias Litúrgicos.....	134

CAPÍTULO 8

CANTO E MÚSICA NA LITURGIA.....	137
8.1 Fundamentos.....	137
8.2 Canto Litúrgico a serviço da Palavra de Deus e dos gestos sagrados da celebração....	139
8.2.1 Animador de cantos ou Equipe de cantos	139
8.2.2 <i>O uso do microfone e a participação da Assembleia</i>	140
8.3 O canto litúrgico na Eucaristia segundo os seus graus	141

CAPÍTULO 9

O ESPAÇO SAGRADO PARA A CELEBRAÇÃO	145
9.1 Tipologia de Prédios Religiosos	146
9.2 Orientações em Projetos, Execuções e Reformas de Igrejas	148
9.3 Elementos do espaço celebrativo para a Eucaristia.....	149
9.3.1 <i>Presbitério</i>	149
9.3.2 <i>O Altar</i>	150
9.3.3 <i>O Ambão</i>	152
9.3.4 <i>A sede Presidencial</i>	153
9.3.5 <i>A Credência</i>	154
9.3.6 <i>Nave</i>	155
9.3.7 <i>Bancos</i>	156
9.3.8 <i>Capela do Santíssimo Sacramento</i>	156
9.3.9 <i>Sacrário ou Tabernáculo Eucarístico</i>	156
9.3.10 <i>Átrio (Porta)</i>	157
9.3.11 <i>Cruz Processional / Cruz Do Altar</i>	157
9.3.12 <i>Castiçais</i>	158
9.4 Programa Iconográfico (Imagens).....	158

9.4.1 <i>Via-Sacra</i>	160
9.5 Ambientes Auxiliares	161
9.5.1 <i>Capela Da Reconciliação (Confessionário)</i>	161
9.5.2 <i>Sacristia</i>	161
9.5 Espaço externo	162
9.5.1 <i>Torre</i>	162
9.7 Questões importantes na utilização do espaço.....	162
9.7.1 <i>Acústica</i>	162
9.7.2 <i>Iluminação</i>	163
9.7.3 <i>Ornamentação</i>	163
9.7.3.1 <i>Flores</i>	163
9.7.4 <i>Avisos e Cartazes</i>	164

CAPÍTULO 10

A PASTORAL LITÚRGICA.....	165
10.1 Fundamentos.....	165
10.2 A organização da Pastoral Litúrgica	166
10.2.1 <i>Comissão Nacional de Liturgia</i>	166
10.2.2 <i>Comissão Diocesana de Liturgia</i>	166
10.2.3 <i>Pastoral Litúrgica Paroquial</i>	167
10.2.4 <i>A equipe de Celebração</i>	168
10.3 Diversas Dimensões da Pastoral Litúrgica	168
10.4 Plano de Ação para todos que servem na Liturgia	169
10.5 Orientações práticas e tarefas para a Pastoral Litúrgica.....	170
10.6 Preparar a Celebração	172
10.6.1 <i>Preparação Antecipada</i>	172
10.6.2 <i>Preparação Imediata</i>	172

CAPÍTULO 11

A PIEDADE POPULAR NA LITURGIA	175
11.1 A piedade popular	175
11.1.2 <i>A religiosidade popular</i>	172

<i>11.1.3 Expressões da Piedade Popular</i>	176
<i>11.1.4 Procissões</i>	177
<i>11.1.5 Romarias</i>	178
11.2 Devoção à Virgem Maria	180
<i>11.2.1 A Virgem Maria no ano Litúrgico</i>	181
<i>11.2.2 Solenidades que celebram os dogmas marianos:</i>	182
<i>11.2.3 As Festas e as memórias de Maria</i>	182
11.3 Devoção aos Santos.....	182
11.4 Indulgências.....	184

CAPÍTULO 12

INCLUSÃO NA LITURGIA	185
12.1 Questões específicas da inclusão na liturgia	185
<i>12.1.1 Para os surdos</i>	186
<i>12.1.2 Para a pessoa com deficiência visual</i>	187
<i>12.1.3 Para a pessoa com deficiência intelectual</i>	187
<i>12.1.4 Para a pessoa com deficiência motora</i>	188
12.2 Registro das pessoas com deficiência.....	188
12.3 Central de Orientações Básicas	189
12.4 Acomodação no espaço litúrgico.....	189
<i>12.4.1 Razões para reservar bancos</i>	189
12.5 Informações sobre Acessibilidade	190

CAPÍTULO 13

LITURGIA E NOVAS TECNOLOGIAS.....	191
13.1 Preparar uma transmissão e registro da celebração litúrgica	193

CAPÍTULO 14

GRANDES CELEBRAÇÕES	195
14.1 Os lugares da celebração.....	197
14.2 Os momentos da celebração	198
CONCLUSÃO	201

APÊNDICES	203
APÊNDICE I	
CALENDÁRIO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ	203
APÊNDICE II	
A HOMILIA.....	206
APÊNDICE III	
MISSAS DENOMINADAS: AFRO, SERTANEJAS, POR CURA E LIBERTAÇÃO E OUTRAS	210
APÊNDICE IV	
CRIATIVIDADE NA LITURGIA	213
APÊNDICE V	
O USO DA LITURGIA ROMANA PRÉ-CONCÍLIO VATICANO II (FORMA EXTRAORDINÁRIA DO RITO).....	215
APÊNDICE VI	
CELÍACOS E IMPOSSIBILITADOS DE CONSUMIR ÁLCOOL.....	217
APÊNDICE VII	
ITINERÁRIO PARA A LECTIO DIVINA.....	219
APÊNDICE VIII	
OS MATERIAIS SAGRADOS PARA A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA	221
APÊNDICE IX	
CHECKLISTS PARA MISSAS	234
APÊNDICE X	
CERIMONIAL PRÁTICO DA EUCARISTIA (INCLUSIVE COM O BISPO)	241
APÊNDICE XI	
ORDENS PROCESSIONAIS	244
APÊNDICE XII	
TABELA PARA MISSAS RITUAIS, PARA DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS, VOTIVAS E MISSAS PELOS FALECIDOS	248
CONTATOS	250



Prot. 1532/35

DECRETO

A Liturgia como exercício do sacerdócio de Cristo tem duas dimensões: a glorificação de Deus e a santificação da humanidade. “A Liturgia não se confunde com catequese nem com ação transformadora do mundo, embora deva estar presente e penetrar todas as ações da pastoral” (CNBB/ Doc. 43 n. 51). Por isso, é preciso que a celebração seja bem organizada para poder ser bem vivida e dar seus frutos. A arte da celebração tanto por parte do presidente como da assembleia é a melhor condição para a participação, cada um fazendo aquilo que lhe compete.

Esse diretório não contém novidades, mas é compilação organizada das muitas normas litúrgicas já existentes, deseja favorecer não somente a melhor maneira de celebrar a Liturgia, mas também a compreensão do sentido, dignidade e beleza do Mistério celebrado. Quer incentivar as comunidades a valorizar a celebração da Eucaristia, encorajar a Pastoral Litúrgica e as equipes de celebração de nossa Diocese.

Julgo oportuno, após o árduo trabalho dos que se empenharam na sua elaboração, tornar estas instruções, normas legais e obrigatórias para nossa Diocese, e o faço através deste decreto. Dentro daquilo que me compete, após dois anos visitando e celebrando nas comunidades, sanciono para toda a Igreja Particular de Santo André estas normas que devem ser observadas a partir da data de sua promulgação.

Que todos recebam este Diretório de Liturgia como fruto do desejo e colaboração de todos e do zelo do Pastor e do Presbitério para que brilhe nossa fé e esperança nas celebrações do amor de Cristo que nos uniu.

Santo André, 09 de junho de 2017, Terceira Sessão Geral do Sínodo Diocesano, memória de São José de Anchieta, presbítero.

Dom Pedro Carlos Cipollini

Bispo Diocesano de Santo André

Pe. Felipe Cosme Damião Sobrinho

Chanceler do Bispado



APRESENTAÇÃO

Com satisfação, apresentamos a toda nossa Diocese de Santo André esse “Diretório de Liturgia”, fruto do trabalho e do esforço de muitos colaboradores que se dispuseram a realizar esta tarefa. Deus certamente recompensará a todos e somos muito agradecidos por tanta generosidade.

Segundo a Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, “a participação ativa, plena, frutuosa e consciente” (cf. SC 11 e 14) é a meta central a ser alcançada pelo serviço pastoral. Assim, com esse Diretório desejamos apresentar a toda a Diocese um conjunto de orientações capazes de ajudar nesta meta.

A assembleia do povo sacerdotal convocada para a ação celebrativa não é uma massa amorfa nem um público desarticulado, “mas povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos” (SC 26). É a comunidade eclesial reunida e articulada ao redor do ministro ordenado que a “preside na pessoa de Cristo” (SC 33) e em torno da ação dos diferentes ministérios e serviços distribuídos entre os seus membros. A participação ativa, nas celebrações litúrgicas, consiste em que cada um, ministro ou fiel, ao desempenhar uma função, “faça tudo e somente aquilo que pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas lhe compete” (SC 28). Isso evidencia a dimensão comunitária da participação (cf. SC 27) e demonstra que a diversidade de funções e serviços no interior da assembleia deve ser respeitada.

O Povo de Deus, na assembleia litúrgica se expressa como povo sacerdotal e organizado, no qual a diversidade de ministérios e serviços concorre para o crescimento de todos na fé. Esse Diretório quer incentivar as comunidades a valorizar a celebração do Ministério Pascal, encorajar as Equipes de Pastoral Litúrgica de nossas paróquias e comunidades a prosseguirem no esforço de tornar evidentes suas riquezas.

O objetivo diocesano com esse Diretório é favorecer não somente a melhor maneira de celebrar a Liturgia, mas também a compreensão do sentido, dignidade e beleza do mistério celebrado. Ele foi pedido por muitos para ajudar nossas comunidades na execução dos ritos e favorecer as celebrações em nossa Diocese. É preciso que a celebração seja bem organizada para poder ser bem vivida e dar seus frutos.

Recordamos, por fim que a Eucaristia, centro de toda Liturgia é mistério de fé e mistério de luz. O presente Diretório Diocesano deseja então ajudar os fiéis através de uma celebração bem preparada e bem realizada, a fazerem a experiência dos discípulos de Emaús: “Neste momento seus olhos se abriram, e eles o reconheceram” (Lc 24,31).

Pe. Joel Nery

Vigário Episcopal para a Pastoral





INTRODUÇÃO

Entregamos a todos os que servem a Sagrada Liturgia esse diretório que reúne as diretrizes mais elementares sobre a celebração do grande Mistério de nossa fé.

Em sua maioria as orientações são fundamentadas nos principais documentos e instruções litúrgicas promulgados pela Igreja a partir do Concílio Vaticano II, em especial: Instrução Geral sobre o Missal Romano¹, Instrução Redemptionis Sacramentum, Introdução Geral ao Lecionário, A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, Diretório das Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, o Cerimonial dos Bispos. Recomendamos que todos procurem posteriormente aprofundar seus conhecimentos estudando estes documentos por completo.

Este Diretório deseja ser um instrumento de orientação para as Equipes de Liturgia numa comunidade. A ação dos responsáveis pela Liturgia supõe necessariamente formação e conhecimento teológico para não violar a Tradição da fé cristã ministrada e conservada pela Liturgia da Igreja. Toda ação só será proveitosa, fecunda e renovadora para a comunidade se corresponder a critérios litúrgicos, expressando seus sentimentos de comunhão com os nossos pastores.

Que este diretório promova espiritualidade litúrgica baseada na fidelidade ao Magistério da Igreja, enriquecendo o serviço das Equipes de Liturgia para celebrarmos ativa, consciente e frutuosamente o Mistério Pascal de Cristo em cada comunidade, tendo em vista o seguinte ensinamento:

“A eficácia das ações litúrgicas não consiste na contínua modificação dos ritos, mas no aprofundamento da Palavra de Deus e do Mistério celebrado”².

1 Essa instrução corresponde à 3ª edição típica do Missal Romano promulgada pela Santa Sé em 2002

2 RS, n. 39



SIGLÁRIO

ApS – Apostolorum Successores
CAEP – Conselho de Assuntos Econômicos Paroquial
CPP – Conselho Paroquial de Pastoral
CB – Cerimonial dos Bispos
CD – Decreto Christus Dominus
CDC – Código do Direito Canônico
CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano
CF – Campanha da Fraternidade
CIC – Catecismo da Igreja Católica
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COBECISA – Comissão para os Bens Culturais da Igreja da Diocese de Santo André
DAp – Documento de Aparecida
DCDAP – Diretório para Celebrações Dominicais na Ausência de Presbítero
DCIB – Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil
DL – Dicionário de Liturgia
DV – Constituição Dogmática Dei Verbum
EDREL – Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica
EG – Exortação Apostólica Evangelii Gaudium
IGMR – Instrução Geral do Missal Romano
LG – Constituição Dogmática Lumen Gentium
MC – Exortação Apostólica Marialis Cultus
MEC – Ministro Extraordinário da Comunhão
MECP – Ministro Extraordinário do Culto e Palavra
NUALC – Normas Universais sobre o Ano Litúrgico e Calendário
OLM – Ordo Lectionum Missae – Introdução ao Elenco das Leituras
PO – Decreto Presbiterorum Ordinis
PR – Pontifical Romano
RS – Instrução Redemptionis Sacramentum
SaC – Sacramentum Caritatis
SC – Sacrosanctum Concilium
SCCEFM – A Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico Fora da Missa



CAPÍTULO 1

O QUE É LITURGIA

1.1 Liturgia e sua identidade

1. Liturgia é a celebração do Mistério Pascal de Cristo; Liturgia é o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira realizam, a santificação dos homens; nela, o Corpo místico de Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral³. Na liturgia todos estamos profundamente unidos a Cristo: “De fato, não se pode crer que Cristo esteja na cabeça sem estar também no corpo, pois ele está todo inteiro na cabeça e no corpo”⁴.
2. É o ponto alto e também local, do qual jorra a força da Igreja: “Cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda sua força.”⁵ A liturgia celebra os mistérios cristãos através do culto, atualiza a obra de Jesus, fazendo memorial de sua vida, paixão, morte e ressurreição. Nela, quem segue Jesus Cristo realiza o mais íntimo encontro com o Senhor e recebe a motivação e a força máxima para sua missão no mundo.
3. A palavra “Liturgia” está ligada à língua grega na qual tem sua origem. “Liturgia” vem da junção de duas palavras: *leitón-érgon*: que originou *leitourgia*. Significa “serviço prestado ao povo, ou serviço para o bem comum.”⁶ A ação litúrgica era tida como uma ação em favor do povo, em favor da comunidade e em favor da vida humana.
4. A liturgia da Igreja não é um conjunto de ritos desconexos e nem preservação de costumes antigos, mas é a edificação da Comunidade que a celebra: “Ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito Santo, até à medida da idade da plenitude de Cristo, robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora como sinal erguido entre as nações”⁷.

3 SC n. 7

4 Bento XVI SaC. n.36

5 SC n. 10

6 AUGÉ, Matias. Liturgia: História-Celebração-Teologia-Espiritualidade, p. 12

7 Cf. SC n. 2



1.2 Liturgia como Mistério

5. A Liturgia é o Mistério do Culto de Cristo e da Igreja. Segundo o dicionário, mistério é algo incompreensível, algo oculto, impenetrável à razão humana; coisa secreta. Pode significar também o culto ritual secreto de religiões.
6. A palavra mistério (*mysterion*) vem do verbo grego *myo*, que significa: estar fechado. Usa-se esta palavra apenas para coisas que podem ser abertas, que podem ser descerradas. Assim, a palavra mistério conota sempre o aspecto de oculto, de secreto, mas que pode ser revelado parcialmente, manifestado de alguma forma.
7. Mistério na liturgia não tem apenas esta conotação intelectual dada acima, mas vai além, é visto sob o aspecto de Economia divina da salvação.
8. Economia provém da palavra grega *oikonomia* (*oikos+nómos*) que significa a norma da casa, a administração da casa. É o plano de Deus em relação à sua família. Economia divina da salvação significa o plano que Deus tem em relação aos homens de fazê-los participantes de sua vida, de seu amor, de sua felicidade. Este plano se manifesta na História da Salvação.
9. A Sagrada Escritura, os Santos Padres e a Liturgia usam a palavra mistério em sentidos diversos, mas está sempre presente a ideia fundamental de que no mistério têm lugar o invisível e o visível, o celeste e o terreno, o divino e o humano, a virtude espiritual e a imagem exterior material.
10. Assim, mistério é antes uma verdade que se cumpre, um desígnio ou plano de Deus que se realiza. Mistério é a ação de Deus, na qual Ele entra em comunhão com o mundo e os homens. É a gratuidade do amor de Deus comunicado, revelado aos homens.

1.3 Rito: Expressão da Liturgia

11. A ação salvífica na Liturgia ocorre por meio de uma linguagem chamada Rito. O Rito é o ordenamento de ações simbólicas, constituído por gestos e palavras, que busca a integração entre Deus e os homens. É o que no remete o episódio da sarça ardente⁸. A ação ritual é uma linguagem assumida por Deus para revelar ao homem o seu mistério salvífico e comunicar a graça divina.
12. Jesus na última ceia, realizando o rito judaico, dá um passo adiante, transformando o memorial da páscoa, no memorial da sua paixão, morte e ressurreição⁹, sobretudo

⁸ Cf. Ex 3, 1b-6

⁹ Esta verdade está bem indicada nos evangelhos sinóticos (cf. Mt 26,26-29 e paralelos; ICo 11,23-26)



no evangelho de São Lucas que faz questão de acrescentar ao relato mais um cálice no final da perícope demarcando a distinção entre as duas páscoas: a judaica da cristã¹⁰; e transmite à Igreja pelos apóstolos.

1.4 Celebração de um Memorial

13. No rito, a Igreja celebra o memorial do evento central da história da salvação, que é o Mistério Pascal de Cristo. Assim, temos mais dois conceitos fundamentais em Liturgia:

14. *Celebrar*: é uma palavra de origem latina com a mesma raiz das palavras “célebre”, “celebridade”, e significa “lembrar”, “recordar”, “não deixar cair no esquecimento”. No Antigo Testamento temos várias referências sobre essa dimensão da vida da fé e vemos também os danos e os sofrimentos para o Povo de Israel quando eles “esqueciam” da aliança com Deus, isto é, não celebravam plenamente – fé e vida – essa aliança.

15. O ato de celebrar ou de fazer uma celebração está inserido na vida do homem e na história da humanidade. Celebramos tudo aquilo que nos toca profundamente. O sujeito da celebração não é somente uma pessoa, mas um grupo, uma comunidade, uma assembleia. Celebrar e/ou fazer uma celebração correspondem a uma noção de liturgia como ação de toda a Igreja, que atualiza, torna presente, isto é, faz memória da ação de Deus em prol da salvação. Liturgia é, portanto, ação de Deus e não ação humana.¹¹

16. *Memorial*: geralmente na cultura ocidental, para fixar na memória das pessoas os atos heroicos ou a vida de alguém importante, erige-se uma estátua ou dedica-se uma praça ou uma construção em sua homenagem (rua, ponte, edifício, cidade...). Realiza-se o memorial da pessoa de Jesus Cristo por meio de ritos que recordam os ensinamentos e o testemunho do Filho de Deus. Portanto, quando se celebra o memorial do Mistério Pascal sob a força do Espírito Santo presente nas ações da Igreja, traz-se presente o:

- Recordar a Aliança Nova e Eterna entre Deus e a humanidade, selada em Jesus Cristo num momento histórico da humanidade (“Plenitude dos Tempos”);
- Atualizar a presença e a ação de Cristo no mundo, por meio da ação sacramental da Igreja, ligada com o compromisso pessoal e comunitário na vivência e testemunho dos ensinamentos evangélicos;
- Profetizar a consumação do Reino de Deus no mundo, que ainda está em construção e por vir plenamente no fim dos tempos.

¹⁰ Esta verdade está bem indicada nos evangelhos sinóticos (cf. Mt 26,26-29 e paralelos; ICo 11,23-26

¹¹ Cf. Lc 22,14-20



CAPÍTULO 2

SERVIÇO DA PRESIDÊNCIA

2. 1 O Bispo

17. Bispo é o sucessor legítimo dos Apóstolos, ordenado segundo eleição da Igreja, por meio do Santo Padre, o Papa. Como sucessor dos apóstolos, age em colegialidade com os bispos e com o Papa. O bispo possui o sacramento da ordem no máximo grau e em plenitude, de modo que podemos dizer que é o sacerdote por excelência. O *munus* episcopal é de reger, ensinar, santificar o rebanho do Senhor.

18. “O Bispo diocesano, como primeiro dispensador dos mistérios de Deus na Igreja particular que lhe está confiada, é o moderador, o promotor e o guardião de toda a vida litúrgica.”¹² Para colaborar nessa missão, o sacerdócio episcopal é distribuído a outros homens para exercerem, em comunhão com o bispo esse ministério, sendo estes os presbíteros.

19. *Quem preside a liturgia da Igreja?* “O Bispo deve ser considerado como o Sumo Sacerdote de seu rebanho, de quem deriva e depende, de algum modo, a vida de seus fiéis em Cristo. Por isso, todos devem dar a maior importância à vida litúrgica da Diocese que gravita em redor do bispo, sobretudo na Igreja catedral”¹³. Devido a sua função, seu serviço de presidir a Igreja local, o bispo é o presidente nato de toda celebração à qual ele está presente na sua Igreja Particular. O bispo é guia, promotor e guardião da vida litúrgica de sua Diocese.¹⁴

20. *Quem tem a missão de vigiar e cuidar para que a liturgia seja corretamente celebrada?* “Na qualidade de Pontífice responsável pelo culto divino na Igreja particular, o bispo deve regular, promover e custodiar toda a vida litúrgica da diocese”¹⁵. A comunhão com o bispo é condição para que seja legítima uma celebração no respectivo território diocesano.¹⁶

21. Diz o Vaticano II: “Impossibilitado que está o Bispo de presidir pessoalmente sempre e em toda a Diocese a todo o seu rebanho, vê-se na necessidade de reunir os fiéis em grupos

¹² IGMR, n.22

¹³ SC n.41

¹⁴ Cf. IGMR, n.22

¹⁵ Congregação para os Bispos, *ApS* n.145

¹⁶ Cf. Vaticano II in CD n.15 e SC 39; Cf. tb. Bento XVI in *SaC* n.39



vários, entre os quais sobressaem as paróquias, constituídas localmente sob a presidência de um pastor próprio que faz as vezes do bispo(...) Por consequência deve-se cultivar no espírito e, no modo de agir dos fiéis e dos sacerdotes, a vida litúrgica da paróquia e sua relação com o bispo.”¹⁷

22. Nas missas celebradas pelo Bispo, ou à qual ele está presente sem presidir ou celebrar a Eucaristia, observem-se as normas que se encontram no Cerimonial dos Bispos. “Se o bispo não celebra a Eucaristia, mas delega outro para fazê-lo, convém que ele próprio, de cruz peitoral, de estola e revestido do pluvial sobre a alva, presida a Liturgia da Palavra e no final da Missa dê a bênção”¹⁸.

23. Junto com a pregação do Evangelho o Bispo é o responsável do culto divino em sua diocese, antes de qualquer outra tarefa. A partir destas funções, profética e litúrgica, exerce seu magistério, governo e pastoreio.¹⁹ *“Uma vez que a liturgia constitui o culto comunitário e oficial da Igreja, como Corpo místico de Cristo, constituído pela cabeça e pelos membros, o Bispo vigiará atentamente a fim de que seja celebrada com o devido decoro e ordem. Terá de vigiar, portanto, sobre o decoro dos ornamentos e objetos litúrgicos, para que os ministros ordenados, os acólitos e os leitores se comportem com a necessária dignidade, e os fiéis participem de modo pleno, consciente e ativo, e toda a assembleia exerça a sua função litúrgica”*.²⁰

24. O bispo deve presidir frequentemente as celebrações litúrgicas, cercado pelo seu povo e, sendo o ministro ordinário do sacramento da Confirmação, procurará sempre administrá-lo pessoalmente. Considere-se nesta questão a dimensão da Diocese e a maleabilidade das datas.²¹

25. Cabe ao bispo ditar normas oportunas em matéria de liturgia, obrigatórias para toda a Diocese.²² O bispo deve servir-se das comissões de liturgia, música sacra e arte sacra a fim de cuidar da formação litúrgica dos fiéis.²³

2.2 Catedral

26. A igreja do Bispo por excelência é a Catedral, Igreja Mãe da Diocese. Ela é o centro eclesial e espiritual da Diocese porque é símbolo visível da unidade de toda a comunidade.

17 SC, n.42

18 IGMR, n.92

19 Cf. ApS, n.142 e 146

20 Id. n.146

21 Cf. ApS, n.144

22 Cf. Id. n.143

23 Cf. Id. n.145



de cristã reunida em torno do seu pastor, o bispo, sucessor dos apóstolos, que nela tem sua cátedra, no presbitério, em lugar de destaque e visível. A catedral é lugar referencial, teológico, magisterial, sacramental e pastoral da Igreja diocesana. Deve ser o símbolo maior da Igreja Particular e como tal simboliza toda a Diocese.²⁴

27. Desde que seja possível, o bispo celebre as festas de preceito e outras solenidades na Igreja Catedral, as celebrações por ele presididas devem ter função de exemplaridade para todas as outras.

2.3 Símbolos episcopais e seu uso na Liturgia

28. Torna-se necessário que se diga também uma palavra, sobre alguns símbolos recebidos pelo bispo no dia de sua ordenação episcopal. Símbolos de uso comum dos bispos, cujo significado muitas vezes, é desconhecido da maioria dos fiéis²⁵.

29. Báculo: Bastão ou cajado alto com extremidade curva, símbolo do poder-serviço e da missão de pastor. Tem uma extremidade curva para puxar as ovelhas mais perto, impedindo que se dispersem, e a outra extremidade reta ou pontuda para defender o rebanho dos lobos.

30. Mitra: símbolo da santidade do sumo sacerdote e de seu poder espiritual. Com suas duas pontas voltadas para o alto indica a total pertença a Deus. Com suas duas partes separadas e duas ífulas (fitas que caem para traz), é também símbolo da Antiga e Nova Aliança. Ela é aberta porque a força que ela manifesta vem de Deus e não da pessoa em si. A mitra é usada somente nas funções litúrgicas.

31. Anel: por sua forma circular, sem começo nem fim, é sinal de união e fidelidade eternas. Sinaliza o dever do bispo, de ser o guardião da aliança de amor entre Cristo esposo, e sua esposa a Igreja (Diocese que lhe foi confiada), mantendo-a fiel na unidade e no amor. Deve ser usado sempre pelo bispo.

32. Cruz peitoral: A cruz é símbolo universal da mediação e do mediador como duas ligações de pontos opostos. A partir da ressurreição, a cruz se torna sinal da vitória e da vida nova em Cristo, a qual o bispo, deve anunciar. Deve ser usada sempre pelo bispo.

33. Solidéu: calota de cor roxa que substitui a tonsura (corte de cabelo de forma redonda), a qual simboliza a total consagração da vida a Deus. É uma peça não litúrgica do vestuário episcopal, usada dentro e fora das celebrações.

²⁴ Cf. ApS, 144 e 155

²⁵ Cf. verbetes do dicionário litúrgico de Rupert Berger, *Pastoral liturgisches Handlexikon*, Freldourg, 2005



2.4 O Presbítero

34. O Presbítero recebe o segundo grau do sacerdócio, de modo que o sacramento o torna um colaborador do bispo na missão confiada ao sucessor dos apóstolos.

35. “Os presbíteros são consagrados por Deus, por meio do ministério dos Bispos, para que feitos de modo especial, participantes do sacerdócio de Cristo, sejam na celebração sagrada, ministros d’Aquele que na liturgia exerce perenemente o seu ofício sacerdotal a nosso favor”²⁶, Jesus.

36. O que preside a Assembleia Litúrgica celebra em favor do povo e com o povo e não apenas diante do povo. Deve suscitar uma participação viva e frutuosa de todos, expressão da vida cotidiana, imersa no Mistério de Cristo e sua Igreja. A participação condigna da parte dos sacerdotes é o grande meio de incentivar a participação dos fiéis. Todos os fiéis presentes na Celebração Eucarística não são simplesmente representados pelo sacerdote, mas pela via da participação pessoal, segundo o modo próprio, ao qual têm direito em virtude do batismo, são parte desta e colaboram para os seus fins.

37. “De modo particular convém que haja clareza quanto às funções específicas do sacerdote: como atesta a Tradição da Igreja, é ele quem insubstituivelmente preside à Celebração Eucarística inteira, desde a saudação inicial até a bênção final. Em virtude da Ordem sacra recebida, representa Jesus Cristo cabeça da Igreja e, na forma que lhe é própria, também a Igreja. De fato, cada celebração Eucarística é conduzida pelo bispo, quer pessoalmente, quer pelos presbíteros, seus colaboradores”²⁷.

38. É necessário para a validade da Celebração da Eucaristia que o ministro seja um sacerdote validamente ordenado²⁸. Não basta, portanto, para celebrar validamente, a participação no sacerdócio real de Cristo, no qual participam todos os fiéis pelo Batismo.

39. O sacerdote não conceda aos fiéis ou aos diáconos dizer a parte da missa que lhe cabe, em especial partes da Oração Eucarística.

40. Celebra licitamente a Eucaristia o sacerdote não impedido pela lei²⁹ e que esteja em comunhão com o bispo.³⁰

26 PO, n.5

27 Bento XVI in *SaC* n.53 e IGMR n. 92

28 Cf. C.D.C. can.900 § 1

29 Cf. C.D.C. can.900 § 2 e can. 916

30 Cf. C.D.C. can. 15; SC. 39



- 41.** O sacerdote não deixe de se preparar devidamente com sua oração para a celebração do Sacrifício Eucarístico, nem de, no fim, fazer a ação de graças pessoal a Deus.³¹
- 42.** O presidente da celebração tem função importantíssima. É a função de presidir deixando a liturgia falar, ou melhor, deixando o Mistério que está sendo celebrado aparecer em primeiro plano. Assim, não deve interromper a celebração com explicações, observações, “homiliazinhas”, histórias pessoais, brincadeiras ou reclamações. Quem preside a celebração não deve interromper o diálogo da aliança entre a assembleia e seu Senhor. Sinta-se incorporado na assembleia, como parte dela, com toda simplicidade e autenticidade, servindo-a na presidência da celebração, sem preocupar-se em agradar ou motivar a “plateia” ou ser aceito por ela. Celebre com a assembleia, em favor da assembleia e não somente para a assembleia.

2.5 O Concelebrante

2.5.1 Missa Concelebrada

- 43.** A concelebração está prescrita pelo próprio rito: na ordenação do Bispo e dos presbíteros, na bênção do Abade e na Missa crismal. Recomenda-se, além disso: na Missa vespertina da Ceia do Senhor; na Missa celebrada nos Concílios, nas reuniões dos Bispos e nos Sínodos; na Missa conventual e na Missa principal celebrada nas igrejas e oratórios; nas Missas celebradas por ocasião de reuniões de sacerdotes, tanto seculares como religiosos.³²
- 44.** Segundo as normas do direito, compete ao Bispo regulamentar a disciplina da concelebração em todas as igrejas e oratórios da diocese, deste modo, no Grande ABC fica estabelecido:³³ o juízo do pároco para a admissão à concelebração em sua paróquia (coordenadores regionais, vigários episcopais e geral não carecem desta autorização por terem serviços ligados à Diocese como um todo); em todas as celebrações Regionais e Diocesanas é autorizada a concelebração.
- 45.** A missa concelebrada ocorre quando há a participação simultânea de mais de um presbítero na celebração da mesma Eucaristia sob a presidência de um celebrante principal. Essa forma de celebração eucarística manifesta a unidade do sacerdócio e do sacrifício, bem como a unidade de todo o povo de Deus. As orientações seguintes são oriundas da IGMR n. 199.

31 Cf. C.D.C. can.909

32 Cf. IGMR, n.199

33 Cf. Ibid. n. 202



46. Para a missa concelebrada há algumas determinações:

- Não é permitido celebrar a Eucaristia simultaneamente, ao mesmo tempo e na mesma igreja em que se realiza outra celebração eucarística;
- É proibida a concelebração do sacrifício eucarístico juntamente com ministros de comunidades eclesiais que não tenham sucessão apostólica, nem reconhecida dignidade sacramental da ordenação sacerdotal, ou que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica;³⁴
- Os presbíteros em peregrinação sejam acolhidos de bom grado para a concelebração eucarística, contanto que seja reconhecida sua condição sacerdotal (isto pode ser feito pela carteirinha da CNBB ou consulta ao anuário católico, ou ainda outro meio);
- Ninguém se associe e nem seja admitido a concelebrar, depois de já iniciada a missa.

47. Na procissão de entrada, os sacerdotes concelebrantes dirigem-se até o altar seguindo à frente do sacerdote ou bispo presidente da celebração.

48. Ao chegarem ao altar, os concelebrantes e o celebrante principal (...) veneram o altar com um ósculo (beijo), e se encaminham para as suas cadeiras. O celebrante principal, se for oportuno, incensa a cruz e o altar e, em seguida, vai até a cadeira.

49. Durante a Liturgia da Palavra, os concelebrantes permanecem em seus lugares e, iniciado o Aleluia, levantam-se, exceto presidente, que coloca incenso, sem nada dizer e dá a bênção ao diácono ou, na sua ausência, ao concelebrante que vai proclamar o Evangelho. Contudo, na concelebração presidida por um presbítero, o concelebrante que, na ausência do diácono proclama o Evangelho, não pede nem recebe a bênção do celebrante principal.

50. A preparação dos dons (isto é, do pão e do vinho no altar), não havendo diácono, é feita pelo celebrante principal, enquanto os outros concelebrantes permanecem nos respectivos lugares.

51. Depois que o celebrante principal concluiu a oração sobre as oferendas, os concelebrantes aproximam-se do altar e colocam-se em torno dele, mas de tal forma que, não dificultem a realização dos ritos e a visão das cerimônias sagradas por parte dos fiéis, nem impeçam o acesso do diácono ao altar ao exercer a sua função. O diácono exerce a sua

34 Cf. CIC, n.908



função junto ao altar, ministrando, quando necessário, ao cálice e ao missal. Contudo, quanto possível, permanece de pé, um pouco atrás, após os sacerdotes concelebrantes, colocados em torno do celebrante principal.

52. O Prefácio é cantado ou proclamado somente pelo sacerdote celebrante principal; mas o Santo é cantado ou recitado por todos os concelebrantes junto com o povo e o grupo de cantores.

53. Terminado o Santo, os sacerdotes concelebrantes prosseguem a Oração Eucarística na maneira como se determina... (nas rubricas do Missal Romano). Só o celebrante principal fará os gestos indicados, caso não se determine outra coisa.

54. Da oração da epiclese (isto é, invocação) sobre as oferendas até a oração da epiclese sobre a assembleia³⁵, os concelebrantes rezam todos juntos com o presidente da celebração, realizando os seguintes gestos:

- Estendendo suas mãos em direção às oferendas na oração da epiclese sobre as oferendas;
- Unindo as mãos no início do relato da instituição da Eucaristia;
- Ao proclamar as palavras do Senhor, com a mão direita estendida para o pão e o cálice (...); à apresentação, olham para a hóstia e o cálice e depois se inclinam profundamente;
- Estendendo suas mãos na oração da memória do Mistério Pascal³⁶ e da epiclese sobre a assembleia.

55. As partes que são proferidas conjuntamente por todos os concelebrantes e, sobretudo as palavras da consagração, que todos devem expressar, quando forem recitadas, sejam ditas em voz tão baixa de tal modo que se ouça claramente a voz do celebrante principal. Dessa forma as palavras são mais facilmente entendidas pelo povo.

56. Convém que as intercessões da Oração Eucarística sejam confiadas a um ou mais concelebrantes, que as recita sozinho, em voz alta, de mãos estendidas.

57. A doxologia final da Oração Eucarística (Por Cristo, com Cristo, em Cristo...) é proferida somente pelo sacerdote celebrante principal, caso prefira, pode ser feita junto com os demais concelebrantes, não, porém, pelos fiéis.

³⁵ Na Oração Eucarística II, a epiclese sobre a assembleia começa com as seguintes palavras: “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue...”

³⁶ Esta oração inicia-se após a resposta da assembleia diante do “Eis o Mistério da Fé!”. Na Oração Eucarística II, ela começa com as seguintes palavras: “Celebrando, pois, a memória...”



58. A seguir, o celebrante principal, de mãos unidas, diz a exortação que precede a Oração do Senhor e, com as mãos estendidas, reza a Oração do Senhor com os demais concelebrantes, também de mãos estendidas e com todo o povo.

59. O ‘Livrai-nos...’ é dito apenas pelo celebrante principal, de mãos estendidas. Todos os concelebrantes dizem com o povo a aclamação final: ‘Vosso é o reino’.

60. Depois do convite do diácono ou, na sua ausência, de um dos concelebrantes: ‘Meus irmãos e minhas irmãs, saudai-vos em Cristo Jesus’, todos se cumprimentam permanecendo sempre dentro do presbitério. Os concelebrantes que se encontram mais próximos do presidente da celebração recebem a sua saudação antes do diácono.³⁷

61. “Durante o Cordeiro de Deus, os diáconos ou alguns dos concelebrantes podem auxiliar o celebrante principal a partir as hóstias para a Comunhão dos concelebrantes e do povo”.³⁸

62. Após depositar no cálice a fração da hóstia, só o celebrante principal, de mãos juntas, diz em silêncio a oração ‘Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo’, ou ‘Senhor Jesus Cristo, o vosso Corpo e o vosso Sangue’.

63. “Terminada a oração antes da Comunhão, o celebrante principal faz genuflexão e afasta-se um pouco. Um após os outros, os concelebrantes se aproximam do centro do altar, fazendo genuflexão e tomam do altar, com reverência, o Corpo de Cristo; segurando-o com a mão direita e colocando por baixo a esquerda, retornam a seus lugares. Podem, no entanto, permanecer nos respectivos lugares e tomar o Corpo de Cristo da patena que o celebrante principal, ou um ou vários dos concelebrantes seguram, passando diante deles; ou então passam a patena de um a outro até o último”.³⁹

64. A seguir, o celebrante principal toma a hóstia, consagrada na própria missa, e, mantendo-a um pouco elevada sobre a patena ou sobre o cálice, voltado para o povo, diz: ‘Felizes os convidados’, e continua com os concelebrantes e o povo, dizendo: ‘Senhor, eu não sou digno’.

65. Em seguida, o celebrante principal, voltado para o altar, diz em silêncio: ‘Que o Corpo de Cristo me guarde para a vida eterna’, e comunga com reverência o Corpo de Cristo. Os concelebrantes fazem o mesmo, tomando a Comunhão. Depois deles, o diácono recebe das mãos do celebrante principal o Corpo do Senhor.

66. Quando a Comunhão é feita diretamente do cálice, pode-se usar um dos seguintes modos:

37 Cf. RS, n.72

38 IGMR, n.240

39 Ib. n.242



- O celebrante principal, depois de comungar entrega o cálice ao diácono ou a um concelebrante. A seguir, distribui a Comunhão aos fiéis. Os concelebrantes aproximam-se do altar, um a um, ou dois a dois quando se usam dois cálices, fazem genuflexão, tomam do Sangue, enxugam a borda do cálice e voltam para a respectiva cadeira.
- Os concelebrantes podem tomar o Sangue do Senhor nos seus respectivos lugares, bebendo do cálice que o diácono, ou um dos concelebrantes lhes apresenta; ou também passando sucessivamente o cálice uns aos outros. O cálice é sempre enxugado, seja por aquele que bebe, seja por aquele que o apresenta. Cada um, depois de ter comungado, volta à sua cadeira.

67. O diácono, junto ao altar, consome, com reverência, todo o Sangue que restar, ajudado, se for preciso, por alguns dos concelebrantes; leva-o, em seguida, à credência, onde ele mesmo ou um acólito legitimamente instituído, como de costume, o purifica, enxuga e compõe.

68. O celebrante principal procede ao mais como de costume até o final da missa, permanecendo os concelebrantes em suas cadeiras.

69. Os concelebrantes, antes de se afastarem do altar, fazem-lhe uma inclinação profunda. O celebrante principal, com o diácono, porém, como de costume, beija o altar em sinal de veneração. Não é necessário que os concelebrantes osculem (beijem) o altar antes de se retirarem.

2.6 O Diácono

70. O diaconado – em caráter transitório ou permanente – na Igreja manifesta-se, sobretudo, como ministério da caridade, na perspectiva da teologia dos ministérios, em vista de alcançar a configuração de Igreja pobre e servidora da humanidade. “Os diáconos estão no grau inferior da hierarquia. São-lhes impostas as mãos não para o sacerdócio, mas para o ministério... pode ser conferido a homens de idade mais madura, mesmo casados, ou a moços idôneos, para os quais, porém, deve continuar firme a lei do celibato”.⁴⁰ A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007), realizada em Aparecida, lembra a presença sobretudo dos diáconos permanentes como discípulos missionários de Jesus Servidor, ordenados para o serviço da Palavra, da Caridade e da

40 LG 29



Liturgia.⁴¹ Para maior conhecimento sobre este ministério indica-se o Diretório Diocesano para o Diaconado Permanente da Diocese de Santo André.

2.6.1 Missa com diácono

71. Quando está presente à celebração eucarística, o diácono, revestido das vestes sagradas – alva e estola e, se for o caso, dalmática – exerça seu ministério. Assim, o diácono:⁴²

- Assiste o sacerdote e caminha a seu lado;
- Ao altar, encarrega-se do cálice e do livro (missal) quando nas grandes celebrações não houver alguém designado para isso;
- Proclama o Evangelho e, por mandado do presidente da celebração, pode fazer a homilia;
- Orienta o povo fiel através de oportunas exortações e enuncia as intenções da oração universal;
- Auxilia o sacerdote na distribuição da Comunhão e purifica e recolhe os vasos sagrados;
- Se não houver outros ministros, exerce as funções deles, conforme a necessidade.

72. Conduzindo o Evangeliário, pouco elevado, o diácono precede o sacerdote que se dirige ao altar; se não, caminha a seu lado.

73. Chegando ao altar, se conduzir o Evangeliário, omitida a reverência, sobe ao altar. E, tendo colocado o Evangeliário com deferência no centro do altar, com o sacerdote venera o altar com um ósculo (beijo). Se, porém, não conduzir o Evangeliário, faz, como de costume, com o sacerdote profunda inclinação ao altar (ou genuflexão conforme presença do sacrário) e, com ele, venera-o com um ósculo. Por fim, se for usado incenso, assiste o sacerdote na colocação do incenso e na incensação da cruz e do altar.

74. Incensado o altar, dirige-se para a sua cadeira com o sacerdote, permanecendo aí ao lado do sacerdote e servindo-o quando necessário. Os diáconos assistentes sentam-se à direita e esquerda do presidente respectivamente, mesmo com a presença de presbíteros concelebrantes (em caso de maior número de diáconos se preveja lugares para estes).

75. Enquanto é proferido o Aleluia ou outro canto, o diácono, quando se usa incenso, serve o sacerdote na imposição do incenso. Em seguida, profundamente inclinado diante

41 Cf. DAp 205

42 Cf. IGMR 171ss



do sacerdote, pede, em voz baixa a bênção, dizendo: ‘Dá-me a tua bênção’. O sacerdote o abençoa, dizendo: ‘O Senhor esteja em teu coração para que possas proclamar dignamente o Santo Evangelho’. O diácono faz o sinal da cruz e responde: ‘Amém’. Em seguida, feita uma inclinação ao altar, toma o Evangeliário, que louvavelmente se encontra colocado sobre o altar e dirige-se ao ambão, levando o livro um pouco elevado, precedido do turiferário com o turíbulo fumegante e dos ministros com velas acesas, neste momento faz-se a procissão pelo caminho mais longo até o ambão. Ali, ele saúda o povo, dizendo de mãos unidas: ‘O Senhor esteja convosco’ e, em seguida, às palavras Proclamação do Evangelho... traça o sinal da cruz com o polegar sobre o livro e, a seguir, sobre si mesmo, na frente, sobre a boca e o peito, incensa o livro e proclama o Evangelho, lendo o texto de mãos postas. Ao terminar, aclama: ‘Palavra da Salvação’, respondendo todos: ‘Glória a vós, Senhor’. Em seguida, beija o livro, dizendo em silêncio: ‘Pelas palavras do santo Evangelho...’, e volta para junto do sacerdote. Quando o diácono serve ao bispo, leva-lhe o livro para ser osculado ou ele mesmo o beija (...). Em celebrações mais solenes o bispo, conforme a oportunidade, abençoa o povo com o Evangeliário. Por fim, o livro pode ser levado para a credência ou outro lugar adequado e digno. Quando o Evangeliário for elevado, recorde-se que é para abençoar a assembleia e não para ser aplaudido. Ao ser abençoada, a assembleia traça sobre si o sinal da cruz e não aplaude. Somente o Bispo abençoa com o livro, nunca o diácono ou o presbítero.

76. Não havendo outro leitor preparado, o diácono profere também as outras leituras.

77. Após a introdução do sacerdote, o diácono propõe, normalmente do ambão, as intenções da oração dos féis (preces). Esta atribuição pode ser feita pelos fiéis, mesmo na presença do diácono.

78. Terminada a oração universal, enquanto o sacerdote permanece em sua cadeira, o diácono prepara o altar com a ajuda do acólito⁴³; cabe-lhe ainda cuidar dos vasos sagrados. Assiste o sacerdote na recepção das dádivas do povo. Entrega ao sacerdote a patena com o pão que vai ser consagrado; derrama vinho e um pouco d’água no cálice, dizendo em silêncio: ‘Pelo mistério desta água...’ e, em seguida, apresenta o cálice ao sacerdote. Ele pode fazer esta preparação do cálice também junto à credência. Quando se usa incenso, serve o sacerdote na incensação das oferendas, da cruz e do altar, e depois ele mesmo ou o acólito incensa o sacerdote e o povo.

79. Durante a Oração Eucarística, o diácono permanece de pé junto ao sacerdote, mas um pouco atrás, para cuidar do cálice ou do missal, quando necessário. A partir da epiclese (da invocação do Espírito Santo sobre as oferendas) até o final da apresentação do

⁴³ Por “acólito” entende-se aquela pessoa oficialmente instituída pelo Ordinário (bispos e superiores religiosos). Ver a parte própria deste ministério no presente diretório.



cálice o diácono permanece de joelhos. Se houver vários diáconos, um deles na hora da consagração pode colocar incenso no turíbulo e na apresentação da hóstia e do cálice.

80. À doxologia final da Oração Eucarística, de pé ao lado do sacerdote, (o diácono) eleva o cálice, enquanto o sacerdote eleva a patena com a hóstia, até que o povo tenha aclamado: ‘Amém’. A proclamação da oração ‘Por Cristo, com Cristo e em Cristo...’ é exclusivamente sacerdotal. O diácono aclama o ‘Amém’ juntamente com os fiéis leigos.

81. Depois que o sacerdote disse a oração pela paz e: ‘A paz do Senhor esteja sempre convosco’, o povo responde: ‘O amor de Cristo nos uniu’, o diácono, se for o caso, faz o convite à paz, dizendo, de mãos juntas e voltado para o povo: Meus irmãos e minhas irmãs, saudai-vos em Cristo Jesus, ou outra das fórmulas previstas. Ele, por sua vez, recebe a paz do sacerdote e pode oferecê-la aos outros ministros que lhe estiverem mais próximos.

82. A fração do pão eucarístico é realizada somente pelo presidente da celebração, ajudado, se é o caso, pelo diácono ou por um (sacerdote) concelebrante, mas não por um leigo (por exemplo: acólito, ministro extraordinário da comunhão, coroinha...). Inicia-se esta fração do pão depois de dar a paz, enquanto se recita o ‘Cordeiro de Deus’⁴⁴.

83. Tendo o sacerdote comungado⁴⁵, o diácono recebe a Comunhão sob as duas espécies do próprio sacerdote⁴⁶ e, em seguida, ajuda o sacerdote a distribuir a Comunhão ao povo. Sendo a Comunhão ministrada sob as duas espécies, apresenta o cálice aos comungantes e, terminada a distribuição, consome logo com reverência, ao altar, todo o Sangue de Cristo que tiver sobrado.

84. Concluída a distribuição da Comunhão, o diácono volta com o sacerdote ao altar e reúne os fragmentos, se houver. A seguir, leva o cálice e os outros vasos sagrados para a credência, onde os purifica e compõe como de costume, enquanto o sacerdote regressa à cadeira. Podem-se deixar devidamente cobertos na credência, sobre o corporal, os vasos a purificar e purificá-los imediatamente após a missa, depois da despedida do povo.

85. Após a Oração depois da Comunhão, o diácono faz breves comunicações que se fizerem necessárias ao povo, a não ser que o próprio sacerdote prefira fazê-lo ou ainda, algum leigo da comunidade.

44 Cf. RS, n.73 e Cf. IGMR, n.83

45 Isso vale para o sacerdote presidente da celebração como também aos demais concelebrantes (Cf. IGMR, n.244)

46 Na missa, quando o diácono recebe a comunhão, o sacerdote apresenta-lhe o pão e o vinho eucarísticos dizendo: “O Corpo e o Sangue de Cristo” e o diácono professa sua fé dizendo: “Amém” (Cf. IGMR, n.249). Quando, porém, o sacerdote ou diácono apresenta o pão e o vinho eucarístico ao(s) sacerdote(s) concelebrante(s), nada se fale (Cf. RS, n.98). A razão disso se encontra na natureza do ministério sacerdotal que garante à Igreja que aquele pão e aquele vinho é a Eucaristia. O diácono não é sacerdote, por isso que, juntamente com os fiéis leigos, deve professar sua fé diante do sacramento da Eucaristia.



86. Se for usada a oração sobre o povo ou a fórmula da bênção solene, o diácono diz: ‘Inclinai-vos para receber a bênção’. Dada a bênção pelo sacerdote, o diácono despede o povo, dizendo de mãos unidas e voltado para o povo: ‘Ide em paz e o Senhor vos acompanhe!’ ou com outras frases de envio sugeridas pelo Missal.

87. A seguir, junto com o sacerdote, venera com um ósculo (beijo) o altar e, feita uma inclinação profunda, retira-se como à entrada. Este ósculo é necessário somente pelos que assistem o presidente, sendo dispensado aos demais diáconos que por sua vez fazem inclinação profunda antes de deixarem o altar.



CAPÍTULO 3

ASSEMBLEIA DOS FIÉIS

3.1 O sentido de ser Assembleia

88. A Igreja é um corpo formado de membros em unidade e tal união se expressa na liturgia através da diversidade dos dons, carismas e ministérios, conforme atesta São Paulo aos Coríntios: “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.”⁴⁷ Jesus institui diversamente Apóstolos e Discípulos, bem como o livro dos Atos dos Apóstolos elege sete diáconos para o ministério do serviço. A Igreja, desde muito cedo prezou pelos ministérios de modo a valorizar a liturgia pela qual se celebra o Mistério da Salvação.

89. O povo de Deus é constituído em diversos ministérios, e na celebração da Eucaristia “cada um intervém fazendo só e tudo o que lhe pertence”⁴⁸. Considera-se para isso, que “o povo é o povo de Deus, adquirido pelo Sangue de Cristo, congregado pelo Senhor, alimentado com a sua palavra; povo chamado para fazer subir até Deus as preces de toda a família humana; povo que em Cristo dá graças pelo mistério da salvação, oferecendo o seu Sacrifício; povo, finalmente, que pela comunhão do Corpo e Sangue de Cristo se consolida na unidade”⁴⁹.

90. Todos os batizados formam a assembleia litúrgica celebrante: “Na assembleia eucarística o povo é convocado e reunido sob a presidência do bispo (ou sob sua autoridade), do presbítero, que faz as vezes de Cristo, e todos os fiéis presentes, quer clérigos quer leigos, com a sua participação para ela concorrem, cada qual a seu modo, segundo a diversidade de ordens e funções litúrgicas”⁵⁰. A participação plena, ativa e frutuosa de todos os fiéis é necessária, pois, todos foram chamados a viver as celebrações “enquanto povo de Deus, sacerdócio real, nação santa (cf. 1Pd 2,4-5.9)”⁵¹.

47 1Cor 12,4-6

48 IGMR, n.5

49 Id.n.5

50 C.D.C. can. 899 §2

51 SaC n.38



91. É necessário ter presente também que na celebração cada um tem seu papel que não deve ser nem trocado nem confundido: “Não favorece a causa da participação ativa dos fiéis uma confusão gerada pela incapacidade de distinguir, na comunhão eclesial, as diversas funções que cabem a cada um”⁵² A liturgia não se inventa, mas se recebe para ser celebrada com renovado vigor em cada geração.

92. O fiel que participa da celebração litúrgica deve ser membro participante e atuante da comunidade: “Não se pode verificar uma participação ativa nos santos mistérios se não procura tomar parte ativa na vida eclesial em toda a sua amplitude, incluindo o compromisso missionário.”⁵³

3.2 Participação e Gestos

93. Participar significa “ser parte de”, tomar parte, a parte unir-se ao todo, no caso, o Corpo Místico de Cristo que é a Igreja, é ser ramo da videira⁵⁴. O Concílio Ecumênico Vaticano II convocou os fiéis a terem uma participação mais ativa e não de mera presença⁵⁵, de modo que os fiéis possam fazer parte efetivamente do sacrifício do Senhor, isto ocorre nas aclamações, nos responsórios, na salmodia, nas antífonas, nos gestos condizentes com a liturgia e no silêncio sagrado. Ainda, é importante que os fiéis preparem as músicas, as leituras, a oração dos fiéis, a ornamentação da Igreja. A participação ativa dos fiéis não se reduz, necessariamente à realização de atividades, em sentido material, além dos gestos e posturas corporais, como se cada um tivesse que assumir, necessariamente, uma tarefa litúrgica específica.⁵⁶

94. Os gestos e as posições do corpo “devem contribuir para que a celebração resplandeça pelo decoro e nobre simplicidade, se compreenda a verdadeira e plena significação de suas diversas partes e se favoreça a participação de todos”⁵⁷.

95. A mesma posição do corpo realizada pela assembleia “é sinal da unidade dos membros da comunidade cristã, reunidos para a Sagrada Liturgia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes”⁵⁸. Tal unidade se manifesta muito bem

52 Ibid. n.53

53 Ibid. n.55

54 Cf. 1Cor 12,12; Jo 15,5

55 Cf. SC, n.14

56 Cf. RS, n.40

57 SC, n.30, 21

58 IGMR, n.42



quando todos os fiéis realizam em comum os mesmos gestos e assumem as mesmas atitudes externas”⁵⁹.

As posições do corpo ao longo da celebração são:

96. Em pé: sinal da prontidão, do serviço, da ressurreição, da dignidade dos filhos de Deus. Ficamos em pé desde a Procissão de Entrada até a oração do dia inclusive; na Aclamação ao Evangelho, bem como na sua Proclamação; na Profissão de Fé; na Oração da Comunidade; e desde o convite “Orai, irmãos e irmãs...” até a epiclese; do “Anunciamos, Senhor, a Vossa morte...” até a comunhão; da Oração depois da comunhão até o fim da missa, exceto nas partes citadas em seguida;

97. Sentado: atitude de quem ouve, acolhe e medita, sobretudo a Palavra de Deus e sua atualização. Senta-se durante as Leituras Bíblicas antes do Evangelho; durante a Homilia, durante a Preparação das Oferendas, e, se for conveniente, enquanto se observa o silêncio sagrado depois da comunhão;

98. Ajoelhado: ato de adoração e de humildade diante de Deus. “Ajoelha-se durante a consagração (da epiclese - invocação do Espírito sobre as ofertas até o: ‘Eis o mistério da fé!’); desejando, pode-se permanecer de joelhos até o final da doxologia: Por Cristo..., a não ser que, por motivo de saúde, falta de espaço ou outras causas razoáveis não se permita. Contudo, aqueles que não se ajoelham na consagração, façam inclinação profunda enquanto o sacerdote faz genuflexão após a consagração”;⁶⁰

99. Genuflexão: gesto de reverência no qual se dobra o joelho direito até o chão como sinal de adoração e humildade diante do Santíssimo Sacramento e, em certas ocasiões, como na Sexta-feira Santa, diante da Cruz. Na celebração da missa, caso o Santíssimo Sacramento esteja no presbitério, realiza-se uma genuflexão em direção ao altar e à Eucaristia, na procissão de entrada e na saída após a bênção de envio. Nessas procissões, os “que levam a cruz processional e as velas, em vez de genuflexão, fazem inclinação de cabeça”⁶¹ ao altar e o que conduz o Evangelário omite tanto a genuflexão como a inclinação⁶². No decorrer da celebração, todos os que passarem em frente do altar fazem somente a inclinação profunda. Além disso, o sacerdote presidente realiza três genuflexões: uma depois da apresentação do pão e outra depois da apresentação do cálice com o vinho,

59 Ibid. n.96

60 IGMR, n.43

61 Ibid., n.274

62 Cf. Ibid. n.173



durante a consagração; e por fim, após o rito do Cordeiro de Deus. Quando os sacerdotes concelebrantes se aproximarem do altar para comungar, realizem a genuflexão;

100. Inclinação: é um gesto que manifesta “a reverência e a honra que se atribuem às próprias pessoas ou aos seus símbolos. Há duas espécies de inclinação: de cabeça e de corpo.

- Inclinação de cabeça: faz-se quando se nomeiam juntas as três Pessoas Divinas (por exemplo: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...), o nome de Jesus, da Virgem Maria e do Santo em cuja honra se celebra a missa;
- Inclinação de corpo ou inclinação profunda: faz-se ao altar, às orações Ó Deus todo poderoso, purificai-me⁶³ e De coração contrito;⁶⁴ no símbolo da fé às palavras E se encarnou; no Cânon Romano (Oração Eucarística I) às palavras Nós vos suplicamos. O diácono faz a mesma inclinação quando pede a bênção antes de proclamar o Evangelho. Além disso, o sacerdote inclina-se um pouco quando, na consagração, profere as palavras do Senhor.”⁶⁵

101. Caminhar ou deslocar-se de um lugar a outro por meio das procissões é expressão do novo povo de Deus que caminha rumo à Jerusalém celestial, à realização do Reino de Deus.

3.2.1 Palmas na Liturgia

102. Na Liturgia, como em tudo, existe o momento certo e adequado para cada coisa acontecer. As palmas têm seus momentos específicos em alguns ritos, como podemos verificar na celebração dos Sacramentos e Sacramentais, dentro ou fora Missa, de acordo com as rubricas:

- No Ritual do Batismo de Crianças: A assembleia pode manifestar sua alegria com uma salva de palmas (A família acolhe o neo-batizado com um beijo ou outro gesto de afeição).
- No Ritual do Matrimônio: Após o Consentimento, o sacerdote convida os fiéis para o louvor a Deus, que respondem “Graças a Deus” ou outra fórmula de aclamação com palmas.
- Outros momentos oportunos: Na criação de Cardeais, quando o Papa diz o nome do novo Cardeal, a assembleia na basílica costuma aplaudir. Também em algumas celebrações quando antes dos ritos iniciais, o Ordinário do local dirige uma mensagem ao Papa, em geral se conclui com palmas.

⁶³ Essa oração é feita em silêncio pelo sacerdote diante do altar, quando ele se dirige ao ambão para a proclamação do Evangelho

⁶⁴ Também é recitada em silêncio pelo sacerdote na apresentação das oferendas, após a oração sobre o cálice

⁶⁵ IGMR, n.275



- Na posse de Párocos, após a Profissão de Fé e Juramento de Fidelidade e após a alocação do novo pároco à comunidade, os fiéis também podem aclamá-lo com as palmas.

103. É importante salientar que segundo o documento *Musicam Sacram* a participação deve ser antes de tudo interior; quer dizer que, por meio dela, os fiéis se unem em espírito ao que pronunciam ou escutam e cooperam com a graça divina. Mas a participação deve ser também exterior; quer dizer, expressando-se por meio de gestos e atitudes corporais (no tópico citado acima), pelas respostas e pelo canto.

104. Palmas e outros gestos similares por si só não fazem parte dos gestos litúrgicos. De sobremaneira não se identificam com o Sacrifício do Senhor. Contudo, “entre alguns povos, o canto é instintivamente acompanhado por palmas. Estas formas de expressão podem ter o seu lugar nas ações litúrgicas desses povos, desde que elas sejam sempre uma expressão de uma verdadeira oração comum de adoração, louvor, oferta e súplica, e não simplesmente uma performance”⁶⁶. Recomenda-se bom senso e moderação.

105. Há uma grande necessidade de formação litúrgica, a fim de evitar os excessos, como por exemplo, o uso instintivo de palmas simplesmente para ocupar um espaço; palmas em momentos indevidos ou o incentivo exagerado às mesmas, o som destas que abafa as vozes e orações, etc. A harmonia, a sobriedade e o decoro devem reger as manifestações exteriores na participação da missa. Assim se *superam as tentativas de reduzir a liturgia à banalidade de eventos de auditório*.

3.3 O Silêncio Sagrado

106. O Silêncio sagrado é parte imprescindível da Liturgia para que a graça de Deus seja aproveitada na intimidade⁶⁷.

107. A natureza do silêncio depende do momento em que ocorre⁶⁸:

- **Antes do início da celebração:** tanto na igreja, na sacristia e nos lugares mais próximos, para que ministros e fiéis se preparem para celebrar dignamente o Mistério de Cristo;
- **No Ato Penitencial:** após a motivação do presidente, a assembleia reconhece seus pecados, suas fraquezas e seus limites, e implora a misericórdia de Deus;

⁶⁶ Congregação para o Culto e Disciplina dos Sacramentos. Instrução IV *Varietates legitimae*, n.42

⁶⁷ Cf. IGMR, n.23

⁶⁸ Cf. SC, n.30



- **Depois do “Oremos”:** da oração do dia. A convite do presidente, em silêncio, a assembleia “toma consciência de que está na presença de Deus e formula interiormente seus pedidos”⁶⁹;
- **Durante a Liturgia da Palavra:** Pode ser realizado antes de iniciar a liturgia da Palavra ou depois de uma das leituras ou ainda depois da homilia. Este silêncio tem por finalidade de acolher no coração a Palavra de Deus e preparar a resposta pela oração⁷⁰;
- **Após a Comunhão Eucarística:** É um momento que se procura uma profunda comunhão com o Senhor no louvor, na ação de graças ou nos pedidos. “Para completar a oração do povo de Deus e encerrar todo o rito da comunhão, o sacerdote profere a oração depois da comunhão, em que implora os frutos do mistério celebrado”⁷¹.

108. É necessário esforçar-se enquanto equipe de celebração, (leitores, ministros extraordinários, coroinhas, cerimoniários, músicos, acolhida) para contribuir com o silêncio sagrado, colocando-o como prioridade nos momentos sugeridos pela liturgia, e se necessário, com o convite do presidente da celebração, sobretudo após a homilia e comunhão.

3.4 Serviços na Liturgia

3.4.1 Acólito

109. O Acólito não recebe o sacramento da ordem, mas é instituído pelo Bispo para o ministério do Altar. A Diocese de Santo André, até o presente momento institui como acólitos apenas os Seminaristas que estão cursando a Teologia. Os jovens que servem à liturgia das comunidades da Diocese são coroinhas e cerimoniários, mas não acólitos. O que abaixo se descreve é específico para os acólitos instituídos pelo bispo.

110. O acólito é ministro do serviço do altar e ajuda o sacerdote e o diácono durante a celebração eucarística. Pode levar a Cruz na procissão de entrada. É sua tarefa apresentar o livro ao presidente da celebração e ao diácono⁷². É ele quem cuida da mesa, dos vasos

69 IGMR, n.54

70 Cf. Id. n.56

71 Ibid. n.89

72 IGMR, n.188-189



e dos panos sagrados, e, enquanto o ministro extraordinário, distribui a eucaristia aos fiéis⁷³. Nas celebrações presididas pelo bispo, dois acólitos seguram mitra e o báculo⁷⁴.

111. É também tarefa do acólito instituído cuidar da preparação de outros fiéis leigos que prestem serviço ao altar⁷⁵.

112. A veste litúrgica do acólito é a alva, e com ela, tem sempre lugar no presbitério, em um lugar a partir do qual possa exercer comodamente a sua missão tanto sentado como junto do altar⁷⁶.

113. As funções que o acólito pode exercer são de diversos tipos; algumas delas podem ocorrer simultaneamente. Convém, por isso, que sejam oportunamente distribuídas entre várias pessoas; mas se estiver presente um único acólito, este execute o que for mais importante, distribuindo-se as demais entre outros que servem à liturgia.

114. Na procissão para o altar, o acólito pode levar a cruz (apresentando sempre a figura do Crucificado), entre dois outros acólitos que levam velas acesas. Depois de chegar ao altar, depõe a cruz perto do altar, de modo que se torne a cruz do altar; se não, guarda-a em lugar digno. Em seguida, ocupa o seu lugar no presbitério. A cruz processional deve ser levada com a imagem do crucificado voltado para frente. Se não houver cruz voltada para a assembleia, a processional fica com o crucificado voltado para a assembleia; caso já haja uma nesta disposição a segunda fica voltada para o presidente da celebração.

115. No serviço ao bispo, quando o acólito exerce a função de mitrífero e baculífero, portando a mitra ou o báculo, pode-se utilizar a vimpa (véu de mitra e báculo). Na procissão (entrada, por exemplo), caminha atrás do bispo.

116. Não havendo diácono, depois de concluída a oração universal, enquanto o sacerdote permanece junto à cadeira, o acólito põe sobre o altar o corporal, o purificador, o cálice, a pala e o missal. A seguir, se for o caso, ajuda o presidente a receber os donativos do povo e, oportunamente, leva para o altar o pão e o vinho e os entrega ao sacerdote. Usando-se incenso, apresenta ao sacerdote o turíbulo e o auxilia na incensação das oferendas, da cruz e do altar. Em seguida, incensa o sacerdote (primeiro o presidente e depois, se necessário, os concelebrantes em conjunto) e o povo.

117. Ao Cordeiro de Deus, quando for necessário, o acólito leva ao altar vasos sagrados vazios para repartir por eles as espécies consagradas e, na ausência de outros ministros,

73 Cf. IGMR, n.98-191

74 Cf. Cerimonial dos Bispos, n.128

75 Cf. Ibid. n.28

76 Cf. IGMR, n.189



pode levar o Santíssimo do sacrário para o altar para a distribuição e repô-los depois da Comunhão.

118. Se tiver de pegar o Santíssimo no tabernáculo, o acólito abre a porta e genuflete. Após a reposição genuflete e fecha a porta.

119. O acólito instituído, como ministro extraordinário, pode, se for necessário, ajudar o sacerdote a distribuir a Comunhão ao povo. Se a Comunhão for dada sob as duas espécies, na ausência do diácono, o acólito ministra o cálice aos comungantes, ou segura o cálice, se a comunhão for dada por intinção.

120. Do mesmo modo, o acólito instituído, terminada a distribuição da Comunhão, ajuda o sacerdote ou o diácono a purificar e arrumar os vasos sagrados. Na falta de diácono, o acólito instituído leva os vasos sagrados para a credência e ali, como de costume, os purifica, os enxuga e os arruma.

121. Terminada a Missa, o acólito e os demais ministros, junto com o sacerdote e o diácono, voltam processionalmente à sacristia, do mesmo modo e na mesma ordem em que vieram.

122. A água que serviu para retirar os fragmentos das partículas, deve ser depositada em terra ou, onde ainda houver, numa pia de sacristia por onde a água escoe diretamente para a terra.

123. Durante a celebração cuide o acólito para que não haja itens além dos necessários para a missa sobre o altar (óculos, livros desnecessários, etc).

3.4.2 Cerimoniário

124. Cerimoniário é um dos ofícios da liturgia, sua função é fazer com que a celebração desenvolva-se com decoro e ordem, para isso o cerimoniário deve trabalhar em íntima colaboração com o presidente e as demais pessoas que têm por função coordenar as diferentes partes da celebração.

125. O cerimoniário deve ser bom conhecedor da sagrada liturgia, sua história e natureza, suas leis e preceitos. Mas deve ao mesmo tempo ser versado em matéria pastoral, para saber como devem ser organizadas as celebrações, quer no sentido de fomentar a participação frutuosa do povo, quer no de promover o decoro das mesmas. Meninos e meninas podem ser cerimoniários.⁷⁷

126. Na Diocese de Santo André, como medida pastoral de participação dos jovens na liturgia, tornou-se comum a presença de cerimoniários nas celebrações. Este ministério tem ajudado a despertar nos jovens o valor pelo culto a Deus e o serviço aos irmãos.

77 Cf. RS, n.47



Como toda atividade pastoral possui muitas vantagens e alguns desafios, cuidem os que agem neste ministério e os que por eles são responsáveis de bem encaminhar as questões advindas desta realidade, a saber: Motivar os jovens a participar da Igreja através da liturgia, cultivar a dimensão vocacional, despertar o sentido do sagrado e do zelo pelas coisas de Deus; dos desafios: que este ofício não se sobreponha aos outros ministérios, por exemplo, dos coroinhas, dos ministros extraordinários, dos leitores e animadores; que não se permita que, de modo exclusivo e excludente, controlem a celebração, e que este ministério não seja um sinal de vaidade, mas da humildade própria de quem serve como fez Jesus.

127. Entre os cerimoniários de uma celebração pode-se escolher um para ser o Mestre de Cerimônias, sua função é a de coordenar e acompanhar o desenvolvimento da celebração, não lhe cabe o fazer, mas o prever e garantir os processos. Na Diocese há a figura do Mestre de Cerimônias responsável pelo bom andamento das celebrações diocesanas quando estas são presididas pelo bispo diocesano.

128. O cerimonial dos bispos diz que o cerimoniário se veste com alva/túnica (acompanhada por amito e cingulo, se necessário) ou com veste talar e sobrepeliz. Cabe ressaltar que o cerimonial dos bispos quando descreve esta função, na mente do legislador, entende que um clérigo esteja a realizar este ofício junto ao bispo. Os adolescentes e jovens nas paróquias da Diocese que exercem este ofício vistam-se com túnica preta (sem gola branca, sem filamento, sem botões e sem faixa, evitando que se confunda com uma batina⁷⁸) e a sobrepeliz branca ou creme (zelando que os adereços desta transmitam a nobre simplicidade própria da liturgia). Exceções a esta orientação sejam combinadas com a Pastoral dos Coroinhas e Cerimoniários da Diocese.

129. O serviço do cerimoniário inicia-se bem antes da missa, verificando se todo material está disponível, se os ofícios estão designados. Deve, em tempo oportuno, combinar com os cantores, assistentes, ministros celebrantes tudo o que cada um tem a fazer e a dizer.

130. No caso de celebrações solenes, participa com a pastoral litúrgica/equipe celebração da reunião de preparação da missa, tendo conhecimento, desde o início, de todos momentos e ofícios na celebração.

131. O cerimoniário deve conhecer não só a celebração, mas todos os complementos logísticos e técnicos necessários. Caso não conheça o local da celebração é necessário visitá-lo. Deve-se ensaiar, caso seja uma celebração dotada de maior complexidade, regulando os movimentos e os tempos. Veja mais sobre isto no Capítulo sobre as grandes celebrações.

⁷⁸ A batina é a veste própria dos clérigos. Indica em sua cor preta a morte para o mundo e em sua gola branca a vida para Deus, vida esta oferecida em sua consagração



132. Não existe lugar definido para os cerimoniários. Não devem, contudo, ocupar o lugar dos diáconos e dos concelebrantes e, muito menos tornar-se o centro das atenções. O Mestre de Cerimônias, por sua vez, fica em um assento próximo ao presidente da celebração. Pode ficar atrás do presidente, entre os dois diáconos assistentes.

133. Nas procissões, não existe um lugar definido para os cerimoniários, eles podem ficar em conjunto ou se dividirem ao longo desta a fim de auxiliar na movimentação de todos os ministros. Podem se colocar à frente do turiferário, guiando a procissão; um pouco atrás do presidente, principalmente se for bispo, para cuidar das insígnias; podem se colocar à frente do concelebrante, guiando-os para seus lugares que são distintos dos outros ministros. Podem atuar ainda na condução dos leitores, na procissão das oferendas e do evangelho.

134. Os cerimoniários podem auxiliar na incensação, segurando a casula do celebrante para que não toque no turíbulo. E mesmo que não se segure a casula, o mestre de cerimônias, junto com os diáconos assistentes acompanha o celebrante na incensação do altar. Contudo, ele não incensa o presidente, os concelebrantes ou a assembleia, o diácono ou o turiferário faz as incensações. A precedência das incensações, caso esteja presente é sempre do diácono.

135. Auxiliam com as páginas do missal (caso o diácono ou o padre não queiram fazê-lo). Quando ocupa esta função é chamado de librífero. O que ele faz é levar o livro até a sédia para as orações e ao altar, quando necessário.

136. Nenhum dos coroinhas ou cerimoniários fiquem demasiadamente próximos ao altar durante a oração eucarística como se fossem concelebrantes.

137. É, também, função do cerimoniário colocar e retirar as insígnias do bispo e entregá-las aos coroinhas-assistentes (caso o prelado deseje).

138. Dentro da própria celebração, deve agir com suma discrição, não fale sem necessidade; tudo, numa palavra, execute com piedade, paciência e diligência.

139. Enquanto o servidor do altar executa, o cerimoniário planeja e zela para que saia tudo como deve ser, e a liturgia seja realmente o mais bem-feita possível, para a maior Glória de Deus. Poderíamos resumir o trabalho do cerimoniário na sigla PAPA: Preparar, Acompanhar, Prevenir, Auxiliar. Esquemas para ajudar este ofício estão a partir do n. 141 e nos anexos IX, X e XI.

3.4.3 Coroinha

140. A função de coroinha é a do serviço do altar. O coroinha, conforme sua idade e tamanho, realiza os mesmos atos do acólito, exceto no que toca ao ministério extraordinário da comunhão (deste modo, o coroinha não preparar o altar, não distribui a eucaristia,



nem busca ou repõe a eucaristia no sacrário). Destacam-se neste ofício as crianças, adolescentes e jovens que desempenham tal serviço. Meninos e meninas podem servir como coroinhas na liturgia.⁷⁹

141. As crianças, adolescentes e jovens nas paróquias da Diocese que exercem este ofício vistam-se com túnica vermelha (sem gola branca, sem filamento, sem botões e sem faixa, evitando que se confunda com uma batina⁸⁰) e a sobrepeliz branca ou creme (zelando que os adereços desta transmitam a nobre simplicidade própria da liturgia), também a túnica branca é uma possibilidade. Exceções a esta orientação sejam combinadas com a Pastoral dos Coroinhas e Cerimoniários da Diocese.

142. O coroinha porta o turíbulo, a naveta, as velas, a cruz, o livro, a mitra, o báculo, nas procissões e na missa. Apresenta os dons ao sacerdote, trazendo ao altar: cálice, âmbulas, galhetas, manustérgio e lavabo, caldeira e hissope (se necessário) e outros itens para a celebração. Recolhe os mesmos itens após a comunhão e auxilia no altar em tudo mais necessário.

143. Conforme o papel que desempenham na celebração, os coroinhas ou cerimoniaários que executam determinados papéis recebem um nome funcional a saber:

LIBRÍFERO: Porta o missal durante toda a celebração podendo excetuar-se a Liturgia Eucarística (neste momento o missal poderá ficar sobre o altar). Leva ao Presidente da Celebração o missal na Oração da Coleta e na Oração depois da Comunhão.

CRUCIFERÁRIO: conduz a cruz processional nas procissões.

CEROFERÁRIO: leva os castiçais com as velas nas procissões.

BACULÍFERO: encarrega-se do báculo do bispo.

MITRÍFERO: encarrega-se da mitra do bispo.

TURIFERÁRIO: leva o turíbulo e o apresenta ao ministro ordenado para a incensação.

NAVETEIRO: leva a naveta contendo o incenso (acompanha o turiferário sempre ao lado esquerdo deste)

A necessidade ou não destas funções é feita em comum acordo na comunidade. Por exemplo, na falta de pessoas, as funções de turiferário e naveteiro podem ser unidas.

O que se descreve a seguir também é comum aos Coroinhas e Cerimoniários:

⁷⁹ Cf. RS, n.47

⁸⁰ A batina é a veste própria dos clérigos. Indica em sua cor preta a morte para o mundo e em sua gola branca a vida para Deus, vida esta oferecida em sua consagração



144. Ao chegar à igreja, o coroinha/cerimoniário deve dirigir-se à capela do Santíssimo Sacramento, ou ao altar em que está o sacrário e contemplar Jesus Sacramentado. Aí deve fazer uma genuflexão e permanecer em oração por alguns instantes, numa conversa com Jesus Cristo. Só então ele deverá dirigir-se à sacristia, para iniciar as atividades da celebração.

145. Do coroinha/cerimoniário exige-se piedade, postura, respeito para com os ministérios, respeito para com o sacerdote, e atenção para com os fiéis da Assembleia, respeito para com o templo (que é um lugar sagrado).

146. Juntos os coroinhas/cerimoniários formam um grupo muito importante, no qual poderão encontrar união, compreensão confiança e estima, coisas de que tanto precisam. O Pároco deverá, dentro do possível, acompanhar cada um deles em sua realidade pessoal, ajudando-os no que for possível. Ser coroinha exige responsabilidade, e devem assumir todos juntos, e cada um em particular, com amor, este serviço a Cristo e sua Igreja.

147. O que o coroinha/cerimoniário deve conhecer/fazer?

- A santa missa, parte por parte;
- Os lugares da igreja;
- Os livros sagrados;
- Os utensílios usados na celebração;
- As vestes litúrgicas.

148. Responsabilidades do coroinha/cerimoniário:

- Participar das reuniões, missas e demais compromissos assumidos.
- Ser pontual. Chegar a tempo para as reuniões e celebrações.
- Ser asseado, isto é, estar sempre limpo, cabelos penteados, calçados e roupas bem arrumados (por mais simples que sejam).
- Ser cuidadoso com as coisas da igreja e do altar. Tratar os utensílios litúrgicos com respeito, como objetos destinados ao culto Divino.
- Ser humilde e prestar atenção ao que lhe for ensinado pelas pessoas encarregadas de sua formação.
- Durante os atos litúrgicos, evitar conversas, risos ou brincadeiras.



- Ser educado com relação aos colegas e todas as pessoas da comunidade.
- Cultivar o gosto pela oração e ler um trecho da Bíblia a cada dia.
- Dedicar-se ao estudo da liturgia, a fim de celebrar cada vez melhor.
- Observar o silêncio na igreja e na sacristia. E mantenha a concentração, principalmente antes de começar algum ato litúrgico.
- Não deixar o padre esperando por objetos próprios na celebração.
- Procurar não ficar se abanando, balançando as mãos ou os pés.
- Não sair do presbitério sem motivo.
- Manter as posturas durante toda a Missa.
- Ter sincronia e simetria, sempre. As procissões sejam bem ordenadas com gestos sincronizados.
- Não comer com pelo menos 1h de antecedência da comunhão.
- Vestir-se com prudência, as meninas evitando excesso de maquiagem, sapatos de salto que possam dificultar o caminhar e enfeites chamativos, o mesmo para os meninos que devem ser zelosos ao vestirem-se evitando bermudas, camisetas regatas ou estampas chamativas, etc.

Algumas observações no que diz respeito a Missa:

149. O que se diz abaixo serve tanto para os coroinhas como para os cerimônias (denominaremos apenas coroinhas), compete às comunidades a indicação do que pertence a cada serviço litúrgico, se aos coroinhas ou cerimônias.

150. Também as particularidades de cada comunidade sejam contempladas a partir deste esquema geral. Bom senso é a palavra de ouro.

151. Ritos Iniciais:

- Se houver turíbulo, o turiferário e o naveteiro (à esquerda do turiferário) apresentam ao presidente para que este deite o incenso, em seguida ocupam o primeiro lugar da procissão.
- Participe da procissão de entrada com devoção. Olhos fixos, mãos postas – exceto se estiver segurando algo – passo ordenado.
- Ao chegar ao altar, faça genuflexão ou vênia profunda (conforme se o sacrário estiver presente ou não no presbitério). Quem transporta itens (Cruz, tochas, etc) não faz genuflexão, mas a inclinação de cabeça. Todos ocupam seus luga-



res, previamente preparados.

- Se houver turíbulo, o turiferário e o naveteiro ficam próximo ao altar enquanto o presidente da celebração e o diácono beijam o altar. Em seguida, apresenta ao presidente da celebração o afastando-se para permitir que o sacerdote circunde o altar incensando (a precedência de apresentação do turíbulo é do diácono).
- Após a incensação recebe o turíbulo e, juntamente com o naveteiro, dirige-se para a sacristia.
- Quando previsto o ato penitencial por aspersão, durante a introdução do rito, os coroinhas apresentam ao presidente da celebração a caldeirinha com água (e, se necessário, o sal para mistura). Neste caso o Librífero apresenta o missal para a oração da bênção. Ao final da aspersão, pode-se oferecer uma toalha para enxugar as mãos e braços, se necessário.
- Na Oração da Coleta, se houver librífero, este apresenta ao presidente o missal para que faça a oração, que retira-se às palavras: *Por Nosso Senhor Jesus Cristo...* (PNSJC) ou *Por Cristo Nosso Senhor...* (PCNS).

152. Liturgia da Palavra

- Depois que o presidente da celebração sentar, os coroinhas se sentam todos juntos e assim permanecem até o Aleluia.
- Se necessário o coroinha deve auxiliar os leitores quanto ao uso do microfone e estar atento quanto à ordem correta das leituras (a condução dos leitores não é obrigatória).
- Quando o evangeliário entrar na procissão de entrada, após a segunda leitura, o coroinha retira o lecionário do ambão levando-o para a credência ou sacristia.
- Ao iniciar o canto do aleluia, o turiferário e o naveteiro se apresentam ao presidente da celebração para impor incenso.
- Em seguida, juntamente com as tochas, acompanham o diácono (ou o presbítero) até o ambão, permanecendo próximo a ele.
- Após o anúncio do evangelho, entrega-se o turíbulo para o diácono incensar o evangeliário.
- Recebendo de volta o turíbulo, permanece em frente ao ambão, desde que não dificulte a visualização deste, até o final da proclamação do evangelho. Em seguida, dirige-se para a sacristia.



- Quando o sacerdote se dirigir ao Ambão, os demais coroinhas voltam-se para ele, ficando de frente para o ambão.
- Quando acabar a proclamação do Evangelho, todos sentam-se para a homilia. Evite-se movimentos ou conversas paralelas que possam distrair a atenção dos fiéis, ou mesmo dos ministros ordenados.
- No Credo, fazer inclinação de cabeça às palavras “*Jesus Cristo*” e inclinação profunda às palavras “*E se encarnou pelo poder do Espírito Santo*” (Credo Niceno-Constantinopolitano) ou “*Foi concebido pelo poder do Espírito Santo*” (Credo Apostólico).⁸¹
- Os coroinhas, se necessário, durante a oração universal, conduzam o leitor responsável pelas preces ao local de onde esta deve ser proferida.

153. Liturgia Eucarística

- Caso o coroinha não vá servir na apresentação dos dons, sente-se imediatamente após a Oração dos Fiéis.
- Se houver recepção dos dons pelo padre auxilie-o tantos coroinhas quanto necessário.
- Caso vá servir, dirija-se este à Credência e, de maneira ordenada, execute o serviço.
- Leva-se o cálice segurando abaixo do “nó” (a separação que tem na base do cálice) com a mão direita, e apoie-se a mão sobre a pala – sem fazer muita força. Após entregar, faz-se vênia ao padre ou diácono.
- Se houver âmbulas, leve imediatamente após levar o cálice, destampadas. Após entregar, faça uma vênia média ao padre ou diácono.
- Leve as galhetas quando a patena for colocada sobre o corporal. Se necessário leve o Missal, seu suporte, o microfone e itens semelhantes.
- Se a Missa tiver incenso, leve-se este após o padre colocar o cálice sobre o corporal (considerando a precedência do diácono na entrega do turíbulo e incensação).
- Após o padre incensar as oferendas, a cruz e o altar o turiferário incense o presidente da celebração (os concelebrantes) e o povo.

⁸¹ No dia da Anunciação, na noite (e no dia todo) de Natal ao se rezar o Credo nas mesmas palavras faz-se a genuflexão no lugar da inclinação



- Se houver algum coroinha sentado, levanta-se quando o turiferário for incensar o povo.
- Leve o lavabo. Após finalizar, faça uma vênia antes de se retirar.
- Retorne os objetos à credência e depois volte ao seu lugar, permanecendo em pé.
- Se houver algum coroinha sentado, levantar-se às palavras *“Orai, irmãos”* e assim permanecerá, em pé e de mãos juntas.
- No canto do Santo ou ao término deste o turiferário e o naveteiro se posicionarão diante do altar para incensar o Corpo e o Sangue do Senhor nas elevações que acontecem (no Santo o turiferário leva ao presbítero para se colocar mais incenso apenas se necessário). Se conveniente podem ser acompanhados de coroinhas com velas acesas.
- Após o *“Eis o mistério da fé”* retornam para a sacristia.
- No prefácio, responder as invocações iniciais de mãos juntas. Nada de fazer *“gestos teatrais”* nas respostas *“Ele está no meio de nós”* ou *“o nosso coração etc”*. Na frase *“Demos graças ao Senhor etc”*, não fazer vênia.
- Quando o padre realizar a Epiclesse (Impor as mãos), toca-se o sino e todos ajoelham.
- No momento da elevação, adorar o Senhor em silêncio.
- Quando o padre fizer genuflexão, não há a necessidade de fazer vênia. Permaneça ereto, com olhar baixo e mãos postas, de joelhos.
- Levantar-se na hora acertada: Ou logo após o sacerdote dizer *“Eis o Mistério da Fé”*. Ou logo após o *“Amém”* do *“Por Cristo, com Cristo, etc”*.
- Continuar em pé em postura recolhida durante a continuidade da Oração Eucarística.
- Se houver o sinal da paz, saudar as pessoas ao lado dizendo *“Paz de Cristo”*. Não se movimentar muito para saudar ninguém.
- Comungar na boca ou na mão, em pé ou de joelhos.
- Terminada a distribuição da comunhão os coroinhas auxiliem com o buscar das tampas das âmbulas, as mesmas quando já purificadas, o levar da água para purificação e, se necessário, o purificador para o presidente da celebração.





- Terminada a comunhão o libérfero apresenta ao presidente da celebração o Missal aberto na Oração Pós-comunhão.

154. Ritos Finais

- Permanecer de pé para os ritos finais.
- Se houver avisos manter-se com boa postura.
- Inclinar-se na hora da bênção, após o sacerdote dizer “*O Senhor esteja convosco!*”
- Fazer o sinal da cruz durante a bênção (a menos que se segure um objeto litúrgico).
- O libérfero retira-se às palavras: “abençoe-vos Deus...” Retornar à sacristia da mesma maneira e ordem da entrada (fazer em conjunto a vênua ao sair é um costume da comunidade e não norma).
- Após a Missa: Ajudar a arrumar tudo; tirar as vestes e guardá-las com cuidado; fazer genuflexão e o sinal da cruz antes de sair da igreja.

3.4.4 Leitor, salmista, e quem proferirá as preces

155. O Leitor é confiado ou instituído⁸² para um ministério específico: o de proclamar as leituras da Palavra de Deus nas celebrações, anunciar as intenções da Oração Universal (preces) e, se necessário, animar a comunidade com monições (quando está na função de animador).

A Proclamação da Palavra de Deus:

156. “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como sempre venerou ao próprio corpo do Senhor, já que sem cessar toma da mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo o pão da vida e o serve aos filhos. Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé, porque, inspiradas por Deus e consignadas por escrito uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos Profetas e Apóstolos a voz do Espírito Santo. A Palavra de Deus

⁸² Nota explicativa: A Diocese de Santo André, até o presente momento, institui como Leitores apenas os Seminaristas que estão cursando a Teologia. As pessoas que servem na liturgia das comunidades o fazem através de ofício confiado, não instituído



é viva e eficaz (Hb 4,12), poderosa para edificar e repartir a herança entre os santificados (At 20,32; cf. 1Ts 2,13)".⁸³

157. Para que os fiéis cheguem a adquirir uma estima viva pela Sagrada Escritura através da audição das leituras divinas, é necessário que os leitores que desempenham esse ministério, embora não tenham sido oficialmente instituídos nele, sejam realmente aptos e estejam cuidadosamente preparados⁸⁴. A preparação de um leitor deve ser em primeiro lugar espiritual, que compreende a instrução bíblica e litúrgica, e a preparação técnica.⁸⁵

158. Na Liturgia, o leitor não fala em seu próprio nome. É um verdadeiro ministro da Palavra de Deus, é um porta-voz de Deus, um servidor de sua Palavra, que 'empresta' a sua voz para que Deus fale com o seu povo.

159. Não basta ler! O leitor deve saber proclamar o texto. Sua leitura proclamada deve atingir a atenção e o coração dos ouvintes. A proclamação é uma leitura que declara a vitória de Cristo, é a expressão da vida que ressuscita pela força de Deus. O leitor deve projetar a sua voz para fora, de forma que fique nítida aos ouvidos da assembleia.

160. "Por tradição, o ofício de proferir as leituras não é função presidencial, mas ministerial. As leituras sejam, pois, proclamadas pelo leitor (não é recomendável que um leitor proclame várias leituras na mesma missa), o Evangelho seja anunciado pelo diácono ou, na sua ausência, por outro sacerdote. Na falta, porém, do diácono ou de outro sacerdote, o próprio sacerdote presidente leia o Evangelho".⁸⁶

161. "Na procissão ao altar, faltando o diácono, o leitor pode levar o livro dos Evangelhos – Evangeliário (nunca o Lecionário) – um pouco elevado; neste caso caminha à frente do sacerdote, do contrário (estando presente o diácono), com os demais leitores. Caminham à frente dos Ministros Extraordinários atrás dos coroinhas"⁸⁷

162. Quando se leva o Evangeliário na Procissão de Entrada, deve-se mantê-lo fechado, e não aberto⁸⁸. Quem transporta o Evangeliário na Procissão de Entrada, ao subir ao presbitério, não se realiza a inclinação profunda nem a genuflexão; o Evangeliário é colocado no centro do altar.⁸⁹

⁸³ DV, n. 21; Cf. OLM, n.10

⁸⁴ Instrução *Inestimabile Donum*, n.2

⁸⁵ Cf. OLM, n.55

⁸⁶ IGMR, n.59

⁸⁷ *Ibid.* n.194

⁸⁸ Cf. Cerimonial dos bispos – Cerimonial da Igreja, n.127

⁸⁹ Cf. *Ibid.* n. 70



163. Quando o leitor se dirigir ao ambão para proclamar a leitura, ao acessar o presbitério deve realizar a inclinação profunda ao altar, mesmo se no presbitério houver o Sacrário.⁹⁰

164. Os leitores proferem, do ambão, as leituras que precedem o Evangelho.

165. “Na falta de diácono, depois que o sacerdote fez a introdução, o leitor pode proferir do ambão, as intenções da oração universal (isto é, as preces).”⁹¹

166. “Não convém de modo algum que várias pessoas dividam entre si um único elemento da celebração, por exemplo, a mesma leitura feita por dois, um após o outro, a não ser que se trate da Paixão do Senhor”⁹². Por esta orientação, observa-se, que não podem ser substituídas a proclamação das leituras e do Evangelho por encenações teatrais ou jograis, seja nas celebrações da missa como nas celebrações da Palavra na ausência do presbítero.⁹³

167. Os leitores podem utilizar uma veste que corresponda ao seu ministério, esta contudo, não é obrigatória.⁹⁴

168. Para uma boa proclamação:

- No ambão, coloque-se em pé, com a cabeça erguida e as costas retas para poder respirar melhor. Onde houver microfone, veja se está ligado e se está na altura e na distância certa para a boca;
- Olhe para a assembleia. Estabeleça contato reunindo e chamando o povo com o olhar, como uma ponte até às últimas fileiras. Tudo em silêncio. É o silêncio que valoriza a palavra;
- Proclame a leitura pausadamente, dando todo sentido à Palavra, sem atropelos. Que a proclamação seja tão bem realizada que a assembleia não necessite de folhetos;
- Ao terminar a proclamação da Palavra, diga ou cante: “Palavra do Senhor!” e, somente isto. Se esta conclusão for cantada, é bom que os outros proclamadores também cantem, para que se crie uma harmonia celebrativa. Não se mostra o Livro para a assembleia após a proclamação, porque toda nossa reverência e atenção devem se concentrar na Palavra Proclamada que foi ouvida e já deve estar em nosso coração;
- A conclusão Palavra do Senhor (ou Palavra da Salvação) no final das leituras, também pode ser cantada por um cantor distinto do leitor que proclamou

90 Cf. IGMR, n.274

91 Ibid. n.197

92 Ibid. n.109

93 Cf. BECKHÄUSER, Frei Alberto. Novas mudanças na Missa, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, pág. 68-69

94 Cf. IGMR, n.339



a leitura, respondendo todos com a aclamação. Deste modo, a assembleia reunida honra a Palavra de Deus, recebida com fé e com espírito de ação de graças.⁹⁵

- Distancie-se do ambão com toda calma e tranquilidade, reverenciando o altar com a inclinação profunda;
- Não se leva folheto ou similar ao ambão, as leituras são feitas do livro próprio. Na Liturgia, a Palavra de Deus é proferida através do Livro Litúrgico (Leccionário ou Evangeliário). O texto das preces pode ser levado ou já estar junto ao ambão.

169. A preparação técnica do leitor:

- Não confundir proclamação com declamação⁹⁶.
- Tenha um autoconhecimento e treinamento de sua voz. Prepare a leitura em ambiente fechado para liberação da sua voz. Se necessário, ouça a sua própria proclamação através de um gravador. Uma voz demasiado estridente ou fanhosa causa mal-estar nos ouvintes. Descubra qual é a reação que brota dos ouvintes diante de sua voz!
- Pratique exercícios de respiração, treinando o músculo do diafragma;
- A dicção é um item básico para a inteligibilidade: quem não pronuncia direito as palavras não é entendido. O movimento dos maxilares é o responsável pela dicção clara. A pronúncia das vogais é importantíssima no português. Para se obter uma melhor dicção exercitando os músculos da face e dos lábios, use-se o método da mastigação. Outro método para treinar a dicção é a repetição de “trava-línguas”;
- Um leitor que não entende aquilo que está proclamando, transmitirá dúvidas. Por isso, o leitor prepare a proclamação conhecendo o conteúdo do texto, a pronúncia de nomes difíceis, o seu gênero literário, pois cada texto possui um tom de voz ou uma maneira de proclamação (narração, exortação, poesia...);
- Deve-se respeitar os sinais de pontuação e dar um bom ritmo de proclamação do texto (nem muito rápido e nem muito devagar) para que seja corretamente expresso;
- Destaque, realce, dê uma entonação especial para fazer ressaltar alguma pa-

95 Cf. OLM 18: EDREL 820

96 A declamação é uma recitação teatral do texto, sem a necessidade do Livro



lavra ou expressão. Cuidado para não ler um texto sendo monótono, usando um só tom e uma só cadência;

- Atenção redobrada para que a mensagem não fique desgastada com os acessórios! Que o vestuário não desvie a atenção dos ouvintes (a cor, as estampas, acessórios, os decotes, as saias, a maquiagem, todos os itens próprios, dos homens e mulheres, que tudo seja de bom senso e respeito);
- É muito desagradável ver, no ambão, o leitor à procura do texto que lhe pertence proclamar, virando páginas do Lecionário. Igualmente desagradável é vê-lo interromper a leitura, molhar o dedo com saliva e virar a página. Tais gestos nunca deveriam fazer-se diante de uma assembleia. Sugestão para evitar isto: o leitor, antes de chegar à última linha, tenha já tomado a página entre o polegar e o indicador da mão direita para a virar, sem ruído, no momento próprio, e sem interromper o ritmo da leitura.

170. Preparar o Microfone:

- Uma vez chegado ao local da leitura, o primeiro gesto do leitor deve ser para o microfone, no caso dele existir, a fim de o adaptar à sua estrutura, tendo previamente o cuidado de desligar o interruptor caso não esteja em um pedestal. Em seguida, liga-o de novo. Cuide que o microfone esteja direcionado à boca do leitor, mantendo uma distância suficiente para perceber a qualidade e o volume conveniente para aquele microfone.
- É também responsabilidade dos leitores preparar antecipadamente o Lecionário, localizando as leituras para a celebração. Para isso, sempre é bom consultar o Diretório Litúrgico Anual a fim de não errar.
- O seu segundo gesto deve ser para o Lecionário. Deve verificar, apesar de ele próprio o ter preparado, se ainda está aberto na página certa, se não tenha acontecido do leitor anterior/vento tenha mudado. Neste caso, o leitor começa a procurar a leitura que deve ler, mas deve fazê-lo com discrição, evitando nervosismo próprio dessas situações, procurando não fazer barulho com as páginas, nem molhar o dedo com saliva para voltar as folhas.

171. O rosto e os olhos do leitor:

- Nenhum leitor deve se esquecer de que o ato de ler se faz com o corpo todo e com aquilo que o envolve: vestes, posição do corpo, modo de olhar a assembleia ou forma de estar diante dela.
- O rosto e o olhar do leitor deve espelhar a lealdade, a franqueza, a verdade e a sinceridade do seu coração. Os olhos são os mais expressivos e poderosos comunicadores, eles falam uma linguagem sem palavras. O olhar pode ex-



primir tudo mas é principalmente na expressão dos sentimentos de ternura e simpatia que o olhar tem mais poder.

172. Posição do Corpo

- O busto (parte superior do corpo) deve estar direito, e não dobrado para frente ou para qualquer um dos lados. Para isso, é preciso que o leitor não esteja muito afastado do livro nem do microfone. Mas também não deve encostar-se ao ambão, ou ainda, apoiar sobre ele os cotovelos.
- Os seus dois pés devem estar bem assentes no solo. Muito juntos não dão ao corpo uma boa base de equilíbrio, muito afastados podem causar um mau aspecto, uma boa forma é manter os pés na mesma linha dos ombros, alinhando assim todo o corpo distribuindo o peso em ambas as pernas. Desta forma sua voz será melhor projetada.

173. A cabeça, as mãos e a voz

- É indispensável manter a cabeça nem muito baixa, nem muito levantada.
- Quanto às mãos, elas são instrumentos perigosos para o leitor. As mãos sempre demonstram o quanto estamos seguros ou inseguros e o nervosismo muitas vezes nos deixa sem saber o que fazer com elas. Não é agradável ver um leitor de braços caídos ao longo do corpo, com uma das mãos no bolso, de braços cruzados ou de mãos para trás. As mãos devem estar postas ou estar nas bordas do Lecionário.
- A voz deve ser projetada para frente, o que pressupõe o livro colocado a uma boa altura.
- Se o leitor usa óculos, este, deve vir com eles já postos.

174. Olhar a Assembleia e começar a ler

- Quando o leitor estiver pronto para ler, deve olhar com simpatia para a Assembleia. Mas se notar que ela não está ainda pronta para ouvir, não deve começar a ler imediatamente. É melhor aguardar alguns instantes, até que cesse todo o ruído estranho, causado por exemplo pela movimentação de sentar-se. Só então deve dar início à leitura.
- O leitor deve ser natural em tudo, até no modo de levantar os olhos do livro para olhar a Assembleia. Não tenha vergonha de olhar para as pessoas e proclamar na certeza de que o último fiel, do último banco do templo sentirá a palavra proferida a ele. Não é bom fazê-lo a cada frase e menos ainda a cada palavra, mas pior é nunca fazer.



- O leitor não é um jornalista de televisão, se levantar os olhos muitas vezes como fazem os jornalistas, alguém pode ser levado a pensar que a palavra proferida é sua.
- O salmo 32(33) nos sugere uma reflexão: “Cantai-lhe um cântico novo, cantai-lhe com arte e com alma”. Ler com arte e com alma consiste em pronunciar cada palavra, de tal modo, que nem uma só deixe de ser entendida, com pureza nos sons, pronunciando cada sílaba e cada consoante com clareza.
- O leitor litúrgico deve aprender também a arte de dar expressividade àquilo que lê.
- O leitor deve falar para a assembleia, não para o livro, e não deve guardar o som das palavras no fundo da garganta, mas projetá-lo para longe, para diante, como se faz quando se chama por alguém que está afastado.
- A velocidade da leitura é um dos requisitos no qual se deve prestar a maior atenção na liturgia. A maioria dos leitores das nossas celebrações lê muito depressa. É preciso ler devagar, mas com vida.
- Não há idade para este serviço, mas caso sejam crianças, escolham-se as que já saibam ler bem os textos fora da liturgia. O nervosismo passa, mas o ambão não é local para se aprender a ler.

3.4.5 Animador (“comentarista”)

175. O animador oportunamente dirige aos fiéis breves explicações e exortações, visando a introduzir os participantes na celebração e dispô-los para entendê-la melhor. Convém que as exortações do animador sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras, o uso do subsídio ABC Litúrgico pode contribuir para isto. Ao desempenhar sua função, o animador fica em pé em lugar adequado voltado para os fiéis, não no ambão⁹⁷ (apenas se necessário use uma estante simples e discreta, distinta do ambão).

176. O animador deve preparar suas intervenções, unindo a Liturgia com a vida e a necessidade da comunidade.

177. É conveniente que quando haja ritos diferentes na celebração (por exemplo: crisma) instrua os fiéis a respeito dos gestos realizados, de modo breve e oportuno, sem tornar a celebração uma aula.

⁹⁷ Cf. IGMR, n.105b



178. As monições não têm a missão de explicar as leituras antes da assembleia ouvi-la. São apenas uma contextualização dos textos, despertando nos ouvintes o interesse em acolher a Boa-Nova que será proclamada.

179. As respostas habituais das celebrações (“Ele está no meio de nós”, “Glória a vós Senhor, “Anunciamos Senhor a vossa morte...”, etc) não sejam proferidas no microfone pelo animador, mas por toda a comunidade em conjunto. As exceções justificam-se em celebrações com ritos desconhecidos.

180. O Animador poderá anunciar os avisos. Ao fazê-los sejam realizados depois da Oração após Comunhão, de modo breve e claro ao povo.⁹⁸

3.4.6 Cantores

181. Os cantores são homens e mulheres responsáveis pela animação da comunidade na perspectiva litúrgico-musical. Utilizam-se ou não no desempenho de seu ministério instrumentos musicais que dão suporte à voz, instrumento por excelência do humano no culto. Uma vez que são animadores seu objetivo é favorecer o canto da comunidade e não sua sobreposição à mesma, seja através do volume de seus microfones, seja por seus instrumentos. É aconselhável que se cante nas assembleias litúrgicas⁹⁹, seguindo a Tradição do Antigo e do Novo Testamento e de toda história da Igreja. Portanto deve-se dar grande valor ao uso do canto na celebração da Missa¹⁰⁰. Leia mais sobre a função do cantor litúrgico no capítulo 9.

3.4.7 Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC)

182. O Ministro Extraordinário é um leigo a quem é confiado um ministério na comunidade. Quem concede tal confiança é o Bispo através da solicitação dos Párocos/Administradores Paroquiais, na Diocese de Santo André ofício de ME é confiado por três anos, renováveis por duas ocasiões. O conferimento do ministério é realizado durante uma Celebração Eucarística presidida pelo bispo.

183. A sua função é auxiliar na distribuição da Sagrada Comunhão, se necessário buscar e fazer retornar as Sagradas Reservas no sacrário.

184. Os que vão servir participam da procissão de entrada e se colocam no lugar devidamente preparado para eles, considerando o bom senso do espaço disponível na igreja,

⁹⁸ Cerimonial dos bispos – cerimonial da Igreja, n.168

⁹⁹ Cf. Cl 3,16

¹⁰⁰ Cf. IGMR, n.40



para que não haja um congestionamento de pessoas, dificultando, assim, a funcionalidade do desenvolvimento dos ritos. A decisão de estarem no presbitério ou não cabe ao pároco a partir do bom senso.

185. Os ministros ordinários da comunhão são: o Bispo, o Presbítero e o Diácono¹⁰¹. Somente na ausência destes é que os MECs devem servir, na condição de extraordinários. Assim sendo, mesmo quando existem MECs na celebração, os ministros ordenados presentes não estão dispensados de exercer sua função ordinária, entre as quais a de distribuir a Sagrada Comunhão.

186. Após a distribuição da comunhão as partículas restantes devem ser levadas ao altar, onde serão acomodadas nas âmbulas e colocadas em seguida no sacrário.

187. Em seguida, a purificação do cálice e das âmbulas seja feita pelo presbítero, pelo diácono ou pelos acólitos instituídos, quando houver, na medida do possível junto à credência¹⁰².

188. Mais informações estão no Subsídio para os Ministros Extraordinários preparado pela Diocese.

3.4.8 Presidir a Celebração da Palavra

189. O Ministro Extraordinário do Culto e da Palavra é o homem ou a mulher, a quem, por força do seu batismo e confirmação é conferido pelo Bispo, o ministério para presidir a Celebração da Palavra na ausência de presbítero.¹⁰³ Deve, para exercer este ofício, estar preparado com uma adequada formação que é feita em favor da oração da comunidade cristã.

190. Na ausência dos presbíteros, são os diáconos os primeiros chamados a esta função, seguido dos acólitos e leitores instituídos, na impossibilidade deles os ministros leigos e leigas o fazem¹⁰⁴. Sobre a Celebração da Palavra leia o capítulo 4, n. 4.2.1 deste Diretório. Outras informações também se encontram no Subsídio para os Ministros Extraordinários preparado pela Diocese.

3.4.9 O Ministério da Acolhida

191. O Ministério da Acolhida é um serviço da Igreja que se destina a “receber bem” e “ir ao encontro” das pessoas, com o objetivo de integrá-las na celebração, na comunidade, na paróquia e na diocese como um todo.

101 Cf. C.D.C. cân 910§ 1 - Cf. SI 119(118),105; Mc 8,38

102 Cf. IGMR 279

103 Cf. DCDAP, n.211

104 Cf. Ibid. n.29ss



192. A equipe de acolhida deve favorecer um espírito de família na comunidade, superando todo tipo de divisão ou frieza nos relacionamentos. Nas celebrações (eucarística e outras) deve:

- Ajudar a encontrar um lugar para os fiéis, em especial aqueles que necessitam de assistência por idade avançada ou qualquer outra limitação (leia mais no Capítulo 12 sobre Inclusão).
- Distribuir os subsídios litúrgicos e outros materiais (ABC Litúrgico, por exemplo).
- Acompanhar alguma necessidade das pessoas enquanto a celebração ocorre, informar, se necessário, sobre banheiros, trocadores, etc.
- Caso tenham se formado para isto, podem auxiliar nos primeiros socorros diante de uma urgência.
- Pode despedir-se das pessoas na Celebração, em nome da comunidade, desejando-lhes um bom retorno (“uma boa semana, bom domingo”, por exemplo).
- Informar sobre o expediente de secretaria e até sobre as atividades da paróquia a quem precisar.
- Estar atento para descobrir, acolher e integrar na comunidade os novos moradores e os visitantes. Cuidar das despedidas de paroquianos que forem morar em outra cidade/local. Apenas ressalte-se que, num contexto urbano como o nosso, essa acolhida deve fazer-se sem expor dados pessoais das pessoas acolhidas, tendo em vista sua integridade e segurança.
- É discreto e tudo executa sem chamar a atenção para si.
- Evita conflitos e ajuda a conciliar os existentes.

193. O ministro da acolhida serve junto a todas pastorais em sintonia com os demais ministérios. Enfim, promove na comunidade de unidade pastoral.

3.4.10 Recolher as ofertas

194. Os que na celebração recolhem as ofertas são indispensáveis em cada assembleia. Com alegria desempenham o seu serviço em favor de todos! É bom que sejam em número suficiente para que a celebração não sofra pausas desnecessárias, quer se passe com instrumentos para recolher as ofertas ou se disponham recipientes diante do presbitério. Sobre o momento de serem retirados, a comunidade defina o mais oportuno e discreto.



Após o recolhimento sejam dispostos em local oportuno (próximo ao altar, na sacristia, etc.). Este papel pode ser exercido pela Pastoral da Acolhida, Dízimo, Equipe de Celebração ou se designe outro grupo para isto.

3.5 Servir no espaço litúrgico

195. As pessoas que exercem funções litúrgicas devem, ao ocupar seus lugares, levar em consideração o espaço disponível na igreja. Não convém que haja um congestionamento de pessoas no presbitério em detrimento do desenvolvimento dos ritos.

196. Ocupem assento no presbitério: os ministros ordenados – bispo, presbítero e diácono – e os acólitos instituídos. Convém também que os coroinhas (e alguns dos cerimoniais) permaneçam no presbitério, ao menos os que servirão ao altar. É próprio deste ministério o contato direto com o altar.

197. Os leitores e os MECs podem ocupar lugar no presbitério ou nos primeiros bancos da nave, isto expressa a natureza de seu ministério leigo e a dimensão vocacional do serviço a que todos são chamados. É Deus que chama do meio do povo pessoas para servirem a comunidade através dos ministérios. A Diocese não normatizará sobre o lugar de assento destes. Bom senso e o critério do pároco são os indicadores da questão.

198. Os que se encontram no presbitério durante a Oração Eucarística e o rito de comunhão permaneçam afastados do altar, posição que os distingue ministerialmente dos presbíteros concelebrantes e expressa melhor a variedade dos serviços. Todos, exceto os concelebrantes, ajoelham-se da epiclesse até o final da apresentação do cálice.¹⁰⁵

199. O animador exerce sua função num lugar adequado, em pé, e voltado para a assembleia, não deve utilizar a mesa da Palavra.¹⁰⁶

200. O grupo dos cantores deve manifestar claramente que faz parte da assembleia dos fiéis, onde desempenha um papel particular. Portanto, o lugar dos animadores de canto não é no presbitério, mas num outro lugar onde possam exercer com facilidade a sua função de fazer a assembleia cantar, nos momentos que lhe compete, considere-se para isto o espaço ocupado pelos instrumentos e as disposições físicas de cada igreja.

105 Cf. IGMR, n.215

106 Cf. *Ibid.* n.105b



CAPÍTULO 4

A EUCARISTIA

4.1 Sacramento da Eucaristia

201. A Eucaristia é a presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual. Eucaristia quer dizer ação de graças, a vivência da Igreja em atitude responsorial de fé à graça operada por Deus. Por ser presença salvífica, é o modo atual de Deus agir entre os homens.

202. A Eucaristia é sacramento. Ou seja, via eficaz de Salvação instituída por Cristo e centralizada n'Ele. "Destina-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e ainda ao culto a ser prestado a Deus."¹⁰⁷. É sinal visível da presença de Cristo entre nós, meio eficaz de Salvação.

203. O Sacramento da Eucaristia é o mesmo sacrifício de Cristo na cruz. É ceia e banquete, conforme o contexto em que Cristo a realizou na última Ceia e que congrega à mesa do Senhor os membros de sua família. É igualmente sacrifício da cruz do Senhor, sacramentalmente presente e imolado de modo incruento (sem sangue), em que, Sacrifício e Sacramento são o mesmo e único mistério da entrega de Jesus, como alimento espiritual dos fiéis, sob as espécies de pão e de vinho¹⁰⁸.

204. "O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para perpetuar no decorrer dos séculos, até Ele voltar, o sacrifício da cruz, e para confiar assim à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura."¹⁰⁹ Deste modo, a Santa Missa possui como finalidade: A adoração (latria), a ação de graças (eucaristia), reparação dos pecados (propiciatório) e petição de graças (imprecatório).

205. A missa é celebrada validamente com a matéria, a forma e liturgia próprias. O pão eucarístico deve ser ázimo feito de trigo e de maneira recente. Não é permitido nenhuma outra

107 SC, n.59

108 Cf. PAULO VI, Encíclica "Mysterium Fidei", 34

109 SC, n.47



matéria, a saber, nem pão fermentado, nem pão árabe, nem bolachas de água, água e sal, nem pão de milho etc. (sobre os celíacos leia-se o Anexo VI). O vinho de uva com fermentação natural, não suco de uva (o uso do mosto deve ser aprovado individualmente pelo bispo).

206. A forma legítima e válida para o Santo Sacrifício é a forma do missal romano expressa pela oração eucarística, sendo proibida qualquer outra oração. Não é permitido o uso de fórmulas compostas pelos sacerdotes ou modificar as orações existentes e nem mesmo utilizar fórmula de louvores. A oração deve ser dita apenas pelo sacerdote e nunca pelo povo todo, exceto nas respostas aprovadas pela Sé Apostólica.

207. A Eucaristia é a comunhão dos fiéis entre si com Jesus, comunhão essa em que a Igreja permanece unida a Cristo: “permaneeci em mim e eu permanecerei em vós” (Jo 15,4). A intimidade proporcionada pela comunhão “não pode ser adequadamente compreendida nem plenamente vivida fora da comunhão eclesial”¹¹⁰.

208. É na celebração da Eucaristia que a Igreja Peregrina se une à Igreja do Céu (e também reza pela Igreja padecente), havendo por Cristo, com Cristo e em Cristo um intercâmbio maravilhoso de dons e graças.

4.2 Celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia

209. A celebração da Eucaristia no sacrifício da missa é a origem e o fim de todo o culto cristão¹¹¹. Por isso, todas as celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia fazem parte da vida da Igreja e estão intimamente relacionadas com o sacrifício eucarístico e com a comunhão sacramental. Aprofundemos algumas celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia:

4.2.1 A Celebração da Palavra de Deus na ausência de Presbítero

210. A Celebração da Palavra de Deus na ausência de Presbítero é uma realidade muito presente na Diocese de Santo André. A celebração da Eucaristia é, por excelência, a celebração de seu mistério pascal, sobretudo no dia do Senhor. Porém, muitas comunidades para poderem participar do encontro com o Senhor, reúnem-se para celebrar a Palavra de Deus presidida por diáconos ou ministros leigos. O próprio Concílio Vaticano II incentiva a Celebração da Palavra de Deus na ausência de Presbíteros¹¹².

¹¹⁰ Mane Nobiscum Domini, n.20

¹¹¹ Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 3

¹¹² “Promovam-se celebrações da Palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em certos dias da quaresma e do advento, nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes” SC, n.35



211. “Nos lugares onde não haja padre e não se possa celebrar a missa, nos domingos e dias de preceito, organiza-se, a juízo do ordinário, uma sagrada celebração da Palavra de Deus, presidida por um diácono ou inclusive por um leigo, especialmente delegado”¹¹³. “A estrutura desta celebração será semelhante à da liturgia da Palavra da missa”¹¹⁴. O Diretório para as celebrações dominicais da Palavra de Deus na ausência de presbítero da Santa Sé estabelece as condições para as celebrações da Palavra de Deus e descreve brevemente como deve ser a sua estrutura ritual. Conforme o Diretório “A ordem a observar na reunião do dia dominical, quando não há missa, consta de duas partes, a saber, a celebração da Palavra de Deus e a distribuição da comunhão. Na celebração não deve ser inserido o que é próprio da missa, sobretudo a apresentação dos dons e a oração eucarística” (n. 35). O Diretório também recomenda para que a celebração da Palavra de Deus seja organizada de tal modo que favoreça a oração e a imagem duma assembleia litúrgica e não de uma simples reunião (cf. n. 35).

212. O Diretório apresenta o esquema da celebração da Palavra de Deus: ritos iniciais, liturgia da Palavra, ação de graças, ritos de comunhão e ritos finais (cf. n. 41). O Documento 52 da CNBB Orientações para a celebração da Palavra de Deus, também descreve os elementos que integram a celebração da Palavra de Deus: reunião dos fiéis, proclamação da Palavra e atualização, orações louvor, cantos e agradecimento, distribuição da comunhão (cf. n. 54).

213. Para a escolha de leigos que possam assumir o ministério da Palavra: “Devem ser escolhidos tendo em atenção as suas qualidades de vida, em consonância com o Evangelho, e tenha-se também em conta que possam ser bem aceitos pelos fiéis” (n. 30). Deve-se igualmente ter o cuidado de dar a esses leigos uma formação adequada e contínua (cf. n. 30).

214. As Celebrações da Palavra “não devem diminuir, mas aumentar nos fiéis o desejo de participar na celebração eucarística e devem torná-los mais diligentes em frequentá-la” (n. 22). É preciso orientar os fiéis que participam da celebração da Palavra de Deus que não é possível celebração eucarística sem sacerdote, e que a comunhão recebida na celebração da Palavra de Deus tem íntima relação com a missa (cf. Diretório, n. 22).

Orientações práticas:

- A celebração dominical da eucaristia é o centro da vida da Igreja. Onde não for possível celebrar a Eucaristia, a comunidade deve se reunir ao redor da Palavra de Deus e assegurar que a comunidade possa assim, ter o seu encontro semanal;¹¹⁵

113 Idem. n. 37

114 A Instrução *Inter Oecumenici*, n.39

115 Cf. Bento XVI, *Verbum Domini* n. 65



- O MECP não deve considerar seu ofício como uma honra, mas um encargo e um serviço em favor dos irmãos, sob a autoridade do pároco¹¹⁶. Os leigos escolhidos devem receber um conferimento de ministério pelo bispo diocesano, a pedido do pároco, por um período de três anos, que pode ser renovado por duas ocasiões. Sobretudo, valorize a sua própria participação na celebração da Missa dominical sempre que possível.
- Os leigos e leigas designados para a presidência das Celebrações da Palavra de Deus na ausência de Presbítero devem receber uma sólida formação bíblica e litúrgica; Essas reuniões dominicais estejam sob o cuidado pastoral do pároco¹¹⁷.
- Cabe ao pároco preparar os fiéis para presidir essas celebrações, oferecendo-lhes subsídios para as reflexões da Liturgia da Palavra;
- O Diácono paramente-se com as vestes que lhe são próprias e utilize a cadeira presidencial, isto é, a sede.¹¹⁸ Os ministros leigos e leigas devem usar vestes adequadas, em nossa Diocese a opa com bordado-símbolo no peito em cor verde foi devidamente aprovada pelo bispo diocesano para o exercício desta sua função;
- Quando o leigo preside essa celebração, comporte-se como um entre iguais nas saudações e intervenções da celebração, evitando palavras que pertençam ao ministério ordenado¹¹⁹. Se o ministro leigo deve se comportar como ‘um entre iguais’, logo, não ocorre o Diálogo Esponsal entre o Cristo e a Igreja e por isso ele não beija o altar. Ainda por este mesmo motivo, ele deve dirigir suas intervenções sempre na 1ª pessoa do plural, e não como o ministro ordenado que se dirige na 2ª pessoa do plural. Por exemplo, na proclamação do Evangelho, o ministro leigo diz: “O Senhor esteja conosco!” E não “O Senhor esteja convosco!”. Ele não dá bênção sobre o povo, mas diz: “O Senhor nos abençoe...”.
- Não deve usar a cadeira presidencial, mas prepare-se antes uma outra cadeira em lugar adequado¹²⁰ preservando a cadeira presidencial em seu lugar habitual para os ministros ordenados;
- O altar não deve ser uma mesa de apoio, mas manifestar a presença de Cristo, sobretudo quando sobre ele se coloca a Comunhão que será entregue aos fiéis.

116 Cf. Id. n.31

117 Cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n.24

118 Cf. Ibid. n.38

119 Cf. Id. n. 39

120 Cf. Id. n.40



- As equipes de liturgia devem se preocupar com a preparação da celebração da Palavra de Deus na ausência de presbítero do mesmo modo como se preocupa e prepara a celebração da Eucaristia; Cuide-se a equipe de liturgia para que na celebração da Palavra não aconteçam ações e gestos próprios da celebração da Eucaristia tais como: apresentação dos dons, oração eucarística e a fração do pão acompanhado do Cordeiro de Deus;
- Na oração de ação de graças ou louvor não deve ser utilizada a oração eucarística nem deve se confundir com ela.
- Para a distribuição da comunhão eucarística deve-se utilizar a fórmula do rito de comunhão fora da missa.
- Não se esqueça nas celebrações da Palavra de rezar “para que se multipliquem os dispensadores dos Mistérios de Deus (sacerdotes), e sejam perseverantes no seu amor”;¹²¹
- Mais aprofundamentos, consulte-se o Subsídio para os Ministérios Extraordinários da Diocese de Santo André, o Ritual “A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa” o “Diretório para Celebrações Dominicais na ausência do presbítero” e o documento 52 da CNBB “Orientações para a celebração da Palavra de Deus”.

4.2.2 Distribuição da Comunhão aos enfermos e idosos

215. O Santíssimo Sacramento, quando deve ser levado aos enfermos e idosos, seja transportado à casa deste numa teca e com uma bolsinha (presa ao pescoço p. ex) apropriada. Ao distribuir a comunhão ao enfermo ou idoso, o ministro esteja trajado de suas vestes litúrgicas.¹²²

216. Procure que o Santíssimo Sacramento seja transportado diretamente à casa do doente ou idoso¹²³. Não é permitido guardar o Santíssimo em casa por tempo demasiado para levá-lo num outro momento ao doente¹²⁴. Caso ele não possa receber a comunhão, o próprio ministro comungue a partícula que está levando.

217. Instrua-se a família do doente ou idoso para que prepare uma mesa com toalha branca, se possível, com velas acesas, para o ministro depositar a teca com o Santíssimo.¹²⁵

121 Ritual Romano, SCCEFM, n.26

122 Cf. Ibid. n.20

123 Cf. RS, n.133

124 Cf. CDC, c.935

125 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n.19



218. As pessoas que cuidam do doente também podem receber a Comunhão, se o serviço delas aos enfermos as impossibilita de participar da celebração com a comunidade. Tanto elas como os próprios enfermos estão dispensados do preceito do jejum eucarístico de uma hora antes da comunhão¹²⁶.

219. Os fragmentos da partícula que restarem na teca sejam recolhidos e purificados com água.¹²⁷

220. O Ritual para este momento encontra-se no Subsídio para os Ministérios Extraordinários da Diocese de Santo André.

4.2.3 Adoração ao Santíssimo Sacramento

221. A adoração ao Santíssimo Sacramento leva os cristãos a reconhecerem a admirável presença de Cristo que nos convida à união cordial com Ele e favorece de modo excelente o culto em espírito e verdade.

222. Durante a exposição do Santíssimo, dedique-se um tempo conveniente à leitura da Palavra de Deus, aos cantos eucarísticos que afirmam a presença real do Senhor, às preces e à oração silenciosa.¹²⁸

223. Os ministros da exposição do Santíssimo Sacramento são: Em primeiro lugar, o bispo, o presbítero e o diácono que podem abençoar o povo, revestidos de túnica ou sobrepele sobre a veste talar com estola branca. Para a bênção no fim da adoração, quando a exposição for com ostensório, o presbítero ou diácono acrescenta a capa pluvial e o véu umeral de cor branca; se a exposição for com cibório, só o véu umeral;

224. Os acólitos e os ministros extraordinários, com a autorização do pároco podem expor o Santíssimo trajados com a veste litúrgica de sua condição, mas não podem dar a bênção sobre o povo.¹²⁹

225. Quando se expõe o Santíssimo Sacramento no ostensório, acenda-se 4 ou 6 velas e use-se incenso. Quando se expõe no cibório, acenda-se ao menos 2 velas e pode-se usar incenso.¹³⁰

226. “Diante do Santíssimo Sacramento, faz-se genuflexão (isto é, dobrar um joelho), quer esteja no tabernáculo quer exposto...”¹³¹

126 Cf. CDC, cân.919, §3

127 Cf. Id. n.22

128 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n.89

129 Cf. Id. n.86

130 Cf. Id. n.85

131 Id. n.84



227. Nas igrejas que possuem autorização para conservar a Eucaristia, cuide-se para que elas “estejam abertas diariamente, ao menos por algumas horas, nos horários mais apropriados para que os fiéis possam facilmente rezar diante do Santíssimo Sacramento.”¹³²

228. Proíbe-se a exposição do Santíssimo Sacramento na mesma igreja ou lugar em que se está sendo celebrada a missa.

229. Quando a exposição se prolongar por alguns dias, sempre que ocorrer a celebração da missa naquela igreja, suspende-se a exposição e repõe-se o Santíssimo no Tabernáculo.¹³³

230. Se a exposição for mais solene e prolongada, o pão seja consagrado na missa que precede imediatamente a exposição e colocada no ostensório sobre o altar depois da oração pós-comunhão. A missa termina omitindo-se os ritos finais e o sacerdote coloca o ostensório sobre o altar ou no trono preparado, incensando-o, se for o caso.¹³⁴

231. Se o rito da exposição do Santíssimo for breve, coloque-se o cibório (pelo menos duas velas e pode-se usar incenso) ou ostensório (quatro ou seis velas e faz-se a incensação) sobre o corporal no altar. Se for uma exposição mais longa, pode-se usar um trono, em lugar destacado, porém cuide-se que não fique demasiadamente alto e distante dos fiéis.¹³⁵

232. Também é proibido deixar o Santíssimo exposto sem a presença de adoradores. Quando se fizer uma exposição longa e não houver um número suficiente de pessoas para a adoração, pode-se repor o Santíssimo ao tabernáculo até duas vezes no dia.¹³⁶

233. Toda bênção com o Santíssimo deve ser precedida de adoração eucarística¹³⁷, ainda que breve.

234. A bênção com o Santíssimo segue o seguinte roteiro:¹³⁸

- O sacerdote ou diácono coloca-se diante do Santíssimo Sacramento e ajoelha-se, entoando com os fiéis um hino eucarístico (p.ex. “Tão sublime...”). Enquanto isso, ainda de joelhos, incensa o Santíssimo Sacramento;
- Em pé, reza-se a oração prevista no Ritual;
- Terminada a oração, veste-se o véu umeral, faz a genuflexão e toma o ostensório ou cibório e com ele traça, em silêncio, o sinal da cruz sobre o povo sem nada dizer;

132 Ritual Romano, SCCEFM, n. 8 e Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n.55

133 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n.83

134 Cf. Id, n. 94

135 Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 62

136 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n.88.

137 Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 66

138 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n.97-100



235. Terminada a bênção, o sacerdote ou diácono repõe o Santíssimo no tabernáculo e faz a genuflexão. Enquanto isso, o povo pode proferir alguma aclamação ou canto.



CAPÍTULO 5

MOMENTOS DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

236. Quem por amor a Deus serve à Liturgia precisa conhecer cada momento da celebração eucarística, cada parte expressa um passo na relação com Deus e os irmãos. Ressalta-se a necessidade de uma preparação e comunicação clara e antecipada entre o que preside e as equipes que servem. Evite-se toda improvisação ou atitudes que prejudiquem a harmonia da Liturgia.

5.1 Ritos Iniciais

5.1.1 Procissão de Entrada

237. Esse rito manifesta a Igreja, povo de Deus, a caminho da Terra Prometida preparada pelo Pai. Ordena-se a procissão conforme anexo.¹³⁹

238. O Canto de Abertura tem a finalidade de iniciar a celebração, promover a união, introduzir os fiéis no mistério celebrado através do tempo litúrgico. Salvaguardando as características próprias de cada tempo, manifesta a alegria. Após o seu início começa a procissão de entrada. O canto encerra-se com beijo (ósculo) pelo padre no altar. Caso haja incenso o canto termina após a ção.

239. Quando não há canto, o padre, animador ou leitor, leia a antífona própria da celebração.

5.1.2 Saudação

240. Terminado o cântico de entrada, o sacerdote e somente ele, diz: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*. Não é previsto cantar ou rezar fórmulas diferentes desta. A assembleia responde Amém. Ele e toda a assembleia fazem sobre si próprios o sinal da cruz¹⁴⁰. Em seguida, pela saudação, faz-se sentir que a comunidade está reunida na

139 Cf. Hb 13,14

140 Esse gesto chama-se persignação



presença do Senhor. Com esta saudação e a resposta do povo manifesta-se o mistério da Igreja reunida.

241. Depois da saudação do povo, o sacerdote, ou o diácono, ou outro (entre eles o animador), pode, com palavras muito breves, introduzir os fiéis na Missa do dia.

5.1.3 Ato Penitencial

242. O Ato Penitencial é gesto de apresentar-se diante da grandeza de Deus, reconhecendo sua misericórdia e nossa indignidade. Não deve ser confundido com o sacramento da penitência.¹⁴¹ Tem como função preparar a assembleia para ouvir a Palavra de Deus e celebrar dignamente os santos mistérios¹⁴²

243. Há vários modos de realizar esse rito, descritos no Missal Romano. Pode ser rezado ou cantado. É possível fazer a aspensão da água benta sobre o povo nas missas dominicais e solenidades, especialmente nos Domingos de Páscoa. A aspensão recorda a santidade que recebemos no dia de nosso batismo e que é constantemente renovada pela misericórdia divina.

244. O Missal Romano prevê a introdução ao Rito pelo sacerdote, um momento de silêncio e as fórmulas seguintes:

Fórmula I - Confiteor:

Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa. E peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos, e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

** o Senhor tende piedade (Kyrie) pode estar presente na letra da música junto ao Confiteor:*

Senhor, tende piedade de nós

Cristo, tende piedade de nós

Senhor, tende piedade de nós

Observação: *Se o “Senhor tende piedade...” (Kyrie) não estiver presente na letra do canto, deve ser rezado após a invocação:*

Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. O povo responde: Amém.

141 Cf. Boróbio, Dionísio. A celebração da Igreja 2: Sacramento. São Loyola, 1993, p.332

142 Cf. CNBB. Animação da vida litúrgica no Brasil, n.43, 1989, p.247



Fórmula II – Tende Compaixão:

Tende compaixão de nós, Senhor.

Porque somos pecadores.

Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia.

E dai-nos a vossa salvação.

Observação: Se o “Senhor tende piedade...” (Kyrie) não estiver presente na letra do canto, deve ser rezado após a invocação:

Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. O povo responde: Amém.

Fórmula III - Senhor tende piedade (Kyrie):

III.1 - Senhor tende piedade

Senhor, tende piedade de nós

Cristo, tende piedade de nós

Senhor, tende piedade de nós

III.2 – Senhor tende piedade com tropos

Tropos são invocações apropriadas para cada tempo litúrgico ou às celebrações especiais ou invocações particulares da comunidade celebrante. Há várias no missal e podem ser criadas outras semelhantes.

Exemplo: Sugestão do Missal para o Advento.

Senhor, que viestes ao mundo para nos salvar, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, que continuamente nos visitais com a graça do vosso Espírito, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, que vireis um dia para julgar as nossas obras, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

5.1.4 Hino de Louvor

245. O “Glória a Deus nas alturas...” é um de um hino através do qual a Igreja congregada no Espírito Santo glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro. Não constitui uma aclamação trinitária. É rito ordinário da missa, e dessa forma, seja rezado, seja cantado, não pode ter sua letra substituída por outra.



246. Sempre é cantado ou recitado nas solenidades, nas festas e nos domingos, exceto nos domingos do Advento e da Quaresma. Pode ser cantado ou recitado por todos, juntos ou alternadamente.

Texto Missal Romano:

Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por ele amados.

Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso:

Nós vos louvamos, nós vos bendizemos, nós vos adoramos

Nós vos glorificamos, nós vos damos graças por vossa imensa glória.

Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito,

Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai.

Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica.

Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós.

Só vós sois o Santo, só vós o Senhor,

Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo,

com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai.

Amém.

5.1.5 Oração do Dia (Coleta)

247. Em seguida “o sacerdote convida o povo a rezar; todos se conservam em silêncio por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar ‘coleta’, pela qual se exprime a índole da celebração. A oração é dirigida a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo (em algumas particularidades é dirigida ao Filho) e por uma conclusão que demonstra a relação do Filho e do Espírito com o Pai (...). O povo, unindo-se à súplica, faz sua a oração pela aclamação Amém.”¹⁴³

248. É importante salientar duas atitudes básicas para os celebrantes:

- Esse não é o momento de se ler as intenções para missa ou motivações celebrativas. As intenções de missa podem ser lidas no comentário inicial ou após a saudação do sacerdote ou, se for por aqueles que já morreram, os

143 IGMR n.54



seus nomes podem ser lidos durante a Oração Eucarística, no momento de lembrar os fiéis falecidos;

- A oração da coleta é uma chave de compreensão sobre a celebração do dia.

5.2 Liturgia da Palavra

5.2.1 Leituras

249. O Cristo por sua Palavra se faz presente no meio dos fiéis. Através dela Deus fala ao seu povo, revela o mistério da Redenção e da Salvação e oferece alimento espiritual. Deus continua falando e conduzindo o seu povo.¹⁴⁴

250. As leituras bíblicas não suprimidas ou substituídas por outras leituras não bíblicas.¹⁴⁵ As leituras iniciam com: Leitura do Livro... Nada antes disso (“Primeira leitura”, os versículos em itálico que resumem a índole da leitura ou mesmo o nome de quem vai proclamar)

251. Após as leituras, é aconselhável um momento de silêncio para meditação¹⁴⁶

252. A escuta da Palavra de Deus é necessária em todas celebrações dos sacramentos, que nascem e se alimentam da Palavra.¹⁴⁷ Ao final das leituras (exceto Evangelhos) diz-se ou canta-se Palavra do Senhor, ao que todos respondem Graças a Deus; os Evangelhos encerram-se com a aclamação Palavra da Salvação, dita ou cantada, ao que se responde Glória a vós, Senhor, igualmente dizendo-se ou cantando-se.

5.2.2 Salmo Responsorial

253. Os textos do salmo se acham diretamente ligado à respectiva leitura, assim a escolha do salmo depende das leituras. Carrega consigo o modo responsorial de ser, isto é, com a resposta do povo. O salmista canta os versos e a assembleia responde por um refrão. É uma síntese da Palavra de Deus e da Oração da Igreja, deve favorecer a meditação, por isso, a escolha da melodia é de suma importância.

254. Para assegurar a escolha adequada lembre-se que as melodias de alguns salmos, sobretudo os das solenidades, fazem parte de uma longa tradição da Igreja já conhecida pela

144 Cf. SC, n.33

145 Cf. OLM, n.12

146 Cf. Missal Romano, p.399

147 Cf. PO, n. 4; OLM, n. 10



comunidade, por isso, é importante ser cauteloso na adaptação ou escolha da melodia e nunca a escolher tendo como critério um gosto particular (p.ex. salmos da Semana Santa).

255. Dê preferência para ser proclamado da mesa da Palavra ou, diante de impossibilidade inevitável, de outro lugar adequado. Dê-se prioridade para o salmo cantado, mesmo que salmodiando em tom reto. Caso não seja possível, deve ser recitado levando em conta o estilo do salmo, a pausa poética, a entonação, etc

256. No início do salmo, o refrão é cantado duas vezes: a primeira vez, apenas pelo solista (tendo a função de propor a melodia para a assembleia), e a segunda vez (repetição) já é cantada por toda a assembleia. Entre cada estrofe, e ao final o refrão, é cantado sempre por toda a assembleia.¹⁴⁸

257. As melodias dos salmos responsoriais devem ser sóbrias e orantes, a fim conduzir toda a assembleia a um mergulho no mistério celebrado.

258. O salmista necessita ter um mínimo de formação espiritual, litúrgico-musical e técnica:

- *Formação espiritual:* cultivar o hábito da leitura orante da primeira leitura e do salmo responsorial; saber orar com o salmo, saboreá-lo como Palavra de Deus para sua vida atual; saber cantar de forma orante e postura de quem está em atitude de oração.
- *Formação bíblico-litúrgica:* aprofundar o sentido literal e cristológico dos salmos; estudar cada salmo em sua relação com a primeira leitura e com o projeto de salvação de Deus.
- *Formação musical:* saber usar a voz de forma adequada, com boa dicção e até mesmo saber ler uma partitura simples; aprender as melodias dos Salmos Responsoriais; saber se entrosar com os instrumentos musicais que acompanham o canto do salmo.
- *Formação prática:* saber manusear o Lecionário e o Hinário Litúrgico; saber em que momento subir ao ambão (Mesa da Palavra), como se comunicar com a assembleia através do olhar; do uso o microfone e o conhecimento sobre os vários modos de se cantar o salmo.

5.2.3 Aclamação ao Evangelho

259. Esse é um rito que aclama a presença de Cristo no Evangelho. Por isso, todos louvam ao Senhor com cantos apropriados. Consiste na procissão que conduz o Evangeliário do

148 Cf. Comissão Pastoral para a Liturgia da CNBB – Setor Música e Canto Pastoral



altar para o ambão, feita pelo diácono ou pelo sacerdote, precedido dos coroinhas que podem levar o turíbulo com incenso e os castiçais com velas.¹⁴⁹

260. O rito traz o “aleluia”, palavra hebraica que significa “louvai a Deus”. Através dela, a comunidade acolhe o Senhor, que fala no Evangelho. Pode ser repetida muitas vezes a palavra “aleluia”, exceto na Quaresma. Entoa-se o “aleluia” e proclamar o versículo indicado na liturgia do dia.

5.2.4 *Homilia*

Na celebração da missa, a homilia é função exclusiva do ministro ordenado (Bispo, Padre ou Diácono), de preferência do presidente. A homilia feita pelo ministro ordenado tem a finalidade de proclamar as maravilhas realizadas por Deus na história da Salvação e no Mistério de Cristo, irradiando a luz pascal sobre os eventos da vida atual dos fiéis. Mais informações no apêndice II.

5.2.5 *Profissão de Fé (Credo)*

261. A Profissão de Fé, conhecida como “Creio” ou “Símbolo” é expressão da Fé de toda Igreja, o que ela acredita e se esforça por viver, o modo manifesto do Plano de Salvação de Deus a humanidade e que em parte foi exposto pelas leituras bíblicas ouvidas pela comunidade. Na celebração eucarística existem duas formas de se rezar o Creio, o Apostólico ou Niceno-constantinopolitano (um textualmente breve e outro mais amplo). Pode ser cantado se preservado o texto.

262. Em certas ocasiões rituais, a Profissão de Fé pode ser realizada por meio de perguntas e respostas: “Renuncio!” e “Creio!”. No Batismo ou na Crisma, por exemplo.

263. Não se admitem outras Profissões de Fé que não estejam devidamente aprovadas pela Igreja. Por isso, haja cuidado com a escolha de certos cantos de Profissão de Fé que mutilam ou parafraseiam a fé da Igreja.

264. As rubricas do Missal Romano orientam a assembleia para realizar uma reverência durante a Profissão da Fé. No caso do Símbolo Apostólico, pede-se que a assembleia faça uma inclinação de cabeça (simples) durante a recitação das palavras: “que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria”. No Símbolo Niceno-constantinopolitano também se pede a inclinação de cabeça no mesmo artigo de fé correspondente ao Mistério da Encarnação: “e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio

149 Cf. IGMR, n.133, 175



da Virgem Maria e se fez homem”¹⁵⁰. Essa reverência é um gesto de reverência e louvor a Deus pela Encarnação de Cristo.

265. Nas solenidades do Natal da Anunciação do Senhor (25 de março) pede-se que a assembleia faça a genuflexão em vez de inclinação durante as mencionadas palavras.

5.2.6 Oração Universal, da Comunidade ou Preces dos Fiéis

266. A oração da comunidade ou dos fiéis encerra a Liturgia da Palavra. Cabe ao sacerdote celebrante, da cadeira, dirigir a oração. Ele a introduz em breve exortação, convidando aos fiéis a rezarem e depois a conclui.

267. As intenções propostas, cantadas ou rezadas, sejam feitas do ambão ou outro lugar adequado, compostas por sábia liberdade e breves palavras e expressem a oração de toda comunidade. Normalmente as intenções são proferidas, do ambão ou de outro lugar apropriado, pelo diácono (que pode anunciá-las), pelo cantor, pelo leitor ou por outro fiel leigo.

268. O povo, de pé, exprime a sua súplica, seja por uma invocação comum, cantada ou rezada, após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio.

269. Para a melhor participação, pode se cantar ou rezar junto com a assembleia o refrão após a apresentação de cada prece.

270. Como ela faz parte da Palavra celebrada, convém que as preces expressem aquilo que ouvimos da Palavra de Deus, considerando as circunstâncias que a Igreja vive. A Equipe de Liturgia acrescente outras preces, se necessário, de modo que correspondam melhor às necessidades da sua comunidade.

271. É resposta realizada através da oração de louvor e de pedidos. As duas dimensões propostas possuem um objetivo de conduzir e auxiliar a assembleia a efetivar através da palavra do Senhor a prece comum do povo de Deus.

Além disso, é sempre bom lembrar alguns critérios na elaboração de preces: Observe-se a objetividade das preces, não sejam estas demasiadamente longas; As preces, em geral, devem ser com intenções para toda comunidade. Naturalmente, particularidades de preces podem ocorrer, mas procure-se que orações particulares sejam apresentadas como intenções de missa e não como preces na oração da comunidade.¹⁵¹

Convém que se reze pelas(os):

I. Necessidades da Santa Igreja;

¹⁵⁰ Missal Romano, rubrica n.15, p.400-402

¹⁵¹ SC, n. 53; Cf. 1 Tm 2,1-2



II. Poderes públicos e salvação de todos;

III. Que sofrem qualquer dificuldade;

IV. Comunidade local.

272. Na missa, a oração conclusiva deve ser feita pelo sacerdote presidente, com as mãos estendidas (como no oremos).¹⁵²

273. Entretanto, em alguma celebração especial, tal como confirmação, matrimônio, exéquias, as intenções podem referir-se mais intimamente àquelas circunstâncias.

274. Nas solenidades em que se recita a Ladainha de todos os Santos (Prece Litânica), não se realiza a oração da comunidade, porque uma substitui a outra. Quando se recita a Ladainha, todos se voltam ao altar. A Ladainha é recitada por todos em pé no Tempo Pascal e nos domingos. Nos demais dias do ano, reza-se de joelhos.

5.3 Liturgia Eucarística

275. A Liturgia Eucarística é formada por quatro ações de Cristo:

- *Tomar o pão em suas mãos:* essa ação corresponde à procissão e apresentação das oferendas do pão e vinho, quando o Cristo, pelas mãos do sacerdote, toma as oferendas dos fiéis e as apresenta ao Pai sobre o altar;
- *Render Graças:* essa ação corresponde à oração do Prefácio, Santo, invocação do Espírito Santo, narração da instituição, as intercessões à Igreja Peregrina, Padecente e Gloriosa, e à Doxologia;
- *Partir o pão:* corresponde ao Pai-nosso, embolismo (“Livrai-nos...”), oração e sinal da paz¹⁵³ e culmina no rito do Cordeiro de Deus, em que o sacerdote, auxiliado pelo diácono, parte o pão eucarístico para a distribuição. Esse gesto nos faz recordar como os discípulos de Emaús reconheceram o Senhor. Respostas da Oração Eucarística rezadas, cantadas ou omitidas.

****Em alguns lugares, tem-se o costume de partir o pão eucarístico durante as palavras da consagração como se fosse um ato teatral da última ceia de Cristo. Tal prática é errônea¹⁵⁴;**

- *Distribuir:* corresponde ao rito da comunhão aos fiéis.

152 Cf. IGMR, n.138

153 Cf. CAMARGO, Pe. Gilson Cezar de, “Liturgia da Missa Explicada”, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2004, pág. 59-65

154 Cf. RS, n.55



5.3.1 Apresentação dos Dons

276. As oferendas do pão e do vinho, trazidas em procissão pelos fiéis, são recebidas pelo presidente da celebração, ajudado pelo diácono ou coroinha (ou ainda MEC), que as depõe sobre o altar¹⁵⁵. Não é correto mostrar as oferendas para a assembleia porque é ela própria que as apresenta a Deus por meio do sacerdote.

277. Os itens apresentados, são: âmbula (ou a patena) e galheta. No cálice não há nem o pão nem o vinho, por isso, convém que, estando na credência vá direto ao altar. Procure-se não repetir os itens (por exemplo, 10 âmbulas).

278. Em alguns lugares, apresentam-se outros elementos representativos junto com a âmbula e as galhetas. Bom senso neste momento é fundamental, para os tamanhos dos itens, o que são e locais onde serão dispostos os mesmos. Nenhum item além dos dois já citados deve ficar sobre o altar.

279. Essa apresentação pode ocorrer de forma solene com a procissão vinda da entrada da nave pelo corredor para o presbitério. A apresentação e preparação das oferendas não é um simples gesto estético para a celebração, mas parte integrante do sacrifício de Cristo e da Igreja.

280. O canto pode acompanhar a apresentação do pão e do vinho que vão se tornar Corpo e Sangue do Senhor. Inicia com a procissão dos dons e termina assim que o padre faz as devidas orações (em silêncio). Se não houver canto da preparação das oferendas ou não houver música de fundo, na apresentação do Pão e do Vinho, o Sacerdote pode proferir em voz alta as fórmulas prescritas, respondendo o povo: *“Bendito seja Deus para sempre.”*¹⁵⁶

281. Além da apresentação das oferendas, também ocorre a partilha dos bens para os pobres e para a manutenção da Igreja. As ofertas, como dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis serão colocados em lugar conveniente, nunca sobre o altar.¹⁵⁷

5.3.2 A Oração do Santo

282. É a ocasião pela qual toda a Igreja se reúne para cantar a uma só voz ao Deus três vezes Santo. Ele é formado pela adoração (Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo), a proclamação cósmica (o céu e a terra proclamam a vossa glória), a aclamação (hosana nas alturas, que quer dizer “Senhor, ajuda, dá a vitória, dá a salvação”) e a proclamação

155 Cf. IGMR, n.73, 140 e 178

156 Ibid. n.142

157 Cf. Ibid. n.73



(bendito o que vem em nome do Senhor). Assim como o Hino de Louvor, não pode ser substituído por outro texto.

Texto:

Santo, Santo, Santo,

Senhor, Deus do universo!

O céus e a terra proclamam a vossa glória.

Hosana nas alturas!

Bendito o que vem em nome do Senhor!

Hosana nas alturas!

5.3.3 Oração Eucarística¹⁵⁸

283. “A proclamação da Oração Eucarística, por sua natureza, o ponto culminante de toda a celebração, é reservada ao sacerdote, em virtude da sua ordenação. É um abuso, portanto, deixar que algumas partes da Oração Eucarística sejam ditas pelo diácono, ou por um fiel leigo”.¹⁵⁹

284. “Quando celebra a Eucaristia, o sacerdote deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade, e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença viva de Cristo.”¹⁶⁰

285. “É expressamente proibido alterar ou subtrair o texto da Oração Eucarística aprovado pela Igreja.”¹⁶¹

286. A Oração Eucarística nas várias famílias litúrgicas segue uma estrutura imutável que parte do ensinamento de Jesus Cristo dado aos apóstolos. Essa estrutura é elaborada a partir da última ceia com os discípulos e de diversos textos eucarísticos encontrados no Evangelho.¹⁶²

287. As orações eucarísticas têm prefácio próprio. As únicas que possibilitam inserção de prefácios são: I (também chamada Cânon Romano), II e III.

288. A Aclamação Memorial é a aclamação central da oração eucarística pela qual aclamamos o mistério da nossa fé (o mistério pascal). O missal romano oferece fórmulas que

¹⁵⁸ Sobre os elementos que compõem a Oração Eucarística ver a IGMR n. 78-79

¹⁵⁹ Instrução Inestimabile Donum, n. 4

¹⁶⁰ IGMR, n.93

¹⁶¹ Instrução Inestimabile Donum, n. 5

¹⁶² Textos eucarísticos: Cf. Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19; Jo 6,11



expressam a proclamação do mistério pascal, celebrando a morte e glorificação do Senhor e preparando sua vinda. É rezado por todos, pode ser cantado.

Textos:

Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

Ou:

Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda!

Ou:

Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

Ou:

Toda vez que se come deste Pão, toda vez que se bebe deste Vinho, se recorda a paixão de Jesus Cristo e se fica esperando a sua volta. (Oração Eucarística V)

As demais respostas da oração eucarística podem ser rezadas, cantadas ou, no caso do Cânon Romano, também omitidas.

5.3.4 A Doxologia da Oração Eucarística (Por Cristo, com Cristo...)

289. O gesto de elevar o pão e o vinho transubstanciados no Corpo e Sangue do Senhor é o ponto máximo do louvor e de ação de graças pela criação transfigurada que se eleva até o Pai. É o momento em que o sacerdote exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação triunfal da assembleia por meio do grande: Amém.

290. A elevação da patena e do cálice com o Corpo e Sangue do Senhor é feita pelo presidente da celebração. Caso haja diácono ou concelebrante a elevação do cálice pode ser feita por este. Este gesto não deve ser realizado por um ministro extraordinário da comunhão ou por outro leigo.

291. A proclamação da doxologia é exclusiva do ministério sacerdotal, não cabendo ao diácono ou aos fiéis leigos. A estes competem o Amém conclusivo (que pode ser cantado).

5.3.5 Sinal de Paz

292. O sinal deste momento significa a paz, a Comunhão e a caridade, antes de receber a Santíssima Eucaristia. “Convém que cada um dê a paz, sobriamente, só aos mais próximos



a si”¹⁶³. O sacerdote e os demais ministros podem dar a paz permanecendo sempre dentro do presbitério para que não altere a celebração (se houver causa razoável, o presidente, e somente ele, pode dar a paz a alguns fiéis).

293. A razão desta é que quando se deseja a paz ao que está mais próximo, não se está desejando somente para uma pessoa em particular, mas para toda a Igreja simbolizada naquele irmão. Logo, não é preciso cumprimentar toda a assembleia para expressar tal desejo.

294. Neste momento não cabe canto, conforme orientação do Organismo da Santa Sé responsável pela liturgia. Inserir canto de paz é um desvio do momento favorecendo um “recreio” da celebração.

5.3.6 Cordeiro de Deus

295. A ação de partir o pão é acompanhada pela oração (ou canto) “Cordeiro de Deus”, que invoca a Cristo como Cordeiro e Servo que se entrega por nós, a fim de tirar o pecado do mundo. Assim como o Hino de Louvor e o Santo, deve-se seguir a fórmula prescrita no Missal Romano, não podendo ser substituído por outro texto. Essas palavras podem ser repetidas várias vezes, se a fração do pão se prolonga. Contudo, na última vez se diz/canta: dai-nos a paz.

Texto:

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

5.3.7 Comunhão

296. É recomendável que os fiéis, como também o próprio sacerdote deve fazer, recebam o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma Missa e participem do cálice nos casos previstos, para que, também através dos sinais, a Comunhão se manifeste mais claramente como participação no sacrifício celebrado atualmente. Conscientes dos muitos desafios pastorais nesta matéria, esta indicação é em vista, sobretudo das grandes celebrações paroquiais.¹⁶⁴

¹⁶³ Ibid. RS, n.72

¹⁶⁴ IGMR, n.85



297. Enquanto o sacerdote recebe o Sacramento, entoa-se o canto da comunhão que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e realça mais a índole “comunitária” da procissão para receber a Eucaristia. O canto prolonga-se enquanto se distribui a Comunhão aos fiéis. Havendo, porém, um hino após a Comunhão, encerre-se em tempo o canto da Comunhão.¹⁶⁵

298. Haja o cuidado para que também os cantores possam comungar com facilidade.

299. Para o canto da comunhão pode-se tomar a antífona do Gradual (romano ou simples)¹⁶⁶ ou outro canto adequado que esteja em sintonia com a liturgia do dia. Indica-se o Hinário Litúrgico.¹⁶⁷

300. Na ausência de canto, a antífona proposta no Missal pode ser recitada pelos fiéis, por alguns dentre eles ou pelo leitor, ou então pelo próprio sacerdote, depois de ter comungado, antes de distribuir a Comunhão aos fiéis.

301. Algumas disposições para receber a Comunhão:

- a) Sua união com Cristo Eucarístico deverá se estender a toda a vida cristã, transformando sua vida cotidiana em ação de graças e produzindo frutos mais abundantes de caridade¹⁶⁸. Logo, não deve comungar a Eucaristia aquele que não ‘comunga’ o Cristo presente na Liturgia da Palavra, ou seja, não quer acolher e não quer tentar praticar os ensinamentos do Senhor;
- b) Ninguém se aproxime da Eucaristia tendo consciência de estar em pecado mortal¹⁶⁹ sem prévia confissão sacramental, por mais que se julgue contrito¹⁷⁰. Também não se podem aproximar da comunhão eucarística os que sofrem alguma pena canônica.
- c) Pela *Amoris Laetitia* (documento do Papa Francisco sobre a família), indica-se que: os que desejam aproximar-se da comunhão eucarística e se encontram em situação matrimonial irregular, devem primeiramente buscar o acompanhamento do sacerdote responsável pela comunidade da qual fazem parte com o objetivo de se: acolher, acompanhar, discernir e integrar.
- d) “Quem vai receber a Santíssima Eucaristia abstenha-se de ingerir qualquer comida ou bebida, excetuando-se somente água e remédio, no espaço de ao

165 Id. n.86

166 Livro litúrgico que contém as antífonas para o início da missa e para a comunhão dos fiéis, bem como o responsório

167 Cf. IGMR n. 87

168 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n. 25

169 Para ser pecado mortal, são necessárias três condições: pecar em matéria grave, ter plena consciência e plena vontade do que está fazendo

170 Cf. Ritual Romano, SCCEFM, n. 23



menos uma hora antes da comunhão. Pessoas idosas e doentes, bem como as que cuidam delas, podem receber a Santíssima Eucaristia, mesmo que tenham tomado alguma coisa na hora que a antecede”.¹⁷¹

302. Após a distribuição da Comunhão, aquele que distribui utiliza-se de um purificador para que com a água retire os fragmentos da partícula que possam ter ficado em seus dedos. Convém distinguir este gesto – chamado de ablução – do lavabo utilizado para a “limpeza-purificação” na preparação das ofertas.

303. Insista-se no ‘Amém’ que o comungante pronuncia em resposta à fórmula do ministro: ‘O corpo (e o sangue) de Cristo!’. Esse Amém deve ser pronunciado como uma profissão de fé acerca desse Mistério.¹⁷²

304. “Não é permitido aos fiéis pegarem por si e muito menos passarem entre eles de mão em mão a sagrada hóstia ou sagrado cálice”.¹⁷³ Os ministros leigos que irão auxiliar na distribuição da comunhão “não se aproximem do altar antes que o sacerdote tenha tomado a Comunhão, recebendo sempre o cibório da mão do sacerdote celebrante”.¹⁷⁴

305. Comunhão nas mãos: quando a comunhão é dada somente na espécie do pão, deve-se orientar previamente os fiéis para escolherem a maneira que comungarão: ou pode ser dada diretamente na boca (que deve ser colocado sobre o lábio inferior), ou na mão¹⁷⁵, quando o comungante recebe a Eucaristia sobre suas mãos abertas sobrepostas, e comunga com toda piedade diante do ministro, de tal modo que ninguém se afaste levando na mão as espécies eucarísticas.¹⁷⁶

306. Nas comunidades em que se celebra quase que diariamente a Eucaristia, não é conveniente acumular no Sacrário hóstias consagradas além do necessário. Esse procedimento se justifica nas comunidades que realizam constantemente a Celebração da Palavra com distribuição da Eucaristia.

307. Os ministros leigos preparem um número suficiente de hóstias para a consagração de modo que não falte para a celebração, mas que também não sobrem em demasia. Além

171 CDC, cân.919, § 3

172 Cf. IGMR, n.161, 287

173 RS, n. 94, e Cf. IGMR, n. 160

174 IGMR, n.162

175 “Ao aproximares (da comunhão), não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faze com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei e no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: Amém. Com segurança,então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder”. 5ª Catequese Mistagógica de São Cirilo de Jerusalém, n.21; p.33, Col. 1125; e São João Crisóstomo, homilia 47, p.63, Col. 898

176 Cf. RS, n. 92



disso, pede-se que se renovem constantemente as hóstias consagradas que permanecem no Sacrário, para que não ocorra o perigo de estragar a matéria do sacramento (o pão).

308. É de responsabilidade do sacerdote presidente distribuir a comunhão, se é o caso, ajudado pelos outros sacerdotes e diáconos; e ele não deve prosseguir a missa até que haja terminado a comunhão dos fiéis. Onde a necessidade o requeira, os ministros extraordinários da comunhão podem ajudar o sacerdote celebrante.¹⁷⁷

309. “Em razão do sinal que se expressa, convém que alguma parte do pão eucarístico obtido pela fração seja distribuído ao menos a algum fiel no momento da comunhão. Não há problema, contudo, que sejam partículas menores as distribuídas para as pessoas”.¹⁷⁸

310. Existe a recomendação “de usar uma patena de maior dimensão, onde se coloca tanto o pão para o sacerdote e o diácono, bem como para os demais ministros e fiéis”,¹⁷⁹ evitando, assim, a conotação de que o sacerdote comunga a Eucaristia numa patena exclusiva, desvinculada da comunhão dos demais.

311. “Não é lícito, nem mesmo urgindo extrema necessidade (o sacerdote) consagrar uma matéria (o pão ou o vinho) sem a outra, ou mesmo consagrá-las ambas fora da celebração eucarística”.¹⁸⁰

312. Se cair no chão alguma hóstia ou partícula, recolhe-se reverentemente, seja bem diluída em água e depositada em vaso de planta, tomada pelo que diluiu ou versada em uma pia da Igreja que tenha escoamento para o solo (e não para o esgoto), isto para que não seja profanado o Santíssimo Sacramento¹⁸¹. Se acaso se derramar o Sangue do Senhor, limpa-se com um sanguíneo (se necessário molhado) ou ainda lava-se com água o lugar em que tenha caído, dispensando depois essa água em vaso de planta ou em uma pia da igreja que tenha escoamento para o solo.

A comunhão sob as duas espécies:

313. A Comunhão realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal, quando sob as duas espécies. Sob esta forma se manifesta mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico e se exprime de modo mais claro a vontade divina de realizar a nova e eterna Aliança

177 Cf. Ibid. n.88

178 Ibid. n.49

179 IGMR, n.331

180 CDC, cân.927

181 Cf. IGMR, n.280



no Sangue do Senhor, assim como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete definitivo no reino do Pai¹⁸².

314. Compete ao Bispo diocesano indicar as normas a respeito da Comunhão sob as duas espécies, na Diocese de Santo André fica indicado que o pároco pode, segundo a caridade pastoral, indicar as celebrações de sua comunidade onde haverá comunhão em duas espécies.

315. Além das indicações acima observem-se as possibilidades dos livros rituais e os seguintes casos:

- Na ocasião de celebrações particularmente expressivas do sentido da comunidade cristã reunida em torno do altar;
- Aos sacerdotes que não podem celebrar ou concelebrar o santo sacrifício;
- Ao diácono e a todos que exercem algum ofício na Missa;
- Aos membros das comunidades na Missa conventual, aos alunos dos Seminários, aos que fazem exercícios espirituais ou reunião espiritual ou pastoral.
- Quando há uma Missa de batismo de adulto, crisma ou admissão na comunhão da igreja;
- Quando há casamento na Missa;
- Na ordenação de diácono;
- Na benção da Abadessa, na consagração das Virgens, na primeira profissão religiosa, na renovação da mesma, na profissão perpétua, quando feitas durante a Missa;
- Na Missa de instituição de ministérios, de envio de missionários leigos e quando se dá na Missa qualquer missão eclesial;
- Na administração do viático, quando a Missa é celebrada em casa;
- Quando o diácono e os Ministros comungam na Missa;
- Havendo concelebração;
- Nas Missas de Jubileu de sacerdócio, de casamento ou de profissão religiosa;
- Na primeira Missa de um neo-sacerdote;

Distinguem-se quatro formas de dar a comunhão sob duas espécies, a saber:

182 Cf. Id. n.281



316. Beber diretamente no cálice, por intinção (o ato de molhar a hóstia no vinho), com uma cânula (canudo de prata - ou material semelhante) ou com uma colher.

317. Algumas orientações sobre as duas formas habituais no Brasil:

- Beber diretamente do cálice - prepare-se um cálice de tamanho suficiente (ou vários cálices), tendo-se sempre o cuidado de prever que não sobre do sangue de Cristo do que se possa tomar razoavelmente no fim da celebração¹⁸³. O comungante, depois de ter recebido o Corpo de Cristo, aproxima-se do ministro do cálice e fica de pé diante dele. O Ministro diz: O Sangue de Cristo; o comungante responde: Amém, e o ministro lhe entrega o cálice, que o próprio comungante, com as mãos, leva à boca. Toma um pouco do cálice, devolve-o ao ministro e se retira; o ministro, por sua vez, enxuga a borda do cálice com o sanguíneo¹⁸⁴.
- Por intinção - Preparem-se hóstias que não sejam demasiado finas nem pequenas, mas um pouco mais espessas que de costume, para que possam ser distribuídas comodamente depois de molhadas parcialmente no Sangue. Se a Comunhão do cálice é feita por intinção, o comungante, segurando a patena sob a boca ou outra pessoa segura a patena, aproxima-se do sacerdote, que segura o vaso com as sagradas partículas e a cujo lado tem o ministro sustentando o cálice. O sacerdote toma a hóstia, mergulha-a parcialmente no cálice e, mostrando-a, diz: O Corpo e o Sangue de Cristo; o comungante responde: Amém, recebe do sacerdote o Sacramento, na boca, e se retira¹⁸⁵.

Cuidados necessários:

- Não seja permitido que o comungante molhe por si mesmo a hóstia no cálice, nem que receba na mão a hóstia molhada. Que a hóstia para a intinção seja feita de matéria válida e seja consagrada, excluindo-se totalmente o uso do pão não-consagrado ou feito de outra matéria¹⁸⁶.
- Se não for suficiente apenas um cálice para distribuir a comunhão sob as duas espécies aos sacerdotes concelebrantes ou aos fiéis, nada impede que o sacerdote celebrante use mais cálices¹⁸⁷. De fato, deve ser lembrado que todos os sacerdotes que celebram a santa missa devem comungar sob as duas espécies. Em razão do sinal, é louvável servir-se de um cálice principal maior

183 Cf. Id. n.285

184 Cf. IGMR, n.285 e 286

185 Cf. Id. n.285 e 286

186 Cf. RS, n.104

187 Cf. IGMR n.207 e 285a



juntamente com outros cálices de menores dimensões¹⁸⁸.

- Abstenha-se de passar o Sangue de Cristo de um cálice para outro após a consagração, para evitar qualquer coisa que possa ser desrespeitosa a tão grande mistério. Para receber o Sangue do Senhor não se usem em nenhum caso canecas, crateras ou outras vasilhas não integralmente correspondentes às normas estabelecidas¹⁸⁹.
- Segundo a norma estabelecida pelos cânones, “quem joga as espécies consagradas ou as subtrai ou conserva para fim sacrílego incorre em excomunhão *latae sententiae* reservada à Sé apostólica; além disso, se for clérigo pode ser punido com outra pena, não excluída a demissão do estado clerical”¹⁹⁰.
- No final da distribuição da santa comunhão durante a celebração da missa, o que restar do Sangue de Cristo deve ser imediata e inteiramente consumido pelo sacerdote ou, segundo as normas, por outro ministro.

5.3.8 O Silêncio Eucarístico no pós-comunhão

318. O momento pós-comunhão é um momento sagrado. Toda a comunidade é convidada ao Silêncio Eucarístico. Esse silêncio-sagrado pode ser estendido até a oração depois da comunhão.

319. Para ajudar os fiéis a rezar também nesse momento, pode ser oportuno, depois de um tempo de silêncio-sagrado, em algumas celebrações, entoar um hino, salmo, ou outro cântico de louvor e ação de graças.¹⁹¹

320. Não é conveniente um canto de adoração para que não se confunda com uma adoração ao Santíssimo Sacramento.

5.3.9 Oração depois da comunhão

321. A oração depois da comunhão liga-se ainda à liturgia eucarística, e é o seu fechamento, pedindo a Deus as graças necessárias para se viver no dia-a-dia tudo o que se manifestou perante a assembleia durante a celebração. O sacerdote diz *Oremos*, faz um momento de silêncio, profere a oração, e o povo responde pela aclamação, Amém.

188 Cf. RS,105

189 Cf. Id n.106

190 CDC, cân.1367 Excomunhão *latae sententiae*. Isto é, o que comete o sacrilégio está excomungado automaticamente

191 Cf. IGMR n.56j e 121



5.4 Ritos Finais

322. “Terminada a oração depois da Comunhão, façam-se, se necessário, breves comunicações ao povo”¹⁹². Evite-se que os comunicados (avisos, que podem ser feitos pelo padre ou por um fiel leigo) sejam numerosos e enfadonhos. Para isso, deve-se lançar mão de outros meios, como boletins, jornaizinhos da Comunidade, cartazes, mídias sociais, site, rádio e televisão.

323. “O rito de encerramento da Missa consta fundamentalmente de três elementos: a saudação do sacerdote, a bênção (que em certos dias e ocasiões é enriquecida e expressa pela oração sobre o povo, ou por outra forma mais solene), e a própria despedida, a fim de que todos voltem às suas atividades louvando e bendizendo o Senhor com suas boas obras”¹⁹³.

324. O Canto de Dispersão (canto final) não é algo previsto pela Instrução Geral do Missal Romano, mas tem a função de acompanhar o momento da saída da equipe de celebração ou do povo. O Hinário ABC Litúrgico traz uma série de cantos de dispersão, que podem ser substituídos por um canto à Nossa Senhora, ao santo padroeiro ou por um arranjo instrumental.

¹⁹² Ibid. n.166

¹⁹³ Ibid. n.57



CAPÍTULO 6

A CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS E DAS EXÉQUIAS

6.1 A Celebração da Reconciliação (de um só penitente)¹⁹⁴

325. O necessário para a celebração é: Alva (ou túnica ou sobrepeliz), estola roxa. Pode-se colocar no confessionário/capela da reconciliação também o ritual, água e uma caixa com lenços de papel. Não se usa casula neste sacramento.¹⁹⁵

326. *Ritos Iniciais*

- Acolhimento do penitente: O padre, com brandura e em local adequado (confessionário/capela da reconciliação), recebe o penitente amavelmente, com o sinal da Cruz e com uma saudação de confiança e misericórdia.

327. *Liturgia da Palavra*

- Leitura da Palavra de Deus: O ritual prevê várias sugestões de leituras bíblicas que proclamam a misericórdia de Deus e exortam a pessoa à conversão. A Leitura da Palavra é indispensável, por menor que seja o trecho, não se deve dispensar o Senhor que fala ao penitente por meio da Palavra.

328. *Liturgia específica da Reconciliação*

- O penitente confessa os seus pecados.
- Após essa confissão, o padre, com a prudência do Evangelho, orienta o penitente para a vida em Cristo com as mudanças que ela pode acarretar.
- O padre dá-lhe a penitência (reparação) à qual o penitente aceita para sinalizar a reparação do pecado e emendar sua vida.
- O penitente expressa sua contrição e sua confiança na misericórdia de Deus (ato de contrição).
- O sacerdote, com as mãos estendidas sobre a cabeça do penitente (que pode estar ajoelhado), diz a absolvição (com a fórmula própria e essencial):

¹⁹⁴ Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos da Diocese de Santo André.

¹⁹⁵ Antecede o Rito propriamente dito o exame de consciência realizado pelo penitente



329. Fórmula Sacramental

- “Deus, Pai de misericórdia, que pela morte e ressurreição de seu Filho reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E EU TE ABSOLVO DOS TEUS PECADOS, EM NOME DO PAI, DO FILHO, E DO ESPÍRITO SANTO.

330. Ritos Finais

- Louvor a Deus: O Sacerdote convida a dar graças a Deus pelo perdão recebido.
- Despedida: O penitente retira-se ouvindo a fórmula do sacerdote: “vá em paz!” ou outra semelhante.

6.2 A Celebração da Unção dos Enfermos¹⁹⁶

331. O necessário para a celebração é: Alva (ou túnica ou sobrepeliz), estola roxa, o óleo dos enfermos (algodão), e, se necessário o ritual, se houver comunhão, a teca com o Santíssimo Sacramento (com o corporal e sanguíneo, se for o caso). Os presbíteros não usam casula neste sacramento (a não ser que a unção dos enfermos ocorra junto da Celebração Eucarística).

332. Ritos Iniciais

- Saudação Inicial: O presidente atualiza a presença de Deus.
- Convite à oração: O sacerdote introduz a celebração encomendando o enfermo.
- Ato Penitencial: Se o enfermo desejar (e tiver consciência) recebe neste rito o sacramento da penitência; na sua falta, realiza-se um ato penitencial como na Missa (no perigo extremo de morte o sacerdote dá a absolvição com indulgência plenária).

333. Liturgia da Palavra

- Leitura Bíblica: É proclamado um texto da Sagrada Escritura (que não deve ser omitido, por menor que seja o trecho, deve ser lida a Palavra de Deus).
- Se oportuno, faz-se um breve comentário da Palavra.

¹⁹⁶ Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos da Diocese de Santo André



- Profissão de Fé: O enfermo faz o Credo em sinal de sua adesão à fé.
- Oração dos Fiéis: São feitas súplicas a Deus pelo doente em forma de ladainha.

334. *Liturgia Específica da Unção*

- Imposição das Mãos: O sacerdote, em silêncio, impõe as mãos sobre o doente.
- Ação de Graças sobre o óleo: Bendiz-se a Deus pelo óleo dos doentes (com excepcionalidade, caso não haja óleo dos enfermos disponível, benze-se um óleo para este fim).
- Sagrada Unção: O sacerdote unge com o óleo dos enfermos a fronte e as palmas das mãos do doente enquanto diz a fórmula sacramental (se necessário, após o uso do óleo o presidente pode secar os dedos com um algodão).

335. *Fórmula Sacramental*

- “Por esta santa unção e por sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo. Para que, livre dos teus pecados, ele te salve, e na sua bondade, alivie os teus sofrimentos”.

336. *Ritos Complementares*

- Oração: Pede-se a Deus a cura do enfermo. Se agonizante pede-se para ele a consolação, alívio e misericórdia.

337. *Ritos Finais*

- Pai-Nosso: Reza-se a oração do Senhor.
- Comunhão: Se em condições e desejoso de receber ao enfermo é entregue a comunhão.
- Bênção e despedida: O sacerdote abençoa e se despede do enfermo, e se for o caso de seus familiares.

6.3 A Celebração do Matrimônio (fora da missa)¹⁹⁷

338. O necessário para a celebração é: a aliança dos noivos, Alva (ou túnica ou sobrepeliz), estola branca, (se presbítero pode-se somar a estes a capa de asperge, se diácono a dalmá-

¹⁹⁷ Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos da Diocese de Santo André



tica – não usam capa), caldeira com hissopo, ritual, genuflexório, a documentação própria do casamento e uma caneta, local para a assinatura e, se houver comunhão, a Eucaristia (na âmbula, acompanhada do corporal e do sanguíneo). Os presbíteros não usam casula neste sacramento (a não ser que o matrimônio ocorra junto da Celebração Eucarística).

339. É de relevância que, na entrevista com os noivos, se combinem alguns detalhes da liturgia do dia. Quais as leituras serão feitas, se haverá comunhão, cortejos, entrada das alianças, quais as músicas, entre outros.

340. A partir da caridade pastoral sejam tratadas com zelo as músicas desta celebração litúrgica em seus momentos próprios. Muitas vezes quem toca nessas ocasiões não é membro da comunidade e não está comprometido com o espírito da celebração. O repertório musical, dentro das possibilidades pastorais, deve passar pela apreciação do pároco, obedecendo três aspectos:

- Aspecto Litúrgico: o texto, a forma, o estilo da música deve estar em sintonia com a natureza da liturgia.
- Aspecto Musical: deve ser técnica e esteticamente razoável.
- Aspecto Pastoral: a música deve ajudar a assembleia a participar adequadamente da celebração.

É de conhecimento de todos que, este aspecto é, liturgicamente, um dos mais difíceis das comunidades, é necessário o aprimoramento desta dimensão).

* para Celebração do Matrimônio na Missa consulte-se o Ritual do Matrimônio e o Folheto ABC Litúrgico próprio.

341. Ritos Iniciais

- Se houver cortejos, ocorrem neste momento (pais, padrinhos, noivos, noiva) Saudação Inicia O presidente atualiza a presença de Deus e dá as boas vindas.
- Oração. Súplica a Deus pelos contraentes.

342. Liturgia da Palavra

- Leitura Bíblica: É proclamado um texto da Sagrada Escritura (que não deve ser omitido, por menor que seja o trecho, deve ser lida a Palavra de Deus, pode haver, três leituras, 1ª, 2ª e Evangelho, além do Salmo, as circunstâncias indicam o número e quais os textos, que podem ser escolhidos com os noivos previamente).



- Segue a homilia com a reflexão sobre o sacramento do matrimônio e a vida familiar.

343. Liturgia específica do Matrimônio

- Interrogatório aos noivos: Os noivos são interrogados sobre sua liberdade, o compromisso por toda a vida e a responsabilidade na comunicação da vida.
- Consentimento: Os noivos, pegando-se pelas mãos, dizem um ao outro a fórmula do consentimento. Lembre-se que o consentimento faz o matrimônio.

344. Fórmula Sacramental

- “EU, (N), TE RECEBO (N), COMO MEU ESPOSO(A), E TE PROMETO SER FIEL, AMAR-TE E RESPEITAR-TE, NA ALEGRIA E NA TRISTEZA, NA SAÚDE E NA DOENÇA, TODOS OS DIAS DA NOSSA VIDA.”
- Aceitação do consentimento: O ministro, testemunha qualificada da Igreja, com sua aceitação indica a indissolubilidade deste ato e confirma o compromisso humano e divino.

345. Ritos acompanhantes

- Bênção e entrega das Alianças: (Há a entrada, se for o caso) A bênção e troca das alianças como sinal do amor e da fidelidade conjugal (aspergem-se as alianças).
- Oração dos Fiéis: A assembleia suplica a Deus pelos novos esposos.
- Bênção nupcial: O sacerdote dá a bênção solene sobre os esposos pedindo a Deus todo tipo de bens (os noivos ajoelham-se para este gesto)
- Há o costume (não ritualmente previsto) de se convidar os noivos a se beijarem manifestando o amor concretizado e abençoado.

346. Ritos Finais

- Pai-Nosso: Reza-se a oração do Senhor.
- Comunhão eucarística: Se os novos esposos podem e desejam receber a Eucaristia o fazem selando a sua união com Cristo (tendo o corporal sobre o altar, dirige-se até o sacrário, busca-se a âmbula e lhes é entregue a Eucaristia dizendo: “o corpo de Cristo”; depois retorna-se a âmbula ao sacrário e se faz a oração depois da comunhão).
- Bênção e despedida: O sacerdote abençoa o casal e a todos, se despede dos esposos que, antes dos cumprimentos, assinam a documentação do processo matrimonial (caso haja efeito civil que seja avisado aos presentes).



6.4 A Celebração do Batismo (de Crianças, fora da missa)¹⁹⁸

347. O necessário para a celebração é: Alva (ou túnica ou sobrepeliz), estola branca (se presbítero pode-se somar a estes a capa de asperge, se diácono a dalmática), água na pia batismal, óleo dos catecúmenos, óleo da crisma (algodão), vela (e também o Círio), veste batismal, toalha, sal (se for o caso), ritual e a certidão de batismo. Os presbíteros não usam casula neste sacramento (a não ser que o batismo ocorra junto da Celebração Eucarística).

348. A partir da caridade pastoral sejam tratadas com zelo as músicas desta celebração litúrgica em seus momentos próprios. Se possível que haja um grupo de cantores da comunidade para esta celebração.

349. *Ritos Iniciais*¹⁹⁹

- Rito de Acolhida: Com a saudação inicial o presidente atualiza a presença de Deus e dá as boas-vindas.
- Pedido do Sacramento: Os pais pedem o Batismo para seus filhos.
- Recepção das crianças: O presidente os recebe em nome da Igreja e os per-signa com o sinal da cruz, depois do presidente os pais e padrinhos fazem também o gesto na criança.
- Compromisso de pais e padrinhos: Os pais e padrinhos se comprometem a educar na fé as crianças.
- Caso este momento tenha sido feito à porta da Igreja, faz-se a procissão com o Círio Pascal até o local onde ocorrerá a Liturgia da Palavra.

350. *Liturgia da Palavra*

- Leitura Bíblica: É proclamado um texto da Sagrada Escritura (que não deve ser omitido, por menor que seja o trecho, deve ser lida a Palavra de Deus, podem haver três leituras, 1ª, 2ª e Evangelho, além do Salmo, as circunstâncias indicam o número e quais os textos).
- Segue a homilia com a reflexão sobre o sacramento do Batismo à luz da Palavra de Deus.
- Oração dos Fiéis: São dirigidas súplicas a Deus pelos que vão ser batizados

¹⁹⁸ Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos da Diocese de Santo André

¹⁹⁹ * Segundo as circunstâncias é feito à porta da Igreja ou em outro local

Segundo o ritual do batismo, no Brasil, a veste batismal pode ser branca ou de outra cor, segundo a sensibilidade e os costumes locais



e suas famílias.

351. Exorcismo e Unção pré-batizmal

- Ladainha de Todos os Santos: Invocação dos Santos pedindo a sua intercessão e proteção para os batizando.
- Imposição das Mãos: O presidente impõe as mãos sobre a cabeça das crianças sem dizer nada. Em seguida faz a oração de exorcismo.
- Exorcismo: Oração com a qual se pede que os batizando sejam livres da mancha original e de todos os males e a inabitação do Espírito Santo.
- Unção pré-batizmal com o óleo dos catecúmenos: As crianças são unguidas no peito com o óleo significando a proteção de Cristo Salvador (se necessário, após o uso do óleo o presidente pode secar os dedos com um algodão).

352. Liturgia específica do Batismo

* Se cabível pode ser feita uma procissão até a Pia ou Fonte Batizmal neste momento.

- Benção da Água: Bendiz-se a Deus pela água e se pede que a água da fonte tenha o poder do Espírito Santo (epiclese) para que aqueles que vão ser batizados ressuscitem com Cristo.
- Renúncia ao Pecado: Em nome dos que vão ser batizados, os pais e padrinhos renunciam ao demônio e a todas as suas obras e tentações.
- Profissão de Fé: Pais e Padrinhos, em nome das crianças, professam a fé católica na qual serão batizadas.
- A criança, segurada pelos padrinhos ou pelos pais recebe a água sobre a cabeça por três vezes enquanto se diz a fórmula (após o gesto pode-se secar a cabeça da criança).

353. Fórmula Sacramental

- “(N) EU TE BATIZO EM NOME DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO”

354. Ritos Complementares

- Unção com o Santo Crisma: Manifestando a sua incorporação a Cristo, sacerdote, profeta e rei as crianças são unguidas na cabeça com o Santo Crisma (se necessário, após o uso do óleo o presidente pode secar os dedos com um algodão).
- Imposição da Veste Batizmal: Como sinal de que foram revestidos de Cristo coloca-se nos batizados uma veste branca ou de outra cor conforme a sensi-



bilidade e os costumes locais. Ou faça-se alusão à veste que já estão usando (o que é o mais normal).

- Entrega da Luz: Entrega-se aos pais e padrinhos uma vela acesa a partir do Círio Pascal, sinal de que os batizados foram iluminados por Cristo e devem se guiar por sua luz.
- Éfeta: Tocam-se os ouvidos e a boca dos batizados dizendo (como Jesus ao curar os surdos): éfeta, pedindo a Deus que estes novos cristãos escutem sua Palavra e proclamem a sua Glória.

355. *Ritos finais*

- Pai-Nosso: Reza-se a Oração do Senhor, na qual os novos batizados chamam a Deus, pela boca de seus pais e padrinhos, de Pai.
- Ato de devoção a Nossa Senhora: Onde é costume pode ser realizado um gesto devocional a Maria, confiando à sua proteção a vida e a fé dos batizados. Se houver costume pode haver inclusive uma madrinha/padrinho de “consagração” a Nossa Senhora.
- Bênção e despedida: Conclui a celebração abençoando às crianças, pais e padrinhos e a todos.

* para Celebração do Batismo na Missa consulte-se o Ritual do Batismo e o Folheto ABC Litúrgico próprio.

6.5 A Celebração da Crisma (na missa)²⁰⁰

356. O presidente desta celebração é o bispo, a quem cabe, por excelência, a confirmação da fé dos membros da Igreja. Esta presidência ele faz de per si ou através de um delegado seu para a celebração (sobre os momentos que o bispo usa as insígnias consulte o apêndice próprio da missa com o bispo, os momentos específicos da crisma estão abaixo).

357. O necessário para a celebração é: Alva (ou túnica), casula e estola vermelha ou outra cor se a celebração do dia assim exigir, óleo do crisma (algodão), para o bispo solidéu, mitra e báculo; ritual, lavabo (com limão e/ou sabonete) e, se for o caso, velas para a renovação das promessas batismais.

²⁰⁰ Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos. A celebração da Confirmação pode ocorrer dentro da Missa ou fora. Os casos em que ocorrem fora são incomuns em nossa Diocese de Santo André, e, em geral, estão ligados à iminência de morte



358. A missa a ser celebrada, em geral, é a do Sacramento da Crisma, com oração do dia, sobre as ofertas, prefácio, pós-comunhão e bênção final próprias. Excetuam-se os domingos do Advento, da Quaresma, da Páscoa, nas solenidades, na quarta-de cinzas e nos dias da Semana Santa.

359. Os momentos são os próprios da celebração eucarística com as seguintes inserções próprias do rito.

360. Apresentação dos Crismandos.

- Após a proclamação do Evangelho, o pároco/administrador paroquial apresenta os crismandos ao bispo que, em nome da Igreja os acolhe para a recepção do Sacramento (bispo com mitra e báculo)

361. Renovação das Promessas Batismais

- Os crismandos (acendem as velas no Círio) são convidados a renovarem as promessas batismais, renunciando ao pecado e fazendo a profissão de fé católica (bispo com mitra e báculo).

362. Imposição das Mãos

- Em seguida, o bispo (ou seu delegado), juntamente com os concelebrantes, impõem as mãos sobre o conjunto dos confirmandos enquanto suplica o envio do Espírito Santo (epiclese). Se for bispo, sem mitra e sem báculo. Sozinho, o presidente reza em voz alta a oração.

363. Unção com o Santo Crisma

- Os confirmandos, aproximam-se do presidente (bispo com mitra e báculo) com seus padrinhos, que, em geral, colocam as mãos sobre o ombro de seus afilhados. Os crismandos são ungidos na fronte enquanto se diz:

364. Fórmula Sacramental

- “(N) RECEBE POR ESTE SINAL O ESPÍRITO SANTO, DOM DE DEUS”.
- O crismando confirma com o seu Amém.

365. Sinal de Paz

- Deseja-se a paz a cada confirmando: “A paz esteja contigo”.
- O crismando responde: “E contigo também”.

366. Sinal de Fortaleza

- Pode-se realizar o gesto de dar um leve “tapa” no rosto do confirmado indi-



cando a fortaleza que ele possui diante da vida através dos dons do Espírito que lhe foram concedidos.

- Terminada a unção o presidente da celebração lava as mãos e continua a partir da Oração Universal [Oração dos fiéis]. A celebração eucarística segue como de costume até o seu final com a benção própria.

6.6 O Sacramento da Ordem (sempre dentro da missa)²⁰¹

- O presidente desta celebração é o bispo.
- O necessário para as ordenações: Alva (ou túnica), estolas e casulas para o presidente e concelebrantes (brancas em geral), tapete e ritual.
- Os itens específicos:
- Diaconal: Estola diaconal e dalmática e Evangeliário,
- Presbiteral: Óleo do Crisma, estola presbiteral, casula, cálice e patena, lavabo (com limão e/ou sabonete), toalha de mão para o ordinando.
- Episcopal: Óleo do Crisma, Evangeliário, Anel, Mitra, Báculo, lavabo (com limão e/ou sabonete), toalha de mão para o ordinando.
- A missa a ser celebrada, em geral, é a do Sacramento da Ordem, com oração do dia, sobre as ofertas, prefácio, pós-comunhão e benção final próprias.
- Os momentos são os próprios da celebração eucarística com o seguintes inserções próprias do rito são:

367. Apresentação do(s) Candidatos

- Após o Evangelho o candidato é chamado pelo diácono pelo nome e apresentado por um presbítero (ou outro) para que o bispo o ordene, o bispo pergunta sobre sua dignidade antes de escolhê-lo. Na ordenação episcopal se lê o mandato pontifício (do papa que o escolheu).

368. Promessas

- Após a homilia o ordinando faz a promessa de fidelidade ao bispo ou, se se trata de ordenação de bispo, ao papa.

²⁰¹ Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos, alguns roteiros para a celebração podem ser encontrados no subsídio diocesano para os ministérios extraordinários



369. Ladainha de Todos os Santos

- Invoca-se Cristo, o Senhor, e os Santos para que Deus conceda abundância de graças ao eleito para o bem da Igreja (todos se ajoelham voltados ao altar e o ordinando se prosta ao chão – nos domingos e no Tempo Pascal fica-se em pé).

370. Imposição das Mãos

- O bispo ordenante impõe suas mãos sobre a cabeça do eleito (tudo em silêncio). Caso se trate de ordenação episcopal também impõe as mãos todos os bispos presentes com gesto sacramental (co-ordenantes). No caso da ordenação de presbíteros, os demais presbíteros impõe suas mãos como gesto de comunhão, recebendo o ordinando na ordem do presbiterado. Na ordenação de diáconos só impõe as mãos o bispo.

371. Oração de Consagração

- Depois, o ordenante reza, com as mãos impostas sobre o ordinando, a oração de consagração na qual se louva a Deus pelo dom do sacerdócio na Igreja e se pede para o candidato a força do Espírito Santo.

372. Fórmula Sacramental

*segue o núcleo de cada uma:

- (para diáconos) “Envia sobre ele, Senhor, o Espírito Santo, para que, fortalecido com tua graça dos sete dons desempenhe com fidelidade seu ministério.”
- (para presbíteros) “ Nós te pedimos, Pai Todo-poderoso, confiras a este teu servo a dignidade do presbiterado; renova no coração dele o Espírito de santidade. Receba de ti o sacerdócio de segundo grau e seja, com sua conduta, exemplo de vida.”
- (para bispos) “Infundi agora sobre este teu servo que escolheste, a força que de ti procede: o Espírito de Soberania que deste ao teu amado Filho, Jesus Cristo, e que ele, por sua vez, comunicou aos santos apóstolos, que estabeleceram a Igreja em diversos lugares como teu santuário para glória e louvor incessante de teu nome.”

373. Unção com o Santo Crisma

- Os bispos são ungidos na cabeça com o Santo Crisma e os presbíteros nas mãos como sinal de sua configuração com Cristo (os diáconos não são ungidos na ordenação e não participam de Cristo cabeça).



374. Imposição das Vestes

- Os novos ordenados são vestidos com a veste própria de seu grau.
- Diáconos: Estola cruzada no peito, do ombro esquerdo caindo para o lado direito e a dalmática (conforme orientação do Diretório dos Diáconos).
Presbíteros: Estola sobre os ombros caindo sobre o peito e a casula.

375. Entrega dos objetos de sua missão e insígnias

- Os diáconos: Evangeliário
- Os presbíteros: o cálice e a patena
- Os bispos: Evangeliário, anel, (pálio, se for o caso,) mitra, báculo pastoral.

376. Recepção no Grau da Ordem

- Os diáconos são cumprimentados pelo bispo e, em seguida, pelos diáconos, com o ósculo da paz.
- Os presbíteros são cumprimentados pelo bispo e, em seguida, pelos presbíteros, com o ósculo da paz.
- O novo bispo recebe os cumprimentos de todos os bispos presentes (e ocupa o primeiro lugar entre os concelebrantes, ou a sua cátedra, se for o caso)
- A celebração eucarística segue como de costume, com o ordenado realizando os gestos próprios de sua ordem, até a oração depois da comunhão.

377. Bênção ao Povo (somente na episcopal)

- No caso de ordenação episcopal o novo bispo é conduzido para percorrer a igreja abençoando a assembleia reunida.

378. Alocução

- O novo ordenado (ou um deles se forem mais) dirige algumas palavras ao povo.

379. Bênção

- A bênção ocorre com a fórmula própria para cada ordenação.



6.7 Exéquias (Sacramental)²⁰²

380. O necessário para a celebração é: Alva (ou túnica ou sobrepeliz), estola roxa, o ritual, asperge e turíbulo com naveta (se for o caso). Os presbíteros usam casula neste sacramento apenas se este ocorrer junto da Celebração Eucarística, também neste caso utiliza-se o Círio Pascal junto ao caixão/féretro).

* as exéquias podem ocorrer tanto dentro como fora da celebração eucarística. Na Missa o rito ocorre após a oração depois da comunhão.

381. *Ritos Iniciais*

- Se na Igreja recebe-se o corpo do fiel defunto, se no velório público aproxima-se do Corpo. Faz-se a saudação acolhedora.

382. *Oração da assembleia*

- Pede-se a Deus a alegria eterna para o irmão falecido.

383. *Liturgia da Palavra*

- Proclamam-se as leituras da Palavra de Deus como na Missa, sobre o número desta observe-se as disposições das pessoas e do ambiente.
- Homilia. O presidente ajuda a entender a morte do cristão à luz da Páscoa de Jesus Cristo.

384. *Oração Universal*

- A assembleia pede a Deus pelo fiel defunto, por si mesma e pelos demais sofredores.

385. *Finais*

- Última recomendação
- Aspersão e incensação
- Oração
- Benção
- Canto de Despedida

* se for o caso neste momento há a saída para o jazigo.

²⁰² Os aspectos bíblicos-teológicos e as orientações canônicas encontram-se no Diretório dos Sacramentos. Alguns roteiros para a celebração podem ser encontrados no Subsídio diocesano para os Ministérios Extraordinários



CAPÍTULO 7

AS CELEBRAÇÕES NO ANO LITÚRGICO

7.1 O Tempo Litúrgico

386. A Santa Mãe Igreja considera seu dever celebrar, todos os dias do ano, o memorial da obra da salvação do seu divino Esposo, a Páscoa do Senhor, com exceção da Morte do Senhor, celebrada em liturgia própria na Sexta-feira Santa. A vivência da única e mesma Páscoa expressa-se em celebrações anuais, semanais e diárias.

387. A Celebração da morte e ressurreição de Jesus Cristo, expressos de particular maneira no Tríduo Pascal, compõe o centro da vida celebrativa e a maior das festas do ano litúrgico.

388. Ao longo do ciclo do ano o mistério pascal vai se desdobrando. Em cada semana, no dia que veio a chamar-se Domingo, celebra-se a memória da Ressurreição do Senhor. Diariamente também através da oração da Igreja (sobretudo a Liturgia das Horas) e da missa diária vive-se a Páscoa no quotidiano.

7.2 O Domingo

389. No primeiro dia de cada semana, chamado Dia do Senhor ou Domingo, a Igreja, desde os apóstolos, celebra o mistério pascal. Sendo o domingo o núcleo e o fundamento do calendário cristão, é dele que a Igreja desenvolve todo o mistério de Cristo.

390. O Domingo cede sua celebração somente às solenidades, às festas do Senhor inscritas no calendário geral (e, em princípio, exclui a atribuição perpétua de outra celebração qualquer, exceto as festas da Sagrada Família, do Batismo do Senhor, as solenidades da Santíssima Trindade e de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo).

391. Observação: Nossa Senhora Aparecida no Brasil possui a celebração como solenidade (12 de outubro), por ser padroeira do país possui precedência sobre o Domingo do Tempo Comum.

392. Os domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa têm precedência sobre todas as festas do Senhor e todas as solenidades.



7.3 Ano litúrgico

393. A celebração do ano litúrgico possui uma força peculiar e grande eficácia sacramental. O próprio Cristo pelas celebrações continua sua obra de misericórdia, quer em seus mistérios, quer nas memórias dos Santos, e principalmente nas de sua Mãe. Assim, os fiéis de Cristo, não só comemoram e meditam os mistérios da Redenção, mas entram mesmo em contato com eles, comungam neles e por eles vivem.

394. A Igreja celebra o Mistério Pascal de Cristo ao longo do ano litúrgico que começa no 1º domingo do Advento e termina com a 33ª ou 34ª semana do Tempo Comum (na qual se celebra a solenidade de Cristo Rei).

395. O dia litúrgico se estende de meia-noite a meia-noite. A celebração do domingo e das solenidades, porém, começa com as vésperas do dia precedente (o horário referência é 18h, sinal do entardecer, passível de flexibilização horária local).

396. Para cada tempo litúrgico existe uma espiritualidade com orientações próprias nas celebrações eucarísticas.

397. O Ano Litúrgico é o “calendário religioso” pelo qual o povo cristão revive anualmente todo o Mistério da Salvação centrado na Pessoa de Jesus, o Messias. Contém as datas dos acontecimentos da História da Salvação. Apesar disto ele não coincide com o ano civil (que começa no dia primeiro de janeiro e termina no dia 31 de dezembro).

398. Cumprem-se nele três ciclos através dos evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc possuem semelhante perspectiva): A, B, e C. No Ano (ou ciclo) A, predomina a leitura do Evangelho de São Mateus; no Ano (ou ciclo) B, predomina a leitura do Evangelho de São Marcos e no Ano (ou ciclo) C, predomina a leitura do Evangelho de São Lucas.

399. É, portanto, uma realidade *teológica*, e não uma mera organização temporal da Igreja. É a compreensão e organização *cristã* do ano solar: o mesmo espaço de tempo, mas pela fé em Cristo é compreendido como tempo de salvação. Nele, os crentes desenvolvem ciclicamente suas celebrações em memória e em honra de Jesus Cristo.

400. Sua duração de 365 dias coincide com o ano civil, mas seu reinício cíclico não, que é determinado no ano litúrgico pelo primeiro domingo do Advento. O ano civil, por sua vez, tem no Ocidente o Primeiro de Janeiro como data de começo do “ano-novo”²⁰³.

401. O Ano Litúrgico é organizado através de dois Ciclos: o Pascal e o do Natal. No primeiro está contido o Tríduo Pascal (centro de todo o Ano), com a Quaresma como sua preparação e um tempo posterior como seu prolongamento. O Ciclo do Natal possui sua

203 Cf. CELAM, Manual de Liturgia IV, p.16



preparação no Advento e o seu prolongamento até a festa do Batismo do Senhor. Entre estes dois Ciclos há o Tempo Comum (em duas partes) que os intercala.

402. Durante todo Ano Litúrgico a música litúrgica ajuda-nos a celebrar o Mistério Pascal de Cristo. As músicas em cada tempo litúrgico se distinguem por três elementos: letra, melodia e o mistério celebrado.

7.4 O Ciclo do Natal (Ciclo da Manifestação)

403. O Ciclo de Natal (da Manifestação) ou ciclo natalino começa com o primeiro domingo do advento e termina com a festa do Batismo do Senhor. O mistério particular de Cristo de suas celebrações é o da manifestação do Senhor, manifestação na carne. Isto se dá do nascer em Belém (Natal), à manifestação às nações na visita dos magos do Oriente (Epifania) bem como por sua manifestação a Israel no início de seu ministério messiânico (Batismo). É o tempo da encarnação, do Emanuel (Deus-conosco)²⁰⁴, início da redenção salvífica.²⁰⁵

7.4.1 O advento

404. O tempo do advento, cujo nome deriva do latim *adventus Domini* (chegada ou vinda do Senhor), não tem um número fixo de dias, pois está determinado pelo dia da semana em que cai a solenidade do Natal. É um tempo ritmado por seus quatro domingos, destinado a preparar o povo cristão para a segunda grande festa cristã do ano depois da Páscoa: o nascimento de Jesus ou Natal.

405. “O Tempo do Advento possui dupla característica: a preparação para as solenidades do Natal e a expectativa da segunda vinda de Cristo no fim dos tempos”²⁰⁶. É tempo de piedosa, esperançosa e vigilante oração. Começa com as primeiras vésperas do domingo mais próximo do dia 30 de novembro e termina com as primeiras vésperas do Natal do Senhor. Este tempo não conta com o Hino de Louvor e suas partes fixas devem deixar clara a espiritualidade deste tempo.

406. As características fundamentais deste Tempo são:

Duração do tempo: quatro semanas

Espiritualidade: esperança

204 Is 7,14

205 Cf. CELAM, Manual de Liturgia IV, p.37

206 IGMR, n.39



Ensino: anúncio da vinda do Messias

Cor: Roxa (e, róseo no terceiro domingo)

407. O Advento compreende-se em dois períodos:

O primeiro (das vésperas do 1º domingo até o dia 16 de dezembro inclusive) consiste na preparação para a segunda vinda do Senhor; O segundo (do dia 17 a 24 de dezembro) prepara-nos mais diretamente para a celebração do nascimento de Cristo. Trata-se, portanto, de uma dupla estrutura: o advento escatológico e o advento natalício.

7.4.2 Os Domingos do Advento

408. As leituras bíblicas, sobretudo o evangelho de cada domingo, dão-nos a chave que conduzirá nossa reflexão por meio da Palavra, também o canto manifestará este espírito.

- *No primeiro domingo do advento* (anos A-B-C), a palavra de ordem é “vigiai!”.
- *No segundo domingo* (anos A-B-C), João Batista nos convida à “conversão”, à mudança de vida.
- *No terceiro domingo* a Igreja convida-nos à alegria porque a nossa libertação está próxima (cf. Fl 4,4-5), este domingo é chamado de Domingo “*Gaudete*”, ou seja, Domingo da alegria (neste dia pode-se usar a cor róseo nas alfaias). A expressão latina *gaudete*, que significa “alegrai-vos”, refere-se à primeira palavra da antífona da Missa de entrada, tirada da segunda leitura do ciclo C.
- *No quarto domingo*, a figura de Maria tem uma relevância particular pois vivemos nos Evangelhos (anos A-B-C) a Anunciação, a Visitação que origina a vinda do Salvador Jesus Cristo, o Adonai, o Emmanuel.²⁰⁷

7.4.3 A Coroa do Advento

409. A Coroa de Advento possui um sentido especificamente religioso e cristão: anuncia e prepara a chegada do Natal, sobretudo às crianças, suscita a oração em comum e mostra que Jesus Cristo é a verdadeira luz, o Deus da Vida que nasce para a vida do mundo.

410. Este símbolo composto por quatro velas – onde se acende uma a cada Domingo – entrou nas comunidades, e embora não seja oficialmente reconhecido (portanto não obrigatório), é comum neste Tempo do Advento. Por ser um sinal devocional facultativo,

207 Cf. Fonseca. Joaquim, OFM. Revista de Liturgia 2004. Cantando A Liturgia conforme o tempo litúrgico



nunca substituem as velas do altar próprias do uso litúrgico. Também suas cores não possuem normativa p. ex. 4 roxas; 3 roxas e 1 rosa; 4 de cores distintas.²⁰⁸

7.4.4 A Música no Advento

411. O canto e o instrumental são de festiva expectativa/espera. A recitação do Hino de Louvor (“Glória a Deus nas alturas”) é omitida. Busque-se exprimir o sentido desse período por meio de escolhas adequadas.

7.4.5 O presépio

412. O presépio, idealizado e difundido por São Francisco de Assis no século XII, é o símbolo por excelência desse período, completando-se na noite da véspera com a chegada da imagem do menino Deus, que deve ser valorizado. A equipe de liturgia prepare um local digno e adequado, que incentive a contemplação do presépio de todos que por ele passarem, tendo-se espaço e sendo possível, que este local não seja no presbitério.

7.4.6 A Ornamentação

413. Evite-se decorar o presbitério e outros locais do interior do espaço celebrativo com demasiados objetos natalinos que desviem a atenção da participação do Mistério Pascal de Cristo. Ornamenta-se o altar com flores; porém, com moderação.

7.5 O Tempo do Natal

414. Em seguida da celebração anual do mistério pascal com o tríduo pascal, ocupa lugar a celebração da encarnação do Cristo. Celebração esta na Igreja expressa pelo nascimento do Senhor Jesus com suas primeiras manifestações: isso acontece no tempo do Natal²⁰⁹

415. É tempo de alegria e festa. Durante o tempo do Natal cantamos a solidariedade de Deus para conosco, Ele se fez um de nós para nos salvar. Convém dar grande atenção aos cantos do ordinário, em particular ao santo e as aclamações. Os cantos devem estar de acordo com o Mistério que celebramos no Tempo do Natal. Devem se encher de alegria vibrante. Os instrumentos muito podem colaborar para isto.

416. As características fundamentais deste Tempo são:

²⁰⁸ A título de sugestão: a entrada da vela do advento pode ser realizada após a saudação inicial com um refrão meditativo ou canto de advento (p.ex. com refrãos específicos para cada domingo)

²⁰⁹ Cf NUALC, n.32



Início: 25 de dezembro – Missa da Véspera (no dia 24)

Término: com a Festa do Batismo do Senhor.

Espiritualidade: Fé, alegria, acolhimento

Ensino: O Filho de Deus se fez Homem

Cor: Branco

7.5.1 Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo

417. O Tempo do Natal começa com as primeiras vésperas da festa do Natal e termina com o domingo depois da Epifania, ou depois do dia 6 de janeiro. Várias festas são celebradas no tempo subsequente ao Natal:

A memória de Santo Estêvão (26/12): o 1º Mártir, aquele que foi o primeiro a morrer por Cristo.

A Memória de São João Evangelista (27/12): Segundo seu relato, o discípulo amado.

A Memória dos Santos Inocentes (28/12). Todas as crianças mortas por Herodes que mesmo sem conhecer a Jesus, morreram por causa d'Ele.

418. As duas últimas são relacionadas, de modo especial, com o tempo do Natal: São João por ser o evangelista que possui um prólogo em seu Evangelho com uma reflexão teológica profunda sobre a encarnação; e os santos Inocentes pelo relato de Mateus (2,13-18) que demonstra a consequência direta do nascimento de Jesus.

7.5.2 A festa da Sagrada Família

419. É celebrada no domingo dentro da oitava do Natal, associando-se explicitamente o mistério do nascimento de Jesus a seus pais: Maria e José. É a ocasião de celebrá-los como modelos da Igreja e, sobretudo, das famílias. A equipe de celebração pode preparar uma ambientação com a imagem Sagrada Família e motivar com antecedência a presença e participação de todas as famílias da comunidade. Os cantos dessa celebração são próprios. Um detalhe a se observar é que quando o Natal do Senhor ocorrer no Domingo, a Festa da Sagrada Família se celebra no dia 30 de dezembro.

7.5.3 O dia 31 de dezembro

420. O dia 31 de dezembro não é uma solenidade, mas o dia em que grande parte das comunidades se reúnem para celebrar a última Eucaristia do ano civil. Neste dia a Igreja



concede **Indulgência Plenária**²¹⁰ a todas as pessoas que em comunidade rezarem ou cantarem o “*Te Deum*”²¹¹ em ação de graças²¹². Para lucrar a indulgência plenária, além da recusa ao pecado, requerem-se a execução das condições: confissão sacramental, comunhão eucarística e oração nas intenções do Sumo Pontífice.

421. Para celebrar em comunidade a última celebração do ano, pode ser preparado a Liturgia das Vésperas, uma Adoração Eucarística, ou ainda, como mais habitual no Brasil, celebrar a Santa Missa.

422. No dia 31 à noite, pode ser rezada a I Véspera da solenidade do dia seguinte (Santa Maria). Por motivo pastoral, caso as pessoas que estarão no dia 31 sejam as mesmas do dia 1º de janeiro, pode-se rezar a missa do 7º dia da oitava do Natal (os cantos sejam apropriados para cada uma das celebrações).

7.5.4 A solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus

423. É celebrada no dia 1º de janeiro, na oitava do Natal. Nela recorda-se a circuncisão e imposição do nome de Jesus e a maternidade de Maria. É uma festa com pouca repercussão na devoção popular, e cuja coincidência com o início do ano civil dificulta a participação, mas que pode ser trabalhada pela comunidade em vista da companhia de Maria nas estradas do ano que se inicia.

7.5.5 Epifania

424. A Epifania é celebrada no dia 6 de janeiro, como no Brasil não é feriado, celebra-se no domingo entre o dia 2 e 8 de janeiro. Está em íntima relação com o Natal. O acontecimento bíblico da visita dos magos do Oriente (Mt 2,1-12) adquire uma dimensão universal como manifestação do recém-nascido para as nações.

425. O repertório litúrgico dessa celebração é próprio pois nele, cantamos com alegria as maravilhas de Deus que se deu a conhecer aos povos mais distantes, pois sua “Estrela Guia” se pôs diante dos reis para que estes pudessem adorar o “Rei dos reis”. Em cada canto repetimos em diversos momentos as palavras ditas pelos magos: “Pois nós vimos sua estrela brilhar no Oriente e assim vimos adorar o Senhor de toda gente”.

426. Na Solenidade da Epifania do Senhor, após a proclamação do Evangelho, antes da homilia, pode ocorrer o anúncio das festas móveis da Igreja (o texto está no Diretório

²¹⁰ Vide Indulgências, .4

²¹¹ Exemplo de Letra e melodia em português: Te Deum – Deus Infinito Padre Zezinho

²¹² Cf. *Enchiridion Indulgentiarum*, n.60



Nacional para o Ano - CNBB). Nelas o Senhor se manifesta em seu mistério pascal dentro do Ano Litúrgico. Seja este anúncio proclamado ou cantado solenemente.

7.5.6 *Batismo do Senhor*

427. O Batismo do Senhor é a festa que encerra o tempo do Natal. É celebrada no domingo subsequente à Epifania. Em sintonia com a ideia das manifestações do Senhor, essa festa destaca o início de seu ministério messiânico e de sua “vida pública”, uma vez que ele se manifesta ao seu próprio povo, Israel. É uma festa que completa e enriquece teologicamente o ciclo natalino. Significativamente, depois da celebração do Batismo de Jesus, começa o Tempo Comum.

7.6 O Tempo Comum (Primeira Parte)

428. O **Tempo Comum** é o mais extenso do ano litúrgico, ocupando 34 (ou 33) semanas, ou seja, mais da metade do ciclo anual – distribuídos em duas partes: A primeira, entre o fim do ciclo de natal e o início da quaresma; a segunda, todo o período pós tempo pascal até o advento – início do novo ano litúrgico. Neste período meditamos sobre o ministério de Jesus e o anúncio do Reino de Deus com suas consequências. Os cantos são voltados ao tempo com suas realidades quotidianas.

429. As características fundamentais deste Tempo são:

Início: Dia após a Festa do Batismo do Senhor

Espiritualidade do Tempo Comum: Escuta da Palavra de Deus.

Ensinamento: Anúncio do Reino de Deus

Cor: Verde

430. O fato de ser “comum” não significa que este tempo seja menos importante. O tempo comum nos possibilita desfrutar de outros aspectos da vida e da missão de Jesus e seus discípulos que não são contemplados nos ciclos do natal e da páscoa. É o sabor da vida quotidiana, da experiência histórica simples, humana e divina, como caminho para o Sagrado.

431. Cada domingo do Tempo Comum tem o sabor de “páscoa semanal”. “A força da ressurreição perpassa todos os acontecimentos da vida de Jesus. Acontece quando Jesus cura, quando se transfigura, quando se encontra com a pecadora. No domingo em que escutamos o evangelho do surdo, por exemplo, a salvação de Deus que supera nossos limites. A cada domingo ‘o nosso olhar se dirige a Jesus...’ não só para aprender dele, mas



deixando-nos tocar pela força amorosa da sua ressurreição que nos faz passar da morte para a vida”²¹³

7.7 O Ciclo Pascal

432. No Ciclo Pascal somos convidados a reviver a caminhada pascal do Senhor Jesus. A força do seu Espírito nos enche de alegria, para cantarmos a vitória enquanto ainda lutamos. O Ciclo Pascal engloba a quaresma, as festas pascais e o tempo pascal até pentecostes, inclusive.

7.7.1 O Tempo da Quaresma

433. A Quaresma é o Tempo em que a Igreja se une todos os anos, durante os quarenta dias, ao mistério de Jesus no deserto.²¹⁴ Começa em um dia de Semana, a Quarta-feira de Cinzas, cuja data é móvel, e termina na Quinta-feira Santa, antes da missa da Ceia do Senhor. Possui seis domingos; o sexto se chama Domingo de Ramos, e com ele começa a Semana Santa.²¹⁵

434. As características fundamentais deste Tempo são:

Início: Quarta-feira de Cinzas

Término: Quinta-feira Santa de manhã

Espiritualidade: Penitência e conversão

Ensinamento: A Misericórdia de Deus

Cor: Roxa (e Róseo no quarto Domingo)

435. Tanto na liturgia quanto na catequese litúrgica, é preciso recordar o duplo sentido quaresmal, que faz o cristão voltar-se a esses dois eventos: a páscoa do Senhor e o batismo recebido, fazendo os fiéis ouvirem com mais frequência a Palavra de Deus e entregarem-se à oração²¹⁶ As obras penitenciais são o sinal da participação no mistério de Cristo que, por nossa causa, se faz penitente recorrendo ao jejum e ao deserto²¹⁷

²¹³ Fonseca. Joaquim, OFM. Revista de Liturgia 2004. Cantando A Liturgia conforme o tempo litúrgico

²¹⁴ Cf CIC, n.540

²¹⁵ Cf NUALC, n.27-31

²¹⁶ Cf. SC, n.109

²¹⁷ Cf. DL, p.984. Paulus



436. Com criatividade²¹⁸ pode-se atualizar as obras típicas da quaresma: Oração – Jejum – Caridade, adaptando-as à sensibilidade dos tempos atuais, buscando estar em unidade com as campanhas da fraternidade, sem desviar-se da natureza e do objetivo próprio desse tempo litúrgico. A pastoral ajude os fiéis a viver o batismo em sua dimensão individual e comunitária e a celebrar com mais autenticidade a Páscoa, pois, de fato, a vida cristã é essencialmente guiada pela dinâmica pascal.²¹⁹

7.7.2 As Campanhas da Fraternidade

437. Como nos diz a SC, n 110: “A penitência do Tempo Pascal não seja somente interna e individual, mas também externa e social”. Por isso atualizando estes três meios tradicionais, a Igreja no Brasil organiza todos os anos durante a Quaresma, desde 1964, a Campanha da Fraternidade (CF).

438. A Campanha da Fraternidade é uma ação comunitária e social, evangelizadora; procura atingir e mobilizar não só os cristãos, mas também a opinião pública e as organizações sociais.²²⁰ Cada Campanha da Fraternidade está vinculada a um tema. A partir desse tema, elabora-se um texto-base e subsídios bíblicos e litúrgicos.²²¹

439. Após reflexão da CNBB sobre a forma de celebrar a campanha da fraternidade com cantos exclusivos para CF, por exemplo verificou-se que este modo comprometia o repertório bíblico-litúrgico do “tempo forte” do ano litúrgico (a quaresma).²²² Assim, hoje, na quaresma canta-se o Hino da Campanha da Fraternidade que faz alusão ao tema.

440. O Hino pode ser executado em algum momento adequado da celebração, ficando a critério do presidente com a equipe de celebração.²²³

7.7.3 Quarta-feira de Cinzas

441. A Quarta-feira de Cinzas é, junto com a Sexta-feira Santa, um dia de Jejum, e com a quaresma inteira, um tempo de conversão e penitência. A cor roxa, o silêncio do “Aleluia” e do “Glória” e a ausência de flores, são símbolos que acompanham esse tempo até seu

218 vide Anexo IV

219 Cf. DL, p.984. Paulus

220 Cf. Buyst, Ione. Preparando a Páscoa. Paulinas, 2002

221 A pastoral pode preparar também um ambiente com o cartaz, desde que este não seja no presbitério e na mesa da Palavra. Vide cap. 9- sobre cartazes

222 Cf. Fonseca. Joaquim, OFM. Revista de Liturgia 2004. Cantando a Liturgia conforme o tempo litúrgico

223 O hino pode ser entoado em algum momento que facilite a vinculação da liturgia da palavra com o tema refletido pela CF, após a homilia p.ex.



término, na missa da Ceia do Senhor durante a Quinta-feira Santa. Durante esse tempo ganha importância a preparação final dos catecúmenos que recebem os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã na Vigília Pascal.²²⁴

442. As Cinzas são usadas em sinal de penitência, de conversão, de arrependimento e luto pelo pecado. Recebendo as cinzas, reconhecemos que somos todos igualmente pecadores e pedimos ao Senhor a graça da conversão, para que possamos juntos trabalhar para mudar nossa vida pessoal e social.²²⁵

7.7.4 Os Domingos da Quaresma

443. O lecionário – embora trazendo nos dois primeiros domingos dos anos A, B e C o mesmo conteúdo evangélico (Deserto e Transfiguração de Jesus) – propõe três diferentes “itinerários” quaresmais, ao vermos o 3º, 4º e 3º domingos, a saber:

No ano A, os evangelhos estão intimamente relacionados com a temática do batismo (Samaritana, Cego de nascença e Ressureição de Lázaro).

No ano B, o acento recai sobre a pessoa de Jesus Cristo (Expulsão dos vendilhões, Encontro com Nicodemos, “O grão caído na terra”).

No ano C, a penitência e a conversão aparecem bem evidenciados (cf. parábolas da “Figueira estéril”, do “Filho pródigo” e o episódio da “Mulher pecadora”).²²⁶

Alguns pontos a se destacar:

- O Quarto Domingo da quaresma é chamado *Laetare*, ou seja, Domingo da Alegria, semelhante ao *Gaudete*²²⁷, está correlacionado com a antífona de entrada, com a oração do dia e com a oração sobre as oferendas que mencionam a alegria antecipada da festa da Páscoa. Nesse dia, também pode-se usar alfaias e paramentos róseos.
- O sexto Domingo da Quaresma é Domingo de Ramos na Paixão do Senhor. Nesse dia, a cor Vermelha. Também nesse dia, como já dito, inicia-se a Semana Santa.

Observações para o Tempo da Quaresma: excetuando o Domingo “Laetare” (Alegria):

- Não se ornamenta o altar com flores.
- O toque de instrumentos musicais deve apenas sustentar o canto, mantendo

224 Cf. CELAM, Manual de Liturgia IV, p.32

225 Cf. Buyst. Ione. Preparando a Páscoa. Paulinas, 2002

226 Cf. DL, p.982. Paulus

227 Veja 6.4.2



assim a íntima conexão com a espiritualidade desse tempo de conversão, tendo como característica principal a dimensão dialogal e orante. Cantar a quaresma é, antes de tudo, cantar a dor que se sente pelo pecado do mundo.²²⁸

- Durante todo o Tempo, omite-se o Aleluia, bem como também o Hino de Louvor.

7.8 A Semana Santa:

(No Apêndice há Checklists específicos para cada uma das Celebrações da Semana Santa)

444. A Semana Santa tem desde o Domingo de Ramos uma dinâmica própria que começa com a recordação da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém e segue, passo a passo, os acontecimentos de sua paixão e morte, até a sua ressurreição. Liturgicamente isso é expresso no lecionário das missas, que contemplam o relato completo da paixão, do Domingo de Ramos, da Sexta-feira Santa e de todos os demais acontecimentos dos últimos dias de Jesus.

445. É a Semana mais importante do ano para a Igreja, e seu cume são os dias do tríduo que começa com a Ceia do Senhor.

7.8.1 O Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor:

446. O duplo nome da festa indica dois mistérios diferentes, duas realidades espirituais diferentes, duas histórias diferentes: Ramos e Paixão.

447. Nesse dia, como diz o Missal Romano, Cristo vai ao encontro da morte com liberdade de filho, portanto, a Igreja comemora o Cristo Senhor, que entra em Jerusalém para cumprir plenamente o seu mistério pascal. Em todas as missas deve ser feita a memória dessa entrada do Senhor:

448. A celebração da entrada de Jesus, deve valorizar não tanto os ramos de oliveira, mas sobretudo, o ‘mistério’ expresso através da procissão que proclama a realeza messiânica de Cristo. A Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística são uma celebração da paixão do Senhor. Esse, é o único domingo do ano em que se celebra o ‘mistério da morte’ do Senhor com a proclamação do relato da paixão.²²⁹

A preparação desse dia – para a pastoral:

228 Cf CNBB. Hinário Litúrgico 2

229 Cf. DL, p.984. Paulus



- Para as paróquias que celebram o domingo em missa após às 18h (ou após 16h) aos sábados, no sábado que antecede o Domingo de Ramos, a liturgia celebrada é a própria do dia de sábado.
- Como já dito, a cor litúrgica desse dia é o vermelho, cor do martírio, da entrega amorosa da vida.
- No domingo anterior, é bom lembrar às pessoas de trazer seus ramos, a não ser que a equipe de liturgia se encarregue disso.
- Além das coisas costumeiras deve-se preparar no local onde começa a procissão, os seguintes objetos: ramos, mesinha para colocar os ramos, caldeirinha com água, cruz para a procissão, castiçais e velas acesas, o livro litúrgico.
- Na procissão, o sacerdote pode usar capa de asperges (pluvial) ou a casula.
- A procissão seja uma só e feita sempre antes da missa com maior concurso do povo.
- Tentem conciliar a devoção de muitas pessoas que vêm mais para “benzer o ramo” com a exigência de maior aprofundamento da fé por parte daqueles que participam da comunidade.
- Depois da procissão ou entrada solene, omite-se o sinal da cruz e o ato penitencial e diz-se logo a coleta.
- A bênção e a procissão de ramos são inseparáveis; onde não houver procissão e Missa, não pode haver bênção de ramos.
- Durante a leitura da Paixão, não se usa nem o incenso nem velas. Os diáconos que vão ler pedem e recebem a bênção. Omitem-se a saudação ao povo e o sinal da cruz sobre o livro. Depois de anunciada a morte do Senhor, todos se ajoelham, e faz-se uma breve pausa. No fim, diz-se: Palavra da Salvação, mas não se beija o livro²³⁰ Pode ser lida também por leitores leigos, na falta de diáconos, reservando-se a parte de Cristo ao sacerdote.
- Durante a procissão, cantem-se músicas de acordo com o celebrado. Esse período também é fortemente marcado pelo seu repertório musical próprio que carregamos ao longo de nossa história, por isso é necessário preservá-lo priorizando sempre a participação do povo, ou seja, não se deve acrescentar cantos que sejam desconhecidos, (a menos que este, tenha sido introduzido na vida da comunidade por meio de ensaios preparativos).

230 Cf. Cerimonial dos Bispos. n.273



7.9 O Tríduo Pascal

449. O Tríduo Pascal é o centro de todo o Ano Litúrgico. Começa com a celebração da Quinta-feira Santa à noite e termina com o Ofício da tarde do Domingo de Páscoa. O ponto alto é a Vigília Pascal. Os três dias são o desdobramento da mesma celebração do mistério central de nossa fé: o mistério pascal.

450. As características fundamentais deste Tempo são:

Início: Quinta-feira Santa missa da Ceia do Senhor

Término: Após a Missa do dia do Domingo de Páscoa

Quinta-feira santa, à noite, celebra-se a Missa da Ceia do Senhor e Lava-pés.

Cor: Branca. Ao final da Celebração é feito o traslado do Santíssimo Sacramento.

Sexta-feira Santa, celebra-se a Ação (Ato) Litúrgica(o) da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essa celebração não é Missa.

Cor: *Vermelha*.

Sábado Santo, à noite, celebra-se a Vigília Pascal, mãe de todas as vigílias.

Cor: Branca

7.9.1 A Quinta-feira Santa: conclusão da quaresma

451. *Missa Crismal – Santos Óleos* – Realiza a Consagração do Óleo do Crisma e benção dos Óleos dos Catecúmenos e Enfermos. Além disto manifesta a comunhão dos presbíteros com o seu Bispo, do qual são testemunhas e cooperadores, isso se faz mediante a Renovação das Promessas Sacerdotais. Esta celebração, acontece pela manhã em nossa Diocese de Santo André na Catedral. Usa-se a cor branca.

452. *Ceia do Senhor* - A missa da Ceia do Senhor é a recordação da instituição da eucaristia e inaugura o tríduo pascal. Nela, há um lugar especial para a recordação do sacerdócio ministerial como serviço humilde e total, a exemplo de Jesus, que lavou os pés de seus discípulos.

453. Estabelecida pelo Concílio Vaticano II como a abertura do tríduo pascal, reestabeleceu a unidade dos três dias 'sexta-sábado-domingo'. A celebração da missa da Ceia do Senhor - "*in coena Domini*", é feita a noite e possui um caráter festivo. Os textos bíblicos e litúrgicos (chamados eucológicos) realçam o fato de que Cristo nos deu a sua páscoa no



rito da ceia que exige, em nossa vida o serviço e a caridade fraterna para coparticiparmos do mistério da paixão do Senhor.²³¹

454. É dessa forma que somos convidados a mergulhar e vivenciar o rito de lava-pés, onde a presidência da eucaristia é um sinal eloquente dessa entrega da vida inteira aos irmãos, em que tudo é realizado em nome e na pessoa do Cristo - *in persona Christi* – é um sinal sacerdotal que busca a mesma radicalidade do Senhor²³²

*A preparação desse dia – para a pastoral:*²³³

- A cor das vestes litúrgicas é branca;
- No início da Ceia do Senhor, o sacrário deve estar vazio;
- É costume em alguns lugares cantar o *Glória* acompanhado do toque dos sinos (que é silenciado depois deste até a Vigília Pascal). Os instrumentos podem dar um caráter festivo neste momento. Depois, o canto forte de libertação se converte em canto suave de amor, para celebrar e festejar, no amor de Cristo, o amor de Deus que, “de tal modo amou o mundo, que lhe deu o seu Filho único” (Jo 3,16)²³⁴
- Deve-se consagrar partículas suficientes para a Quinta-feira santa e para o dia seguinte, pois, na Sexta-feira Santa não haverá missa, mas somente a distribuição da comunhão.
- Os sacristãos ou a equipe de celebração não devem esquecer de preparar bacia, toalhas, cadeiras para o lava-pés; cruz de procissão, turíbulo (podem ser 2 neste dia); véu de ombros; tochas acesas para a procissão do Santíssimo; panos para cobrir as cruzes e imagens e Pessoas para desnudarem o altar após a celebração.
- Alguns cantos característicos desse dia são: Onde o Amor e a Caridade...; Eu quis comer essa Ceia agora...; Jesus erguendo-se na Ceia...; Eu vos dou um novo mandamento...;
- O Papa Francisco alterou a legislação litúrgica que indicava a necessidade de serem homens no “lava pés”, hoje podem ser homens e mulheres. É preciso cuidar para que o momento não se pareça com um teatro.

231 Cf. Id. n. 297

232 Cf. CELAM, Manual de Liturgia IV, p.34

233 Cf. Buyst, Ione. Preparando a Páscoa, p.6. Paulinas, 2002

234 CNBB, Hinário Litúrgico 2.



- Sugestão para a escolha dos “apóstolos”: deve-se escolher pessoas que prestam um serviço significativo para a comunidade; pessoas que tenham um caminho de fé por todo o ano litúrgico; verdadeiros discípulos de Cristo que o acompanham; ou ainda, pessoas que estejam ligadas ao tema da Campanha da Fraternidade;

455. *A Transladação do Santíssimo na Quinta-feira Santa:* A missa da Ceia do Senhor termina com o traslado do Pão Consagrado ao local da reposição, devidamente preparado, para que a comunidade permaneça em vigília com o Senhor e seja conservado para a comunhão na Celebração da Paixão, na Sexta-feira Santa. A vigília tem nessa noite uma continuidade visível com a eucaristia celebrada. Portanto, não se trata de “sepulcro”, mas do horto das oliveiras. Assim, a comunidade reza junto à presença real e sacramental do Senhor – quer dizer, reza e vigia com o próprio Senhor – em memória de sua paixão e morte, na espera da ressurreição.²³⁵ Para este momento utiliza-se a âmbula (desejavelmente recoberta por um conopeu), nunca o ostensório, para que se manifeste o caráter de vigília e não uma festividade.

456. Em grande parte das comunidades é costume organizar horários para determinados grupos e/ou pastorais permanecerem junto ao Senhor. Neste caso, sugere-se que a equipe de liturgia prepare um bom roteiro que possibilite meditar, sobre o Mistério Pascal da paixão, morte e ressurreição do Senhor, ponto central de nossa fé.

Algumas sugestões para a Pastoral:

- Pode-se organizar momentos de vigília com textos bíblicos, cantos, orações, refrãos.
- Preservem momentos de silêncio e de interiorização (p.ex. os refrãos meditativos diversos de Taizé e outros).
- Alguns textos bíblicos poderiam ser os seguintes: Jo 13, 1-15. 15-30. 31-38; Jo 14, 1-10. 11-14; Jo 15, 12-17. 18-25; 17,1-27
- Alguns cantos significativos: Prova de amor maior não há, *Adoro te Devote* – Eu te adoro ó Cristo, Lamentos do Senhor, Como sofreu o meu Redentor, Vamos todos louvar juntos.

235 Cf. CELAM, Manual de Liturgia IV, Paulus, p.34



7.9.2 Sexta-feira da Paixão do Senhor

457. Neste dia, em que “Cristo, nosso Cordeiro Pascal, foi imolado”, (1Cor 5. 7) a Igreja, com a meditação da paixão do seu Senhor e Esposo e adorando a cruz, comemora o seu nascimento do lado de Cristo que repousa na cruz, e intercede pela salvação do mundo todo.²³⁶

458. A Igreja, seguindo uma antiquíssima tradição, neste dia não celebra a Eucaristia; a Sagrada Comunhão é distribuída aos fiéis só durante a celebração da Paixão do Senhor; aos doentes, impossibilitados de participar desta celebração, pode-se levar a Comunhão a qualquer hora do dia.²³⁷

459. Respeite-se religiosa e fielmente a estrutura da celebração da Paixão do Senhor (Liturgia da Palavra, Adoração da Cruz e Sagrada Comunhão), que provém da antiga tradição da Igreja. A ninguém é lícito introduzir-lhe mudanças de próprio arbítrio²³⁸

460. Em sintonia com o realismo litúrgico desses dias, a celebração ocorra às três horas da tarde (a hora nona, cf.Mt 27,45-46), hora da morte de Jesus. É um dia de jejum, e a Igreja recomenda que este último continue também durante o sábado, até a vigília.

461. A Sexta-feira Santa é dia de muitas manifestações da religiosidade popular em nosso continente: em muitos lugares a via sacra percorre povoados ou bairros inteiros, às vezes com encenação das estações e sempre com grande participação dos fiéis; a procissão do Cristo morto é outro costume arraigado em alguns lugares. Cuide-se para que estas devoções não tomem o lugar da celebração da Paixão do Senhor que é parte integrante do Tríduo Pascal para que ele não fique incompleto.

462. As imagens de Cristo ensanguentado, o “homem das dores”, têm sido na América Latina um forte elemento de identificação para o povo mais simples e sofredor: esse homem ferido e maltratado é o Filho de Deus vitorioso e ressuscitado.

Algumas sugestões para a Pastoral:

- O altar deve estar totalmente despojado: sem cruz, sem candelabros, sem toalha.
- O mais importante na leitura da história da Paixão é fazer uma boa proclamação. Reserve-se a parte do Cristo ao padre. Existem melodias nos hinários litúrgicos para o Anúncio da Paixão do Senhor. Devem estar em conformida-

236 Cf. Congregação para o Culto Divino, Carta Circular, Paschalis Sollemnitatis

237 Cf. *Missal Romano*, Sexta-feira Santa, n.13

238 Cf. Congregação para o Culto Divino, Carta Circular, Paschalis Sollemnitatis, n.64



de com o texto litúrgico²³⁹.

- Oração Universal – A liturgia da Palavra termina com a oração dos fiéis de uma forma diferente da que estamos acostumados: quem preside a celebração propõe uma intenção, concede um tempo para cada um rezar em silêncio e termina com uma oração (entre o convite para ajoelhar-se e levantar-se), à qual todos respondem “Amém”. Depois apresenta as outras intenções, seguidas sempre de silêncio e oração – Na oração universal, participamos da intercessão de Jesus junto do Pai.²⁴⁰
- Seja usada uma única cruz para a adoração, tal como o requer a verdade do sinal.
- Durante a adoração da cruz cantem-se cantos que recordam com lirismo a história da salvação²⁴¹, ou então outros cânticos que sejam significativos: Eis o lenho da Cruz; Lamentos do Senhor; Povo meu que te fiz eu; Deus Santo, Deus forte, Deus Imortal; Vitória Tú Reinará; Bendita e louvada seja; Pai em tuas mãos; A morrer crucificado;²⁴²
- Para a procissão do Senhor Morto, a pastoral não esqueça de verificar com dias de antecedência a necessidade de um carro de som e suporte do Departamento de trânsito para auxiliar.
- Também para a procissão, é possível preparar em casas de membros da comunidade por onde a procissão passa, para que seja uma estação da via-sacra.
- Preparem velas para o povo e cânticos próprios da Paixão do Senhor para que entre as orações o povo possa também cantar.
- Ao retornar da procissão pode-se deixar o Senhor Morto dentro da Igreja junto a Imagem de Nossa Senhora das dores.

7.9.3 O Sábado Santo

463. A Vigília Pascal, na noite santa da Ressureição do Senhor, é considerada a “mãe de todas as santas vigílias”. Nela a Igreja espera vigilante a Ressureição de Cristo e a celebra nos sacramentos. Por conseguinte, toda a celebração dessa vigília sagrada deve ser feita

239 Cf. Carta Circular, n.33; EDREL 3891

240 Cf. Buyst, Ione. Preparando a Páscoa, p.72. Paulinas, 2002

241 Cf. *Mq* 6, 3-4

242 Cf. Buyst, Ione. Preparando a Páscoa, p.76. Paulinas, 2002



durante a noite, de tal modo que ou comece depois de iniciada a noite ou acabe antes da aurora do domingo.²⁴³

464. Abre o terceiro dia do tríduo e o dia máximo da festa do ano litúrgico. É uma celebração repleta de símbolos: o fogo do início; o círio aceso nesse fogo é levado em procissão até o templo enquanto se canta a aclamação “eis a Luz de Cristo”; o precônio pascal, obra-mestra da literatura litúrgica; extensa liturgia da palavra, que percorre toda a história da salvação; a celebração da iniciação cristã – se há; a renovação das promessas batismais acompanhada da aspersão com água benta; e, finalmente, a eucaristia, que mais que nenhuma outra do ano é memória agradecida pelo mistério pascal de Cristo.²⁴⁴

Estrutura da Celebração:

465. Liturgia da Luz

- Fora da Igreja: acendimento da fogueira; bênção do fogo (preparação do círio pascal); acendimento do círio com o fogo novo: A luz do Cristo que resuscita resplandecente, dissipe as trevas de nosso coração e nossa mente!
- Procissão com o círio aceso para dentro da igreja, acompanhado do turíbulo; fazem-se três paradas para apresentar o círio (erguido), cantando-se a cada vez: (Celebrante:) Eis a Luz de Cristo! (Povo:) Demos graças a Deus! Aos poucos, o povo vai acendendo suas velas no círio;
- No momento em que o Círio chega ao Presbitério e se canta o “Eis a Luz de Cristo” pela terceira vez, todas as luzes da igreja são acesas; não, porém, as velas do Altar, que continuam apagadas.
- Terminado o precônio pascal (Exultet), todos apagam as velas e sentam-se.²⁴⁵
- Após a última leitura do antigo testamento, com o seu responsório e respectiva oração, acendem-se as velas do altar e é entoado solenemente o hino do Glória a Deus nas alturas, que todos continuam, enquanto se tocam os sinos, segundo os costumes locais²⁴⁶
- Convém que o Precônio Pascal seja cantado. Se for conveniente, ou necessário, um cantor pode cantar a Proclamação. Nesse caso, porém, ele omitindo as palavras: “E vós, que estais aqui” até o fim do convite. Como também a saudação “O Senhor esteja convosco”.

243 Cf. NUALC, n.21

244 Cf. CELAM, Manual de Liturgia IV p.35

245 Cf. Cerimonial dos Bispos n. 346

246 Cf. Ibid. n.349



466. Liturgia da Palavra: Nesta Vigília, propõem-se nove leituras: sete do Antigo testamento e duas do Novo (Epístola e Evangelho). Se as circunstâncias pastorais o pedirem, pode diminuir-se o número de leituras do Antigo Testamento; tendo em conta, porém, que a leitura da Palavra de Deus é parte fundamental dessa Vigília Pascal. Dizem-se pelo menos três leituras do Antigo Testamento, e em casos mais urgentes, pelo menos duas. Mas nunca se omite a leitura do cap. 14 do Êxodo.²⁴⁷

467. A liturgia batismal é parte integrante da celebração. Do ritual consta o canto da ladainha dos santos, a bênção da água, a aspensão de toda a assembleia com a água benta e a oração universal. A Igreja confere os sacramentos da Iniciação Cristã aos adultos nesta noite (batismo, crisma e eucaristia) expressando que fazem, pelo mistério pascal, parte da Igreja, Corpo de Cristo.

468. A liturgia eucarística é o momento culminante da Vigília, qual sacramento pleno da Páscoa, isto é, a memória do sacrifício da Cruz, a presença de Cristo Ressuscitado, o ápice da Iniciação cristã e o antegozo da Páscoa eterna.

469. A despedida durante todo o tempo pascal o celebrante diz: Bendigamos ao Senhor, aleluia, aleluia! E o povo responde: Graças a Deus, aleluia, aleluia!

470. O ritual da Semana Santa prevê três possibilidades à escolha:

a) Onde houver batismo:

- Apresentação dos candidatos; introdução; ladainha;
- Oração sobre a água;
- Renúncia, profissão de fé, batismo;
- Renovação das promessas do batismo por toda a assembleia;
- Aspensão do povo com água batismal;
- Oração dos fiéis.

b) Onde houver bênção da água batismal (sem batismo)

- Introdução, ladainha;
- Oração sobre a água;
- Renovação das promessas do batismo;
- Aspensão do povo com água;

247 Cf. Missal Romano, n.17



- Oração dos fiéis
- c) *Onde houver a benção da água (simples)*
- Benção da água;
 - Renovação das promessas do batismo;
 - Aspersão com a água benta;
 - Oração dos fiéis.

7.9.4 O Domingo de Páscoa

471. O domingo da ressurreição tem, além da Vigília, uma missa do dia, na qual se canta a sequência pascal (na qual todos se mantêm sentados). Esta, é como que o prolongamento da vigília. Por isso, mantenham o clima pascal festivo.

7.10 Tempo Pascal

472. As características fundamentais deste Tempo são:

Início: Primeiro Domingo da Páscoa

Término: com a Solenidade de Pentecostes

Espiritualidade do Tempo Pascal: Alegria em Cristo Ressuscitado.

Ensinamento: Ressurreição e vida.

Cor: Branca

- O Tempo Pascal é comemorado durante cinquenta dias, formado pelos dias que vão desde o domingo da ressurreição até a solenidade de Pentecostes “Hão de ser celebrados com alegria e exultação como se, se tratasse de um só e único dia festivo, mais ainda, como um ‘grande domingo.’”²⁴⁸
- Dentro desse tempo têm especial importância: os oito primeiros dias, a “oitava da Páscoa”, que se celebram como solenidades do Senhor;²⁴⁹
- Os domingos da Páscoa, até o sétimo (VII) que no Brasil é o Domingo da Ascensão;
- O dia da Ascensão do Senhor, que se celebra segundo a data do livro dos Atos

²⁴⁸ NUALC, n.22

²⁴⁹ Cf. NUALC, n.24



dos Apóstolos, no quadragésimo dia depois da ressurreição;

- O quinquagésimo dia (50), domingo de Pentecostes.

7.10.1 A Solenidade de Pentecostes

473. É a solenidade da vinda do Espírito Santo, com a qual termina o Tempo pascal e continua a celebração pascal ininterrupta que a Igreja vive desde domingo da ressurreição como se fosse um só dia de festa. Pentecostes é uma festa pascal, não uma celebração independente. O Espírito Santo é o grande dom do Ressuscitado e o criador do novo Israel que agora se configura como a Igreja de Jesus Cristo, a qual sai para anunciar a Boa Nova da ressurreição deste último por todo o mundo. Celebra-se com paramentos vermelhos, cor na Liturgia para o Espírito Santo.

Orientações:

- Dada a grande importância da solenidade de Pentecostes, é sugestivo celebrar a vigília prolongada, com caráter de oração intensa. Com esta vigília, inclusive, se pode encerrar a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.
- Nesta solenidade, todos aqueles que recitarem devotamente e em público o *Veni Creator*, lucram, nas condições habituais²⁵⁰, indulgência plenária²⁵¹;
- Para a segunda e terça depois de Pentecostes: Dado que o Papa Francisco instituiu a memória litúrgica da Virgem Maria, Mãe da Igreja, na segunda-feira depois de Pentecostes, atualmente O Missal propõe que na terça-feira se possa retomar a missa de Domingo de Pentecostes ou a missa do Espírito Santo.²⁵²

Valorizem-se as festas populares próprias desta solenidade p. ex: festa do Divino com bandeira etc.

7.11 Tempo Comum (Segunda Parte)

474. O Tempo Comum, que havia sido pausado pela Quaresma, reinicia-se na segunda-feira após a solenidade de Pentecostes (com a cor verde). No Domingo seguinte, celebra-se a Solenidade da Santíssima Trindade. Nesse dia, a cor é Branca.

²⁵⁰ Cf. El. *Enchiridion Indulgentiarum*

²⁵¹ Vide Indulgências, capítulo 11.4

²⁵² Cf. Missal Romano, orientação para a Missa de Pentecostes. p.320



475. Na Quinta-feira após o Domingo da Santíssima Trindade, celebra-se a Solenidade do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (*Corpus Christi*).

476. A duração do Tempo Comum, contando desde a primeira parte, é de 34 semanas. Na 34ª semana, mais especificamente na véspera do Primeiro Domingo do Tempo do Advento, termina o Tempo Comum e, conseqüentemente termina aquele Ano Litúrgico, devendo, portanto, iniciar o outro como primeiro Domingo do Tempo do Advento.

477. Vale lembrar que mesmo celebrando Nossa Senhora e os Santos no decorrer do Ano Litúrgico, sempre se evoca a ação redentora do Senhor Jesus em Maria e nos Santos. É a obra do Senhor que celebramos e cantamos não somente a pessoa dos santos e de Maria.

478. Assim como em todo o Ano Litúrgico, nesse tempo os cantos também devem expressar a realidade celebrada – o Mistério, com fidelidade: a função ritual, o tempo e as festas celebradas. Este mistério se desdobra nas passagens da Sagrada Escritura ao longo do Ano Litúrgico.

479. Vale recordar a orientação dos Documentos da Igreja sobre a Música Litúrgica. Não é por que o Tempo é “Comum” que se pode colocar qualquer canto na liturgia. Deve atentar-se para que os cantos não “falem” exclusivamente o sujeito, o subjetivismo, mas a característica comunitária da própria liturgia. É a Assembleia que canta a Deus, unida e como Corpo de Cristo.

7.11.1 Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

A cor litúrgica desse dia é Branca.

480. É certo que a instituição da Eucaristia é recordada de modo especial na Missa da Ceia do Senhor, quando o Cristo Senhor ceou com os discípulos e lhes entregou o sacramento do Seu Corpo e Sangue, para ser celebrado na Igreja. Mas nesta solenidade, propõe-se à piedade²⁵³ dos fiéis o culto de tão salutar Sacramento, para que celebrem as maravilhas de Deus nele significadas e realizadas mediante o mistério pascal, aprendam a participar do Sacrifício Eucarístico e a viver dele mais intensamente, venerem a presença de Cristo Senhor neste Sacramento, e por estes dons rendam a Deus as devidas ações de graças.²⁵⁴

481. Como celebração desta solenidade, foi introduzida pela piedade da Igreja a procissão. Nela, o povo cristão, acompanhando a Eucaristia através das ruas em rito solene, com canto e orações, dá público testemunho de fé e piedade para com este Sacramento.²⁵⁵ Convém, por isso, que ela possa tornar-se verdadeira manifestação comum de fé e adoração.

²⁵³ Leia mais sobre Piedade Popular no capítulo 11 deste diretório

²⁵⁴ Cf. IGMR, Proêmio, n.3

²⁵⁵ Cf. Cerimonial dos Bispos, n.386



482. É conveniente fazer esta procissão logo após a Missa na qual se consagra a hóstia que há de ser levada em procissão. Nada impede que a procissão seja feita também após uma adoração pública e prolongada depois da Missa.²⁵⁶

483. As procissões eucarísticas sejam organizadas segundo os costumes dos lugares, no que se refere à ornamentação das praças e ruas e no que se diz respeito à ordem dos que delas participam. Durante o trajeto, se for costume e o bem pastoral o aconselhar, pode haver estações, também com bênção eucarística. Os cantos e as orações deverão contribuir para que todos manifestem sua fé em Cristo, atentos somente ao Senhor.

Algumas sugestões para a Pastoral:

- A tradicional confecção dos tapetes de Corpus Christi é uma manifestação popular de adoração a Cristo, lembre-se de incentivar a arrecadação dos materiais e a participação do povo de Deus com de antecedência.
- Verifique em tempo hábil a necessidade de um carro de som para a procissão e também de alguém apto para animar os cantos e conduzir as orações.
- A Solenidade de Corpus Christi é a festa da unidade, pensando no grande significado ritual dessa celebração é convidativo a unidade de todas as pastorais das paróquias para a confecção dos tapetes, para a preparação da liturgia e a unidade dos grupos de música para animarem os cantos.
- A Missa segue o rito comum até o fim da Comunhão: mantendo o corporal sobre o altar, enquanto purifica os vasos, o Celebrante (ou o Diácono) toma a segunda hóstia que foi consagrada e não foi consumida e a expõe no ostensório.
- Rezada a Oração Depois da Comunhão, o Celebrante retira sua casula e veste o pluvial, também chamado de capa *de Asperges*. Concelebrantes também podem vestir pluvial, mas Diáconos mantêm-se paramentados com suas dalmáticas.
- O Celebrante dirige-se para a frente do altar. Fazem genuflexão e, de pé, o Celebrante impõe incenso nos dois turíbulo e volta a ajoelhar-se. É-lhe dado o primeiro turíbulo e com ele incensa o Santíssimo. Fazem-se alguns instantes de adoração silenciosa.
- Enquanto isso, o crucífero inicia a procissão, ladeado por dois ceroferários, com as velas.
- O Celebrante recebe o véu umeral e toma nas mãos o ostensório, cobrindo-

256 Cf. A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, n.103



-lhe a base. Os turiferários vão à sua frente. Ao seu lado avançam os ceroferários, com as velas. O Celebrante situa-se abaixo do pálio, sustentado por fiéis dignamente vestidos. Todos os outros carregam velas acesas.

- Se no trajeto acontecer bênção eucarística, o ostensório é posto sobre o altar propositalmente preparado, mas com flores e velas no maior número possível. O Celebrante incensa o Santíssimo, enquanto todos cantam o *Tão sublime*. A seguir, ele recita o versículo *Do céu*, ao que todos respondem *Que contém*, e ajunta a oração *Senhor, que neste admirável Sacramento*. O Celebrante toma nas mãos de novo o ostensório, traça a bênção em forma de cruz grega, enquanto todos estão em silêncio, e, depois, continuam a procissão.
- Pode haver bênção à porta da igreja, sempre observando-se o mesmo rito. As aclamações *Bendito seja Deus* e a Oração pela Igreja, pelo Clero e pela Pátria (*Deus e Senhor nosso, protegei a Vossa Igreja*) também podem ser feitas.
- Preparem-se cantos de Ação de Graças e Adoração ao Santíssimo levando em conta que o povo manifesta sua fé cantando junto pelas ruas da cidade. Escolham cantos conhecidos. Durante a adoração ao Santíssimo Sacramento e procissão não convém realizar outras práticas devocionais em honra da Virgem Maria e dos Santos.²⁵⁷ Entretanto, por causa da estreita relação que une Maria a Cristo, a recitação do rosário poderia ajudar a dar à oração uma profunda orientação cristológica, meditando nele os mistérios da Encarnação e da Redenção.
- Pode-se preparar algumas reflexões e orações para conduzir o povo a oração e louvor ao Santíssimo Sacramento.
- Ao fim de tudo, despede-se o povo como no fim da Missa e recolhe-se o Santíssimo Sacramento no sacrário.

*Veja também: A Virgem Maria no ano Litúrgico

7.12 A escolha das leituras segundo os graus de celebração

484. As celebrações litúrgicas se distinguem em graus e são denominadas: solenidades, festas e memórias.²⁵⁸

257 Cf. resposta à dúvida sobre o n. 62 da Instrução *Eucharisticum mysterium*. In: *Notitiae* 4 (1968) 133-134; sobre o rosário, cf. nota seguinte

258 Cf. NUALC, n.10



a) *Solenidades:*

485. As solenidades são os dias mais importantes no calendário cristão, cuja celebração começa no dia precedente, nas vésperas²⁵⁹. Se o dia da solenidade coincidir com o domingo, a solenidade substituirá o domingo, exceto quando forem os domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa, sendo, nesse caso, antecipada para o sábado²⁶⁰. No Brasil, são transferidas para o domingo posterior as seguintes solenidades: Ascensão do Senhor, São Pedro e São Paulo, Assunção de Nossa Senhora, Todos os Santos.

486. Assim como ocorre nos domingos, sempre se proclamam, nas solenidades, três leituras, isto é, do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho, que são próprias da celebração. Tais leituras não podem ser omitidas ainda que a solenidade seja em dia de semana. No Tempo Pascal, em lugar do Antigo Testamento, a leitura será dos Atos dos Apóstolos.²⁶¹

487. Algumas solenidades são enriquecidas com uma missa de vigília, nas vésperas²⁶², com as leituras próprias da solenidade.

b) *Festas:*

488. As festas são celebradas num dia litúrgico normal (de meia-noite a meia-noite), exceto as festas do Senhor que ocorrem nos domingos do Tempo Comum e do Tempo do Natal²⁶³. Nos domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa não se celebram as festas.²⁶⁴

489. “Para as festas são previstas duas leituras. Mas, se a festa, segundo as normas, for elevada ao grau de solenidade, acrescente-se uma terceira leitura, tirada do Comum”²⁶⁵. Essas normas vigoram quando a festa coincidir com o domingo ou quando houver uma razão pastoral que aconselhe essa elevação. Por exemplo: quando uma comunidade tem por padroeiro o apóstolo São Judas Tadeu; no calendário geral da Igreja é uma festa, mas para as comunidades que o invocam como padroeiro principal, tal celebração eleva-se para o grau de solenidade. O mesmo vale para as memórias de santos, quando eles são padroeiros.

259 Cf. Id, n. 11

260 Cf. Id, n. 5

261 Cf. IGMR, n.357

262 Cf. NUALC, n.11

263 Cf. Ibid, n. 13

264 Cf. Ibid, n. 5

265 IGMR, n.357



c) *Memórias:*

490. Há duas classes de memórias: as obrigatórias e as facultativas. São obrigatórias as memórias dos santos que manifestam uma importância especial para a Igreja de todo o mundo.²⁶⁶

491. Nas memórias dos santos, deve-se dar preferência às leituras dos dias de semana, a não ser que no Lecionário Santoral se apresente uma ‘Leitura Própria’ do santo. Por Leitura Própria entende-se aquele texto bíblico que trata do Mistério que a missa celebra ou quando trata da mesma pessoa do santo²⁶⁷, mencionando-o nos textos do Novo Testamento, como São Timóteo e São Tito, São Barnabé, Santa Marta, ...

492. Para as memórias dos outros santos, encontramos as ‘Leituras do Comum’ que sublinham algum aspecto da vida espiritual ou da atividade do santo.²⁶⁸ O uso dessas leituras não é obrigatório, a não ser que uma razão pastoral o aconselhe.²⁶⁹

7.13 As Cores Litúrgicas

493. As cores litúrgicas são sinais que auxiliam a assembleia a envolver-se com o Mistério Pascal estendido ao longo do ano. As cores litúrgicas referem-se primeiramente aos paramentos dos ministros ordenados. É possível utilizar essas cores em véus de ambão e de sacrário. O altar, por sua vez, possua sempre toalha branca por cima, ainda que haja outra de cor diversa por baixo. Também pode se utilizar dar cores em arranjos no presbitério e na nave da igreja (fora do presbitério). Tudo isso depende da criatividade, do bom senso e da beleza com que se ornamenta o Espaço Sagrado, com a aprovação do pároco/administrador paroquial.

494. As cores adotadas pela Liturgia da Igreja Católica Apostólica Romana em seu Rito Latino são:

- **Branca:** manifesta a alegria, a festa, a vitória do Senhor sobre a morte. É usada no Tempo Pascal e do Natal do Senhor; nas celebrações do Senhor, exceto as de sua Paixão, da Bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos Anjos, dos Santos não Mártires, nas solenidades de Todos os Santos (no domingo posterior a 1 de novembro), de São João Batista (24 de junho), nas festas de São João Evangelista (27 de dezembro), da Cátedra de São Pedro (22 de fevereiro), e da Conversão de São Paulo (25 de janeiro);

²⁶⁶ Cf. IGMR, n.9

²⁶⁷ Cf. OLM, n.83

²⁶⁸ IGMR, n.358

²⁶⁹ Cf. OLM, n. 83; Cf. IGMR, n.357



- *Vermelha*: manifesta o fogo e o amor divino do Espírito Santo, o sangue e o sacrifício daqueles que foram fiéis até o martírio. É usada no Domingo da Paixão (Ramos), na Sexta-feira Santa, no Domingo de Pentecostes e nas celebrações dos mártires;
- *Verde*: é a cor que exprime a esperança da vida eterna e o crescimento do Reino de Deus, tempo da Igreja que está a serviço do Reino ao longo do tempo. É usada durante o Tempo Comum;
- *Roxa*: simboliza a penitência e a conversão. É usada no tempo do Advento e da Quaresma. É usada também nas celebrações dos Fiéis Defuntos. Também a cor preta pode ser usada nas celebrações dos Fiéis Defuntos e nas exéquias;
- *Róseo*: manifesta a alegria da proximidade do Senhor e a pausa no rigor penitencial. Pode ser usada no 3º domingo do Advento e no 4º domingo da Quaresma.
- *Dourado*: pode substituir o branco, vermelho e o verde em circunstâncias solenes, mas nunca o roxo.
- *Cerúleo*: nome dado à cor azul, utilizada na Solenidade da Imaculada Conceição. É concedida como privilégio papal a Dioceses espanholas, antigas colônias hispânicas ou outras instituições, em todos os casos citados, sempre que solicitado à Santa Sé. Por esse motivo, mesmo que nosso país tenha permanecido por 60 anos sob domínio da Coroa espanhola, não há autorização expressa por parte da Santa Sé para o uso de paramentos azuis no Brasil. O que se pode utilizar é o branco ou dourado com detalhes azuis.

7.14 Tabela dos Dias Litúrgicos

Segundo as normas universais sobre o ano Litúrgico e o calendário n.59-61

495. À precedência entre os dias litúrgicos, no que se refere à sua celebração, rege-se unicamente pela tabela seguinte:

I

1. Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor.
2. Natal do Senhor, Epifania, Ascensão e Pentecostes. Domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa. Quarta-feira de Cinzas. Dias da Semana Santa, de Segunda a Quinta-feira inclusive. Dias dentro da oitava da Páscoa.



3. Solenidades do Senhor, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos inscritos no Calendário geral. Comemoração de todos os fiéis defuntos.

4. Solenidades próprias, a saber:

- a) Solenidade do Padroeiro principal do lugar ou da cidade.
- b) Solenidade da Dedicção e do aniversário de Dedicção da igreja própria.
- c) Solenidade do Titular da igreja própria.
- d) Solenidade do Titular, do Fundador, ou do Padroeiro principal da Ordem ou Congregação.

II

5. Festas do Senhor inscritas no Calendário geral.

6. Domingos do Tempo do Natal e domingos do Tempo comum.

7. Festas da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos do Calendário geral.

8. Festas próprias, a saber:

- a) Festa do Padroeiro principal da diocese.
- b) Festa do aniversário de Dedicção da igreja catedral.
- c) Festa do Padroeiro principal da região ou província, da nação ou de um território mais amplo.
- d) Festa do Titular, do Fundador, do Padroeiro principal da Ordem ou Congregação e da província religiosa, salvo o prescrito no n.4.
- e) Outras festas próprias de uma Igreja.
- f) Outras festas inscritas no Calendário de alguma diocese ou Ordem ou Congregação.

9. Os dias de semana do Advento, de 17 a 24 de dezembro inclusive. Dias dentro da oitava do Natal. Dias de semana da Quaresma.

III

10. Memórias obrigatórias do calendário geral.

11. Memórias obrigatórias próprias, a saber:

- a) Memórias do Padroeiro secundário do lugar, da diocese, da região ou província, da nação, de um território mais amplo, da Ordem ou Congregação e da província religiosa.



- b) Outras memórias obrigatórias próprias de uma Igreja.
- c) Outras memórias obrigatórias inscritas no Calendário de uma Diocese, Ordem ou Congregação.

12. Memórias facultativas, que podem contudo ser celebradas também nos dias de que fala o n. 9, segundo o modo descrito nas Instruções sobre a Missa e o Ofício. Do mesmo modo, as memórias obrigatórias, que costumam ocorrer nos dias de semana da Quaresma, poderão ser celebradas como memórias facultativas.

13. Os dias de semana do Advento até 16 de dezembro inclusive.

Os dias de semana do Tempo do Natal, de 2 de janeiro até o sábado depois da Epifania.

Os dias de semana do Tempo Pascal, de segunda-feira depois da oitava da Páscoa até o sábado antes de Pentecostes inclusive.

Os dias de semana do Tempo comum.

A OCORRÊNCIA E A CONCORRÊNCIA DAS CELEBRAÇÕES

Se várias celebrações ocorrem no mesmo dia, celebra-se aquela que ocupa lugar superior na tabela dos dias litúrgicos.

Entretanto, a solenidade impedida por um dia litúrgico que goze de precedência seja transferida para o dia livre mais próximo, fora dos dias fixados na tabela de precedência, nos n. 1-8, observado o que se prescreve no n. 5 das Normas do Ano Litúrgico. Omitem-se nesse ano as outras celebrações.

Se no mesmo dia devem celebrar-se as Vésperas do Ofício corrente e as Vésperas do dia seguinte, prevalecem as Vésperas da celebração que ocupa lugar superior na tabela dos dias litúrgicos; em caso de igualdade, porém, celebram-se as Vésperas do dia corrente.



CAPÍTULO 8

CANTO E MÚSICA NA LITURGIA

8.1 Fundamentos

496. “A tradição musical da Igreja é um tesouro de inestimável valor, que excede todas as outras expressões de arte, sobretudo porque o canto sagrado, intimamente unido com o texto, constitui parte necessária ou integrante da Liturgia solene. Não cessam de a enaltecer, quer a Sagrada Escritura, quer os Santos Padres e os Romanos Pontífices, que ainda recentemente, a começar em S. Pio X, estimularam com mais insistência a função ministerial da música sacra no culto divino. A música sacra será, por isso, tanto mais santa quanto mais intimamente unida estiver à ação litúrgica, quer como expressão delicada da oração, quer como fator de comunhão, quer como elemento de maior solenidade nas funções sagradas. A Igreja aprova e aceita no culto divino todas as formas autênticas de arte, desde que dotadas das qualidades requeridas”²⁷⁰.

497. Cada momento na Liturgia tem sua característica própria e, portanto, uma expressão diferenciada. Ninguém cantaria um salmo penitencial (salmo 50 - Miserere) de forma triunfal ou o hino de Glória ou o Santo timidamente.

498. Uma das formas de manifestar a participação plena, consciente e ativa da assembleia é o canto litúrgico. O canto e música litúrgica é aquela que a Igreja admite de direito e de fato na celebração litúrgica. Desde modo, o canto e a música litúrgica adquire um caráter ministerial na liturgia, ou seja, ela está a serviço da ação litúrgica e por isso, ela tem a mesma finalidade da própria liturgia.

499. A música será litúrgica quando nela a Igreja reconhecer sua oração, quando ela aparece para acompanhar os textos litúrgicos a serem cantados. Ela consiste em cantar as palavras da ação ritual. A principal função da música na liturgia é a de “revestir de adequadas melodias o texto litúrgico”²⁷¹, deste modo os textos litúrgicos devem ser cantados na íntegra e nunca substituídos por outros textos.

270 SC, n.112

271 Tra le Sollecitudini, n.1



500. O canto próprio da Liturgia da Igreja é o canto gregoriano²⁷². Esta antiga e bela tradição remonta a São Gregório Magno, que procurou “assegurar a pureza e a integridade do canto sacro”²⁷³. Ele pertence ao tesouro da tradição da Igreja. Mas, aplicando o princípio da inculturação, a Igreja leva em conta a tradição musical dos povos²⁷⁴. “A música sacra e o canto litúrgico devem ser plenamente inculturados nas linguagens artísticas e musicais da atualidade”, afirmou o Santo Padre.²⁷⁵ O princípio da inculturação é um avanço conciliar, a “abertura para o encontro da expressão própria do nosso povo. (...) se podemos usar nossa língua, por que não usaremos a nossa música?”²⁷⁶

501. A música litúrgica possui as seguintes características²⁷⁷:

- Ela é, porque faz memória dos mistérios celebrados;
- É orante, porque é uma forma de oração;
- É trinitária, porque se dirige ao Pai, comemora o Filho e invoca o Espírito Santo;
- É cristológica, porque está centrada em Jesus Cristo;
- É pascal, porque também pela música litúrgica a Igreja anuncia e celebra o mistério pascal;
- É eclesial, porque é um canto comunitário, ou seja, é a Igreja quem canta;
- É eucarística, porque possui um caráter de ação de graças;
- É narrativa, porque narra a obra da salvação;
- É histórico-salvífica, porque atualiza a obra da salvação;
- É profética, porque anuncia o plano de Deus e denuncia tudo o que se opõe a ele.

272 Cf. SC, n.116

273 Pio XII, *Musicae Sacrae Disciplina*, n.4

274 Cf. SC, n.119

275 Congresso Internacional do Pontifício Conselho da Cultura e a Congregação para a Educação Católica

276 VV.AA. *Música Brasileira na Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 18. Col. Liturgia e Música

277 Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Cantar a liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 35-38



8.2 Canto Litúrgico a serviço da Palavra de Deus e dos gestos sagrados da celebração

502. “O canto, por natureza, está intimamente vinculado à Palavra de Deus. O canto é Palavra que desabrocha em sonoridade, melodia e ritmo”²⁷⁸. Por isso, a música, na Liturgia, necessita essencialmente estar a serviço da Palavra de Deus:

- Proclamando e interiorizando a Palavra de Deus na celebração;
- Preparando os fiéis para a escuta da Palavra;
- Respondendo ao apelo da Palavra proclamada;
- Aclamando o Evangelho;
- Nas respostas da Oração Eucarística.

503. A função ministerial do Canto Litúrgico é:

- Estar intimamente ligado à ação litúrgica que está sendo realizada, exprimir suavemente a oração, favorecer a unidade e a comunhão dos fiéis, dar maior solenidade aos ritos sagrados;
- Levar em conta o tempo litúrgico, as solenidades e as festas de preceito;
- Estar em sintonia com os textos bíblicos de cada celebração, especialmente com o Evangelho, no que diz respeito ao canto de comunhão;

Exigências para assumir o Serviço Litúrgico-Musical:

- Em primeiro lugar exige-se que o agente de pastoral tenha uma formação litúrgico-musical adequada, no sentido teórico e prático, não importa o tempo em que o membro está a serviço, a formação deve ser constante, a participação nas formações Diocesanas, regionais e paroquiais é indispensável.
- A segunda exigência é de que o canto litúrgico seja querigmático, este aspecto consiste em apresentar e descrever o Mistério celebrado, a partir da acolhida de Cristo e de seu Mistério Salvador.

8.2.1 Animador de cantos ou Equipe de cantos

504. O rico diálogo entre os ministros e a assembleia, encontra no canto o seu momento mais expressivo, assim pode-se observar a importância desse ministério.

²⁷⁸ Ibid. p. 203



Animar os cantos para uma assembleia litúrgica é um serviço e uma oração. Cabe ao animador do canto as seguintes funções:

- Estar atento às orientações do “Setor Música” da Diocese de Santo André quanto ao repertório e a presença nos encontros formativos que se promover;
- O Hinário Litúrgico é a opção básica e fundamental de repertório a ser adotado nas celebrações. É instrumento de unidade em nossa Igreja local, manifesta o caráter da família diocesana. Por isso, o animador do canto litúrgico atente-se e fomenta os cantores a terem sempre por primeira opção a sua utilização.
- Animar o canto da assembleia, de modo que faça vibrar numa só voz o canto do povo;
- Em comunhão com o pároco, o animador do canto litúrgico pode, quando necessário e de acordo com as realidades pastorais, preparar um ou outro canto opcional que não esteja no hinário, desde que este faça parte dos critérios litúrgicos requeridos pelos documentos da Igreja.
- Para que a assembleia possa cantar nas celebrações, o folheto ABC Litúrgico conta com as letras dos cantos;
- O uso dos projetores multimídia (aparelhos de TV, Datashow, etc) durante as celebrações, precisam ser utilizados com bom senso, a fim de não prejudicarem a participação ativa, consciente e frutuosa dos fiéis na liturgia²⁷⁹.
- O animador deve velar para que o volume do som não seja exagerado nem abafe a voz da assembleia.

8.2.2 O uso do microfone e a participação da Assembleia

505. A voz da assembleia é base de todo edifício musical de uma celebração, pois o canto da assembleia é a voz do corpo místico do Cristo, que é a Igreja (cf. Cl 1,18); a voz humana é sempre o melhor instrumento, que como já citado, não deve ser abafada pelos instrumentos musicais.

506. O animador dos cantos ou a equipe de animação utilize o microfone apenas se houver necessidade acústica do local. Quando não há equilíbrio no volume do microfone e dos instrumentos, comete-se um grave ato contra a comunidade orante. Assim a má equi-

²⁷⁹ http://www.cnb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5555:o-uso-do-projetor-multimedia-na-liturgia&catid=85&Itemid=172



zação, o volume demasiadamente baixo ou alto em um lugar faz com que a comunidade fique insegura no canto e prejudica a participação da assembleia litúrgica.

507. Dessa forma é imprescindível que padres e agentes de pastoral estejam em comunhão e constante diálogo, para que haja equipamentos de som apropriados e devidamente regulados para o espaço celebrativo. Por isso, o acompanhamento de um técnico capacitado é louvável e necessário.

8.3 O canto litúrgico na Eucaristia segundo os seus graus

508. Os cantos nas celebrações são divididos em ordinários ou próprios.

a) Ordinários ou partes fixas: são cantos que possuem um texto invariável. Constituem partes fixas da missa, podendo variar em sua melodia. Os cantos ordinários da missa são: o do Ato Penitencial, o Hino de Louvor, a Profissão de Fé, o Santo e o Cordeiro de Deus (podem ser cantadas também a Aclamação Memorial, a Doxologia-*Por Cristo*).

b) Próprios: são os cantos que variam em cada missa. Possuem um texto em conformidade com a liturgia celebrada. São eles: canto de abertura, salmo responsorial, aclamação ao Evangelho, apresentação dos dons, canto de comunhão e canto final.

509. O coral litúrgico não foi abolido pela reforma da liturgia, que inclusive elenca entre os primeiros lugares o gênero polifônico sacro.²⁸⁰ Ele exerce um verdadeiro ministério quando auxilia a assembleia a cantar, porém, deve evitar cantos em que o povo se torne mero espectador e não executor. Em nossas comunidades, os corais, na maioria das vezes, formados por pessoas idosas, devem ser valorizados e fomentados. Vale ressaltar a presença do Coral Diocesano e incentivar a participação dos nossos agentes nesses trabalhos diocesanos.

510. A Diocese de Santo André possui uma comissão que pertence à Pastoral Litúrgica Diocesana chamada “Setor Música”. Esta comissão tem por missão promover encontros e formações com os grupos de canto e música, preparar subsídios formativos, cuidar do Hinário Diocesano, mantendo sempre o repertório Litúrgico Musical atualizado, trazendo as novidades da música litúrgica e preservando a tradição da Igreja, Universal e Particular.

* Leia sobre as partes da Celebração e o que cantar no Capítulo 5.

** Leia sobre o Ano Litúrgico e o que cantar no Capítulo 6.

280 Cf SC n.116



511. Seguem algumas recomendações para bem servir à comunidade por meio da música:

- O canto para ser litúrgico deve possuir conteúdo bíblico e litúrgico (cf. SC 121), levando em conta as antífonas apresentadas pelo Missal Romano;
- O canto e o ritmo não estão ligados ao gosto pessoal do animador dos cantos, mas à ação litúrgica. O que deve orientar sua escolha é o Mistério celebrado e a assembleia litúrgica;
- Os textos litúrgicos devem ser revestidos de adequadas melodias, portanto procure não usar melodias que sejam adaptações ou paródias de músicas seculares.
- Os animadores do canto litúrgico devem empenhar-se em aprender o repertório litúrgico-musical e ensiná-lo ao povo;
- O canto está a serviço da Liturgia (não o contrário). Finalizado o rito, finaliza-se o canto (p.ex. procissão de entrada, da apresentação das oferendas ou da comunhão).
- A finalidade do canto é fazer com que a assembleia litúrgica participe ativa, consciente e frutuosa no Mistério celebrado. Participar bem não deve ser confundido com agitação;
- Instrumentos musicais têm valor à medida em que ajudam a assembleia a cantar/rezar. Quando, num grupo de canto, há vários instrumentos, os músicos exerçam seus dons e façam arranjos harmoniosos, a fim de que a voz do povo não seja abafada pelo grande número de instrumentos.
- Não há instrumento proibido na liturgia, mas os instrumentistas adaptem seu instrumento tanto no volume quanto na execução para favorecer realmente a edificação dos fiéis²⁸¹. Há Igrejas com muita reverberação assim, o bom senso é fundamental.
- Evite-se a afinação de instrumentos musicais pouco antes da celebração litúrgica e também nela (se necessário, mantenha o instrumento desligado).
- Não é possível conceber o serviço dos músicos desconectado da pastoral litúrgica. Quando a Pastoral Litúrgica prepara uma celebração deve haver um representante da música. É essencial o diálogo das partes envolvidas na liturgia.
- A adequada interpretação instrumental requer dos músicos conhecimento do que é próprio de cada rito. Há momentos de sobriedade e outros vibrantes.

281 Cf. SC, n.120



tes. Em muitas comunidades, as celebrações acabam por primar apenas pelo barulho e não conduzem ao mistério celebrado.

- Os instrumentos de percussão, em sua maioria, emitem sons que se destacam, podendo ter a função de manter o andamento, expor as subdivisões rítmicas, atuando como elemento de transição entre as partes cantadas ou tocadas, etc. O percussionista litúrgico bem como o baterista, deve perceber através dos momentos da celebração quando ser mais vibrante ou mais suave, ou ainda, nulo. Dê-se preferência ao cajon em locais pequenos ou com muita reverberação e trabalhem com determinação a formação dos bateristas e percussionistas para que estes, tenham grande bom senso ao executar seu serviço.
- Os animadores do canto devem estar atentos a todos os momentos e ao presidente da celebração e demais ministros (não conversem ou saiam do ambiente litúrgico);
- Deve-se evitar que no exercício da animação do canto litúrgico qualquer semelhança com show ou espetáculo. Deve-se exercer tal ministério com humildade e sobriedade, sabendo que o canto litúrgico é diferente de todos os outros pela sua finalidade e modalidade.
- A música litúrgica é aquela que foi escrita expressamente para a liturgia, com sua estrutura confeccionada para a ação litúrgica, com texto determinado como pede a Igreja em seus documentos²⁸², inspirado nas Sagradas Escrituras ou ainda da própria Liturgia em seus ritos. Portanto, nem toda música religiosa é necessariamente música Litúrgica.
- Há música para a catequese, música para grupos de oração, música para encontros de jovens, para momentos de meditação e há as que são eminentemente músicas litúrgicas; são próprias para a Celebração Eucarística, ajudam essencialmente a conduzir o coração ao encontro com Deus dentro de uma celebração.

512. As equipes de liturgia ou de música que desejarem contatar o Setor Música para tirar dúvidas ou solicitar formações paroquiais, podem enviar um e-mail para: setormusica@diocesesa.org.br

282 Vale aqui lembrar o estudo 79 da CNBB. A música litúrgica. Paulus, 1998



CAPÍTULO 9

O ESPAÇO SAGRADO PARA A CELEBRAÇÃO

513. “Por sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e reuniu um povo por ele conquistado. Este povo santo, reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é a Igreja ou templo de Deus, construído de pedras vivas, onde o Pai é adorado em espírito e verdade. Com muita razão, desde a antiguidade deu-se o nome de ‘igreja’ também ao edifício no qual a comunidade cristã se reúne, a fim de ouvir a Palavra de Deus, rezar em comum, frequentar os sacramentos e celebrar a Eucaristia.”²⁸³

514. “Por ser um edifício visível, esta casa aparece como sinal peculiar da Igreja peregrina na terra e imagem da Igreja que habita nos céus. Convém, pois, que, ao se erigir um edifício única e estavelmente destinado à reunião do povo de Deus, e à celebração das ações sagradas, seja esta igreja dedicada ao Senhor em rito solene, segundo antigo costume.”²⁸⁴ “Todas as igrejas sejam dedicadas ou ao menos abençoadas. Contudo, as igrejas catedrais e paroquiais sejam solenemente dedicadas”²⁸⁵ pelo bispo diocesano, e a cada ano a comunidade celebre solenemente o dia da dedicação de sua igreja.

515. “Como pede sua natureza, a igreja terá de ser adequada às celebrações sacras²⁸⁶, bela, resplandecente, de nobre formosura e não de mera suntuosidade; verdadeiramente sinal e símbolo das realidades celestes. A disposição geral do edifício deve manifestar de algum modo a imagem do povo reunido e permitir uma ordem inteligente, bem como a possibilidade de se exercerem com decoro os diversos ministérios (...). Cuide-se, igualmente, com zelo de atender ao que se exige, quanto aos lugares, na celebração dos outros sacramentos, sobretudo do Batismo e da Penitência.”²⁸⁷

516. O projeto de uma igreja deve considerar em primeiro lugar a funcionalidade dos ritos celebrativos e a manifestação da natureza do Mistério da Igreja na assembleia orante. Por isso, o projeto arquitetônico de uma igreja não deve estar à mercê das necessidades

283 Ritual da Dedicção de uma Igreja, n.1

284 Id. n.2

285 IGMR, n.290

286 Cf. SC, n.124

287 Ibid. n.3



logísticas ou basear-se segundo a mentalidade da construção de uma casa de shows com palco e plateia.

517. Durante a celebração eucarística, a assembleia litúrgica²⁸⁸ se encontra distribuída em dois lugares sagrados que chamamos de presbitério (onde ficam o presidente da celebração, os outros ministros ordenados e os que auxiliam diretamente o presidente da celebração no altar) e de nave da igreja (onde ficam os ministérios conferidos e os demais fiéis). Esses dois lugares devem ser de tal maneira estruturados que possam manifestar não só sinal de comunhão de todo o Povo de Deus, mas também o sinal de diferenciação entre os ministérios ordenados e demais participantes da celebração.²⁸⁹

518. Além do presbitério e da nave da igreja, onde possível, um outro espaço sagrado que não deveria ser ignorado numa igreja é o átrio (em alguns lugares coberto por uma marquise). Localizado na porta principal da igreja, é o lugar de encontro e de acolhida dos fiéis que se reúnem para celebrar. No átrio pode haver uma equipe de acolhida que saúda os que chegam e deseja as boas-vindas aos que pela primeira vez vêm à igreja para participar da comunidade.

9.1 Tipologia de Prédios Religiosos

519. Na construção das Igrejas, identificam-se entre os edifícios católicos diferentes tipos de igreja, a saber:

- a)** Catedral (Sé) - episcopal, arquiépiscopal, primacial, patriarcal, metropolitana;
- b)** Matriz - igreja paroquial;
- c)** Igreja filial, colegiada, conventual, abacial, de irmandade;
- d)** Capela pública ou oratório, semipública, particular;
- e)** Santuário;
- f)** Basílica.

²⁸⁸ "O povo de Deus, que se reúne para a Missa, constitui uma Assembleia orgânica e hierárquica que se exprime pela diversidade de funções e ações, conforme cada parte da celebração. Por isso, convém que a disposição geral do edifício sagrado seja tal que ofereça uma imagem da Assembleia reunida, permita uma conveniente disposição de todas as coisas e favoreça a cada um exercer corretamente a sua função." SC, n.294

²⁸⁹ "Convém que – o presbitério – se distinga do todo da igreja por alguma elevação, ou por especial estrutura e ornato. Seja bastante amplo para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista por todos." IGMR, n.295



520. Cada um desses tipos de igreja possui características particulares que são, a seguir, explicitadas:

- a)** Catedral é a igreja sede ou Sé, do governante de uma porção da Igreja. Seu nome deriva de cátedra, que é a cadeira do bispo como símbolo de seu magistério. Ela é episcopal (do bispo), se sede de uma diocese (como nossa Diocese de Santo André) ou arquiépiscopal (do arcebispo), quando sede de uma arquidiocese (como a Arquidiocese de São Paulo, p.ex.). Além disso, ela é denominada metropolitana, quando a sede da diocese é, ao mesmo tempo, sede da província (grupo de algumas dioceses próximas). A Catedral Nossa Senhora do Carmo sede de nossa Diocese fica localizada no Centro da Cidade de Santo André, na Praça do Carmo.
- b)** Matriz ou Igreja matriz é a sede paroquial, a igreja-mãe da comunidade paroquial (possuímos atualmente 101 matrizes paroquiais em nossa Diocese).
- c)** Igreja filial, colegiada, conventual, abacial, de irmandade; são igrejas que não pertencem juridicamente à Mitra Diocesana, porém, são destinadas ao culto Divino e são mantidas por colégios, congregações, abadias e/ou associações diversas.
- d)** Capela ou oratório é um templo de dimensões menores, destinado a um número reduzido de pessoas, mas preparado para que nele possa ser celebrada a santa missa. Este é o termo juridicamente oficial para o que muitas vezes denominamos as nossas comunidades da Paróquia. Podem ser Capela de colégio, universidade, internato; comunidade religiosa; de hospitais, sanatórios, abrigos; de estações rodoviária ou ferroviária, de portos, de aeroportos; de corporação militar; de cemitério; de monumento.
- e)** Santuário é uma igreja, centro de peregrinações por motivo de devoção a Deus, muitas vezes através de seus santos. A devoção cultivada nessa igreja suscita grande interesse e piedade do povo, a ponto de ele vir em peregrinação até mesmo de lugares distantes. Em nossa Diocese de Santo André os Santuários são: Santuário Nosso Senhor do Bonfim (Santo André), Nossa Senhora Aparecida (São Bernardo do Campo) e Santuário São Maximiliano Maria Kolbe (São Bernardo do Campo).
- f)** Basílica é a igreja considerada “notável” pela veneração que lhe devotam os fiéis, por sua importância histórica e pela arte de sua construção. Em Roma, quatro de suas mais importantes igrejas são denominadas de “basílica maior”. Fora de Roma, é concedido o título de “basílica menor” a algumas igrejas. Há uma Basílica em nossa Diocese, ela fica localizada no centro de São Bernardo do Campo, é a Paróquia mais antiga da Diocese com mais de 200 anos de história e chama-se Basílica Menor Nossa Senhora da Boa Viagem.



9.2 Orientações em Projetos, Execuções e Reformas de Igrejas

521. As igrejas e os demais lugares devem prestar-se à execução das ações sagradas e à ativa participação dos fiéis. Além disso, os edifícios sagrados e os objetos destinados ao culto sejam realmente dignos e belos, sinais e símbolos das coisas divinas²⁹⁰.

522. Para edificar, reformar e dispor convenientemente os edifícios sagrados consultem os responsáveis a Comissão Diocesana de Liturgia, Arte Sacra e dos Bens Culturais da Igreja. O Bispo diocesano recorra também ao parecer e auxílio da mesma Comissão, quando se tratar de estabelecer normas nesta matéria, de aprovar projetos de novos edifícios sagrados ou resolver questões de certa importância²⁹¹.

523. Em nossa Diocese foi publicado o Guia de Orientações para Projetos, Execuções e Reformas de Igrejas pela Comissão para os Bens Culturais da Igreja²⁹². Para fazer alterações, reformas e construções nos templos e imóveis das paróquias, os quais são propriedades da Diocese (inclusive os confiados aos religiosos/as), deve-se pedir licença à Cúria Diocesana através do requerimento por escrito com o projeto, o orçamento e a aprovação do CAEP. Assim após o parecer do COBECISA as obras poderão ser executadas.

524. A ornamentação da igreja deve visar mais à nobre simplicidade do que à pompa. Na escolha dessa ornamentação, cuide-se da autenticidade dos materiais e procure-se assegurar a educação dos fiéis e a dignidade de todo o local sagrado²⁹³.

525. A casa da Igreja deve ser expressão da verdade que ela anuncia, sem falsidade ou imitação. Os materiais devem ser naturais e verdadeiros: assim sendo materiais de plástico, fórmica ou imitação de madeira, pedras e flores deveriam ser evitados. A beleza e a unidade do lugar sem luxo nem “cafonice”, deve alimentar a piedade dos fiéis, ao mesmo tempo manifestar a santidade dos mistérios celebrados.

526. Para corresponder às necessidades de nossa época, a organização da igreja e de suas dependências requer que não se tenha em vista apenas o que se refere às ações sagradas, mas também tudo o que contribua para uma justa comodidade dos fiéis, como se costuma providenciar nos lugares onde se realizam reuniões²⁹⁴.

527. O povo de Deus, que se reúne para a Missa, constitui uma assembleia orgânica e hierárquica que se exprime pela diversidade de funções e ações, conforme cada parte da celebração. Por isso, convém que a disposição geral do edifício sagrado seja tal que

290 Cf. IGMR, n.288

291 Cf. IGMR, n.291

292 COBECISA

293 Cf. IGMR, n.292

294 Cf. Ibid. n.293



ofereça uma imagem da assembleia reunida, permita uma conveniente disposição de todas as coisas e favoreça a cada um exercer corretamente a sua função.²⁹⁵

9.3 Elementos do espaço celebrativo para a Eucaristia

528. Aqui será exposto o ideal na construção de uma igreja. Sabe-se que o ideal nem sempre é o possível para já; devido às condições financeiras e espaciais de muitas comunidades e, em alguns casos, é impossível, por se tratar de templos tombados pelo Patrimônio Histórico. Por isso, cada comunidade busque, com o tempo, atingir os parâmetros propostos pela Igreja, sempre considerando os valores e as características do templo, adequando a construção às características culturais da comunidade.

9.3.1 Presbitério

529. O presbitério é lugar de destaque no espaço celebrativo, nele devem estar muito bem organizados o altar, o ambão e a sédia (cadeira presidencial), as demais peças sejam colocadas mais lateralmente (por exemplo a credência). Na Igreja Matriz Paroquial também a pia batismal pode ficar no presbitério.

530. O presbitério é o lugar onde se encontra localizado o altar, onde, é proclamada a Palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os demais ministros exercem o seu ministério. Convém que se distinga do todo da igreja por alguma elevação ou por especial estrutura e ornato. Seja bastante amplo para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista por todos.²⁹⁶

531. Quando a assembleia for numerosa o presbitério deve ficar num plano mais elevado para facilitar a visibilidade e a acústica, mas não excessivamente elevado, para não parecer distante do povo, como um show. Ao contrário, deve dar a ideia de estar inserido na assembleia. É importante que alguma sinalização defina o presbitério, com degraus ou demarcação visual, sem perder de vista a unidade do povo de Deus em oração. Em pequenas capelas esse desnível é até desnecessário.

532. Presbitério deve ter espaço suficiente para as peças necessárias e para a mobilidade do presidente e dos ministros. Peças desnecessárias que ocupam espaço e dificultam movimentação não devem estar no presbitério.

295 Cf. *Ibid.* n.294

296 Cf. IGMR, n.295



9.3.2 O Altar

533. A Instrução Geral sobre o Missal Romano diz que “o altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia.”²⁹⁷

534. O altar exprime simultaneamente o valor sacrificial e comensal da Eucaristia. Não pode ser considerado somente como uma mesa qualquer, pois também é a pedra (ara) do sacrifício da Cruz que se perpetua sacramentalmente até que Cristo venha²⁹⁸. Compreendida essa função, o altar deve ser proporcional à Igreja e sempre o suficiente para dispor as oferendas sobre sua superfície, bem como os elementos necessários para a realização do rito eucarístico.

535. Que em cada igreja exista somente um único altar²⁹⁹, de tal forma “que signifique a assembleia única dos fiéis, o único altar, o único Salvador nosso Jesus Cristo, e a única Eucaristia da Igreja”³⁰⁰. O altar é a presença do Cristo Cabeça, que reúne ao redor seus membros e é para ele que de algum modo convergem os outros ritos da Igreja. As igrejas históricas que possuam diversos altares, além do altar-mor, são ponderadas que não se alterem suas características.

536. Convém que em toda igreja exista um altar fixo, que significa de modo mais claro e permanente Jesus Cristo, pedra viva (1Pd 2,4; Ef 2,20). Por altar fixo entende-se aquele que se prende ao chão do presbitério, não podendo ser removido ou transportado. É significativo que o altar fixo seja de pedra e de uma única pedra natural³⁰¹, sendo consagrado com o óleo do Santo Crisma, segundo o Pontifical Romano. Mas também ele pode ser feito com outros materiais sólidos e dignos³⁰², não utilizando materiais que imitem a pedra ou madeiras sólidas como, por exemplo, fórmicas ou purpurina para imitar o ouro.

537. O altar deve ser construído “afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo (...). O altar ocupe um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembleia dos fiéis”³⁰³.

297 Id. n.296

298 Cf. Ritual da Dedicção de um altar, n. 4

299 Cf. SC, n.41

300 Ritual da Dedicção de um altar, n. 7

301 Cf. CDC, c.1236

302 Cf. IGMR, n.301

303 Ibid. n. 299



Por isso, não se deve colocar a sede presidencial na frente do altar.³⁰⁴ Tome-se cuidado com decorações que obstruam, camuflem ou escondam a visão do altar. Assim como todos os outros elementos litúrgicos, o altar deve ser construído artisticamente de forma que por si só manifeste o seu simbolismo. Não é adequado que se cubra o altar com enormes toalhas, cheias de bordados, rendas e pinturas, ou arranjos artísticos com flores ou com outros simbolismos em frente do altar, fazendo-o desaparecer diante dos olhos da assembleia. A mesa do altar deve estar à vista da assembleia, de tal modo que por si própria manifeste seu valor, sem que nada impeça sua visão. Evite-se, portanto, colocar flores e outros elementos decorativos.

538. O altar é saudado com uma inclinação profunda por todos quantos se dirigem ao presbitério, dele se retiram ou passam na sua frente,³⁰⁵ a menos que no presbitério esteja o tabernáculo com a reserva eucarística, para a qual se genuflete ao chegar e sair. Além disso, o presidente da celebração e demais ministros ordenados beijam o altar no início da missa, como sinal de veneração. No final da missa, antes de deixar o presbitério, o presidente da celebração e os diáconos assistentes beijam o altar. Se forem muitos os ministros ordenados, estes só farão a inclinação profunda.

539. Mesmo fora das celebrações, o altar merece veneração e não perde o seu valor simbólico. Por isso, não se permita que se descansem os braços sobre o altar, nem se coloquem papéis, óculos, livros que não sejam os rituais, etc. Durante a limpeza da igreja, não se coloquem materiais de limpeza e outros sobre o altar. Convém dispensar o mesmo respeito com os altares laterais, nas igrejas onde ainda os houver, mesmo que já não sejam mais utilizados.

540. O altar não deve ser utilizado como uma escrivaninha para se preencher formulários, anotar avisos, intenções de missa, etc... a exceção que expressa um compromisso da aliança assumido em Cristo e diante da Igreja é a carta de profissão perpétua dos religiosos³⁰⁶. Profissão pública de fé, a assinatura dos noivos na ata de celebração de casamento não se assina no altar.

541. O altar deve ter pelo menos uma toalha cor branca e seu tamanho deve combinar com o tamanho e a proporção da superfície do altar³⁰⁷. A(s) toalha(s) pode(m) ser decorada(s) segundo os critérios da sobriedade, simplicidade e nobreza. É permitido que haja outras toalhas coloridas, desde que a superior seja branca.

304 Excetuam-se neste caso os ritos que exigem visibilidade, por exemplo uma ordenação onde na sede ocorrem ritos que precisam ser visíveis

305 Cf. Cerimonial dos bispos – Cerimonial da Igreja, n. 72

306 Cf. Ritual da Profissão Perpétua dos Religiosos, n. 65; Ritual da Profissão Perpétua das Religiosas, n. 70

307 Cf. IGMR, n.304



542. Para realçar nossa fé na força simbólica do altar, cada detalhe é importante. Nota-se que em algumas igrejas colocam-se por sobre a toalha branca do altar um plástico de proteção contra a poeira e demais impurezas. É mais conveniente preservar a limpeza da toalha branca com uma espécie de manto, isto é, uma outra toalha, de tecido mais grosso que não escondesse a visão do altar. É claro que esse manto seria utilizado somente fora das celebrações. Outro detalhe que prejudica e esvazia o valor do altar é transformá-lo numa espécie de armário, com portas e gavetas, porque ele não é um móvel qualquer, como se fosse uma extensão dos armários da sacristia.

9.3.3 O Ambão

543. O ambão é o lugar do qual se proclama a Palavra de Deus. O termo “ambão” indica “lugar alto”, “elevação”, “subir”. No livro de Neemias³⁰⁸ lemos que Esdras estava sobre um suporte de madeira, feito para a ocasião, onde ele abriu o Livro da Lei à vista de todo o povo e o proclamou.

544. Na Liturgia da Palavra se proclamam do ambão as leituras bíblicas, o salmo responsorial, o precônio pascal (*Exultet*), as sequências e pode também ser utilizado para a homilia e para a oração da comunidade (preces)³⁰⁹. Não se devem fazer do ambão as monições, animações, orações meditativas, homenagens e nem dar avisos comunitários.

545. A Introdução Geral ao Lecionário nos ensina as características de um ambão: “... deve existir um lugar elevado, fixo, adequadamente disposto e com a devida nobreza, que ao mesmo tempo corresponda à dignidade da Palavra de Deus e lembre aos fiéis que na missa se prepara a mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo e que ajude da melhor maneira possível a que os fiéis ouçam bem e estejam atentos durante a Liturgia da Palavra. Por isso se deve procurar, segundo a estrutura de cada igreja, que haja uma íntima proporção e harmonia entre o ambão e o altar”³¹⁰. Para demonstrar aos fiéis essa harmonia celebrativa, o ambão seja construído com o mesmo material do altar. Assim como o altar deve estar à vista da assembleia, o mesmo vale para o ambão. Logo, evite-se colocar cartazes, banners, etc, à frente do ambão.

546. O ambão deve ser um lugar construído com uma estrutura estável e não uma simples estante móvel, porque é um sinal de que a Palavra de Deus é firme, é a rocha na qual os cristãos alicerçam as suas vidas. O ambão deve ocupar um lugar de destaque no presbitério, para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis e os leitores possam ser

308 Cf. Ne 8,4-5

309 Cf. IGMR, n.309

310 OLM, n. 32



vistos e ouvidos com facilidade³¹¹. O novo ambão deve ser abençoado segundo o Ritual de Bênçãos.³¹²

547. Geralmente o ambão é situado no lado direito do altar (para o lado esquerdo de quem olha da assembleia para o presbitério), mas isto é costume, não há norma escrita que indique isto. Sobre a distância entre o ambão e o altar:

- a)** Não muito próximo, para que haja uma pequena procissão com o Evangelário (do altar ao ambão) feita pelo diácono ou pelo sacerdote durante a Aclamação ao Evangelho;
- b)** Não muito distante, para que se mantenha a harmonia e a unidade destas duas mesas celebrativas no presbitério.

548. Para evitar a duplicidade de sinais, cuide-se para que nas celebrações em que se destaca a Palavra de Deus (por exemplo: setembro, o mês da Bíblia) não haja outras estantes ou nichos para o Livro da Sagrada Escritura dentro do presbitério. O lugar próprio da Palavra de Deus é o ambão ou, caso se utilize o Evangelário, ela é entronizada sobre o altar até a proclamação do Evangelho. Bíblia e Lecionário não entrem em procissão, nem na entrada, nem antes das leituras; apenas o Evangelário ingressa na procissão de entrada (nas mãos do diácono, de um presbítero ou de um leigo).

549. Segundo o Rito Romano, o Círio Pascal permanece durante o tempo pascal junto ao ambão. Depois do dia de Pentecostes, o Círio Pascal é levado a um lugar de honra no batistério ou junto à pia batismal³¹³ (onde não há pia batismal preveja-se um lugar nobre onde este sinal não fique “jogado”)

9.3.4 A Sede Presidencial

550. No presbitério deve existir uma sede (assento) reservada para o sacerdote que presidirá a assembleia e dirigirá as orações. A sede presidencial deve ser distinta das outras cadeiras³¹⁴, de modo que o sacerdote presidente possa ser bem visualizado pelos fiéis.

551. O lugar mais apropriado da sede “é de frente para o povo no fundo do presbitério, a não ser que a estrutura do edifício sagrado ou outras circunstâncias o impeçam, por exemplo, se a demasiada distância torna difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia, ou se o tabernáculo ocupar o centro do presbitério atrás do altar”³¹⁵. Caso não

³¹¹ Cf. IGMR, n.309

³¹² Cf. Ritual de Bênçãos – Rito Romano, n. 900-918

³¹³ Cf. Cerimonial dos bispos – cerimonial da Igreja, n. 372

³¹⁴ Cf. Id, n. 49

³¹⁵ IGMR, n.310



seja possível colocar a sede no fundo do presbitério, então se coloque, numa distância adequada, ao lado do altar, no sentido inverso ao lado do ambão. Jamais se coloque a sede presidencial ou outras cadeiras em frente do altar, porque haveria uma sobreposição simbólica em detrimento do altar, além de encobri-lo, mesmo que parcialmente.

552. “Evite-se toda espécie de trono. Antes de ser destinada ao uso litúrgico, convém que se faça a bênção da cadeira da presidência segundo o rito descrito no Ritual de Bênçãos”.³¹⁶

- O sacerdote-presidente dirige a celebração da sede nos seguintes momentos:³¹⁷
- Saudar a assembleia e introduzi-la na celebração do dia;
- Realizar o ato penitencial;
- Cantar ou recitar o hino de louvor (*Glória a Deus nas alturas...*);
- Proferir a oração do dia e a oração depois da comunhão;
- Ouvir as leituras bíblicas e pode, se preferir, realizar a homilia;
- Professar o símbolo da fé;
- Introduzir e concluir as preces;
- Comunicar os avisos para a comunidade;
- Enviar em missão a assembleia com a bênção.

553. Quando o sacerdote utilizar o missal na sede, pode ser auxiliado por um librifero.

9.3.5 A Credência

554. A credência tem sua origem na palavra italiana “credenza” que significa “confiança”. Era antigamente a pequena mesa onde se colocavam os alimentos que eram degustados antes de serem levados para a mesa da ceia e onde podiam ser consumidos com toda a confiança.

555. O altar é a mesa da ceia e do sacrifício da Eucaristia. A mesa do altar deverá ser preparada somente no momento da preparação das oferendas, daí surge a necessidade de uma mesa menor que pode estar localizada no fundo ou no lado do presbitério. Não

³¹⁶ Id. n. 310; Cf. Ritual de Bênçãos – Rito Romano, n. 880-899

³¹⁷ Cf. IGMR, n. 50, 71, 136, 138, 164 e 165



é adequado colocar a credência unida (junto) ao lado do altar, para não diminuir a sua dignidade.

556. Na apresentação das oferendas, o sacerdote presidente se dirige ao altar, que pode ser preparado por ele mesmo ou pelo diácono. O acólito coloca sobre o altar o corporal, purificador, cálice, a pala e o missal. Em sua ausência, outro ministro leigo³¹⁸ (por exemplo, o coroinha, ou em sua ausência, o ministro extraordinário da sagrada comunhão) entrega esses itens ao sacerdote. O sacerdote presidente toma o pão nas suas mãos (ou recebe-o do diácono, quando presente), pronuncia a bênção e coloca a patena sobre o corporal. Em seguida, faz o mesmo com o vinho.

557. No lavabo, o jarro e a bacia vêm da credência e voltam imediatamente para ela. Para valorizar este sinal, utilize-se jarro e bacia no qual o sacerdote realmente lava as suas mãos, auxiliado pelos coroinhas ou acólitos. Não se utilizem elementos aparentemente substitutivos como álcool em gel ou similares.

558. A sobra do sangue de Cristo seja consumida logo, junto do altar, também o acondicionar das partículas em um número menor de âmbulas para se colocar no sacrário seja feito sobre o altar. Já a purificação dos vasos sagrados é feita na medida do possível na credência, embora possa ser realizada no altar, pelo sacerdote, pelo diácono ou pelo acólito legitimamente instituído.³¹⁹ Isto pode ser feito após a comunhão ou imediatamente depois da missa, após a despedida do povo³²⁰.

9.3.6 Nave

559. O termo **nave** é originário do grego *naos*, referente ao espaço fechado de um templo. A nave é o termo referente à ala central de uma igreja, é o lugar onde se reúnem os fiéis de modo a participarem das celebrações litúrgicas.

560. Na nave, os fiéis se reúnem em assembleia para participar das celebrações. A nave é muito importante e deve ter garantidas a funcionalidade e a comodidade. O lugar deve induzir ao respeito e ao silêncio. Deve-se prever um fluxo eficiente das pessoas em determinados momentos da liturgia, por exemplo, nas diversas procissões previstas (entrada, apresentação dos dons e comunhão). Para isso, corredores central e laterais são calculados levando em consideração o público almejado e em conformidade com a legislação municipal (se houver).

318 Cf. Id. n.139

319 Cf. IGMR, n. 279

320 Cf. Id, n. 163 e 279; Cf. RS, n. 119



9.3.7 Bancos

561. Nas novas igrejas, disponham-se os bancos ou as cadeiras de tal forma que os fiéis possam facilmente assumir as posições requeridas pelas diferentes partes da celebração e aproximar-se sem dificuldades da Sagrada Comunhão. Nestes bancos estejam devidamente acoplados os genuflexórios, que não só facilitam a vivência dos momentos em que a liturgia prescreve a posição de joelhos, mas também são de grande estima para relevante parcela do povo cristão que procura o templo para sua oração pessoal.

562. Em alguns momentos fortes (festas, etc.) da comunidade podem também se alterar a posição habitual dos bancos, de modo que se possa propiciar um novo modo de participar da ação litúrgica.

9.3.8 Capela do Santíssimo Sacramento

563. A capela do Santíssimo Sacramento “convém que seja apta para a oração privada (...) e por isso se recomenda que o Sacrário, enquanto possível, seja colocado em uma capela que esteja separada da nave central do templo, sobretudo nas igrejas em que se celebram mais frequentemente matrimônios, funerais e nos lugares mais visitados”.³²¹ Em especial nos santuários, basílicas e igrejas matrizes mais frequentadas.

564. Qualquer outro elemento que possa encontrar-se na capela do Santíssimo deve ser secundário, pois o foco de atenção deve ser o tabernáculo Eucarístico. Portanto, muita atenção para que a decoração, e principalmente as imagens, não distraiam os fiéis. Tudo deve convergir para a presença de Cristo na Eucaristia.

9.3.9 Sacrário ou Tabernáculo Eucarístico

565. O tabernáculo eucarístico indica-nos a presença do Senhor. Originalmente a Igreja conservou a Eucaristia para atender aos enfermos e agonizantes. Com o passar do tempo, a reserva eucarística passou também a ser distribuída aos fiéis que celebram a Palavra de Deus na ausência do sacerdote e para os momentos de adoração.³²²

566. O tabernáculo seja colocado em lugar de honra na igreja, suficientemente amplo, visível, devidamente decorado e que favoreça a oração pessoal³²³. “Normalmente o tabernáculo seja único na igreja, inamovível, feito de material sólido e inviolável não transparente, e fechado de tal modo que se evite ao máximo o perigo de profanação.

321 Instrução Eucharisticum Mysterium e Cf. SCCEFM, n. 9

322 Cf. Ritual Romano, Ritual de Bênçãos, Bênção do Novo tabernáculo Eucarístico, n. 919

323 Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 52, e Cf. IGMR, n. 314



Convém, além disso, que seja abençoado antes de ser destinado ao uso litúrgico, segundo o rito descrito no Ritual Romano”.³²⁴

567. “Diante do tabernáculo (...) brilhe constantemente uma lâmpada especial, à base de óleo ou elétrica, com a qual se indique e se reverencie a presença de Cristo”.³²⁵

568. Fora das celebrações, a chave do tabernáculo não deve ficar exposta ou colocada na sua porta, de modo a reduzir o perigo de profanação.

9.3.10 *Átrio (Porta)*

569. Átrio é o lugar que dá entrada à igreja. Ele separa o exterior do interior. Este local tem a função de preparar a entrada e marcar a passagem de uma realidade para outra.

570. O átrio possui um valor simbólico enquanto lembra que aqueles que ainda não passaram pelo “pórtico da vida no Espírito”³²⁶, isto é, o Batismo, estão alheios à participação nos Mistérios de Cristo. Lembremos do Rito do Batismo, em que o candidato para o batizado, inicialmente, é acolhido pelo ministro na comunidade cristã à porta da igreja, isto é, no átrio³²⁷. Por isso, é que se recomenda que exista no átrio o reservatório de água benta para que os cristãos, ao entrarem ou saírem da igreja, possam assinalar-se com a cruz de Cristo, lembrando a graça batismal.

571. É preciso que a porta principal de entrada receba um tratamento diferenciado das demais, pois representa Cristo (a Porta). Ela pode ser maior, com puxadores mais nobres, podendo ter algum símbolo.

9.3.11 *Cruz Processional / Cruz Do Altar*

572. Haja também sobre o altar ou perto dele uma cruz com a imagem de Cristo crucificado que seja bem visível para o povo reunido. Convém que tal cruz, que serve para recordar aos fiéis a paixão salutar do Senhor, permaneça junto ao altar também fora das celebrações litúrgicas.³²⁸

573. A cruz está no caminho da comunidade e a ressurreição está no horizonte da mesma comunidade. A cruz é o grande símbolo cristão e está tradicionalmente presente no presbitério. Além do Crucifixo que já pode estar presente na parede do presbitério, há

324 IGMR, n. 314; Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 52; e Cf. Ritual Romano, Ritual de Bênçãos, n. 919-929

325 CDC, cân. 940

326 Cf. CIC, n.1213

327 Cf. Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, n. 73; e Ritual do Batismo de Crianças, n. 33 e 297

328 Cf. IGMR, n.308



também a cruz processional a simbolizar que a cruz acompanha o cristão em sua caminhada rumo à meta, a ressurreição, a glória, a vida.

574. A cruz processional deve apresentar a imagem do crucificado (ela recorda a paixão do Senhor celebrada no altar), feita de material e forma que estejam em harmonia com as demais peças do presbitério. Após carregada em procissão como sinal do Cristo morto e ressuscitado, ela permanece junto ao altar, ou se já houver outra no altar é recolhida para a sacristia³²⁹.

575. A Cruz de maior destaque é sempre voltada para o povo, esteja ela na parede, no altar ou junto do altar. Se houver uma segunda Cruz, esta volta-se para a presidência, a fim de que, também o presidente como cabeça da Assembleia contemple a realidade do sacrifício da Cruz que preside em nome de Jesus. Esta Cruz utilizada nas celebrações Eucarísticas pode também ser utilizada nas via-sacras, nas procissões pelas ruas e demais momentos celebrativos da comunidade. É a cruz incensada nas solenidades e referencial para os fiéis. Trata-se da Cruz Paroquial, litúrgica e pastoral, identificada facilmente pelo povo.

9.3.12 Castiçais

576. Os castiçais com as velas manifestam a reverência e o caráter festivo da celebração. Que eles “sejam colocados, como parecer melhor, sobre o altar ou junto dele, levando em conta as proporções do altar e do presbitério, de modo a formarem um conjunto harmonioso e que não impeça os fiéis de verem aquilo que se realiza ou se coloca sobre o altar”³³⁰. Quanto ao número de castiçais, a Igreja diz que “coloquem-se, em qualquer celebração, ao menos dois castiçais com velas acesas, ou então quatro ou seis, sobretudo quando se trata de missa dominical ou festiva de preceito, ou quando celebrar o bispo diocesano, colocam-se sete”³³¹. A referência de sete velas acesas para celebrações com o bispo diocesano é para exprimir a plenitude dos dons do Espírito Santo na assembleia orante e a plenitude da manifestação do Mistério da Igreja quando o Pastor de uma diocese se reúne com o povo a ele confiado.

9.4 Programa Iconográfico (Imagens)

577. A Igreja não cessa de solicitar a nobre contribuição das artes e admite as expressões artísticas de todos os povos e regiões. Ainda mais, assim como se esforça por conservar as

329 Cf. *Ibid.* n.122

330 IGMR, n.211 e 251; Cf. Cerimonial dos bispos – Cerimonial da Igreja, n. 73

331 IGMR 117



obras e tesouros artísticos legados pelos séculos precedentes e, na medida do necessário, adaptá-las às novas necessidades, também procura promover formas novas que se adaptem à índole de cada época.³³²

578. Na liturgia terrena, antegozando, a Igreja participa da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrina, se encaminha, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e venerando a memória dos Santos, espera fazer parte da sociedade deles (SC 8).³³³

579. Por isso, segundo antiquíssima tradição da Igreja, as imagens do Senhor, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos sejam legitimamente apresentadas à veneração dos fiéis nos edifícios sagrados;³³⁴ sejam aí dispostas de modo que conduzam os fiéis aos mistérios da fé que ali se celebram. Por isso, cuide-se que o seu número não aumente desordenadamente, e sua disposição se faça na devida ordem, a fim de não desviarem da própria celebração a atenção dos fiéis³³⁵. Normalmente, não haja mais de uma imagem do mesmo santo. De modo geral, procure-se na ornamentação e disposição da igreja, quanto às imagens, favorecer a piedade de toda a comunidade à beleza e à dignidade das imagens.

580. O que o Evangelho diz com palavras, o ícone anuncia através das cores e, de certo modo, torna-o presente. A imagem é sinal da presença do invisível. O programa iconográfico deve ser muito bem elaborado, simultaneamente ao estudo e à organização do projeto arquitetônico da igreja. É importante prever as técnicas a serem empregadas (pintura, mosaico, vitral, esculturas...). O mesmo zelo deverá ser adotado na escolha do artista ou artistas e da empresa que realizará tais trabalhos, tendo presente o critério apresentado no Catecismo:

- A arte sacra é verdadeira e bela, quando corresponde por sua forma à vocação própria: evocar e glorificar, na fé e na adoração, o mistério transcendente de Deus, beleza excelsa e invisível de verdade e amor, revelada em Cristo...³³⁶
- É preciso cuidado para não haver exagero. Às vezes, em uma única igreja multiplicam-se imagens de Jesus Cristo, da Virgem Maria (por exemplo: Nossa Senhora Aparecida, das Graças, do Carmo... já que todos esses títulos correspondem a uma única pessoa – a Santa Mãe de Deus) ou de um santo, quando bastaria um único exemplar de cada. O programa iconográfico de um edifício cristão atual tem como centro a imagem de Cristo.

332 Cf. IGMR, n.289

333 Cf. Ibid. n.318

334 Cf. Ritual da Dedicção de Igreja e de Altar n.10

335 Cf. SC, n.125

336 Cf. CIC, n.2502



- A imagem do(a) padroeiro(a), em pintura ou escultura, pode ficar em algum lugar do presbitério ou na nave. Ela jamais é o centro. Procura-se não colocá-la sobre um altar, pois só deve haver um altar que é o eucarístico.
- A iluminação adequada, pontual, pode valorizar e atrair dignamente a atenção à imagem, sem que seja preciso recorrer a outras soluções.
- Recomenda-se que a via-sacra e outros elementos devocionais subjetivos estejam fora do presbitério.

581. “Firme permaneça o costume de propor nas igrejas as sagradas imagens à veneração dos fiéis; contudo, sejam expostas com moderação quanto ao número, com conveniência quanto à ordem, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos corretas”.³³⁷ Não se multiplique o número das imagens do mesmo santo ou santa. Que seja somente uma imagem de cada, mesmo que esse santo ou santa possua vários títulos. Por exemplo: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Desatadora dos Nós..., já que todos esses títulos correspondem a uma única pessoa: Maria, Mãe de Jesus!

582. Nas novenas e celebrações festivas, a imagem do santo, levada na procissão de entrada, pode ser melhor destacada com a utilização de tronos, adornos ou flores. Mas não se coloque em cima ou em frente do altar, pois isso prejudicaria outros símbolos importantes do presbitério.

583. Nas celebrações em louvor a um santo jamais se perca a perspectiva e o foco central do culto da Igreja, que é Cristo no seu Mistério Pascal. Que toda celebração aos santos seja cristocêntrica, ou seja, que o culto aos santos não supere o culto a Deus, na pessoa do Cristo, pois n’Ele encontramos a fonte e a causa de toda santificação.

9.4.1 *Via-Sacra*

584. A via-sacra, entendida como caminho sagrado que lembra os últimos passos de Jesus, em direção à sua paixão e ressurreição (embora na maioria das Igrejas se encontre dentro do templo pode encontrar justa e ideal localização no espaço externo). Ela não é um item obrigatório, mas um costume do local. Convém que seja abençoada com rito próprio³³⁸.

337 Ibid. n. 1188

338 Cf. Ritual de Bênçãos, 1097-1114



9.5 Ambientes Auxiliares

9.5.1 Capela Da Reconciliação (Confessionário)

585. O ideal é que, dentro do corpo da igreja, seja previsto um espaço que ao mesmo tempo faça parte da nave e dela se distinga. Este espaço deve facilitar o contato pessoal e o diálogo entre o fiel e o sacerdote, e permitir que sejam adotadas as posturas convenientes: de pé, sentado ou de joelhos. Seja um local discreto, mas à vista. Mais sobre este assunto na seção acerca do Sacramento da Reconciliação.

9.5.2 Sacristia

586. A sacristia faz parte do templo, é o “pequeno sagrado”, extensão do Santuário. Nela se guarda e se encontra tudo o que é necessário para as celebrações e nela os ministros se paramentam e se preparam para a Celebração. A sacristia terá um armário, com diversas divisões. Em uma parte, os paramentos para os vários tempos litúrgicos: casulas, alvas, cíngulos, túnicas, estolas, capas, véus umerais, e vestes dos demais ministros. Na outra os elementos menores: sanguíneos, corporais, manustérgios, palas, toalhas do altar e da credência. Um terceiro local conterá, com a devida segurança, os cálices, cibórios, patenas, relicários, sinos, castiçais, crucifixos, aspersórios, turíbulos, lecionários, missais, evangeliários etc. Se possível, ainda na sacristia haverá um local para os vasos de flores, velas e objetos próprios de celebrações específicas, tais como Semana Santa, Natal e outros.

587. Indica-se um lavabo e, se possível, um banheiro para uso dos que estão a serviço da liturgia. Os tapetes, andores, cadeiras, genuflexório e outros devem estar bem armazenados para que não se deteriorem facilmente.

588. A sacristia é o local de apoio para a Celebração, ela deve indicar o passo preparatório entre a vida corriqueira e o mistério que há de se celebrar. Nela a organização, a limpeza e a objetividade devem estar a favor do culto. Trata-se de um local, nos momentos que antecedem a liturgia, de silêncio e oração que prepara os ministros para o que há de acontecer. As orações preparatórias antes da celebração aí podem ocorrer (naturalmente se as dimensões espaciais permitirem).



9.6 Espaço externo

9.6.1 Torre (campanário)

589. Houve tempo em que a torre marcava o centro geográfico da cidade e o centro da vida dos cidadãos. Os sinos chamavam para as celebrações. Hoje, entretanto, a torre é facultativa, pois sua construção depende das tradições locais e dos recursos disponíveis.

590. Pela verticalização das cidades, caso se opte por não construir uma torre, é conveniente que haja algum elemento na fachada direcionado para o céu, como uma cruz e/ou um pequeno sino. São elementos fortes da igreja-edifício ainda reconhecidos por todos.

591. A construção de um símbolo que destaque o edifício e o caracterize como igreja ajuda também a facilitar sua localização.

9.7 Questões importantes na utilização do espaço

9.7.1 Acústica

592. A qualidade acústica é muito importante para o local da celebração. A solução arquitetônica pode influir consideravelmente neste aspecto. Abóbadas, conchas ou formas circulares, grandes panos de concreto tendem a provocar reverberação no interior da igreja.

593. Se numa igreja já construída há problemas quanto à acústica, é preciso avaliar as causas, antes de instalar caixas de som pela nave. A solução pode estar na redução da incidência de barulho externo, por meio de painéis acústicos, anteparos, vegetação externa.

594. Os ruídos internos podem ser tratados com a aplicação de materiais adequados nas superfícies para absorvê-los. Há materiais de acabamento porosos e rugosos que ajudam a melhorar a acústica. A forma espacial, as inclinações do telhado e piso também podem ser aliados da boa acústica. Há casos em que se torna desnecessário o uso de microfones e caixas de som em quantidade excessiva.

595. Os microfones, instrumentos e demais itens sonoros devem ser pensados a partir da boa participação na celebração. Volume e demais ajustes são feitos contemplando o número de pessoas presentes, o ambiente e o que se celebra. A Missa não é um show de homens, mas comunicação de Deus com seu povo e do seu povo com Ele.



9.7.2 Iluminação

596. A iluminação tem uma influência objetiva para o desenvolvimento da liturgia. Para cada ambiente e função pode-se prever um tipo determinado de luz e de intensidade de iluminação.

597. O espaço não precisa estar iluminado todo por igual. Uma iluminação especial sobre algum elemento ou imagem ajuda a valorizá-los. O altar e a mesa da Palavra, por exemplo, podem ter iluminação direta sobre eles. A iluminação privilegiada sobre alguns objetos ou locais, em detrimento de outros que ficam na sombra, cria o contraste que lembra a própria dinâmica da fé, que transita entre a luz e as trevas.

598. Se for uma capela só para oração, pouca luz é necessária. Se houver necessidade de iluminação para leitura, esta pode estar distribuída apenas sobre o espaço dos bancos. Bons resultados também podem ser obtidos, se o espaço litúrgico for iluminado de forma indireta.

599. Havendo possibilidade, convém aproveitar ao máximo a iluminação natural. Isso ajuda na economia de energia elétrica e ainda se podem conseguir efeitos significativos pela entrada da luz no local de celebração.

9.7.3 Ornamentação

600. A ornamentação da igreja deve visar mais à nobre simplicidade do que à pompa. Na escolha dessa ornamentação, cuide-se da autenticidade dos materiais e procure-se assegurar a educação dos fiéis e a dignidade de todo o local sagrado.³³⁹

601. Os caminhos mais fáceis para atingir o belo e o sublime é a nobre simplicidade. Cuide-se para que os ambientes não esvaziem a própria celebração devido à grande quantidade de decoração. Isso acarreta uma indesejada dispersão visual.

602. A ornamentação é parte integrante do espaço litúrgico e deve sempre lembrar que é preciso cuidado no uso de folhagens e flores. Os arranjos devem ser discretos.

603. É recomendável o emprego de plantas e flores naturais no local de celebração, pois o local onde a Verdade é anunciada e experimentada supõe uma decoração com materiais autênticos.

9.7.3.1 Flores

604. Quanto às flores, a Igreja ensina: “Na ornamentação do altar observe-se moderação. No Tempo do Advento se ornamente o altar com flores com moderação tal que convenha

339 Cf. IGMR, n.291



à índole desse tempo, sem, contudo, antecipar aquela plena alegria do Natal do Senhor. No Tempo da Quaresma é proibido ornamentar com flores o altar. Excetuam-se, porém, o domingo “*Laetare*” (IV na Quaresma), as solenidades e festas. A ornamentação com flores seja sempre moderada e, ao invés de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocado junto a ele”³⁴⁰.

- a) Para a Celebração Eucarística, colocam-se sobre o altar somente os objetos requeridos pelo rito e no momento oportuno, a saber:
- b) “O Evangelário, do início da celebração até a proclamação do Evangelho;”³⁴¹
- c) Desde a apresentação das oferendas até a purificação dos vasos sagrados, o cálice com a patena, o cibório, e, finalmente, o corporal, o purificador (sanguíneo), a pala e o missal;
- d) Além disso, se disponham de modo discreto os aparelhos que possam ajudar a amplificar a voz do sacerdote.”³⁴²

605. Somente o pão e o vinho para consagração, depois de apresentados pela assembleia, podem ser colocados sobre o altar. Outros símbolos, tais como cestas com pão e uva sejam colocados em lugares previamente preparados fora do altar.

9.7.4 Avisos e Cartazes

606. Os cartazes e avisos fazem parte da vida e da dinâmica da comunidade e devem ter um lugar determinado e adequado para sua exposição.

607. A comunidade deve evitar a disposição de letreiros, avisos, cartazes, mensagens edificantes ou de congratulações e mesmo citações da Escritura, espalhados pela igreja, pela nave ou no presbitério, pois desviam a atenção dos fiéis da liturgia e prejudicam seu desenvolvimento.

608. O melhor local para concentrar avisos e cartazes é no átrio. É aí que as pessoas podem parar para ler os avisos, quando entram ou quando saem, sem atrapalhar o andamento da celebração.

340 Ibid. n.305

341 Quando se utiliza o Evangelário, ele é trazido na procissão de entrada e depositado sobre o altar

342 IGMR, n.306



CAPÍTULO 10

A PASTORAL LITÚRGICA

10.1 Fundamentos

609. A Pastoral Litúrgica é a ação corajosa e organizada da Igreja para levar o povo de Deus à participação na liturgia³⁴³. A Pastoral Litúrgica é o coração e cérebro da liturgia. A grande tarefa desta é dinamizar a formação de todos os participantes da liturgia, visando que as celebrações sejam cada vez mais expressivas e possam enriquecer espiritualmente os fiéis.

610. A meta da Pastoral Litúrgica consiste em promover a participação do povo de modo pleno, consciente, ativo e frutuoso:

- **Pleno:** isto é, interior e exterior, por meio de atitudes, gestos, respostas, orações, silêncio e cantos. É toda a pessoa humana, em todas as suas dimensões, que deve comunicar-se com a celebração dos Mistérios.
- **Consciente:** fruto de uma educação litúrgica adequada, baseada numa excelente catequese litúrgica, do conhecimento do Mistério celebrado.
- **Ativo:** isto é, participação harmoniosa, cujo primeiro exemplo deve ser dado por aqueles responsáveis em promover a celebração. Todos os integrantes da Pastoral Litúrgica devem ter consciência de que são parte da assembleia celebrante e não meros articuladores da Igreja.

611. A Pastoral Litúrgica é uma ação eclesial que, “numa comunidade, paróquia ou diocese funciona com o auxílio de uma organização própria, provida de um plano de trabalho e um cronograma de atividades”³⁴⁴

612. Está a serviço da função sacerdotal de todo o povo de Deus, permitindo aos cristãos o exercício do seu sacerdócio, como batizados e confirmados que oferecem suas vidas como culto agradável a Deus no Espírito Santo. Essa ação tem como objetivo a participação consciente e ativa. Portanto, Pastoral Litúrgica é a arte de conduzir os fiéis a uma vivência mais profunda do mistério da salvação.³⁴⁵

343 Cf. CNBB, Doc.43, n.185

344 CNBB. *Guia Litúrgico-Pastoral*, p. 117

345 Cf. CELAM. *Manual de Liturgia IV*, p.301



10.2 A organização da Pastoral Litúrgica

613. A Pastoral Litúrgica se desenvolve em três níveis: nacional, diocesano e paroquial. O Documento da CNBB ao falar da Pastoral Litúrgica afirma que: “coração e cérebro desta pastoral é a equipe de pastoral litúrgica em nível nacional, diocesano e paroquial”³⁴⁶. Cabe a esta equipe em seu respectivo nível, planejar, formar e organizar sua ação.

10.2.1 Comissão Nacional de Liturgia

614. O Concílio Vaticano II solicitou a formação de uma Comissão Nacional de Liturgia no âmbito das Conferências Episcopais³⁴⁷. Esta comissão deve ser integrada por bispos e pessoas competentes e tem como tarefa a orientação da ação da pastoral litúrgica. Esta comissão deve contar “com o auxílio de pessoas qualificadas em ciência litúrgica, música, arte sacra e pastoral”³⁴⁸. Em nível nacional, a comissão tem como tarefa: A tradução dos livros litúrgicos e sua respectiva adaptação e publicação; assessoria litúrgica; intercâmbio com as instituições de pastoral litúrgica.

10.2.2 Comissão Diocesana de Liturgia

615. A Comissão Diocesana de Liturgia tem como objetivo promover, fortalecer e acompanhar a vida litúrgica da diocese, bem como formar, animar e organizar a pastoral litúrgica no âmbito diocesano, regional e paroquial, e promover a formação litúrgica integral de seus agentes e todo o povo de Deus. Esta Comissão deve ser integrada por pessoas especializadas, competindo a ela, sob a autoridade bispo diocesano, conduzir a pastoral litúrgica em sua área e promover os estudos e as experiências necessárias³⁴⁹.

616. Sob a orientação do bispo, a Comissão Diocesana de Liturgia: Conhece a situação da ação litúrgica pastoral da Diocese; executa tudo o que em questões litúrgicas é estabelecido, dá conta dos estudos e iniciativas; sugere e promove iniciativas práticas para dar impulso à liturgia; procurar que na Diocese as iniciativas litúrgicas se desenvolvam em concordância e ajuda das outras pastorais.

617. Na Diocese de Santo André a Comissão é representativa, composta pelos Coordenadores e Assessores das Pastorais: Pastoral Litúrgica Diocesana, Equipe ABC Litúrgico, Ministérios Extraordinários, Setor Música, Coroinhas e Cerimoniários e Equipe de Cele-

346 CNBB. Doc.43, n.186

347 Cf. SC, n.44

348 SC, n.44

349 Cf. Id.SC, n.44



brações Diocesanas. Pode contar ainda com algum convidado por sua formação teológico-litúrgica, ou talento particular. Esta equipe elabora um plano de ações, elaborado de maneira participativa, decide as tarefas e prioridades, como a formação de agentes, cursos de canto pastoral e litúrgico com o Setor Música, reuniões por áreas litúrgicas para compartilhar experiências entre paróquias, elaboração de subsídios, cadernos de estudo para as equipes pastorais, subsídios para as missas dominicais, a celebração dominical da Palavra e outros.³⁵⁰

10.2.3 Pastoral Litúrgica Paroquial

618. A equipe de Pastoral Litúrgica Paroquial possui um caráter mais prático e concreto, visto que a meta é a vida litúrgica da paróquia ou da comunidade, procurando preparar bem as celebrações para que seja mais participada, e para isso, preocupando-se com a qualificação dos que exercem algum ministério litúrgico no âmbito paroquial.

619. Na paróquia ou comunidade (capela), a pastoral litúrgica deve ser unida e entrosada, imbuída da mística do serviço gratuito, comprometida com a vida da comunidade e marcada pelo zelo de preparar celebrações orantes e repletas de Deus.

620. A organização de uma pastoral litúrgica bem planejada não nasce na noite para o dia, mas vai-se alcançando ao longo do caminho. Deste modo, naturalmente pela integração entre as equipes que preparam as celebrações forma-se um grupo de liturgia paroquial. Podemos para isto definir dois passos:

621. O primeiro passo consiste na constituição de diversas equipes de liturgia que vão surgindo segundo as necessidades para responder a campos específicos da liturgia paroquial, como: as equipes de celebração para a missa dominical ou celebração da Palavra, a equipe para celebração do batismo de crianças, a equipe para celebrações de novenas de Natal, etc.

622. O segundo passo vem quando, a partir das avaliações particulares das equipes, sente-se a necessidade de conjugar os esforços, e assim, formar uma melhor organização da pastoral litúrgica, com um grupo de pastoral litúrgica paroquial. Este grupo tem por objetivo: articular o conjunto da liturgia na paróquia, melhor coordenar o que já se faz, aprofundar a formação e o estudo de maneira mais sistemática, revisar as carências e aumentar a qualidade. A equipe e a liturgia paroquial são antes de tudo, imbuídas pela mística do serviço gratuito comprometido com a santidade e a espiritualidade da comunidade.³⁵¹

350 Cf. CELAM. Manual de Liturgia IV, p.316

351 Id. Cf. p.319



10.2.4 A equipe de Celebração

623. Dentro da organização da Pastoral Litúrgica Paroquial encontram-se as Equipes de Celebrações. Estas equipes são encarregadas de fazer acontecer a celebração em seu aspecto prático. Devem trabalhar sempre em sintonia com a equipe de música e o padre. Ela é como uma célula da Pastoral Litúrgica. As Equipes de Celebrações são tantas quantas forem as celebrações na comunidade. Esta equipe está na base de tudo. Há muitos modos de se compor as Equipes de Celebrações. Ela pode ser formada pelos membros das pastorais, jovens, catequese, etc. Esta equipe é constituída pelos leitores e leitoras, pelos animadores da assembleia, pelos cantores, pela equipe de acolhida, etc.

10.3 Diversas Dimensões da Pastoral Litúrgica

624. A pastoral litúrgica abarca, portanto, o imenso campo das celebrações litúrgicas do mistério cristão, mas também das celebrações que brotam da religiosidade popular, tão importantes na experiência cristã das comunidades.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, enumeramos diversos campos que a pastoral litúrgica pode trabalhar em conjunto.³⁵²

- a) **da Assembleia Dominical para a Eucaristia ou Celebração da Palavra:** É a equipe que prepara as celebrações dominicais, em primeiro lugar pois é a celebração central da vida das comunidades que merece maior atenção da pastoral. Também inclui outras celebrações eucarísticas cotidianas.³⁵³
- b) **da Iniciação à Vida Cristã** contribuindo nas celebrações do batismo: São celebrações de iniciação na fé auxiliados pelo RICA (Ritual de Iniciação Crista de Adultos). Essas celebrações são preparadas em conjunto com as equipes de catequistas.³⁵⁴ São assim os batismos, crismas, etc.
- c) **dos Sacramentos de cura:**
 - Penitência e Reconciliação

Nessa missão a pastoral litúrgica é convidada a descobrir formas de anunciar e celebrar a reconciliação e a paz; pode-se privilegiar o tempo penitencial da quaresma, preparando celebrações penitenciais não sacramentais e incentivando a busca do aconselhamento espiritual.

- *Unção e assistência pastoral aos enfermos.*

³⁵² Cf. CELAM. Manual de Liturgia IV, p.312

³⁵³ Cf. Id, p. 312

³⁵⁴ Cf. Id, p.312



Unção e assistência pastoral aos enfermos integrada a uma pastoral da saúde mais ampla: visita, comunhão, celebração da unção, até mesmo comunitária, e celebrações de bênção para enfermos e outros necessitados.³⁵⁵

- d) do matrimônio:** Esta equipe orienta a preparação do matrimônio desde o canto, a animação, as leituras etc. Cabe, também, incentivar a importância da espiritualidade conjugal.³⁵⁶
- e) das Exéquias - A morte com Cristo e seus ritos:** convém constituir uma equipe de ministros especificamente preparados para a presença pastoral em velórios, exéquias e enterros, e celebrações de sétimo dia.³⁵⁷
- f) das Celebrações de cultura popular como:** novenas, encontros de quaresma, o mês de Maria, Bíblia ou das Missões, a Semana da família, Semana pela Unidade dos Cristãos, semana em Defesa da Vida. A equipe da pastoral litúrgica pode desempenhar um papel importante na preparação não só desses momentos, mas também nas Romarias, nos encontros de Grupos de Oração³⁵⁸, nos retiros e nas celebrações do culto eucarístico, com Bênção do Santíssimo etc.
- g) da Preparação e vivência do Ano Litúrgico:** Ajuda a comunidade a celebrar no tempo, segundo o ritmo do ano litúrgico, levando em conta, especialmente, seus momentos fortes (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e solenidades), valorizar o santoral, de modo particular as festas de Nossa Senhora, dos patronos e dos santos de devoção popular.³⁵⁹

10.4 Plano de Ação para todos que servem na Liturgia

(Equipes de Celebração, Músicos, Coroinhas e Cerimoniários, Ministérios Extraordinários, Acolhida entre outros)

625. Toda ação pastoral para ter êxito precisa de um bom plano pastoral. Será ele a guiar os trabalhos e possibilitar a superação das dificuldades enfrentadas. Sem um plano tudo é levado de qualquer jeito. A eficiência da Pastoral se dará mediante um plano de ação pastoral para a liturgia, estruturado para agir durante o ano. Por plano de ação pastoral entendemos o programa que a equipe se dispõe a seguir no decorrer do calendário litúr-

355 Cf. Id, p.312

356 Cf. Id, p.312

357 Cf. Id, p.312

358 CNBB, Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica (Documento 53), Paulinas

359 Cf. Id. p.314



gico da Igreja e da comunidade paroquial. Neste plano entra também o projeto formativo da equipe e da comunidade.

626. O mais conveniente é organizar o plano de ação pastoral a partir do calendário litúrgico da Igreja. Isto possibilitará a organização das atividades da Pastoral Litúrgica ao longo do ano. Planejar a partir do calendário litúrgico permitirá saber de antemão às celebrações no decorrer do ano, quem irá preparar, quem vai cantar. Também será possível programar os encontros de formação litúrgica das equipes e da comunidade. Tudo isto tem uma única finalidade: evitar o imprevisto. A organização de um plano pastoral é a chave para o bom andamento do trabalho da Pastoral Litúrgica na Comunidade.

627. Um plano bem feito e realista permite caminhar com maior segurança e sabendo aonde se quer chegar. Existem diversos modos de elaborar um plano. O mais importante é começar a planejar o rumo das atividades que vão garantir o verdadeiro serviço da pastoral litúrgica. Como toda programação, um plano de ação de uma equipe pressupõe:

- Fazer um levantamento objetivo da realidade (observando as realidades da paróquia, região, diocese, nacional e universal)
- Determinar as prioridades
- Estabelecer objetivos e meta
- Fazer um levantamento dos recursos
- Elaborar a programação respondendo sempre as seguintes perguntas: o que, porque (qual o objetivo), como, quem, quando, com o que e onde. E deixar datas previstas para a Avaliação.

628. A própria ação de elaborar um plano da Igreja, ou o calendário de atividades deveria constituir um exercício de comunhão e participação. O mais importante é a participação das pessoas nesse processo. Os passos dados podem ser pequenos, mas a ação participativa, ao confiar nas pessoas e ao valorizar suas experiências, permite que elas adquiram confiança em si mesmas e assumam um serviço e, sobretudo, sintam-se mais Igreja, participando da missão do Bom Pastor.³⁶⁰

10.5 Orientações práticas e tarefas para a Pastoral Litúrgica

- Conhecer a realidade da ação pastoral litúrgica da diocese, da região, da paróquia e comunidade;

360 Cf. CELAM. Manual de Liturgia IV, p.320



- Fazer um planejamento progressivo da ação pastoral litúrgica, levando em consideração o calendário litúrgico e recorrendo a pessoas competentes; Planejar, animar, coordenar e avaliar a vida litúrgica da comunidade;
- Fazer com que a pastoral litúrgica caminhe de forma integrada com as dimensões bíblico-catequética, de música litúrgica e ritual, formando uma pastoral de conjunto;
- Evitar qualquer tipo de individualismo na ação da pastoral litúrgica em todos os níveis;³⁶¹
- A preparação prática de cada celebração litúrgica seja feita com espírito dócil e diligente, de acordo com o Missal Romano e demais livros litúrgicos;³⁶²
- Na organização da celebração, quem preside leve mais em conta o bem espiritual de toda a assembleia do que o seu próprio gosto;³⁶³
- Sejam todos orientados de todos os momentos das celebrações, para que haja um sincronismo entre os membros que contribuem e servem a sagrada liturgia.
- Antes da celebração, todos os que participam e servem à celebração saibam exatamente cada um qual ação lhe compete, para que nada se faça de improviso;³⁶⁴
- Preparar, com certa antecedência, as celebrações, de forma criativa, simples, alegre, acolhedora e participativa, levando em conta os critérios litúrgicos e o mistério celebrado;
- Promover os diversos ministérios relacionados a ação litúrgica, privilegiando a sua devida formação bíblico-litúrgica;
- Garantir a celebração do mistério pascal de Cristo, dando particular atenção às celebrações dos tempos significativos do Ano Litúrgico, da Diocese e da Paróquia; Favorecer a reflexão inculturada e a busca de uma ação celebrativa cada vez mais à luz das orientações da Igreja;
- Constituir, formar e fortalecer as equipes de celebrações nas paróquias e comunidades;
- Zelar pela dimensão celebrativa do conjunto da ação pastoral, da qual a liturgia é fonte e cume;

361 Cf. IGMR, n.96

362 Cf. Ibid. n.111

363 Cf. Ibid. n.352

364 Cf. Ibid. n.352



- Integrar as diferentes equipes de celebração, seja da Palavra, da Eucaristia e dos demais sacramentos e sacramentais;
- Introduzir os fiéis nas diferentes formas celebrativas, na oração pública da Igreja, fonte de piedade e alimento da oração pessoal;³⁶⁵
- Organizar o espaço celebrativo de modo agradável, acolhedor e orante.

10.6 Preparar a Celebração

629. Preparar a celebração significa em primeiro lugar preparar a si próprio. O modo melhor de fazê-lo será o de rezar com as leituras. Podem ser úteis para essa preparação espiritual também as orações, os textos dos cantos e as orações eucarísticas, além do simples fato de dispor-se à ação de graças na espera do dia do Senhor que vem. Esta preparação pode distinguir-se em duas: antecipada e remota.

10.6.1 Preparação Antecipada

630. Entende-se como preparação antecipada o que deve ser feito dos dias que precedem o domingo. Tratar-se, com a equipe de liturgia, de acordo com os elementos, de preparar a homilia, de avaliar como ressaltar um rito ou um gesto ou um objeto (livro, água, vela, pão e vinho), de selecionar os cantos litúrgicos ou preparar-se de acordo com o que os subsídios diocesanos sugerem, redigir a oração universal, distribuir as funções etc. Os leitores, avisados antecipadamente, devem “impregnar-se” dos textos que deverão proclamar. Para que haja sincronismo e harmonia, exige-se que o organista, regente do coro ou os animadores do canto estejam profundamente inteirados de todos os pormenores do roteiro da celebração.

631. Em celebrações diversas (semanais, por exemplo) em que não se possui o subsídio ABC Litúrgico, a equipe prepara as folhas dos cantos ou com a celebração completa, lembrando sempre de cuidar da revisão ortográfica para que erros não desviem a atenção da assembleia durante a celebração.

10.6.2 Preparação Imediata

632. Trata-se, antes de tudo, de dispor os lugares, cadeiras ou bancos para a assembleia, ornamentação para a celebração (cadeira do presbitério, arranjo de flores, evidenciar

365 Cf. SC, n.90



lugares, as obras de arte ou objetos), verificação e regulação dos microfones, iluminação do edifício, acendimento das velas, água benta nos locais adequados etc.

633. O pão e o vinho serão colocados em lugar que possa permitir a alguns fiéis leigos levá-los em procissão no momento da preparação das oferendas. Sobre a credência se colocará a galheta de água, com sua bandeja e o manustérgio, assim como, se necessário, os vasos sagrados (vazios) suplementares para a comunhão do corpo e sangue de Cristo e, no caso, a chave do tabernáculo.

634. Depois de colocar os marcadores nas páginas corretas (próprias do dia, prefácio e Oração Eucarística escolhida), colocam-se os livros litúrgicos nos devidos lugares.

635. Os folhetos da celebração serão colocados à entrada, na medida do possível, para que sejam distribuídos por uma equipe de acolhida às pessoas que chegam.

636. O presidente pode ir para a entrada principal para acolher os fiéis, não por simples cortesia, mas porque são membros do Corpo de Cristo. Essa saudação não substitui a saudação litúrgica!

637. Quando faltam poucos minutos para o início da missa, o organista ou a equipe de cantos pode tocar uma música para criar um clima de oração na igreja enquanto os fiéis entram.³⁶⁶ Os ministros e os diversos auxiliares se preparam espiritualmente para celebrar. Eles se confiam ao Senhor no segredo de seus corações, porque é ele o verdadeiro ator da celebração.

638. Quando tudo é preparado com antecedência os últimos minutos que antecedem o início da celebração tornam-se um profundo momento de silêncio e oração favorecendo a participação orante de toda a comunidade na Celebração Eucarística.³⁶⁷

³⁶⁶ Essa música pode ser um refrão orante de Taizé, do Ofício Divino das Comunidades, do Gradual ou outro de igual intenção

³⁶⁷ Cf. CNBB. Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, A Arte de Celebrar – Guia Pastoral



CAPÍTULO 11

A PIEDADE POPULAR NA LITURGIA

11.1 A piedade popular

639. Piedade popular é o nome dado às várias expressões de culto pessoal ou comunitário prestado a Deus, à Virgem Maria, aos Santos e às coisas santas tais como fórmulas de orações, peregrinações, lugares sagrados, medalhas, costumes populares. No âmbito da fé cristã, se revestem, não tanto das formas rituais universais próprias da liturgia (embora muitas vezes nela se inspirem e ela conduzam), mas resultam da cultura dum povo ou grupo social específico³⁶⁸. Algumas dessas expressões são recomendadas ou autorizadas pelos bispos locais e até pela Santa Sé.

640. A Igreja recomenda tais exercícios piedosos ao povo cristão, desde que estejam em conformidade com as leis e as normas da Igreja e ordenadas tendo em conta os tempos litúrgicos. Isto para que tudo se harmonize com a vida da Igreja toda³⁶⁹.

641. A piedade popular é lugar de encontro com Jesus Cristo que a Igreja deve promover e a proteger com respeito e carinho. O nosso povo em sua expressão da fé católica possui um catolicismo popular, profundamente inculturado, que contém a dimensão mais valiosa da cultura latino-americana³⁷⁰.

11.1.2 A religiosidade popular

642. No Catecismo da Igreja Católica identificam-se expressões fundamentais de religiosidade popular tais como a veneração das relíquias, as visitas aos santuários, as peregrinações, as procissões, a via-sacra, as danças religiosas, o rosário, as medalhas, etc...³⁷¹.

643. Para manter e apoiar a religiosidade popular é necessário um discernimento pastoral. É natural que em alguns casos seja necessário purificar aspectos ou corrigir alguns elementos do sentimento religioso presentes nessas devoções. Isto com o objetivo de fazer progredir no conhecimento do mistério de Cristo. Quando se afirma que é necessário

368 Cf. FALCÃO, Manuel Franco. *Enciclopédia Católica Popular*. p. 464

369 Cf. SC, n.13

370 Cf. DAp, n.258; Papa Francisco EG n.123

371 Id. CIC, n.1674



purificá-la, não se quer dizer que esteja privada de riqueza evangélica. Simplesmente deseja-se que todos os membros do povo fiel, reconhecendo o testemunho de Maria e também dos santos, procurem imitá-los cada dia mais. Assim procurarão contato mais direto com a Bíblia e maior participação nos sacramentos, chegarão a desfrutar da celebração dominical da Eucaristia e viverão ainda melhor o serviço do amor solidário³⁷².

644. A sabedoria popular católica tem uma capacidade de síntese muito interessante: engloba com criatividade o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto. Esta sabedoria é também para o povo um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja o Evangelho e quando ele é esvaziado e asfixiado por outros interesses³⁷³.

11.1.3 Expressões da Piedade Popular

645. Entre as expressões da piedade popular destacam-se: as festas dos padroeiros, as novenas, os rosários e via sacras, as procissões, as danças e os cânticos da tradição religiosa, o carinho aos santos e aos anjos, as promessas, as orações em família³⁷⁴.

646. Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai-Nosso recitado entre lágrimas, um olhar profundo a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma alegria singela³⁷⁵.

647. Em muitas circunstâncias, o cristão é chamado a fazer *promessas* a Deus. O Batismo e a Confirmação, o Matrimônio e a Ordenação comportam sempre promessas. Por devoção pessoal, o cristão pode também prometer a Deus tal ou tal ato, uma oração, uma esmola, uma peregrinação, etc. A fidelidade às promessas feitas a Deus é uma manifestação do respeito devido à majestade divina e do amor para com o Deus fiel³⁷⁶.

648. O *voto*, isto é, a promessa deliberada e livre feita a Deus de um bem possível e melhor, deve cumprir-se por virtude da religião. O voto é um ato de *devoção*, no qual o cristão se oferece a si próprio a Deus ou Lhe promete uma obra boa. Portanto, pelo cumprimento dos seus votos, ele dá a Deus o que Lhe foi prometido e consagrado. Os Atos dos Apóstolos mostram-nos São Paulo cuidadoso em cumprir os votos que fez. Em certos

372 Cf. DAp, n.262

373 Cf. Doc. de Puebla, n.448

374 Cf. DAp, n.259

375 Cf. Ibid, n.261

376 Cf. CIC, n.2101



casos, a Igreja pode, por razões proporcionadas, dispensar dos votos e das promessas a alguma pessoa³⁷⁷. Os pastores de almas que forem procurados seja para se fazer um voto ou para dispensa de um voto fruto da piedade popular tratem com atenção a questão e se julgarem oportuno encaminhem para o bispo diocesano a questão.

649. A superstição, no entanto, é um desvio do sentimento religioso e das práticas que ele propõe. Também pode afetar o culto que prestamos ao verdadeiro Deus: por exemplo, quando atribuímos uma importância de algum modo mágica a certas práticas, aliás legítimas ou necessárias. Atribuir só à materialidade das orações ou aos sinais sacramentais a respectiva eficácia, independentemente das disposições interiores que exigem, é cair na superstição³⁷⁸.

650. As muitas bênçãos e semelhantes atos que as pessoas solicitam sejam tratados com cuidado pastoral. Procure que não se faça uma oração em sub-voz, mas que se acolha a pessoa, pergunte-lhe o nome, se há alguma motivação particular para o pedido daquela bênção. A pessoa pode estar precisando de uma palavra ou simplesmente de ser ouvida. Procure não se deixar de ler um trecho da Escritura quando se celebra a bênção e ao abençoar algum objeto que se abençoe a pessoa também. Sejam ditas palavras compreensíveis e próximas da realidade da pessoa abençoada. Mais do que uma “força mágica” a bênção é a celebração do Mistério de Deus, de sua presença que se expressa nos mais diversos itens da criação que nos conduzem a Ele.

11.1.4 Procissões

651. As procissões públicas e sagradas, isto é, as súplicas solenes do povo fiel sob a direção do clero, caminhando ordenadamente, sobretudo de um lugar sagrado para outro, com preces e cantos são um costume muito antigo que a Igreja católica herdou dos Santos Padres. Tendo por finalidade fomentar a piedade dos fiéis, comemorar os benefícios de Deus, render-lhe graças, implorar o auxílio divino, devem celebrar-se com os sentimentos que lhes são devidos. Encerrando em si mesma, grandes e divinos mistérios, e obtendo de Deus aqueles que as realizam piedosamente, frutos salutares de piedade cristã, aos pastores de almas compete advertir sobre elas e instruir os fiéis.

652. As procissões podem ser ordinárias, isto é, que se realizam durante o ano em dias fixos, segundo as normas dos livros litúrgicos ou dos costumes das Igrejas, ou extraordinárias, quer dizer, ordenadas por uma causa pública e realizadas em dias especiais.

377 Cf. Id. n.2102

378 Cf. Id, n.2111



653. Entre as procissões ordinárias, ocupam os primeiros lugares: as procissões da festa da Apresentação do Senhor, do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, da Vigília pascal; e ainda a procissão do Santíssimo Sacramento, depois da Missa, na solenidade do Corpo e Sangue de Cristo.

654. As procissões extraordinárias são marcadas pela Conferência dos Bispos do país ou pelo Bispo Diocesano, tais como as procissões por alguma necessidade pública, procissões com relíquias sagradas ou imagens, e outras do gênero.

655. Excetuando-se as procissões com o Santíssimo Sacramento, que se organizam a seguir à Missa, todas as outras procissões devem em regra preceder da Missa a ser celebradas a não ser que o bispo, por motivo justo, indique de outro modo.

656. Onde for possível, em testemunho público de veneração para com a Santíssima Eucaristia, principalmente na solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, haja procissão pelas vias públicas.

657. É necessário que nas procissões se observem as normas aptas a garantir a dignidade e a reverência para com o Santíssimo e a regular o seu desenrolar-se, de forma que os enfeites das ruas, a homenagem floral, os cantos e as orações sejam uma manifestação de fé no Senhor e de louvor a ele³⁷⁹.

658. Considere-se para isto o itinerário (feito com mapa e verificado se há condições no local _ p. ex. do carro de som fazer as curvas necessárias), pedido antecipado de apoio do trânsito (ofícios ao departamento de trânsito – com antecedência), o andor (sua parte estrutural e decoração) que será utilizado, forma com que o som será executado na procissão (caminhão, carro de som, megafone,...), o ritual e cânticos usados na procissão (vela, folha de cantos, livreto da via-sacra, água, etc).

11.1.5 Romarias

659. Receberam o nome de romaria as peregrinações a Roma, passando depois a designar outras peregrinações a santuários distantes, possuindo um caráter mais exclusivamente religioso. O santuário, talvez seja o lugar em que as relações entre Liturgia e piedade popular sejam mais frequentes e evidentes³⁸⁰.

660. Nas peregrinações é possível reconhecer o Povo de Deus a caminho. Celebra-se a alegria de se sentir imerso em meio a tantos irmãos, caminhando juntos para Deus que os espera. A decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o

379 Cf. Ano da Eucaristia, n.18

380 Cf. FALCÃO, Manuel Franco. *Enciclopédia Católica Popular*. p.464



caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor. O olhar do peregrino se deposita sobre uma imagem que simboliza a ternura e a proximidade de Deus. O amor se detém, contempla o mistério, desfruta dele em silêncio. Um breve instante condensa uma viva experiência espiritual³⁸¹.

661. As peregrinações possuem profundas raízes bíblicas. Destacam-se a de Abraão a caminho da Terra Prometida, a do Êxodo dos hebreus conduzidos por Moisés com passagem pelo Sinai e pelo deserto até à Terra Prometida e, mais tarde, as dos judeus, três vezes ao ano, até Jerusalém, pelas festas da Páscoa, de Pentecostes e dos Tabernáculos³⁸².

662. A peregrinação, experiência religiosa universal, é uma expressão característica da piedade popular, estreitamente ligada ao santuário, sendo um elemento indispensável da sua vida: “o peregrino tem necessidade do santuário e o santuário do peregrino”³⁸³.

663. São dimensões das peregrinações:

- *A escatológica (das últimas coisas)*, fazendo lembrar ao peregrino que é *homem* a caminho da Pátria definitiva;
- *Penitencial*, como caminho de expiação e conversão, aberto ao sentido de Deus e à reconciliação com Ele, pelo sacramento da Penitência;
- *Festiva*, como entre os judeus; alegria também causada pela caminhada em clima de convivência fraterna e de contemplação de novos horizontes;
- *Cultural*, pelos atos de louvor, adoração, ação de graças e súplica a Deus, frequentemente pela intercessão de Maria e dos Santos, incluindo normalmente a celebração da Eucaristia, cumprimento de promessas e outros atos piedosos;
- *Apostólica*, à semelhança de Jesus a percorrer com os discípulos os caminhos da Palestina, a dar a conhecer o Evangelho da salvação;
- *A comunhão*, pela caminhada, em conjunto, dos peregrinos em clima de ajuda e caridade fraterna³⁸⁴.

664. São etapas da peregrinação:

- *A partida*, sempre que possível de uma igreja com a celebração da Eucaristia e a bênção dos peregrinos;

381 Cf. DAp, n.259

382 Cf. Ibid. p.403

383 Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, n.279

384 Cf. Ibid. n.286



- *A caminhada*, em espírito de penitência, oração, e caridade fraterna, com a parte final, sempre que possível, a pé, processionalmente, com uma liturgia adequada;
- *A permanência* no santuário, com a participação nos diversos atos de culto e outros, cumprimento de promessas, etc.
- *Despedida* e regresso dos peregrinos com sua vida e propósitos renovados, levando “lembranças” que lhes recordem as graças recebidas³⁸⁵.

665. Nos santuários, ofereçam-se aos fiéis meios de salvação mais abundantes, anunciando com diligência a Palavra de Deus, incentivando adequadamente a vida litúrgica. Sejam os Santuários da Diocese de Santo André lugares de acolhida aos peregrinos, lugares possíveis de celebração do sacramento da Eucaristia e da Reconciliação de modo constante; tenham uma sala que testemunhem as graças recebidas e ocasiões de explicação da história da devoção do lugar e ainda, cultivem as formas aprovadas de piedade popular, terços, procissões, etc³⁸⁶.

11.2 Devoção à Virgem Maria

666. A piedade da Igreja para com a bem-aventurada Virgem Maria é elemento inseparável do culto cristão. Essa veneração que a Igreja presta à Mãe do Senhor constitui um excelente testemunho da sua *norma de oração* e um convite a reavivar nas consciências a sua *norma da fé*. Também a *norma de fé* da Igreja exige que, por toda a parte, floresça com força a sua *norma de oração* no que se refere à Mãe de Cristo³⁸⁷.

667. O culto mariano, embora inteiramente particular, difere em sua essência do culto de adoração que se presta a Deus, favorecendo-o poderosamente; este culto se expressa nas festas litúrgicas dedicadas à Mãe de Deus e na oração mariana, tal como o Santo Rosário. Este, por sua vez, foi desenvolvido pela piedade medieval do Ocidente como alternativa popular à Oração das Horas³⁸⁸.

668. O Rosário, de fato, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu íntimo é oração cristológica. Com ele, o povo cristão *frequenta a escola de Maria*, para deixar-se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor³⁸⁹.

385 Cf. Ibid. n.287

386 Cf. CDC, c.1234 § 1

387 Cf. MC, 56

388 Cf. CIC, n.971; 2678

389 Cf. Rosarium Virginis Mariae, n.1



669. Para que o Rosário fosse considerado mais plenamente “resumo do Evangelho”, o Papa São João Paulo II, inseriu, depois de recordar a encarnação e a vida oculta de Cristo (*mistérios da alegria*), e antes de se deter nos sofrimentos da paixão (*mistérios da dor*), e no triunfo da ressurreição (*mistérios da glória*), a meditação também sobre alguns momentos particularmente significativos da vida pública de Jesus (*mistérios da luz*)³⁹⁰.

670. A recitação do *Angelus* (do Anjo do Senhor) faz parte das orações diárias dos católicos. Esta oração nos faz recordar e contemplar a visita do Anjo a Maria, a Encarnação do Verbo de Deus e sua vinda ao mundo. A recitação costuma ser feita às 12h e às 18h. Durante o tempo da Páscoa, recita-se a oração *Regina Caeli* (Rainha do céu) no lugar do *Angelus*, lembrando a boa notícia da ressurreição de Jesus Cristo.

671. A *Ladainha de Nossa Senhora*, com a qual se recorre à intercessão da Mãe de Cristo e da Igreja por meio de muitos títulos atribuídos a ela. Essas fórmulas de louvor e de invocação de Maria são expressões da fé da Igreja e também da espiritualidade cristã, que exaltam as maravilhas que Deus realizou em Maria.

11.2.1 A Virgem Maria no Ano Litúrgico

672. Nas celebrações eucarísticas em memória de Nossa Senhora atente-se para que se manifeste que a Missa é sempre cristológica e cristocêntrica. Maria com sua vida honra, a Jesus; e nós, por Maria, honramos a Jesus. A cor para estas celebrações é o branco ou dourado; o azul (cerúleo) pode constar como detalhe nos itens da celebração (paramentos p.ex.), mas não de modo predominante (o uso dessa cor é uma concessão papal que o Brasil não possui).

673. Na liturgia, “Cristo sempre associa a si sua amadíssima Esposa, a Igreja”³⁹¹. Onde quer que se comemore ou se faça presente a obra salvífica de Cristo, com certeza recorda-se a Virgem Mãe, que esteve unida com laço indissolúvel a essa obra redentora. Esse aspecto, que liga inseparavelmente Maria a Cristo na economia da salvação e em sua realização sacramental, agrega-se outro, que une Maria ao mistério da Igreja como modelo na celebração dos mistérios.

674. Algumas comunidades possuem o costume de na Celebração Eucarística, após a bênção final e antes dos ministros (ordenados e não ordenados) se retirarem, rezar a oração do Salve Regina (na Páscoa reza-se o Regina Caeli em seu lugar) ou uma Ave Maria. Este gesto é um boa expressão da devoção mariana associada à Eucaristia sem criar novos elementos no rito previsto.

390 Cf. *Ibid.* n.19

391 SC, n.7



11.2.2 Solenidades que celebram os dogmas marianos:

675. São quatro os dogmas da Igreja Católica em torno do mistério da Virgem: Imaculada desde o primeiro momento de sua concepção; Mãe de Deus em sua missão salvífica; Maria sempre Virgem; Assunta ao céu em seu destino final ao lado de Cristo, como primícias da Igreja. Estes foram assumidos e são celebrados em três solenidades:

- *Santa Maria Mãe de Deus (1º de Janeiro)* – A liturgia desse dia assume o tema da paz e o do início do ano civil, proclamando a benção de Moisés (Nm), que prenuncia a proteção de Deus e a paz. É ocasião propícia para renovar a adoração do recém-nascido - Príncipe da Paz, para implorar de Deus, pela mediação da Rainha da Paz, o dom supremo da paz.
- *Assunção de Maria (15 de agosto)* – A proclamação do dogma da Assunção em 1950 por Pio XII foi uma feliz ocasião para a reestruturação de toda a liturgia que proclama o mistério da glorificação de Maria assunta ao céu em corpo e alma; excepcionalmente, conta com um formulário de orações no missal romano de missa para a vigília. Aqui no Brasil esta solenidade é sempre celebrada no domingo após o dia 15 de agosto.
- *Imaculada Conceição (8 de dezembro)* – o Papa Sisto V introduziu-a no calendário romano em 1476. Proclamando o dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX em 1854, sua festa foi dotada de belíssimos textos que, com alguns enriquecimentos, tanto na Liturgia da Horas como na missa, chegaram até nós.

11.2.3 As Festas e as memórias de Maria

676. Festas:

- *A Visitação de Nossa Senhora (31 de Maio)*
- *A Natividade de Nossa Senhora (8 de Setembro)*
- *Nossa Senhora das Dores (15 de Setembro)*

Memórias:

- *Nossa Senhora de Lourdes (11 de Fevereiro)*
- *Nossa Senhora do Monte Carmelo - Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho)*
- *Dedicação da basílica de Santa Maria Maior (5 de agosto)*
- *Nossa Senhora Rainha (22 de agosto)*



- *Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro)*
- *Nossa Senhora da Conceição Aparecida (12 de Outubro – Brasil)*
- *Apresentação de Nossa Senhora no templo (21 de novembro)*
- *Imaculado Coração de Maria (sábado após a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus)*
- *Santa Maria, Mãe da Igreja (segunda-feira depois de Pentecostes)*
- *Aos sábados nas comunidades (antes das 18h) também se pode rezar a memória de Nossa Senhora.*

677. Nestas ocasiões utilizem-se os Cantos (vide sobre a música litúrgica), Formulários, o Prefácio e a Benção de Nossa Senhora (específicos ou do comum). Podem também ser elaboradas Preces específicas.

11.3 Devoção aos Santos

678. Enraizado na Sagrada Escritura (cf. At 7,54-60; Ap 6,9-11; 7,9-17) e atestado com certeza desde a primeira metade do século II, o culto dos Santos, primeiramente dos mártires, é um fato eclesial antiquíssimo.³⁹²

679. A nossa relação com os Santos deve ser concebida à luz da fé, não deve esvaziar, mas, pelo contrário, manter e até desenvolver o culto de adoração devido unicamente a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo; o verdadeiro culto aos Santos não consiste na multiplicação dos atos exteriores, mas na intensidade do amor ativo, que se traduz em empenho de vida cristã³⁹³.

680. A doutrina da Igreja e a sua Liturgia propõem os Santos e Bem-aventurados, que já contemplam a visão feliz de Deus, como: testemunhas históricas da vocação universal à santidade; discípulos admiráveis do Senhor e, portanto, modelos de vida evangélica; cidadãos da Jerusalém celeste, que cantam sem cessar a glória e a misericórdia de Deus; intercessores e amigos dos fiéis ainda peregrinos na terra.³⁹⁴

681. E ainda, como: patronos de Igrejas locais, das quais muitas vezes foram fundadores (Santo Eusébio de Vercelli) ou Pastores ilustres (Santo Ambrósio de Milão); de nações: apóstolos da conversão delas à fé cristã (São Tomé, Espanha e São Bartolomeu, para a

³⁹² Cf. Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, n.208

³⁹³ Cf. Id. n.212

³⁹⁴ Cf. Id. n.211



Índia) ou expressão da identidade nacional deles (São Patrício, para a Irlanda); de corporações e profissões (Santo Omobono, para os alfaiates); em circunstâncias particulares – na hora do parto (Sant’Ana, são Raimundo Nonato), da morte (São José) – e para obter graças específicas (Santa Luzia, para a preservação da vista) etc³⁹⁵.

682. Na liturgia em memória dos Santos preserve-se o caráter cristológico e cristocêntrico da celebração do qual os mesmos Santos foram testemunhas. A cor litúrgica para estes pode ser o vermelho (no caso de mártires e apóstolos) ou branco (nos demais casos).

11.4 Indulgências

683. As Indulgências são parte da tradição e da piedade católica. A respeito delas se manifestam atitudes contrastantes. Alguns a rejeitam como algo ultrapassado e como um entrave ao diálogo ecumênico. Outros buscam de forma equivocada, chegando inclusive a práticas desviadas da verdadeira piedade cristã. Muitos, porém, encontram nelas o caminho de crescimento na santidade, expressão do amor a Deus e ao próximo.

684. Indulgências não perdoam os pecados. Elas são graças especiais e específicas para amadurecer o processo de conversão do fiel arrependido que, tendo sido perdoado, deseja reiniciar uma vida

685. É a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições (leia-se o número abaixo) alcança por meio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos.³⁹⁶

686. Para adquirir a indulgência plenária é preciso fazer uma obra enriquecida de indulgência e preencher as seguintes três condições: confissão sacramental, comunhão eucarística e oração nas intenções do Sumo Pontífice. Requer além disso rejeitar todo o apego ao pecado, qualquer que seja, mesmo venial.³⁹⁷

687. Qualquer fiel pode lucrar indulgências parciais ou plenárias para si mesmo ou aplicá-las aos defuntos como sufrágio.

688. Para que alguém seja capaz de lucrar indulgências, deve ser batizado, não estar excomungado e encontrar-se em estado de graça.³⁹⁸

395 Cf. Id. n.211

396 Cf. Indulgências, orientações litúrgico-pastorais. p.19

397 Cf. Indulgentiarum Doctrina, N.7

398 Cf. CIC 1917



CAPÍTULO 12

INCLUSÃO NA LITURGIA

689. A respeito de uma participação mais plena e efetiva na Sagrada Liturgia das pessoas com deficiência seguem algumas orientações gerais e básicas de inclusão. Não se pretende, contudo, esgotar todos os aspectos desse direito e necessidade, mas antes fomentar e oferecer alguns parâmetros de acessibilidade e acolhimento convidativo, visto que: “só somos convidados, quando reconhecidos. Isso denota a evolução das ‘mentalidades”³⁹⁹, a nossa liturgia precisa cada vez mais reconhecer as necessidades e fornecer os meios para a boa participação destas. Novamente, caminhamos com bom senso, pouco a pouco, até o ideal.

690. Para esta participação mais efetiva e plena, tais orientações deste capítulo seguem em quatro divisões:

- I. Questões específicas da inclusão na liturgia;
- II. Registro das pessoas com deficiência;
- III. Central de Orientações Básicas;
- IV. Acomodação no espaço litúrgico;

12.1 Questões específicas da inclusão na liturgia

691. Cada irmão e irmã com alguma deficiência pode servir a liturgia e é convidado a “praticar cada vez mais as próprias riquezas e a responder com fidelidade à própria vocação humana e sobrenatural.” (S. João Paulo II)⁴⁰⁰. São convidados, portanto, a integrar momentos como apresentação dos dons, serviço junto ao altar, leituras, organização da liturgia, grupos de canto, dentre outras atividades de acordo com suas possibilidades.

399 CNBB/Campanha da Fraternidade 2006: Texto-Base. Brasília. Edições CNBB. 2005

400 Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes no Congresso Internacional sobre: “Dignidade e Direitos da Pessoa com Deficiência”. Vaticano, 5 de janeiro de 2004



12.1.1 Para os surdos

692. Que o intérprete de LIBRAS possa ter espaço junto ao presbitério (próximo ou no, dependendo do local), pois o mesmo lhe confere a visibilidade necessária, bem como faz um vínculo direto da interpretação com os devidos momentos litúrgicos. A pessoa surda precisa ter este campo de visão do intérprete e do presidente da celebração, e assim, a sua participação torna-se efetiva e frutuosa.⁴⁰¹ Mas este não deve desviar a atenção do conjunto da Assembleia.

693. É preciso que as equipes de liturgia tenham a devida sensibilidade com essa realidade tão necessária do local do intérprete e não obstruam o campo de visão com vasos e objetos; além disso, evite-se parar na frente do intérprete. Sempre que possível aos que estão servindo que se passe por trás do intérprete. Deve-se incluir no planejamento litúrgico a possibilidade da presença de um intérprete em qualquer celebração.

694. Leitura em Libras: consiste na proclamação da leitura por parte do próprio surdo ou do intérprete. Para isto pede-se que o local da proclamação seja ao lado da mesa da Palavra, pois atrás dela a sinalização do intérprete ou do surdo pode ficar coberta.

695. Interpretação musical: As equipes de canto, sempre que solicitado pelos intérpretes, devem com antecedência passar as músicas (ou os folhetos com antecipação) para a melhor organização e interpretação.

696. Aos leitores em voz pede-se que só se retirem do presbitério após a finalização da interpretação em LIBRAS, pois é criada certa desarmonia com a saída da mesa da Palavra sendo que a palavra ainda pode estar sendo proclamada em LIBRAS.

697. A interpretação das orações eucarísticas pode ser feita pelos intérpretes. O intérprete de LIBRAS tem o papel de fazer com que a pessoa surda participe e entenda o que o padre está dizendo.

698. Aos intérpretes pede-se aprofundamento litúrgico e da vida comunitária a fim de que sua interpretação, como verdadeira transmissão da Palavra de Deus, seja frutuosa e esteja de acordo com a liturgia.

699. No que se refere à postura dos intérpretes orienta-se que use vestimenta discreta e respeitando o decoro litúrgico, a veste não deve dificultar a visualização e execução dos movimentos, para esta, siga-se as orientações do pároco/administrador paroquial.

⁴⁰¹ Nos casos em que o surdo tem dificuldade na visualização do intérprete no presbitério (por questões arquitetônicas ou mobiliárias), então se pode escolher outro lugar mais apropriado



12.1.2 Para a pessoa com deficiência visual

700. É importante que exista na liturgia, para a inclusão das pessoas com deficiência visual, o recurso de “Áudio Descrição”, que é a tradução das imagens em palavras e que ampliam o entendimento do que ocorre no ambiente.

701. A Áudio Descrição deve ser feita por pessoas que tenham conhecimento da área e de liturgia, pois deve ser de qualidade e, ao mesmo tempo, um exercício de respeito, donde se observam a tonalidade da voz e a interpretação para cada momento.

702. A pessoa com deficiência visual precisa ser localizada no espaço em que está e ter uma descrição do ambiente. Desta maneira, quando não houver um trabalho específico para esse público, a própria equipe litúrgica pode dar especial atenção para explicar antecipadamente alguns detalhes da celebração para essa pessoa, por exemplo, como é o espaço físico da igreja, como está a decoração naquele dia, quais as cores litúrgicas (pois as cores tem significados reais), quantas pessoas estão presentes e quantas estão ao lado dela, em qual localização está sentado, qual o formato do altar, quantos ministros e coroinhas estão presentes, entre outros.

703. É sempre importante perguntar à pessoa com deficiência visual se ela precisa de ajuda e, caso ela aceite, deve-se simplesmente oferecer o braço e direcioná-la caminhando normalmente. Nunca se deve puxar a pessoa ou empurrar, pois é um gesto agressivo e que traz insegurança.

704. Antes de começar a celebração pergunta-se se a pessoa precisará de ajuda para a comunhão e, caso precise, basta oferecer o braço e direcioná-la. Convém avisar ao padre ou aos ministros sobre a pessoa com deficiência visual que irá comungar, para que ao se aproximar possa dizer antecipadamente: “N... eu irei lhe entregar o corpo de Cristo”, deste modo a pessoa compreenderá que é a sua vez e poderá estender a mão ou abrir a boca ao ouvir as palavras: “O Corpo (e Sangue) de Cristo”.

705. Antes de falar ao microfone deve-se falar fora do microfone para que a pessoa com deficiência visual se localize, pois ela poderia ficar voltada para a caixa de som.

706. A Diocese de Santo André oferece os folhetos ABC Litúrgico em braille para que possa proclamar a leitura da missa e também acompanhar a liturgia.

12.1.3 Para a pessoa com deficiência intelectual

707. As pessoas com deficiência intelectual podem participar de funções litúrgicas e servir no altar, porém é recomendável que se faça um acompanhamento prévio avaliando as condições de compreensão e desempenho do serviço.



708. No que se refere às funções litúrgicas e uma real inclusão é importante que não se atribuam funções apenas para uma presença passiva da pessoa com deficiência, ou seja, que ele possa desenvolver e desempenhar as funções ativamente de acordo com suas reais possibilidades. E que esteja, na medida do possível, ciente do significado da ação que está desempenhando.

12.1.4 Para a pessoa com deficiência motora

709. As pessoas com alguma deficiência motora precisam ser incluídas nas celebrações e têm direito a uma participação integral na liturgia. Por isso é importante que a comunidade tenha a devida preocupação em adaptar o ambiente e espaço, de maneira que a acessibilidade seja possível. Para tanto, elencamos alguns pontos:

710. Proclamação da leitura pode ser feita em outro local quando não for possível o acesso ao presbitério e/ou à mesa da Palavra;

711. A procissão para receber a comunhão eucarística deve ser viabilizada sempre que a pessoa tiver condições de aproximar-se por conta própria, ex.: facilitar a circulação de cadeira de rodas.

712. Quando a aproximação por conta própria não for possível, então a equipe litúrgica deve comunicar ao presidente da celebração ou aos demais ministros para que se aproxime da pessoa com deficiência motora no momento da comunhão.

12.2 Registro das pessoas com deficiência

713. Criar um registro (ao menos paroquial) para melhor conhecimento da demanda de fiéis que tenham algum tipo de deficiência e necessitem de alguma adaptação.

714. Este registro pode ser feito de forma simples por qualquer equipe da paróquia, inclusive a equipe litúrgica de acolhida ao término da celebração. Deve conter nome completo, idade, endereço, telefone, e-mail, tipo de deficiência e/ou demanda de adaptação, nome da paróquia que o identificou e paróquia de origem (caso não seja a mesma). O cadastro pode ser enviado para o e-mail da Central Diocesana: setorinclusao@diocesesa.org.br

715. A partir desse registro é possível pensar de maneira concreta nas melhores alternativas para a participação desses grupos, visto que cada necessidade exige uma abordagem diferenciada e personalizada.



716. Ao entrar em contato, a paróquia poderá ser orientada pelo Setor Inclusão Diocesano e também criar um grupo ou pastoral paroquial. E, ainda, este registro favorecerá a comunicação sobre encontros diocesanos para pessoas com deficiência, criação de novos trabalhos de inclusão no âmbito litúrgico e orientação para as famílias.

12.3 Central de Orientações Básicas

717. A Equipe Litúrgica pode caminhar em comunhão com grupos e/ou pastorais que trabalhem com pessoas com algum tipo de deficiência para que juntos possam auxiliar e orientar uma melhor participação litúrgica desse público. Também pode encaminhar a família, amigos, catequistas sobre onde buscar suporte e maiores orientações a respeito dos trabalhos que acontecem na diocese nessa área.

12.4 Acomodação no espaço litúrgico

718. É desejável que se torne padrão que nas celebrações, diocesanas e paroquiais, se reserve um banco (ou mais, se houver necessidade) na primeira fila, próximo ao altar, para pessoas com algum tipo de deficiência.

719. Este lugar deve ser bem identificado e reservado exclusivamente para casos de deficiência, donde se compreende que este é um direito⁴⁰² e não uma obrigação da pessoa com deficiência, ou seja, os mesmos podem livremente escolher outro lugar na assembleia e participar nas celebrações do local onde se sentirem melhor. Para pessoas com outros tipos de necessidades especiais, que não sejam deficiências (p. ex. gestantes, etc), pode-se disponibilizar lugar em outros locais da assembleia, não precisando ser o primeiro banco.

720. É importante, no entanto, que se viabilize a informação às pessoas com deficiência de que os mesmos têm este lugar reservado. Sugestão: colocar informações próximo dos bancos e/ou nos murais das igrejas.

12.4.1 Razões para reservar bancos

- **Para pessoas surdas:** O primeiro banco garante melhor visualização por parte de pessoas surdas e este sentido da visão é fundamental para a participação desse público em qualquer ambiente. Facilita a visualização de intérprete, caso haja interpretação de LIBRAS e permite melhor leitura labial àqueles que se utilizam desse recurso, e percepção de cada momento, facilitando

402 Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015



que se acompanhe em folheto, caso necessário.

- **Para pessoas com deficiência visual:** O primeiro banco pode ser útil para pessoas com deficiência visual estarem mais próximas da celebração quando não há o recurso de áudio descrição (serviço que explica em voz tudo o que está acontecendo visualmente), e com menos interferência de outros barulhos.
- **Para pessoas com deficiência intelectual:** Pode ser útil para maior atenção e contemplação do momento, com menos estímulos externos que as distraiam.
- **Para pessoas com deficiência motora:** Em caso de pessoas que não fazem uso de cadeira de rodas, pode proporcionar um espaço maior para esticar as pernas, caso necessário. Proporciona também uma abertura maior para os movimentos, em caso de pessoas com grave deficiência na coordenação motora, dentre outros casos. No caso do uso de cadeira de rodas, a cadeira pode ficar à frente do primeiro banco, para que não aconteça de alguma pessoa ficar em pé na frente do usuário da cadeira, obstruindo sua visão. Se a pessoa estiver com um acompanhante ou cuidador, este pode assentar-se no primeiro banco (já reservado) e estar próximo à pessoa que necessite.
- **Para a inclusão:** A pessoa com deficiência saberá que em qualquer lugar da diocese alguém pensou nela e que há, certamente, um lugar reservado. A pessoa que não tem deficiência passará a pensar naquelas que têm e, todo esse movimento, traz um sentido profundo de comunhão e inclusão.
- **Observação:** Caso não compareça nenhuma pessoa com deficiência, o uso pode ser liberado para outras pessoas. Mas para isto se aguarde passar 10 minutos do início da celebração.

12.5 Informações sobre acessibilidade

721. Há diversas equipes especializadas nos assuntos que se referem a pessoas com algum tipo de deficiência e não se pretende, com essas orientações, transferir o trabalho para as equipes de liturgia, porém, é de suma importância que as equipes litúrgicas tenham ciência dessas orientações, considerem esses pontos em seu planejamento geral e possam caminhar em unidade com as equipes especializadas, para que nossos irmãos com alguma deficiência possam vivenciar de melhor forma as riquezas de cada celebração.

722. As equipes litúrgicas que desejarem contatar o grupo de referência sobre acessibilidade podem enviar um e-mail para: setorinclusao@diocesesa.org.br



CAPÍTULO 13

LITURGIA E NOVAS TECNOLOGIAS

723. A Igreja tem convicção de que as mídias digitais não substituem a vida comunitária e litúrgica presencial, pois participar é “tomar parte” e esta participação acontece em comunidade; contudo, os meios de comunicação podem ser uma ferramenta para complementar essa vivência. As redes sociais podem oferecer outras possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é um dom de Deus.⁴⁰³

724. A vida litúrgica e comunitária pode ser enriquecida com o recurso do ambiente digital.⁴⁰⁴ É necessário, porém, que tais transmissões sejam devidamente preparadas, do ponto de vista técnico e litúrgico, tendo sempre em conta a diversidade de público.⁴⁰⁵

725. A Igreja se beneficia dos meios eletrônicos, como o Rádio, a TV e a Internet, para transmitir os conteúdos da fé. Alguns resultados provenientes do uso adequado dos meios audiovisuais são: ⁴⁰⁶

- conduzir o cristão à tomada de consciência sobre sua pertença ao corpo místico de Cristo;
- alimentar a vida de oração e as preces comunitárias;
- despertar nos fiéis o desejo de tomar parte das celebrações na própria comunidade.

726. As transmissões têm valor evangelizador, pois o anúncio da Boa-Nova vai ao encontro dos enfermos, das pessoas com idade avançada ou impossibilitadas de participar fisicamente das comunidades. Contudo, o fiel em condições de tomar parte das celebrações deve fazê-lo.⁴⁰⁷

727. A transmissão litúrgica por meios eletrônicos, sobretudo ao vivo, são canais do Evangelho. Hoje é fácil com um celular fazer uma transmissão de um sacramento, gravar

403 Cf. DCIB n.176

404 Cf. Ibid. n.191

405 Cf. *Communio et Progressio*, n.151

406 Cf. DCIB, n.98

407 Cf. Id. n.99



um aviso paroquial, lançar uma homilia pelo whatsapp. As paróquias devem procurar, dentro de suas possibilidades, inserir-se nestes contextos.

728. Um investimento inicial neste tipo de evangelização pode ser necessário (uma câmera, uma placa de vídeo, um site provedor da transmissão...), mas vale a pena, pois é possível que mais pessoas vejam online do que presencialmente um momento da vida da comunidade.

729. A liturgia, quando é transmitida pelos meios de comunicação, ganha relevância crescente, não como um espetáculo, mas como um momento que expressa a relação entre Deus e um povo que, por ser uma experiência real e fecunda, tem de ser partilhada. Em nenhuma circunstância e sob nenhum pretexto, a celebração da missa pode converter-se em espetáculo ou marketing, ou performance artística do ministro que a preside ou proclama a Palavra, bem como dos músicos cantores ou de outros envolvidos.⁴⁰⁸

730. Participar numa transmissão litúrgica pela rádio, televisão ou redes sociais requer a intenção do testemunho, onde as intervenções e participações não sejam artificiais e construídas por causa do ambiente midiático, preparadas especificamente para a transmissão.

731. Atente-se que na comunicação, tudo o que vem interferir a mensagem do emissor para o receptor é chamado de ruído. Na liturgia, o emissor é o próprio Deus que se comunica e se revela por meio dos sinais sensíveis, por isso, para que não haja ruído entre a comunicação salvífica de Deus e a assembleia de fiéis, aqueles que cuidarão de transmitir ou registrar a celebração o “façam com discrição e dignidade”⁴⁰⁹, a equipe que transmite deve estar integrada à Pastoral Litúrgica e ser conhecedora dos ritos a serem executados.

732. “Os aparatos técnicos (...) não podem ocupar o centro da relevância e da atenção em relação à Palavra e ao rito sacramental, nem criar ambiente de dispersão e distração.”⁴¹⁰

733. Em eventos ou em grandes celebrações Diocesanas a assessoria de imprensa da Diocese envia uma equipe de cinegrafistas e fotógrafos escalados, garantindo um bom registro para as mídias diocesanas. É necessário bom senso para que cada PASCOM paroquial não seja responsável por intervir em uma organização preparada para o momento.

734. Aconselha-se que os fotógrafos realizem um serviço lateral, evitando ao máximo deslocamentos. Em celebrações litúrgicas, é recomendável evitar o uso do flash, pois, mesmo quando rebatido para o teto, atrapalha a concentração da comunidade e do presidente da celebração, tornando-se um ruído na comunicação.

408 Cf. Id. n.102

409 Cf. SC, n.21

410 DCIB, n. 82



735. Os cinegrafistas e fotógrafos não devem: subir as escadas do presbitério, permanecer no próprio presbitério, permanecer encostados no sacrário, permanecer na mesa da Palavra (ambão), os movimentos extraordinários em vista do registro de algum rito específico seja feito com o conhecimento prévio da equipe de liturgia e a autorização do presidente da celebração, ou responsável pela organização. É preciso reverência e profundo respeito para realizar o serviço de forma discreta e respeitosa, sem interferir no rito.

736. Este serviço pode ser uma ocasião formidável para dar um **testemunho de fé aos próprios membros da comunidade celebrante**. De fato, um fotógrafo ou um cinegrafista, com uma fé autêntica, pode se tornar um catequista singular.

13.1 Preparar uma transmissão e registro da celebração litúrgica⁴¹¹

737. Não há um manual para as transmissões e registros litúrgicos, mas é possível apontar os aspetos essenciais: a preparação anterior à transmissão, a qualidade do transmitido, a pontualidade das celebrações, a periodicidade (as pessoas precisam saber que a transmissão acontece, semanalmente, mensalmente, p.ex.), discrição dos agentes e a colaboração da pastoral litúrgica.

738. É preciso planejar a transmissão:

- Conhecer a estrutura da celebração, seus ritos gerais e próprios, e os mecanismos necessários para a transmissão;
- Definir com antecedência o melhor e mais discreto local para capturar cada momento da celebração;
- Elaborar um roteiro da transmissão que permita a concentração da atenção nos pontos essenciais da celebração. Há momentos que não interessa mostrar em pormenor.
- Apresentar o celebrante, o coro, o espaço, a beleza e valorizar a assembleia em sua vibração orante, alegre, silenciosa e expressiva.
- Cultivar a valorização de sinais e símbolos, de acordo com a relevância de cada rito. No caso de uma transmissão, uma imagem ou um comentário pode valorizar ou não esse terreno simbólico, seja pela escolha de grandes planos de uns e planos distantes de outros, seja pela referência que se possa fazer, descritiva ou narrativa, das intervenções na celebração.

411 Cf. Rocha, Paulo. Secretariado Nacional de Liturgia (Portugal)



- Atentar-se de que tudo é amplificado numa transmissão televisiva. Mesmo que o técnico esteja atento ao decorrer das várias ações, pode acontecer de ficar um “ canal aberto” em qualquer momento, dessa forma, é necessário ter presente a certeza de que tudo que se diz será escutado, portanto: sem conversas paralelas, cochichos ou recados. (assim deve ser toda celebração sendo ela transmitida ou não)

739. Comunicar o Evangelho através dos novos meios de comunicação significa não só inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios, mas também testemunhar com coerência, no próprio perfil digital e no modo de comunicar, escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho, mesmo quando não se fala explicitamente dele⁴¹².



CAPÍTULO 14

GRANDES CELEBRAÇÕES

740. A celebração de determinadas solenidades litúrgicas ou encontros pastorais na Paróquia, na Região Pastoral e/ou em âmbito Diocesano demandam uma preparação e atenção redobrada. Considera-se uma grande celebração aquela que possui grande afluência de fiéis e/ou sacerdotes e/ou um espaço fora de templo religioso (“missa campal”).

741. As grandes celebrações devem procurar garantir não só a presença das pessoas, mas a qualidade da participação. Por participação não se entende que todos devem materialmente realizar algo além dos gestos previstos e das atitudes do corpo, mas que formem um só corpo, quer ouvindo a Palavra de Deus, quer participando nas orações e no canto, quer sobretudo na comum oblação do sacrifício e na comum participação na mesa do Senhor. Tal objetivo, é mais difícil de alcançar no caso de uma assembleia heterogênea, não habituada a orar juntamente, reunida num espaço não diretamente concebido para a celebração litúrgica, composta de um número tão elevado que pode não favorecer a relação direta com o altar, com o ambão e com quem preside, nem facilitar as habituais posições rituais (sentar-se, ajoelhar-se e movimentos processionais).⁴¹³

742. As grandes celebrações podem requerer monições adaptadas para favorecer a participação interior e exterior de todos e o correto desenvolvimento dos ritos, especialmente nos momentos “fora do comum”, que podem ser explicados.

743. As grandes celebrações produzem maior fruto espiritual e apostólico se forem apresentadas como o coroamento de uma programação escalonada de encontros preparatórios de caráter espiritual e catequético (gestos de piedade p.ex.).

744. É também de grande eficácia a preparação em três níveis: remota (até meses antes), próxima (dias antes) imediata (na véspera e no próprio dia). Cada nível de preparação requer o desenvolvimento de atividades específicas.

745. Seguem algumas indicações e sugestões para preparar as grandes celebrações:

- Agenda de reuniões e atividades anteriores à Celebração, com o que cada um deve preparar e quando deve entregar o combinado;
- Visita técnica ao local da Celebração (com mapa do local – definições espa-

⁴¹³ Cf. Congregação para o Culto e Disciplina dos Sacramentos. Guia para as Grandes Celebrações, n.3



ciais e estrutura logística);

- Checklist pormenorizado dos ministérios e funções específicas
- Checklist pormenorizado dos objetos litúrgicos
- Checklist pormenorizado das estruturas (banheiros, cadeiras, sonorização, iluminação, decoração, segurança, acessibilidade, suporte de saúde etc)
- Promover ensaios (ensaio de cânticos, de leituras, dos que servem diretamente ao altar)
- Se for o caso, organizar um livreto para a celebração

746. Os ministros ordenados devem superar a tentação do anonimato e da dispersão (isto é, ficar com os leigos), ocasionados com maior facilidade pelas grandes aglomerações. Os fiéis por sua vez não são apenas a manifestação da massa, mas na celebração para um encontro dos filhos de Deus com seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo.

747. Quando possível, assegure-se nas grandes celebrações a possibilidade e facilidade de acesso à confissão sacramental (com a concreta visibilidade dos sacerdotes, antes da celebração ou mesmo durante a Missa) com espaços apropriados para o sacramento.

748. Se a celebração se realiza numa vasta área cuide-se do uso de telões e de que o som chegue com definição suficiente em todas áreas.

749. Que os envolvidos em reportagens (vídeo e escrito) sejam informados sobre o desenvolvimento da celebração, de modo que nos vários momentos a atenção esteja voltada para ações litúrgicas, o ambão na liturgia da Palavra, o altar na liturgia eucarística... evite-se distrair o olhar dos fiéis da celebração mostrando imagens inapropriadas de pessoas presentes ou realidades estranhas à celebração. Ver capítulo sobre as novas tecnologias.

750. Sobre a decoração: Os sinais devem brilhar por sua nobre simplicidade na disposição do espaço e da decoração dos lugares. A simplicidade, contudo, não deve degenerar no empobrecimento dos sinais.⁴¹⁴ As imagens são úteis para orientar o olhar dos fiéis para os mistérios da fé, não para dispersá-los. Imagens referenciais para isto são: *Pantocrator* ou Senhor da Glória. São valorizadas também as imagens sacras veneradas naquele lugar, que sejam caras à piedade popular (p.ex. Nossa Senhora Aparecida), o Padroeiro da Diocese, da Cidade, etc.

751. Deve-se cuidar da beleza dos paramentos e outras alfaias, a fim de que alimentem a admiração e o enlevo pelo mistério de Deus. Cada um use a veste própria de seu ministé-

414 Cf. João Paulo II, Carta Apostólica. *Vicesimus quintus annus*, n.10



rio. Mesmo quando os concelebrantes são muitos, é louvável que cada um possa vestir a casula, tendo presente que, desde que o presidente e os concelebrantes principais usem a cor do dia, a dos demais pode ser de cor branca.⁴¹⁵ Os demais quer servem na celebração atenham-se aos legítimos costumes do lugar.

752. No que se refere ao canto não se deve excluir nenhum gênero de canto desde que corresponda ao espírito da ação litúrgica (por exemplo, solenidade, ou o tempo litúrgico vivenciado, etc) e favoreçam a participação de todos.⁴¹⁶ A preparação da assembleia para o canto, o cantor que guia o coro (solista), o regente e o uso de refrãos tem um papel importante.

753. Mesmo em grandes celebrações o silêncio sagrado, parte da própria liturgia, deve ser preservado. Antes do início da celebração pode chamar-se a atenção para a sua importância, convidar a não aplaudir, não agitar bandeiras e que se cuide da equipe de fotógrafos e cinegrafistas.

14.1 Os lugares da celebração

754. O lugar deve ser escolhido com muita atenção considerando: a acomodação das pessoas, a capacidade de criar um ambiente de oração e participação, através do espírito e do visual. Caso seja necessário, optar por um lugar ao ar livre; é conveniente que a assembleia se reúna, o quanto possível, num espaço bem delimitado, para que todos possam ver e ouvir comodamente; nessa escolha leve-se em conta facilidade da distribuição da Sagrada Comunhão.

755. Se necessário sejam feitas capelas para conservar o Santíssimo Sacramento para a posterior distribuição e retorno da reserva eucarística (pode ser uma capela para cada três mil).

756. O altar deve ser único, com a cruz devem ser colocados de modo a serem o centro de convergência para o qual se dirigem as atenções de toda assembleia dos fiéis. Considere-se uma justa dimensão do altar, sua elevação e a qualidade da iluminação. Se necessário tenha uma cobertura (ou baldaquino) para proteger da chuva e do sol, mas cuide-se para que esta não seja um obstáculo para a visão e a captação de imagens.

757. O presbitério para grandes celebrações muitas vezes precisa ser “criado”, neste processo deve ser pensado e preparado conforme as normas segundo a proporção entre

⁴¹⁵ Cf. Guia para as Grandes Celebrações, n.14; IGMR 209; RS, n. 124. Também o presidente e seus próximos podem usar a veste da cor litúrgica do dia e os demais branco

⁴¹⁶ Cf. IGMR, n.41



ele e os outros espaços (dos músicos e dos fiéis), o conjunto deve refletir o povo reunido de modo orgânico e hierárquico. No presbitério haja assento para os concelebrantes, no caso campal preveja-se a área reservada para estes.

758. O ambão, associado com o presbitério, em relação visível e decorativa com o altar e a sede, deve ser sobre-elevado e bem visível para se poder realizar solenemente a proclamação da Palavra.

759. É indispensável que as monições, comentários, avisos e direção do canto se façam de lugar diferente do ambão, visível, mas discreto.

760. A sede tem um local definido no presbitério, bem visível aos fiéis com alguma relação com os concelebrantes. Quanto a forma e a decoração deve estar ligada com o altar e o ambão. Próximo à sede (junto de quem preside), coloquem-se os bancos do diáconos. De modo mais discretos haja assentos para os outros ministros.

761. O grupo de canto (*schola*) deve estar em um local que manifeste claramente sua natureza como parte da assembleia dos fiéis, e a função peculiar que lhe está reservado. Por isso, não ocupam lugar no presbitério e não façam concorrência com ele, estejam dispostos de modo que olhem para o altar e não para os outros fiéis.

14.2 Os momentos da celebração

762. Em espaços abertos, é necessário cuidar ainda mais da verdade dos sinais.⁴¹⁷

763. Na preparação imediata recomenda-se o silêncio orante aos fiéis e aos sacerdotes.

764. Caso sejam numerosos os concelebrantes podem ser dispostos em seus lugares de modo ordenado e discreto antes do início da celebração.

765. As leituras sejam proclamadas sem pressa, leve-se em conta que em grandes assembleias o som tarda a chegar nos lugares afastados.

766. Muito eficazes são os breves momentos de silêncio, pois permitem meditar tudo o que foi escutado.

767. Tenha-se o cuidado para que a quantidade do pão e do vinho a consagrar corresponda ao número dos participantes e concelebrantes.

768. O gesto de levar os dons ao altar por parte dos fiéis não necessita ser enfatizado com descabidas complicações. Sobretudo nas grandes celebrações podem ser apresentados só os dons que constituem a matéria do sacrifício e os que são destinados à caridade. O acréscimo de explicações não favorece o sentido litúrgico deste momento.

417 Cf. Guia para as Grandes Celebrações, n.24



769. Os dons eucarísticos devem ser dispostos sobre o altar. Se não é possível, alguns clérigos com as píxides nas mãos, coloquem-se – antes da apresentação dos dons – junto do altar, sem impedir os concelebrantes ou ocultar a visão do altar.

770. Os concelebrantes possuam um subsídio para a Oração Eucarística. Nas grandes celebrações convém que as partes da concelebração sejam cantadas.

771. No momento da consagração, as píxides devem estar descobertas. A adoração por parte dos fiéis é favorecida através de específicas manifestações de reverência tais como ajoelhar-se, a incensação, o som da campainha e o uso das velas levadas na consagração diante do altar.⁴¹⁸

772. Nas grandes celebrações o sinal da paz seja um gesto moderado, sóbrio, apenas aos que estão mais perto de si.⁴¹⁹ A sobriedade do gesto não retira o seu alto valor e ajuda a manter o clima de oração.

773. Para a comunhão dos concelebrantes cuide-se de que sejam hóstias consagradas na mesma missa e de que recebam a Eucaristia em duas espécies. Caso sejam numerosos concelebrantes prepare-se lugar adequado para a comunhão destes, se possível, sejam dispostos nas capelas laterais para isto. Em espaços ao ar livre prepare-se lugares visíveis com uma mesa toalha e corporal, e sobre estes o cálice junto à patena com as hóstias. Ou ainda, os concelebrantes permaneçam no lugar e comunguem através da Comunhão apresentada por diáconos ou concelebrantes. Os concelebrantes comunguem antes de distribuírem a Comunhão aos fiéis.

774. Para a comunhão dos fiéis, antes da mesma, é conveniente uma apropriada monição que recorde as atitudes de adoração e de respeito com a Eucaristia, bem como as condições para recebê-la. Podem-se indicar os lugares e as modalidades previstas para a distribuição da Comunhão.

775. Embora seja recomendável que a Comunhão se faça com hóstias consagradas na própria celebração, por motivos compreensíveis pode ser oportuna a Comunhão com hóstias já consagradas.

776. Prevejam-se corredores que facilitem a distribuição da comunhão. Os que distribuem a Comunhão devem ser reconhecíveis. Pode uma pessoa acompanhar que leve uma bandeira ou uma sombrinha, ou ainda, uma vela acesa. Sempre é louvável o uso da patena (ainda que sejam as tampas das píxides). O bispo, considerando os riscos do lugar, poderá decidir se é oportuno que a Comunhão seja distribuída somente na boca.

418 Cf. Guia para as Grandes Celebrações, n.27

419 Cf. IGMR, n.82



777. Preveja-se, em lugar específico onde possam comungar pessoas com particulares necessidades, p.ex. celíacos, deficientes visuais etc. Veja o capítulo sobre inclusão e sobre os celíacos.

778. Para os lugares onde for levada a reserva eucarística se preveja o necessário para a purificação dos vasos e dos dedos.

779. Discursos de autoridades civis podem ter seu lugar antes ou depois da celebração. Caso necessário, preveja-se lugares adequados para estes.

780. O objetivo do presente capítulo, com indicações e sugestões práticas, é ajudar a preparar devidamente e a viver frutuosamente as grandes celebrações litúrgicas, zelando sempre pelo que é próprio do lugar e as condições das comunidades do Grande ABC.



CONCLUSÃO

Lex Orandi, Lex Credendi

“A Lei da Oração é a Lei da Fé!” Esse artigo de fé nos ensina que aquilo que nós rezamos, torna-se aquilo que cremos. Se rezamos bem, cremos bem! Portanto, a Liturgia é um poderoso instrumento da Igreja para manter a fidelidade da Fé transmitida desde o tempo dos Apóstolos.

Por isso, nenhum rito celebrativo, principalmente o da Eucaristia, seja modificado ou manipulado por um ministro ou por alguma comunidade. A Liturgia não é uma propriedade privada, mas é um bem que promove a unidade de toda a Igreja e é demasiadamente grande para ficar à mercê do livre arbítrio.⁴²⁰

Quando a Igreja celebra a Liturgia, ela não celebra “qualquer coisa”, mas Alguém: o próprio Senhor Jesus Cristo Morto e Ressuscitado. A Igreja não celebra a unidade, mas o Cristo Ressuscitado que quer realizar a unidade dos membros do seu Corpo; a Igreja não celebra as vocações, mas o Cristo Ressuscitado que chama os batizados a trabalharem na edificação do mundo segundo a diversidade de dons e carismas do Espírito Santo; a Igreja não celebra as Mães ou os Pais, mas o Cristo Ressuscitado que concede para algumas mulheres e alguns homens a missão de cooperarem na sua obra criadora e na educação da fé de seus filhos; a Igreja não celebra a paz como ausência de violência, mas a ‘Paz’ que é o próprio Cristo Ressuscitado. Poderíamos nos estender longamente, mas o que deve ficar bem claro é que tudo na Liturgia sempre parte do Cristo Morto e Ressuscitado.

Cuidemos para que as celebrações eucarísticas manifestem a concretização da Salvação de Cristo no hoje da nossa história através da escuta atenta da Palavra e da comunhão do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Que as celebrações eucarísticas não sejam exploradas e transformadas em espetáculos para promoção pessoal ou de um grupo, em eventos partidários ou em missas revestidas de folclore a título de uma inculturação artificial e vazia. Não se esvazie o significado profundo do memorial de Cristo confiado à Igreja com celebrações que distorcem a perspectiva da Páscoa.

Que todos os ministros litúrgicos, ordenados ou não, tornem-se cada vez mais fiéis servidores dos sagrados Mistérios de Cristo. Que não sejam seduzidos pelo individualis-

420 Cf. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 52



mo, pelo sentimentalismo ou pelo modismo daquilo que se viu, mas que possuam uma consistente formação e preparação segundo as orientações oficiais da Igreja.

Enfim, celebremos com dignidade a Eucaristia segundo a Tradição da Fé e o Magistério da Igreja, para edificarmos e dilatarmos os laços das comunidades cristãs no compromisso com a caridade ensinada por Jesus na noite do cenáculo de Jerusalém.



APÊNDICES

APÊNDICE I

CALENDÁRIO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ

A Igreja particular - Diocese de Santo André (que compreende as sete cidades do Grande ABC) - comemora, oficialmente, as seguintes datas, a serem observadas em todas as paróquias (101) que a compõe:

- Criação e instalação da Diocese: 22 de julho de 1954

Por meio da bula *Archidiocoesis Sancti Pauli*, Pio XII desmembra os três municípios que então compunham o Grande ABC (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) da Arquidiocese de São Paulo, tornando-os uma nova circunscrição eclesial, denominada Diocese de Santo André, inicialmente com 16 paróquias.

Esta ocasião pode comemorar-se com celebrações nas paróquias e comunidades, bem como na igreja catedral, sobretudo em anos jubileares ou significativos para a história da Diocese.

- Dedicção da Catedral: 22 de agosto de 1958

Celebrar a consagração de um templo católico assume importância a partir do pressuposto que ele representa o “povo santo, reunido na unidade que procede da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Daí chamar-se este templo de igreja, dado que ele é a imagem da “Igreja, o templo de Deus edificado de pedras vivas, no qual o Pai é adorado em Espírito e em verdade.”⁴²¹

421 Pontifical Romano, II, 1



A igreja Catedral é o primeiro entre os templos de uma diocese e também “o centro de sua vida litúrgica”⁴²² uma vez que nela está a cátedra (cadeira) onde tradicionalmente o bispo se senta, em atitude magisterial, para exercer seu múnus pastoral de ensinar, santificar e governar. Por sua vez, este edifício sagrado é “sinal de unidade dos crentes naquela fé que o Bispo anuncia como pastor do rebanho.”⁴²³

A Catedral N. S^a. do Carmo foi solenemente dedicada pelo arcebispo D. Jaime de Barros Cardeal Câmara, quatro anos após a instalação da Diocese, aos 22 de agosto de 1958. No altar, como pede o rito, foram depositadas relíquias de São Sebastião e Santa Maria Goretti.

É a combinação de ambos os fatores que torna preponderante a celebração anual do aniversário de dedicação que, na Catedral N. S^a do Carmo, assume caráter de solenidade, ao passo que nas demais paróquias e comunidades da Diocese, é celebrada no grau de festa, a menos que a data tenha sido transferida em determinado ano, quando a festa é omitida nas paróquias e comunidades.⁴²⁴

- Santo André, Padroeiro da Diocese: 30 de novembro

Nascido em Betsaida (povoação extinta próxima a Cafarnaum), foi inicialmente discípulo do Batista; ao seguir Cristo, levou-lhe também o irmão mais novo Pedro. É ele que apresenta os gregos a Jesus e apresenta-lhe o menino com os cinco pães e os dois peixes. Tendo evangelizado diferentes regiões, foi crucificado em formato de “X” na Acaia, na atual Grécia. Segundo a tradição, foi este apóstolo quem fundou a Igreja em Constantinopla, na Turquia.⁴²⁵

Patrono é aquele sob o qual é colocada a proteção de alguém ou de algo. Por essa razão, convém celebrar o titular de uma comunidade, paróquia, diocese ou instituto religioso, não só em decorrência de sua intercessão, mas também de seu exemplo no seguimento a Cristo. De certo modo, quem foi colocado sob o patrocínio de um santo é chamado a tomá-lo como modelo.

Quanto mais se este santo patrono é um apóstolo, membro de um seletivo grupo a quem Jesus confiou preciosos ensinamentos e outorgou a missão de continuar sua obra na qualidade de seus representantes diretos.

422 Cerimonial dos Bispos 44

423 Cerimonial dos Bispos 42

424 Diretório de Liturgia, 2015, p.37

425 Liturgia das Horas 1999, IV, p.1479



Assim, constitui-se um momento de júbilo para a Diocese de Santo André celebrar anualmente seu padroeiro: na paróquia em que é titular, em nível de solenidade; na diocese como um todo, em caráter de festa.⁴²⁶

- Aniversário de ordenação episcopal de Dom Pedro Carlos Cipollini: 12 de outubro de 2010

Nascido em Caconde-SP, aos 4 de maio de 1952, D. Pedro foi ordenado bispo na Catedral de Campinas, nomeado inicialmente para a Diocese de Amparo-SP. Aos 27 de maio de 2015 foi transferido para a Diocese de Santo André para ser o 5º Bispo Diocesano.

Em todas as igrejas da Diocese, sobretudo na igreja catedral, comemore-se este dia com a celebração da “Missa pelo Bispo”⁴²⁷, manifestando especial gratidão a Deus pelo dom de um Pastor para guiar seu rebanho em direção à pátria definitiva.

426 Diretório de Liturgia, 2015, p.196

427 Cerimonial dos Bispos, 1167



APÊNDICE II

A HOMILIA⁴²⁸

Considerando a relevância da homilia para a Celebração Eucarística optou-se por dedicar neste Diretório um apêndice exclusivo à temática. Acompanha-se as indicações da Igreja Universal através da *Evangelii Gaudium* e do Diretório Homilético.

Reveste-se de um valor especial a homilia, derivado do seu contexto eucarístico, que supera toda a catequese por ser o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental. A homilia é um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo. Aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto.

A homilia não pode ser um espetáculo de divertimento, não corresponde à lógica dos recursos mediáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração. É um gênero peculiar, já que se trata de uma pregação no quadro duma celebração litúrgica; por conseguinte, deve ser breve e evitar que se pareça com uma conferência ou uma lição. O pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse das pessoas por uma hora, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé. Se a homilia se prolonga demasiado, lesa duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre as suas partes e o seu ritmo.

A homilia faz parte da liturgia e é vivamente recomendada, ela é necessária para alimentar a vida cristã. Deve consistir na explicação de alguma parte das leituras da Sagrada Escritura ou de outro texto do ordinário ou do próprio da Missa do dia, tendo em conta não somente que seja do mistério que é celebrado como também necessidades particulares da comunidade que escuta. Nos domingos e festas de preceito, deve haver homilia e não se pode omitir, nos outros dias, é recomendada.

Técnicas homiléticas não se aprendem com uma lição; aprende-se a pregar tendo intimidade com a Palavra de Deus, ouvindo bons pregadores, sobretudo os que tem um ouvido voltado para Deus e o outro para os homens. É útil ler as homilias dos grandes homens, do passado e do presente, mas para aprender com eles como se fala de Deus

428 Consultar EG n.135 a 159 e Diretório Homilético



aos homens. A homilia dialogada entre os ministros e fiéis é também uma forma lícita e pode ser prudentemente empregue.

É o Espírito quem abre não somente a boca do pregador, mas igualmente o coração do povo que escuta; por isso invocá-lo com ânimo sincero e simples é a primeira coisa da preparação.

Concentrar-se nas exigências particulares da assembleia, considerando situações culturais e pastorais soma-se ao esforço de formação para adquirir competências nos conteúdos e no domínio dos instrumentos.

Com isso deve-se evitar os defeitos da fala como: cópias, demora, repetições, uso incorreto do microfone, a superficialidade dos conteúdos e dos exemplos ou sua extrema densidade, a linguagem que afasta – ser demasiado angelical ou terrenamente exasperado.

A homilia deve ser feita pelo bispo, pelo sacerdote celebrante ou por um sacerdote concelebrante, por ele encarregado, ou, se oportuno, pelo diácono, mas não os fiéis não ordenados (leigos).

Segundo a Instrução sobre algumas questões sobre a colaboração dos fiéis leigos aos ministérios dos sacerdotes indica-se: que é lícita a proposta de uma breve nota explicativa para favorecer a maior compressão da liturgia a ser celebrada (animador) e excepcionalmente algum eventual testemunho em missas celebradas em dias especiais, desde que não se confundam com a homilia, sendo este o caso, faça-se depois de que o sacerdote pronuncia a oração depois da Comunhão. Mas que isto não pode se tornar um costume.⁴²⁹

Os próximos pontos deste apêndice são inspirados nas orientações do Papa Francisco sobre a preparação da homilia:

A preparação da pregação

A preparação da pregação é uma tarefa tão importante que convém dedicar-lhe um tempo longo de estudo, oração, reflexão e criatividade pastoral. Inicia-se sempre invocando o Espírito Santo.

O primeiro passo, depois de invocar o Espírito Santo, é prestar toda a atenção ao texto bíblico, que deve ser o fundamento da pregação. Detendo-se a estudá-la com o máximo cuidado e com um santo temor de a manipular, para isto é preciso paciência, pôr de parte toda a ansiedade e atribuir-lhe tempo, interesse e dedicação gratuita.

429 Cf. RS, n. 74



O mais importante é descobrir qual é a mensagem principal, a mensagem que confere estrutura e unidade ao texto. A pregação deve ter unidade e ordem. A mensagem central é aquela que o autor quis primariamente transmitir. Se um texto foi escrito para consolar, não deveria ser utilizado para corrigir erros; se foi escrito para exortar, não deveria ser utilizado para instruir; se foi escrito para ensinar algo sobre Deus, não deveria ser utilizado para explicar várias opiniões teológicas; se foi escrito para levar ao louvor ou ao serviço missionário, não o utilizemos para informar sobre as últimas notícias.

Depois é preciso colocar o texto em ligação com o ensinamento da Bíblia inteira, transmitida pela Igreja. Abeirando-se da Palavra com o coração dócil e orante, é bom não esquecer que, particularmente, a maior ou menor santidade do ministro influi sobre o anúncio da Palavra.

Quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra e fazê-la carne na sua vida concreta. Não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no caminho do Evangelho, e não deixemos cair os braços. Indispensável é que o pregador esteja seguro de que Deus o ama, de que Jesus Cristo o salvou, de que o seu amor tem sempre a última palavra.

Há uma modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por "lectio divina". Consiste na leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove (cf. apêndice sobre a Lectio Divina).

Na presença de Deus, numa leitura tranquila do texto, é bom perguntar-se, por exemplo: "Senhor, a mim que me diz este texto? Com esta mensagem, que quereis mudar na minha vida? Que é que me aborrece neste texto? Porque é que isto não me interessa?"; ou então: "De que gosto? Em que me estimula esta Palavra? Que me atrai? E porque me atrai?".

O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam de ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo. Desta forma, descobre as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano, prestando atenção ao povo concreto com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta. Trata-se de relacionar a mensagem do texto bíblico com uma situação humana, com algo que as pessoas vivem, com uma experiência que precisa da luz da Palavra.

Alguns acreditam que podem ser bons pregadores por saber o que devem dizer, mas descuidam de como, da forma concreta de desenvolver uma pregação. "Sê conciso



no teu falar: muitas coisas em poucas palavras” (Sab 32, 8). Lembremo-nos de que a evidente importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância dos métodos e dos meios da mesma evangelização. A preocupação com a forma de pregar também é uma atitude profundamente espiritual. É responder ao amor de Deus, entregando-nos com todas as nossas capacidades e criatividade à missão que Ele nos confia; mas também é um exímio exercício de amor ao próximo, porque não queremos oferecer aos outros algo de má qualidade. Já dizia Paulo VI que os fiéis esperam muito desta pregação e dela poderão tirar fruto, contanto que ela seja simples, clara, direta, adaptada. A simplicidade tem a ver com a linguagem utilizada. Deve ser linguagem que os destinatários compreendam, para não correr o risco de falar ao vento.

Outro cuidado necessário é procurar que a pregação tenha unidade temática, uma ordem clara e ligação entre as frases, de modo que as pessoas possam facilmente seguir o pregador e captar a lógica do que lhes diz.

Outra característica é a linguagem positiva. Não diz tanto o que não se deve fazer, como sobretudo propõe o que podemos fazer melhor. E, se aponta algo negativo, sempre procura mostrar também um valor positivo que atraia, para não se ficar pela queixa, o lamento, a crítica ou o remorso. Além disso, uma pregação positiva oferece sempre esperança, orienta para o futuro, não nos deixa prisioneiros da negatividade.

Em geral, uma homilia dura de sete a doze minutos, é de se esperar que em ocasiões quotidianas seja menor e em ocasiões festivas se prolongue, mas procure-se não ultrapassar quinze-vinte minutos.

Se desejar, ela pode ser escrita ou contar com um esquema sintético escrito da fala, estes podem ou não ser utilizados na homilia, mas não devem ser percebidos como uma leitura.

Não convém que o tom da voz seja uniforme sempre, isso torna monótono o ritmo da comunicação. É preferível que se varie de tom, adaptando-se ao pensamento que se está a exprimir; as ideias centrais podem ser num tom mais vívido e com as necessárias pausas a fim de se descer gradativamente. A conclusão deve ter um pico alto e terminar num tom baixo.

As palavras devem ser claras e bem pronunciadas, deve ser verificado sempre o microfone antes de ser utilizado a fim de se dosar o volume da voz.

Conclui-se que é preciso sempre ter os olhos para “ler” a assembleia, prestar atenção aos sinais de distração e cansaço, a homilia não pode deixar de considerar a tolerância da assembleia no quesito tempo e forma. A homilia é realizada em pé, da cadeira presidencial (sédia), do próprio ambão ou de outro lugar conveniente. Terminada a pregação, pode-se observar um período de silêncio.



APÊNDICE III

MISSAS DENOMINADAS: AFRO, SERTANEJAS, POR CURA E LIBERTAÇÃO E OUTRAS

Uma vez que a Eucaristia é fonte e ápice da vida cristã, todos os fiéis são chamados a participar consciente, plena e ativamente das celebrações litúrgicas e, deste modo, todos os ritos devem ser preparados com decoro, piedade e zelo.

O presente texto visa a orientar sobre as celebrações com motivações “temáticas”. Em muitas paróquias de nossa diocese, existe o costume de celebrar a Eucaristia com intenções específicas, como ação de graças por esta ou aquela pastoral, bênção de alimentos doados à caridade ou ainda envio de agentes de pastorais diversas. Ainda se dá o nome às missas que recebem algum tipo de bênção ou oração diferenciadas, como, por exemplo, aquelas sucedidas por bênçãos da saúde como “missa da saúde”, às missas que, de maneira especial, reza-se pelas almas dos fiéis falecidos, de “missa das almas”. As também chamadas “missas por cura e libertação”, “os cercos de Jericó”, “missas sertanejas”, “missas afros”.

Algumas se tornaram práticas constantes em certas comunidades da Diocese. Antecipa-se que o presente texto não possui na redação um pré-juízo de positividade ou negatividade, desde que seguidas as orientações gerais para as celebrações eucarísticas. Mas alguns exemplos de exageros chegam a nomear a missa com Bênção Eucarística de “missa do Santíssimo”, e agredir a piedade eucarística.

Argumentos comumente utilizados de dizer que missa afro é simplesmente a valorização da cultura negra contra a opressão, que missa sertaneja fala ao povo do sertão, que toda missa é de cura, que não é o padre quem cura, mas Jesus, que esta modalidade de eucaristia é a mesma que outras etc. Porém, essas respostas prontas não resolvem a questão. Esse tipo de racionalidade não atinge os contemporâneos adeptos.

Deste modo convém dizer uma palavra específica que considere a pluriformidade de expressões religiosas e de piedade popular. Hoje as pessoas são fruto de uma sociedade do querer sentir algo, querer se emocionar, querem ter o coração tocado, negar o valor disto não resolve. Cabe dizer uma palavra mais profunda sobre estas questões.

A Celebração Eucarística possui o seu rito, suas normativas e orientações. As expressões particulares de espiritualidade não devem se sobrepor àquilo que é culto público



de toda Igreja. Deste modo tais celebrações devem sempre seguir as normas descritas na Instrução Geral do Missal Romano e todo direito litúrgico para os casos.

As celebrações com orações ou motivações específicas possuem atualmente um status de eventos que em alguns locais e momentos ultrapassam a dimensão estrita paroquial. Acorrem a estas celebrações pessoas de muitos lugares que buscam uma experiência com Deus e em algumas dessas celebrações curas físicas e “libertações” das mais variadas ordens. A acolhida a estes “peregrinos” e a valorização do sentimento de pertença a uma comunidade de modo estável é importante.⁴³⁰

É inegável que, para alguns, estas celebrações sejam atraentes pelos elementos que apresentam: a alegria, a aglutinação religiosa, “belas” ou animadas músicas, ministros (ordenados ou extraordinários) com a arte da oratória e um ambiente de afeto contagiante. Estas não podem ser preparadas levando em conta apenas o sentido estético nem as preferências pessoais, mas deve-se levar em consideração também os aspectos catequético, orante e mistagógico das celebrações.

Ciente de que um pouco de animação e espontaneidade acaba atraindo muita gente, cuide-se para que não se tornem um momento de ilusão semanal, de manipulação de consciência que afasta os dramas da vida por algumas horas.

O “som” destas celebrações não deve cobrir os momentos de silêncio e as vozes próprias da Celebração. As vestes utilizadas sejam as, e somente as, próprias para a celebração, com a nobre simplicidade, própria da liturgia e evitando outros adereços.

O repertório litúrgico musical deve ter como base em sua seleção todos os critérios já citados nesse diretório⁴³¹, evitando assim que aconteça a seleção de um repertório apenas pelo “tema” da celebração sem levar em conta a Liturgia do dia celebrado ou o espírito da Igreja toda.

Aos ministros ordenados que possuem ofício nesta diocese cuide-se que não se tornem profissionais de celebrações com tônicas específicas desprezando as múltiplas formas de espiritualidade de quem trabalha na pluralidade das comunidades do Grande ABC.

Não é cabível que uma cultura ou folclore particular seja tão exaltado que se sobreponha ao culto a Jesus em sua memória de Aliança e Salvação.

Deve-se cuidar para que não se favoreça o culto (idolátrico) à pessoa do ministro ordenado (afaste-se o perigo do narcisismo), a dependência afetiva do fiel e a tentação de celebrar por contrapartida financeira, o culto é sempre ao Cristo com suas opções fundamentais. Os chamados dons extraordinários de ciência e revelação não podem ser uma atividade

430 Papa João Paulo II Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura

431 Vide capítulo sobre o Ano Litúrgico e capítulo sobre Canto e Música na Liturgia



programada (semanalmente, diariamente), mas são frutos do Espírito que age quando quer e como quer, cuide-se para não produzir isto como num programa de auditório com um oráculo.

A Celebração Eucarística é um conjunto harmonioso. Por isso não se multipliquem as orações específicas em desproporcionalidade do conjunto; p.ex. um ato penitencial não deve se prolongar de modo que demore mais do que uma oração eucarística. O mesmo vale para a prece dos fiéis e outros momentos. Orações deste modo podem ser realizadas antes do início da Missa ou após a mesma.

Em geral, a missa que prevê a Bênção com o Santíssimo Sacramento é a celebração de Corpus Christi. Caso alguma comunidade deseje fazer uma adoração ao Santíssimo recomenda-se o encerramento da Celebração da missa; a Exposição do Santíssimo, um momento de adoração (ainda que seja breve) e seguindo a esta, a Bênção com o Santíssimo. Evite-se assim a reflexão das pessoas de que a comunhão eucarística (ou a própria missa) foi insuficiente no culto divino.

Nos rituais nada consta sobre portar o Santíssimo Sacramento com a finalidade de aproximar-se das pessoas com este. Saber conjugar o apelo pelo toque das pessoas e o respeito devido à Santíssima Eucaristia é um dever dos pastores das comunidades. Sobre esta matéria indica-se o cuidado (zelo) uma vez que o próprio ministro ordenado se reveste de um véu para carregar o Santíssimo. Favoreça-se a piedade, a sobriedade e a experiência com Deus; evite-se o histerismo, a artificialidade, a teatralidade, sensacionalismo, além dos visíveis exageros no manuseio do Santíssimo Sacramento.

As orações de exorcismo, contidas no Rito de Exorcismo, devem manter-se distantes das celebrações de cura, litúrgicas ou não litúrgicas, principalmente no momento da Eucaristia. O uso deste ritual é próprio para quem receber do Bispo esta tarefa como exorcista ou a devida autorização.⁴³²

É dever de toda celebração oferecer ao povo:

- uma espiritualidade que ajude as pessoas a suportarem as vicissitudes da vida e as fragilidades do corpo (todo mundo adoecer; todo mundo morre...);
- uma teologia que lhes sirva de sustento e lhes abasteça numa relação amorosa com Deus;
- uma prática pastoral – especialmente litúrgica – que lhes conforte o coração e lhes dirija uma palavra que faz sentido, que faz viver!

Cabe ressaltar que a intervenção do Bispo diocesano é obrigatória e necessária quando se verificam abusos nas celebrações litúrgicas.

432 Cf. Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé, 14.09.2000



APÊNDICE IV

CRIATIVIDADE NA LITURGIA

O Rito (Ordinário) das Celebrações Litúrgicas constituem estruturas substanciais da liturgia cristã. Estas estruturas foram iniciadas pela tradição judaica, iluminadas pelo mandamento de Jesus aos apóstolos⁴³³ e continuadas pela História da Igreja. O princípio da criatividade na liturgia deve sempre considerar e nunca alterar estas estruturas substanciais, ou seja, os ritos previstos. Não se pode confundir criatividade com mera “invenção”.

A criatividade verdadeira supõe conhecimento litúrgico, bíblico e magisterial, versatilidade pastoral e uma grande dose de bom senso. Criatividade não é realizar simplesmente acréscimos ou reduções na celebração: de gestos, símbolos, palavras e momentos.

Criatividade na Liturgia é a capacidade de tornar as celebrações mais acolhedoras, fraternas, orantes e, principalmente, que nos insiram no mistério pascal. É fazer com que todos dela participem consciente, ativa e plenamente. Trata-se de dar à Liturgia o lugar de destaque que ela, por sua própria natureza, deve ocupar na ação evangelizadora da Igreja.

Não se pode confundir criatividade com improvisação e espontaneidade com falta de preparação. É preciso cuidar para que em nome da “criatividade”, não apareçam desvios, dessa forma o bom senso é primordial para evitar que se caia em extremos.

Criatividade está ligada aos desdobramentos de uma equipe junto ao sacerdote para entender um povo e juntos descobrirem formas de conduzi-los ao silêncio, por exemplo. Está também no ato de guiar a assembleia a uma conexão com os símbolos presentes sem precisar explicá-los com textos. É necessário conjugar bem os elementos visíveis com a realidade mais profunda que eles comunicam.

A Liturgia, é fonte e cume da ação pastoral, portanto não é feita de surpresas simpáticas, de invenções cativantes, mas de repetições solenes. Não deve exprimir a atualidade e o seu efêmero, mas o mistério do Sagrado⁴³⁴. É celebrada por uma comunidade de fé e será tanto mais criativa, quanto for capaz de levar seus participantes àquela comunhão profunda entre o divino e o humano, fazendo dela uma perene atitude de oração.

O exercício positivo da criatividade pode se manifestar de diversos modos: Na composição das preces da comunidade, na escolha de missas votivas, conforme o formulário

433 Cf. DL. Pág 268. Paulus

434 Joseph Ratzinger. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. Loyola, 2015



do Missal e o Lecionário, para celebrar (Espírito Santo, Padroeiro da Comunidade, Pelas Vocações, etc.), aos sábados promover celebrações da Memória de Nossa Senhora; antes das Solenidades a comunidade pode, por exemplo, rezar a Liturgia das Horas.

A prática de atos devocionais preparando a celebração (terço antes da missa), também as danças, encenações, fantoches, etc., podem ajudar a inserir-se no mistério celebrado, contudo, convém que estas sejam realizadas antes ou depois da celebração ou até em outros momentos de orações mais específicos.



APÊNDICE V

O USO DA LITURGIA ROMANA PRÉ-CONCÍLIO VATICANO II (FORMA EXTRAORDINÁRIA DO RITO)

O presente texto é baseado na Carta Apostólica (Motu Proprio) *Summorum Pontificum* que orienta sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma conciliar do Vaticano II. Mais informações podem ser acessadas no texto mesmo do Motu Proprio.

Por Forma Extraordinária do Rito Romano entendem-se celebrações da liturgia tal como eram antes da reforma do Concílio Vaticano II. Isto inclui a missa, os sacramentos, vários ritos de sacramentais, ofício divino, entre outros. Tal forma é comumente chamada de Missa “Tridentina” referindo-se ao Concílio de Trento (1545-1563), Concílio responsável por unificar a prática litúrgica na Igreja Ocidental.

O Missal Romano promulgado por Paulo VI é a expressão ordinária da “*Lex orandi*” (“Lei da oração”), da Igreja (no rito latino). O Missal Romano promulgado por S. Pio V e reeditado por S. João XXIII é expressão extraordinária da mesma “*Lex orandi*” e goza do respeito devido ao seu uso venerável e antigo.

Estas duas expressões de Lei da oração da Igreja não levam de forma alguma a uma divisão da “*Lex credendi*” (“Lei da fé”) da Igreja, pois são, de fato, dois usos do único rito romano. Por isso é lícito celebrar a Eucaristia segundo a edição típica do Missal Romano promulgado por S. João XXIII em 1962, e nunca revogado, como forma extraordinária da Liturgia da Igreja.

Não se pode, contudo, deixar de manifestar algumas preocupações sobre esta realidade, a saber: a de que os adeptos da forma extraordinária do Rito aceitem como parte integrante do Magistério autêntico os conceitos e propostas do Concílio Vaticano II, particularmente uma das suas decisões essenciais – a reforma litúrgica. Os que negam um Concílio da Igreja negam o seu próprio ser católico, excluindo-se da mesma comunhão da Igreja.

Obviamente, para viver a plena comunhão, também os sacerdotes aderentes ao uso antigo não podem, em linha de princípio, excluir a celebração segundo os novos livros, devidamente promulgadas pela Igreja.



Outra preocupação é que se cuide também para que o uso do Missal de 1962 não leve a desordens ou até a divisões nas comunidades paroquiais. O uso do Missal antigo pressupõe um certo grau de formação litúrgica e conhecimento da língua latina, não constituindo uma moda.

Uma reflexão sobre a Igreja (eclesiologia) passa pela modo com que se reza. As preocupações de Jesus com os seus irmãos adotivos em suas mais diversas realidades são as preocupações de nossa oração. Assim, não se pode fazer da liturgia uma forma de “fuga” dos desafios atuais da evangelização. O estético, a linguagem, o método da oração devem conduzir-nos à fraternidade e à caridade⁴³⁵.

Deve-se ter presente ainda que não há, na história da Liturgia, ruptura, mas crescimento e progresso. Entenda-se que aquilo que para as gerações anteriores era sagrado, permanece sagrado e relevante também para nós. Faz-nos bem a todos conservar as riquezas que foram crescendo na fé e na oração da Igreja, dando-lhes o justo lugar, junto à reflexão sobre a *lex orandi* que desdobra e explica a Tradição eclesial, pois “o pai de família tira de seu tesouro coisas novas e velhas”⁴³⁶.

Para atender aos fiéis sensíveis à Forma Extraordinária do Rito, sob a orientação do Bispo, é providenciado na Diocese uma assistência em caráter excepcional, através de um capelão. Neste aspecto o maior objetivo é evitar a discórdia e favorecer a unidade de toda a Igreja. Mais informações sobre esta assistência espiritual e pastoral podem ser obtidas no Centro de Pastoral da Diocese.

435 1Jo 4,20

436 Mt 13,52



APÊNDICE VI

CELÍACOS E IMPOSSIBILITADOS DE CONSUMIR ÁLCOOL

A doença celíaca é uma condição autoimune, desencadeada pelo consumo do glúten presente no trigo, na aveia, na cevada, no centeio e em todos os derivados destes cereais. Ela pode se manifestar em qualquer fase da vida, afetando todo o corpo e, se não tratada, pode trazer consequências graves para a saúde das pessoas celíacas.

Há formas dessa doença em que a pessoa é afetada até mesmo pela presença de traços de glúten ou até pelo simples contato com ele. Segundo as estatísticas, a cada 400 pessoas, uma é celíaca. Isto coloca um desafio particular para a comunhão eucarística segura dessas pessoas.

Há hoje partículas (hóstias pequenas) elaboradas com baixo teor de glúten. Podem ser encomendadas no Centro de Pastoral da Diocese. E ainda, os celíacos podem comungar somente do vinho caso o pão com baixo teor de glúten lhes faça mal. Podem estes ter uma pequena teca própria (se comungam do pão) ou um pequeno cálice próprio (se comungam apenas do vinho).

O vinho para a Eucaristia deve ser natural, sem adições de outras substâncias. Não é permitido suco de uva. O vinho canônico (ou equivalente) é o mais apropriado. O que se pode autorizar pelo ordinário (em situações especialíssimas) é a substituição do vinho pelo mosto como matéria da eucaristia em favor de um fiel ou de um sacerdote. Mosto não é suco de uva; mosto é vinho não fermentado e só pode ser usado com o consentimento do bispo.

Em vista da atenção e dos cuidados necessários, recomendamos que:

- as pessoas celíacas apresentem-se ao pároco, para que ele possa tomar as providências adequadas;
- as pessoas celíacas tenham acesso às partículas especiais válidas para a comunhão;
- o armazenamento dessas partículas, a preparação delas para a celebração e a sua distribuição no momento da comunhão, sigam as regras de segurança para estes casos;



- as tecas destinadas ao serviço da comunhão para as pessoas celíacas sejam reservadas para esse fim e conservadas em separado das demais;
- haja cálices especiais para os que podem comungar somente na espécie do vinho;
- os cálices e os sanguinhos usados para sua purificação sejam conservados em separado;
- aos que tenham restrição ao consumo do álcool, se disponibilize a comunhão com o uso do mosto (suco de uva fresco ou conservado com a fermentação suspensa);
- seja dada preferência às pessoas celíacas para comungarem por primeiro em uma das filas de comunhão, e que elas mesmas peguem a partícula da teca reservada para elas.

Seria ainda mais seguro se cada pessoa com essa condição de saúde tivesse sua própria teca ou pequeno cálice, conservado em sua casa e levado ao altar no momento da apresentação das oferendas.

O Papa Francisco nos recorda que “a comunidade cristã é chamada a se empenhar a fim de que cada batizado possa fazer a experiência de Cristo nos sacramentos” (Discurso – 11 de junho de 2016). Estamos convencidos de que a atenção às necessidades das pessoas celíacas e impossibilitados de consumo de álcool, e à sua plena participação sacramental contribuirá para o crescimento de toda a comunidade, pois a Igreja é uma comunidade eucarística.



APÊNDICE VII

ITINERÁRIO PARA A LECTIO DIVINA

A Lectio Divina pode ser uma boa ferramenta para auxiliar na preparação da homilia e também para os leitores prepararem-se para bem proclamar a Palavra de Deus na Liturgia.

Preparativos:

- Encontrar um lugar que favoreça a oração e o silêncio, livre de distrações ou interrupções;
- A posição do corpo influencia na meditação da Sagrada Escritura. Que o fiel sente-se cuidando dos seguintes detalhes: a cabeça levantada para favorecer uma respiração calma e profunda, os braços descansando sobre as pernas;
- Pôr-se na presença do Senhor, ficando em silêncio, e invocando o auxílio do Espírito Santo para penetrar no conhecimento da vontade amorosa de Deus.
- Os passos da Lectio Divina:

1º- LECTIO (Leitura): A atitude fundamental é a leitura-escuta atenta do texto, procurando captar o significado de cada frase, saboreando as palavras e as atitudes de cada personagem. Esta leitura calma do texto pode ser repetida quantas vezes for necessária.

2º- MEDITATIO (Meditação): Da leitura segue-se à meditação repousada, o pensamento e a reflexão. As palavras lidas são guardadas no coração e iluminadas pelo Espírito Santo. O Espírito abre nossa mente e nosso coração, de modo que compreendamos essas palavras como Palavra atual de Deus. A Palavra de Deus fixa a sua morada em nós e nos introduz no Mistério de Cristo.

3º- ORATIO (Oração): Da meditação brota a oração, como resposta àquilo que o Senhor falou. A Palavra de Deus gera luz e fogo, acende as nossas palavras. A Palavra escutada



e meditada torna-se alimento da oração, a partir da experiência pessoal do orante. Na oração examinamos a nossa vida à luz da Palavra escutada.

4º CONTEMPLATIO (Contemplação): A oração nos leva à presença de Deus por meio da contemplação. A nossa atenção e o nosso olhar passam da Palavra falada e escutada, Àquele que fala, e fala para nós. O olhar contemplativo penetra e atravessa a superfície das coisas e da história. Diante de Deus, num instante, perde-se a noção do tempo, e percebe-se a unidade entre passado, presente e futuro. Vislumbra-se o projeto de Deus. Descobre-se o amor de Deus que inunda de alegria. A contemplação é o momento em que damos espaço para que o Espírito Santo conduza os nossos pensamentos.

Dar espaço à ação: Finalizando a oração da Lectio Divina procura-se transformar a nossa vida cotidiana de acordo com a vontade de Deus. A Palavra de Deus, escutada a partir da fé, faz com que pouco a pouco, Cristo nos transforme à sua imagem e semelhança. Quando essa Palavra habita em nós, capacita-nos a sermos sinal e expressão do amor de Deus.



APÊNDICE VIII

OS MATERIAIS SAGRADOS PARA A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

É direito da comunidade dos fiéis que as vestes, toalhas e alfaias sagradas, bem como todos os objetos sagrados resplandeçam pela dignidade, decoro e limpeza.⁴³⁷ Por isso é interessante, em acordo com o pároco/administrador paroquial, designar pessoas que cuidem, organizem e limpem esses materiais, normalmente conhecidas por sacristãos. Esse zelo expressa ainda mais o fervor da fé de uma comunidade.

As Vestes Sagradas – Paramentos

As vestes querem nos dar o sentido de revestir-se de Cristo, de sua autoridade, dos seus serviços. O cristão procura imitar o Cristo, seu divino modelo. As vestes litúrgicas são sinais da graça santificante proveniente do Batismo e destacam a presença misteriosa de Cristo na pessoa dos ministros. Além disso, diferenciam os ministérios ordenado e instituídos, e as funções de cada um na celebração.

Vestes, paramentos, em sua dimensão de recobrir o corpo, assemelham-se em significado ao hábito, vindo do termo latino habitus, que designa as disposições morais da pessoa e a sua atitude exterior. A veste é sinal primeiro para quem a porta.

Na Igreja, Corpo de Cristo, nem todos os membros desempenham as mesmas funções. Esta diversidade de funções na celebração da Eucaristia é significada externamente pela diversidade das vestes sagradas, as quais, por isso, são sinal distintivo da função própria de cada ministro. Convém, entretanto, que tais vestes contribuam também para o decoro da ação sagrada. As vestes usadas pelos sacerdotes e diáconos assim como pelos ministros leigos sejam oportunamente benzidas.

Nesta questão é de muita importância observar que: “Convém que a beleza e nobreza de cada vestimenta decorram não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do material usado e da forma” (IGMR 344). Segundo o espírito do Vaticano II, quanto aos paramentos, recomenda-se “a elegante beleza e a nobre simplicidade”.

437 Cf. RS, n. 57



Os luxuosos paramentos com excesso de enfeites e detalhes são inconvenientes e impróprios para a liturgia.

Como um dos elementos visuais mais simples e eficazes, a cor tem como finalidade ajudar a celebrar melhor a nossa fé, a leitura simbólica das cores litúrgicas ajuda-nos a celebrar melhor (cf. IGMR n. 307)

A beleza da liturgia pertence ao Mistério, é expressão da glória de Deus. A beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Nós participamos na liturgia celeste, sim, mas esta participação é-nos transmitida através dos sinais terrestres, indicados pelo Salvador como o espaço de sua realidade (...) A teologia da liturgia é, de um modo particular, uma teologia simbólica, uma teologia de símbolos que nos ligam ao mistério oculto e ao presente”⁴³⁸.

Os presbíteros devem se revestir com as vestes sagradas (cf. IGMR n 114), usa-se esta expressão para dizer não são simples roupas, mas devem comunicar o sagrado. São usadas não somente para revestir o corpo durante a celebração, mas para comunicar uma mensagem: despir-se do homem velho e revestir-se do homem novo (cf Ef 4,24). As vestes sagradas devem expressar esta realidade acima de modismos e exageros que passam.

A dignidade do presbítero, que preside “in persona Christi”, é manifestada pelos paramentos litúrgicos: a alva (ou túnica), o cingulo, a estola e a casula da cor própria; tais vestes são obrigatórias para o celebrante principal, aos concelebrantes indica-se os mesmos paramentos que para o presidente, mas as casulas sejam mais simples. Diante da impossibilidade de casulas para todos permite-se o uso da alva, cingulo e estola.

Os religiosos quando utilizam hábito religioso tenham presente que este não é uma veste litúrgica. Assim, seu uso não dispensa a alva ou túnica no contexto das celebrações em que desempenham funções ministeriais. O mesmo vale para a batina dos diocesanos.

As paróquias, casas religiosas e seminários, tenham pelo menos um conjunto de paramentos nas quatro cores litúrgicas, conservadas com zelo e limpeza, além das casulas de propriedade particular dos padres que as servem.

A CNBB, na XI Assembleia Geral de 1971, aprovou-se a substituição do conjunto alva e casula por uma túnica ampla de cor branca ou neutra, (“túnica morceção”) com a estola da cor do tempo ou da festa litúrgica do dia (cf. Guia litúrgico-pastoral da CNBB p. 111) para celebrações fora da Igreja. Esta aprovação foi referendada pela Santa Sé no mesmo ano.

438 Cf. Joseph Ratzinger. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. Loyola, 2015



AMITO: do latim “amictus” (manto – revestir-se). Simboliza a proteção divina, se revestir de Cristo e de sua pureza. É uma peça de linho branco com duas tiras e uma cruz bordada no centro, com o qual o sacerdote envolve os ombros, antes de colocar a alva. Hoje pouco usado.

ALVA: veste talar de pano branco que é colocada sobre o amito e é presa à altura da cintura pelo cingulo. No Brasil, geralmente é substituída pela túnica. Simboliza a pureza de coração com que o sacerdote deve se aproximar do altar. Sentido espiritual: castidade, incorruptibilidade da doutrina, virtude da perfeição e imagem da boa fé.

CAPA PLUVIAL, CAPA MAGNA ou CAPA DE ASPERGES: do latim: “pluvius”, quer dizer “de chuva”. É uma capa comprida e aberta na frente, caindo pelos ombros quase até o chão. É usada em procissões solenes e bênçãos solenes do Santíssimo e em outras celebrações solenes que não sejam a missa. É usado pelo bispo, presbítero (e em algumas ocasiões pelo diácono) sobre a alva ou a sobrepeliz.

CASULA: é uma veste sacerdotal solene usada somente nas missas, sobre a alva. Alegoricamente significa o suave jugo do Senhor e simboliza a cruz que Cristo levou ao Calvário, jugo que o sacerdote deve levar e ensinar os demais a levar. A casula é colocada sobre a túnica e a estola, cobrindo quase todo o corpo, e acompanha as cores do tempo litúrgico. É diminutivo de tenda, casa; simboliza a casa ou tenda de Deus.

CÍNGULO: cordão com que o sacerdote sustenta e prende a alva ou a túnica à altura da cintura. O cingulo é símbolo da vigilância. Lembra o conselho de cingir os rins como presteza para o trabalho, estar em alerta e cingir o ministro com os conselhos evangélicos.

DALMÁTICA: Túnica comprida com mangas curtas e largas, posta sobre a alva e a estola. É a veste própria do diácono, podendo ser usada também pelo bispo ou abade, debaixo da casula, seguindo a cor litúrgica. É um avental e, portanto, sinal do serviço. Acompanha as cores do tempo litúrgico.

ESTOLA: é uma faixa, separada da túnica, a qual desce dos ombros do ordenado, com duas pontas. Para os sacerdotes, a estola desce dos ombros verticalmente, simbolizando o ministério de Cristo de mediação entre o Céu e a Terra. Para os diáconos, a estola desce do ombro esquerdo, presa no lado direito à altura da cintura, simbolizando aquele que está a serviço, a exemplo de Jesus que lavou os pés dos discípulos na última ceia. A estola traz cores diferentes que variam de acordo com o tempo litúrgico que se celebra.

MITRA: barrete alto e cônico, fendido lateralmente na parte superior e com duas faixas que caem sobre as costas. O papa, os cardeais, os arcebispos, os bispos e os abades de mosteiros usam-na na cabeça em solenidades pontificais. Demonstra o poder espiritual ou dignidade pontifícia ou episcopal.



PÁLIO: é uma insígnia usada pelos arcebispos e pelo papa. Confeccionada de pura lã branca, formando um círculo folgado em torno do pescoço. Possui dois prolongamentos em ponta que descem pelo peito e pelas costas. O pálio tem cinco cruzeiras bordadas com três cravos que simbolizam as cinco chagas e os três pregos da cruz de Cristo.

SOBREPELIZ: do latim, “superpelis”, isto é, “sobre a pele”. É uma veste litúrgica de algodão ou de linho, branca e curta para ser usada sobre a batina ou hábito religioso, utilizada na administração dos sacramentos (exceto a missa), procissões e outras funções religiosas não diretamente litúrgicas.

SOLIDÉU: do latim, “soli” + “Deo” (= somente a Deus). Pequeno barrete, em forma de calota, ou espécie de pequenina touca que cobre o alto da cabeça. Usam-no: o Papa (solidéu branco); os cardeais (solidéu vermelho); os bispos (solidéu lilás ou roxo).

VÉU UMERAL: do latim “umerus”, quer dizer “ombro”. Possui estreita relação com o ato de cobrir o Sagrado como se faz com a Torah na sinagoga. Há os seguintes véus umerais:

Véu para as procissões e bênçãos do Santíssimo: utilizado pelo sacerdote ou diácono no transporte do Ostensório com o Santíssimo;

Vimpa: que é usada para segurar o báculo e a mitra nas funções litúrgicas pontificais.

Outros Véus:

Véu do sacrário: tecido geralmente de seda, delicado e artístico, que se assemelha a uma cortina colocada na frente da porta do tabernáculo, caso este o requeira. Deve ser branco ou dourado, cores que simbolizam a realeza e a divindade de Cristo;

Véu da âmbula: espécie de capinha branca que envolve a âmbula ou cibório que contém hóstias consagradas. Sua cor é branca ou dourada como expressão do respeito a Jesus Eucarístico.

Livros Litúrgicos

“Os livros litúrgicos não de ser tratados com cuidado e respeito, pois é deles que se proclama a Palavra de Deus e se profere a oração da Igreja. Por isso, mormente quando se trata de celebrações litúrgicas, tenham-se à mão os livros litúrgicos oficiais das edições mais recentes, belos e dignos, quer na apresentação gráfica quer na encadernação.”⁴³⁹

Insista-se que as leituras da Palavra de Deus sejam proclamadas sempre do Lecionário e não de folhetos ou livretos. Pede-se que na medida do possível, as comunidades adquiram, pelo menos, o Lecionário Dominical para celebrar a Palavra de Deus.



EVANGELIÁRIO:⁴⁴⁰ Livro que contém os textos dos Evangelhos para a missa. Tradicionalmente possui dimensões maiores e, dotado de reverência, é adornado com beleza singular. O padre/diácono o porta no início da celebração e o coloca no centro do altar (em sua ausência um leigo pode carregá-lo).

LECIONÁRIO: do latim “lectio”, que quer dizer “lição” ou “leitura”. É o livro que contém todas as leituras bíblicas para uma celebração eucarística.

O Lecionário para a celebração eucarística é formado por três livros, além do Evangeliário:

LECIONÁRIO DOMINICAL: É utilizado nas celebrações de todos os domingos do ano (bem como suas vésperas, no sábado) e solenidades. Sua Liturgia da Palavra é formada por três leituras mais o salmo responsorial (exceto em grandes celebrações onde há mais leituras: vigília pascal ou vigília de pentecostes).

Para conseguir uma maior variedade e uma maior abundância dos textos bíblicos, estas leituras são distribuídas em três anos. Cada ano corresponde a um ciclo. Os ciclos são designados pelas letras A, B e C. Cada ciclo acompanha o desenvolvimento do ano litúrgico, que se inicia no 1º Domingo do Advento. Por exemplo:

ciclo A	ciclo B	ciclo C
2017	2018	2019
2020	2021	2022
2023	2024	2025

No final do Lecionário Dominical há um capítulo reservado para algumas celebrações: Imaculada Conceição, Apresentação do Senhor, Natividade de S. João Batista, São Pedro e S. Paulo, Transfiguração do Senhor, Assunção de Nossa Senhora, Exaltação da Santa Cruz, Nossa Senhora Aparecida, Todos os Santos, Finados, Dedicção da Basílica de Latrão.

LECIONÁRIO SEMANAL (OU FERIAL): Este Lecionário é utilizado durante os dias da semana (de segunda-feira a sábado). Cada celebração da Palavra é formada por duas leituras mais o salmo responsorial.

440 O Papa João Paulo II havia pedido a publicação do Livro dos Evangelhos para o Grande Jubileu do ano 2000. Eis um trecho do seu discurso na apresentação da 1ª cópia da edição do Evangeliário em língua latina (15 de dezembro de 2000), n.2: “Expresso-vos o profundo apreço por terdes desejado realizar um texto tão precioso no seu feito, destinado à proclamação do Evangelho do Senhor em circunstâncias de singular relevo durante o ano litúrgico. Conforme o antigo costume da tradição litúrgica oriental e ocidental, e segundo o conteúdo do *Ordo Lectionum Missae*, reunistes num só livro as leituras evangélicas relativas às várias solenidades e festividades, dispostas à maneira da ordem litúrgica”



Com o mesmo objetivo do anterior, ele quer proporcionar um contato mais abundante dos fiéis com a Sagrada Escritura. Esse Lecionário segue como referência o ano litúrgico com seus respectivos tempos e domingos, mas ele segue uma dinâmica um pouco diferente quando se refere ao Tempo Comum: a Primeira Leitura, com o seu salmo responsorial, é distribuída em dois ciclos – ano ímpar e ano par. Por exemplo:

Tempo Comum	Ano ímpar	Ano par
	2017	2018
	2019	2020
	2021	2022

LECIONÁRIO PARA AS MISSAS DOS SANTOS, DOS COMUNS, PARA DIVERSAS NECESSIDADES E VOTIVAS (OU SANTORAL): A intenção desse Lecionário é ajudar as comunidades a redescobrir que a nossa união com os santos se realiza de modo admirável, sobretudo na Liturgia. As celebrações dos santos proclamam as maravilhas do Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis oportunos exemplos a serem imitados⁴⁴¹. “A Igreja sempre afirmou que nas festas dos santos se anuncia e se renova o Mistério Pascal de Cristo.”⁴⁴²

O Lecionário Santoral é estruturado da seguinte maneira:

1ª parte	Memória dos santos segundo o seu dia entre os meses de janeiro a dezembro
2ª parte	Dos Comuns dos santos: Nossa Senhora, mártires, pastores, doutores da Igreja, ...
3ª parte	Para diversas necessidades, pela Igreja, bem público, ...
4ª parte	Celebrações votivas ⁴³⁸

MISSAL ROMANO: é o livro utilizado pelo sacerdote que contém todas as partes fixas da missa, como: ritual da missa, orações, prefácios (exceto as leituras bíblicas). O missal é confeccionado e editado de tal modo que as orações sejam nítidas e proclamadas fluentemente. Ele é o livro de oração da Igreja. Dizer que ele é o livro da oração é tanto mais verdadeiro quanto afirmamos o primado da Palavra de Deus contida nas Sagradas Escrituras.⁴⁴⁴

441 SC, n. 111

442 Introdução das Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral, II

443 As “Celebrações Votivas” são destinadas ao cultivo de devoções

444 Cf. DV, n.24



O Missal Romano é estruturado da seguinte maneira:

1. PRÓPRIO DO TEMPO
4 domingos do Advento
Celebrações para os dias da semana 16-24/12
Natal do Senhor
Sagrada Família de Jesus
Oitava do Natal
Solenidade da Santa Mãe de Deus
Epifania do Senhor
Batismo do Senhor
Celebrações para os dias da semana 02-06/01
(Os primeiros domingos do Tempo Comum)
Quarta-feira de Cinzas
5 Domingos da Quaresma
Domingo de Ramos da Paixão do Senhor
SEMANA SANTA
Tríduo Pascal:
Ceia do Senhor
Paixão do Senhor
Vigília Pascal
Domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor
Oitava da Páscoa
Seis domingos da Páscoa
Ascensão do Senhor
Pentecostes
Celeb. Para os dias da semana do 2º, 4º e 6º domingo da Páscoa
Celeb. Para os dias da semana do 3º e 5º domingos da Páscoa
34 domingos do Tempo Comum (os domingos que faltam)
Solenidades do Senhor no Tempo Comum:
- Santíssima Trindade
- Corpo e Sangue do Senhor



- Sagrado Coração de Jesus
- Jesus Cristo, Rei do Universo
2. ORDINÁRIO DA MISSA – Com o povo
1. Ritos Iniciais, 2. Liturgia da Palavra, 3. Liturgia Eucarística: Prefácios, Orações Eucarísticas I/II/III/IV/V, 4. Ritos Finais.
ORAÇÕES EUCARÍSTICAS ANEXAS
VI-A/VI-B/VI-C/VI-D;VII (Sobre a reconciliação I); VIII (Sobre a reconciliação II); IX (Missas com crianças I); X (Missas com crianças II); XI (Missas com crianças III)
3. BÊNÇÃOS PARA O FIM DA MISSA
4. PRÓPRIO DOS SANTOS
5. FORMULÁRIOS COMUNS
6. MISSAS RITUAIS
7. MISSAS E ORAÇÕES PARA DIVERSAS NECESSIDADES
8. MISSAS VOTIVAS
9. MISSAS DOS FIÉIS DEFUNTOS
10. APÊNDICE

Demais itens para a Eucaristia

ÁGUA: Tem um grande significado na vida e na Liturgia. É símbolo de vida nova, purificação, renascimento. É usada na celebração eucarística: para aspergir o povo no Ato Penitencial, recordando aos presentes os compromissos batismais;

para simbolizar a união da natureza humana com a natureza divina em que se colocam algumas gotas no cálice com vinho, durante a apresentação das oferendas; para purificar as mãos do presidente da celebração; para purificar os vasos sagrados, após a comunhão.

ASPERSÓRIO: É um instrumento longo que conserva água benta para a aspersão sobre os fiéis ou objetos. Geralmente é de metal. Numa das extremidades, há uma cabeça com rosca e furos que permite a passagem da água benta.

BÁCULO: do latim “baculum” (= bastão). Bastão com a extremidade superior arqueada, usado pelos bispos e abades, e simboliza o poder pastoral. O Papa usa a Férula, um báculo com uma cruz de braços iguais.

BALDAQUINO: é uma espécie de tenda, levada por acólitos, que cobre e acompanha o Santíssimo Sacramento durante a procissão.



CALDEIRA E HISSOPE: É usado para a aspersão de água benta durante as bênçãos. Entretanto, ele difere do aspersório por não conservar fechada a água benta no seu recipiente.

CÁLICE: Recipiente digno e decoroso em que se deposita o vinho que vai ser consagrado. O cálice é uma espécie de taça, em geral feito de metal e artisticamente trabalhado. Segundo as recentes orientações litúrgicas, o material do cálice e dos outros vasos sagrados não só deve ser impermeável, mas também inquebrável⁴⁴⁵. “Não se usem em nenhum caso canecas, (...) ou outras vasilhas não integralmente correspondentes às normas estabelecidas”⁴⁴⁶.

CIBÓRIO ou ÂMBULA: É o recipiente onde se guarda o pão eucarístico. É semelhante à forma de um cálice, mas fechado com uma tampa. Em geral, as âmbulas são de metal como o cálice. O importante é que o material seja nobre e inquebrável. Após a comunhão, a âmbula com as partículas consagradas é guardada no tabernáculo (sacrário).

CÍRIO PASCAL: É uma vela grande com várias inscrições, abençoada na noite da Vigília Pascal, e sinaliza a presença do Ressuscitado, Luz do mundo, no meio da comunidade. O Círio permanece durante todo o tempo pascal ao lado do ambão. Nos outros dias do ano, ele é colocado num lugar de honra no batistério ou junto à pia batismal. O Círio Pascal é usado no rito do Batismo, nos rituais de exéquias (quando for na igreja), na Comemoração dos Fiéis defuntos e na Profissão de Fé dos que recebem a 1ª comunhão e a Confirmação. Cada Páscoa exige um novo Círio, por isso não convém a reutilização dos círios pela coerência do simbolismo e das orações litúrgicas⁴⁴⁷.

CORPORAL: Chama-se “corporal” porque sobre ele se coloca o Corpo e Sangue do Senhor. É uma espécie de toalha quadrada (mais ou menos 50cm x 50cm) que se desdobra em três partes e nos dois sentidos, no centro do altar. É confeccionado geralmente de linho branco, normalmente com adereços (cruz ou outro símbolo cristológico) ao centro. Sua função é de recolher os fragmentos do pão ou gotas de vinho consagrados, caso estes venham a cair dos vasos sagrados. Não é permitido estender o corporal sobre o altar lançando-o para o ar como uma toalha de mesa, pois pode conter fragmentos da Eucaristia.

445 Cf. RS, n.117

446 Id. n.106

447 “Cera virgem de abelha generosa...” (do texto da proclamação da Páscoa)



É recomendável que a primeira lavada das alfaías destinadas a acolher as sagradas espécies (corporal e sanguíneo) seja feita manualmente e sua água derramada na terra ou em um outro lugar apropriado.⁴⁴⁸

CRUZ PROCESSIONAL: faz-nos recordar que a pessoa só pode ser discípula de Jesus se tomar a sua cruz e trilhar os passos do Mestre. Deve ser um crucifixo, com a imagem do Crucificado e não apenas uma simples cruz⁴⁴⁹.

GALHETAS: São duas jarrinhas, nas quais se colocam o vinho e a água, e são apresentadas pelos fiéis ao sacerdote nas oferendas da missa.

HÓSTIA – significa “vítima”. Trata-se de pão não fermentado (ázimo) circular. Ao pão maior chamamos hóstia, e aos menores, chamamos partículas. Essas, uma vez guardadas no sacrário para os enfermos e para a adoração dos fiéis, e que são consumidas na missa seguinte, chamamos reserva eucarística.

INCENSO: É uma resina aromática extraída de várias espécies de árvores. O uso do incenso é muito comum no culto judaico e foi herdado pela Liturgia Cristã. “A turificação ou incensação exprime a reverência e a oração, como é significada na Sagrada Escritura (cf. Sl 140, 2; Ap 8,3). O incenso pode ser usado em qualquer forma de missa:

- durante a procissão de entrada;
- no início da missa, para incensar a cruz e o altar;
- à procissão e à proclamação do Evangelho;
- depostos o pão e o cálice sobre o altar, para incensar as oferendas, a cruz e o altar, bem como o sacerdote e o povo;
- à apresentação da hóstia e do cálice, após a consagração.⁴⁵⁰

Ao colocar o incenso no turíbulo, o sacerdote o abençoa com o sinal da cruz, sem nada dizer. Antes e depois da turificação faz-se inclinação profunda à pessoa ou à coisa que é incensada, com exceção do altar e das oferendas para a Eucaristia.³⁷⁶

448 Cf. IGMR n.120

449 Cf. Id, n.117

450 Id, n. 276



Quando são incensadas pessoas, como o sacerdote e a assembleia após a Apresentação das Oferendas, quem é incensado não realiza a inclinação de reverência, mas somente aquele que incensa reverenciando-o. A inclinação não é um cumprimento a realizar, mas uma manifestação de fé sobre o Mistério presente naquela pessoa.

São incensados com três ductos do turíbulo: o Santíssimo Sacramento, as relíquias da Santa Cruz e as imagens do Senhor expostas para veneração pública, as oferendas para o sacrifício da missa, a cruz do altar, o Evangelário, o círio pascal, o sacerdote e o povo.

Com dois ductos são incensadas as relíquias e as imagens dos Santos expostas à veneração pública, mas somente uma vez no início da celebração, após a incensação do altar. O altar é incensado, cada vez com um só ducto, da seguinte maneira:

se o altar estiver separado da parede, o sacerdote o incensa, andando ao seu redor;

se, contudo, o altar não estiver separado da parede, o sacerdote, caminhando, incensa primeiro a parte direita do altar, depois a parte esquerda.

Se a cruz estiver sobre o altar ou junto dele, é turificado antes da incensação do altar; caso contrário, quando o sacerdote passa diante dele.

As oferendas são incensadas pelo sacerdote com três ductos do turíbulo, antes da incensação da cruz e do altar, ou traçando com o turíbulo o sinal da cruz sobre as oferendas.⁴⁵¹

JARRO COM ÁGUA E BACIA PARA O LAVABO: O presidente da celebração, após apresentar as oferendas, lava as suas mãos como sinal de purificação e de humildade diante do grande Mistério que irá ocorrer com a consagração, sem mérito de sua parte. O gesto de lavar as mãos na celebração eucarística é exclusivo do presidente da celebração, de modo que os diáconos, concelebrantes, ministros extraordinários da comunhão devem lavar as suas mãos na sacristia antes de iniciar a celebração.

LEGIO: É o suporte para o missal. O legio contribui para a visibilidade dos textos e, conseqüentemente, para uma melhor proclamação das orações realizada pelo sacerdote. O legio deve ser utilizado quando houver necessidade.

MANUSTÉRGIO: Do latim manus, que quer dizer mãos. É uma toalha branca com a qual o sacerdote enxuga as mãos após o lavabo.

NAVETA: Pequeno vaso de metal, geralmente em forma de navio, que contém grãos de incenso para serem depositados sobre as brasas incandescentes do turíbulo para as incensações.

451 IGMR, n.277.



OPA: Veste aprovada na Diocese para os Ministros Extraordinários, semelhante a uma túnica ampla com abertura longa nas mangas e de altura dos ombros até os joelhos e dotada de um bordado específico para cada ministério. Ver mais no Subsídio para os Ministérios Extraordinários.

OSTENSÓRIO ou CUSTÓDIA: É o objeto para a exposição solene e procissão do Santíssimo Sacramento. É formado por uma haste de suporte e um recipiente transparente, de forma circular, que expõe a Eucaristia para a adoração. Em geral, o ostensório é moldado segundo a imagem do sol fulgurante ou de uma igreja que traz no seu centro a Eucaristia.

PALA: É uma palavra que vem do latim “palliare” (= cobrir, esconder). É uma peça quadrada e dura, revestida de linho branco e normalmente bem ornamentada com desenhos bordados ou pintados. Serve para cobrir o cálice com o vinho durante a apresentação das oferendas até a comunhão.

PÃO: É o pão utilizado para a consagração que nós comumente chamamos de hóstia ou partícula. Cuide-se com a consistência de certas ‘hóstias’ que são muito pequenas e finas, não demonstrando o que sacramentalmente são. Este pão é feito de farinha de trigo puro e água, sem fermento e sem sal. Recomenda-se que a hóstia maior, usada pelo presidente da celebração, seja grande o suficiente por duas razões: para uma melhor visualização do povo durante a sua apresentação após a consagração, na doxologia do “Por Cristo, com Cristo...” e antes da comunhão quando diz: “Eis o Cordeiro de Deus...”; para que seja fracionado e distribuído pelo menos a alguns dos fiéis, e sugerir que aquele pão não é exclusivo para o sacerdote. Lembre-se que no início da Igreja, se partia um único pão do qual todos comungavam, e deste gesto derivou um dos nomes da Eucaristia: ‘a fração do pão’.⁴⁵²

PATENA: É uma espécie de “prato” em que se coloca a hóstia maior usada pelo presidente da celebração. Recomenda-se que a patena seja grande o suficiente para conter mais partículas, para dar a conotação que a patena não é exclusiva do padre. Também os coroinhas, de acordo com as últimas instruções litúrgicas⁴⁵³, usam patenas no momento da distribuição da comunhão.

SANGUÍNEO ou PURIFICATÓRIO: As duas primeiras palavras provêm do termo “de sangue” porque toca no sangue de Cristo. Tem a forma de uma toalhinha comprida de cor branca, semelhante a um lenço dobrado duas vezes ao longo. Coloca-se sobre o cálice, ficando as pontas caídas para os dois lados. Serve para purificar o cálice, a patena

452 Cf. At 2,42

453 Cf. RS, n. 93; Cf. IGMR, n.118



e os cibórios no final da celebração, ou após a comunhão. Por isso, pede-se que o tecido da confecção do sanguíneo tenha a propriedade de enxugar verdadeiramente os vasos sagrados (evitar os tecidos sintéticos). O sanguíneo é também utilizado para enxugar a borda do cálice⁴⁵⁴, quando se comunga bebendo o Sangue do Senhor. Por questão de higiene, o sanguíneo não deve ser usado para enxugar os lábios dos comungantes já que o seu uso é comunitário. Algumas paróquias têm o costume do uso de sanguíneo por parte de MECs. Este costume não é obrigatório, mas preventivo.

TECA ou PÍXIDE: É uma âmbula de menor tamanho, utilizado no transporte da Eucaristia aos doentes e idosos. Normalmente, a teca é inserida numa pequena bolsa com um laço que se coloca por sobre a cabeça, de forma que a Eucaristia fique na altura do coração do ministro.

TURÍBULO: Trata-se de um recipiente de metal, preso a correntes, para as incensações, a fumaça que dele sai sinaliza a oração da Igreja que sobe aos céus.

VINHO: Deve ser vinho puro, de uva⁴⁵⁵, sem adição de qualquer mistura ou conservantes. Deve ser bem armazenado para não azedar.

454 Cf. IGMR, 246a

455 Cf. Lc 22,18



APÊNDICE IX

CHECKLISTS PARA MISSAS

MINISTÉRIOS NA LITURGIA

Data da Celebração		Horário	
Ministério de Música:			
	Quantidade		
Presbítero		Se houver mais de um, qual a função de cada?	
Diácono		Se houver mais de um qual a função de cada?	
Animador			
1a Leitor		Qual leitura?	
Salmista		Qual salmo?	
2a Leitura (se houver)		Qual leitura?	
Evangelho		Qual Evangelho?	
Oração Universal (preces)			
Coroinhas		Funções de cada um?	
MECs		Local que vai distribuir comunhão? (elaborar um mapa da Igreja para indicar os números)	
Cerimoniários		Funções de cada um?	

MÚSICA LITÚRGICA

Data da Celebração		Horário	
Nome do Grupo :			



Momentos	Cantado?	Qual música?
Entrada:		
Ato Penitencial		
Hino de Louvor (se houver)		
Salmo		
Aclamação		
Preparação dos dons		
Respostas da Oração Eucarística		
Aclamação Memorial		
Amém (doxologia)		
Santo		
Cordeiro		
Comunhão		
Dispersão		
Algum outro canto?		

Note-se que o sinal da Cruz e o momento da paz não são cantados

CHECKLIST ITENS PARA A MISSA

Data da Celebração		Horário	
Local		Responsável	
Alfaia	Arrumado?	Quantidade?	Guardado?
Toalha Altar			
Microfones			
Velas (candelabros)			
Crucifixo (sobre o altar ou junto dele)			
Missal			
Lecionário			
Evangelário			
Formulário da Oração Universal			
Folhetos (se houver)			
Cálice			
Patena			
Âmbulas			



Partículas			
Galhetas (vinho e água)			
Pala			
Corporal			
Sanguíneo (presidente)			
Sanguíneo (MECs)			
Manustérgio			
Lavabo			
Turíbulo			
Naveta			
Tochas			
Cruz Processional			
Campainha (sineta)			
Asperge (se necessário)			
Círio Pascal (se necessário)			
Outro:			

CHECKLIST PARAMENTOS

Data da Celebração		Horário	Cor Litúrgica
Paramentos	Arrumado?	Quantidade?	Guardado?
Presbítero (ou presbíteros no caso de concelebração)			
Amito			
Alva (ou túnica)			
Cíngulo			
Estola			
Casula			
Diácono (ou diáconos)			
Amito			
Alva (ou túnica)			
Cíngulo			
Estola			
Dalmática			
Animador			
Leitores			
1a Leitura			



Salmista			
2a Leitura (se houver)			
Preces			
Coroinhas			
Túnicas			
Sobrepelizes			
Cerimoniários			
Túnicas			
Sobrepelizes			
MECs			
Opas			
Capa de Asperges (se necessário)			
Véu Umeral (se necessário)			
Outro?			

ESCOLHA DA MISSA

Data da Celebração		Horário	
Missa a ser rezada: Ferial, Memória, Festa, Solenidade		Qual?	
Tempo Litúrgico			
Orações do dia			
Leituras			
1a Leitura			
Salmo			
2a Leitura			
Evangelho			
Preces			
Prefácio			
Oração Eucarística			
Benção Final			

Note-se que nas festas há o Hino de Louvor, nas Solenidades o Hino de Louvor e a Profissão de Fé.



Podem ser feitos Checklist para Celebrações específicas tais como as do Tríduo Pascal, por exemplo:

DOMINGO DE RAMOS

Além dos Itens habituais para Celebração da Missa

Celebração	Domingo de Ramos	Data		Horário	
Itens		Arrumado	Quantidade	Guardado	
Ramos para Presidente					
Ramos para Assembleia					
Cruz Processional adornada					
Tochas					
Asperge					
Turíbulo					
Naveta					
Capa de Asperges (vermelha)					
Leitores Narrativa da Paixão					
Estante para leituras (3)					
Genuflexório					

CEIA DO SENHOR

Além dos Itens habituais para Celebração da Missa

Celebração	Ceia do Senhor	Data		Horário	
Itens		Quantidade	Arrumado	Guardado	
Cruz Processional					
Tochas					
12 Apóstolos					
Capela para Santíssimo (para onde será levado ao final da missa)					
Sacrário Vazio					
Âmbula para transladação (nunca o Ostensório)					
Partículas suficientes para quinta-feira e sexta-feira					
Sinos no Hino de Louvor					
Jarra – Lava Pés					
Toalha – Lava Pés					



Sabonete			
Gremial			
Assentos – 12 Apóstolos			
Turíbulo			
Naveta			
Véu Umeral			
Matraca (se houver)			
Genuflexório			
Pálio ou Umbela			
Velas (irão junto do Santíssimo)			

CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO

Celebração	Ato Litúrgico da Paixão	Data	Horário	15h
Item	Quantidade	Arrumado	Guardado	
Tapete				
Almofada				
Cruz (adoração)				
Véu vermelho (para Cruz)				
Tochas (acompanham Cruz)				
Véu umeral				
Âmbula com reserva Eucarística				
Toalha para altar				
Corporal				
Sanguíneo				
Genuflexório				
Estantes para Proclamação da Paixão (3)				

VIGÍLIA PASCAL

Além dos Itens habituais para Celebração da Missa

Celebração	Vigília Pascal	Data	Horário	
Itens	Quantidade	Arrumado	Guardado	
Cravos				
Grãos de incenso				
Estilete				
Círio Pascal				



Fogueira			
Velas para Assembleia			
Suporte Círio junto do ambão			
Vareta em chama para acender o Círio			
Lanternas para iluminar textos			
Sinos no Hino de Louvor			
Brasas da Fogueira para o Turíbulo			
Microfones para junto da fogueira			
Se não houver Batismo			
Caldeira para Aspersão			
Se houver Batismo			
Óleo dos Catecúmenos			
Óleo do Crisma			
Pia Batismal			
Vela para Promessas Batismais			
Toalha			



APÊNDICE X

CERIMONIAL PRÁTICO DA EUCARISTIA (INCLUSIVE COM O BISPO)

	MISSA COM BISPO
Procissão de entrada	O Bispo entra com Mitra e Báculo
Turíbulo e Naveta	antes de entrar o turiferário e o naveteiro vão
Duas Velas e a Cruz no Meio	ao BISPO p/colocar incenso
Duas Velas (se houver)	
Duas Velas (ou três com o bispo – se houver)	
Coroinhas	
Leitores	
Ministros Extraordinários	
Diáconos	
Padres - Bispos	
Baculífero, Mitrífero e Librífero	
Chegada ao Presbitério	
Turíbulo e Naveta aguardam junto ao altar para incensar	Tirar o BÁCULO e a MITRA do Bispo
Velas e a Cruz vão para o banco, a eles reservado	Ao subir no presbitério - Para beijar e incensar o Altar O incenso é colocado novamente apenas se necessário (sem abençoar)
Todos vão para os seus lugares	
Librífero abre o Missal na hora do OREMOS	Dar a MITRA p/o Bispo depois da oração-OREMOS
Liturgia da Palavra	Liturgia da palavra: com Mitra
Os leitores dirigem-se ao ambão, conferem o Lecionário, o microfone e proclamam as leituras. Se necessário, os cerimoniais podem conduzi-los ao ambão.	
Turiferário e naveteiro entram na Aclamação ao Evangelho, vão até o bispo ou padre e se ajoelham para que se deite o incenso e voltam com os ceroferários.	
Evangelho: Diácono ou o Padre pede a benção p/ o bispo	
Turíbulo + Naveta + 2 Velas	



Ceríferos vão para as laterais do Ambão com o naveteiro e turiferário, após a incensação vão para frente do ambão	Após as 3 persignações (pequenos sinais da cruz): Com Báculo
Evangelho	Depois de Beijar o Livro tira o BÁCULO e coloca MITRA
Homilia	Homilia: Com Mitra e (sem ou com Báculo DEPENDE Bispo)
Profissão de Fé	Profissão de Fé sem Mitra e sem Báculo
O leitor dirige-se ao ambão (ou outro lugar adequado), confere o texto, o microfone e profere as preces. Se necessário, o cerimoniário pode conduzi-lo ao ambão.	
Oração dos fiéis	Sem Mitra e sem Báculo
Preparação das Oferendas	
Após apresentação dos dons coroinhas levam oblatas para o ALTAR	
Cálice	
Galhetas (água e vinho)	
Incenso para o Padre ou Bispo incensar o ALTAR	Após o padre ou o bispo incensar o altar. O diácono ou turiferário incensa-o (3x 2), se houver Outros padres, incensa-os do mesmo modo, em conjunto. A assembleia é incensada logo após(3x 2)
Jarra - Lavabo - Manustérgio para o Padre ou o Bispo	
Consagração: Narrativa da Instituição	
Após terminar a “Oração sobre as Oferendas”	Início da Oração Eucarística: Tira o Solidéu
Entra no Canto do SANTO	Se necessário, um concelebrante ou presidente coloca o incenso no turíbulo (sem abençoar)
Carrilhão + Turíbulo + Naveta (+ velas, se convir)	
Toca o sino na imposição das mãos todos AJOELHAM, exceto presbíteros concelebrantes	
Padre ergue a hóstia, o turiferário incensa(3x2) enquanto os sinos batem até o padre abaixar a hóstia	
Fazer o mesmo do nº4 quando o cálice é levantado	
Após responder “Eis o mistério da fé” os coroinhas voltam aos seus lugares	
Comunhão:	
No Cordeiro os MECs trazem as âmbulas do sacrário ao altar.	
Depois de receberem a comunhão do presbítero e a âmbula distribuem a eucaristia.	
Após comunhão repõe-se a Eucaristia no Sacrário	Não constando mais eucaristia no altar colocar o SOLIDÉU



No Oremos o librífero abre o missal para o padre/bispo	
Saída: Antes de iniciar a bênção o bispo coloca a MITRA	
Ao iniciar a bênção final	
	BÁCULO é entregue antes da última invocação: abençoe-vos...
Todos fazem reverência e o presidente oscula o altar	
Todos saem formando seus pares de Entrada Ministros, Padres, Bispo metrífero e baculífero dão a volta e vão até a sacristia para Bendizer ao Senhor	
OBS: Sempre ao passar em frente do altar deve-se fazer uma reverência profunda, mas não é necessária genuflexão, feita só no início e no final, caso o sacrário esteja no altar	



APÊNDICE XI

ORDENS PROCESSIONAIS

A formação da procissão de entrada segue esta ordem:⁴⁵⁶

1. O turiferário e o naveteiro;
2. Os coroinhas (ou cerimoniários) que levam as velas acesas (2,4,6 ou 7; com o bispo) e, entre eles, um outro com a cruz processional;
3. Os demais coroinhas, cerimoniários, os leitores, os ministros extraordinários da comunhão e os acólitos instituídos, nesta ordem;
4. O diácono ou, na falta deste o leitor conduz um pouco elevado o Evangeliário;
5. Os demais diáconos presentes na celebração;
6. À frente do sacerdote presidente caminham os sacerdotes concelebrantes;⁴⁵⁷
7. Por fim, o sacerdote presidente acompanhado, se houver, de um ou dois diáconos assistentes⁴⁵⁸.

Observação: Quando a eucaristia for presidida pelo bispo, atrás dele acompanham os coroinhas responsáveis pela mitra, pelo báculo e pelo livro. O bispo entrega a mitra e o báculo diante do altar, antes de reverenciá-lo com a inclinação profunda.⁴⁵⁹

Legenda Geral para os Diagramas

Bp: Bispo

CC: Concelebrante

Cer: Ceroferário

Ceri: Cerimoniário

Cor: Coroinha

CP: Celebrante Presidente

Cru: Cruciferário

DI: Diácono

Ev: Evangeliário

L: Leitor

Lib: Librífero

MB: Bacurífero

MC: Mestre de Cerimônias

ME: Ministro Extraordinário

MM: Mitrífero

NAVE: Naveteiro

Sem: Seminarista

Tur: Turiferário

⁴⁵⁶ Cf. Ibid. n.120.

⁴⁵⁷ Cf. Ibid. n.210.

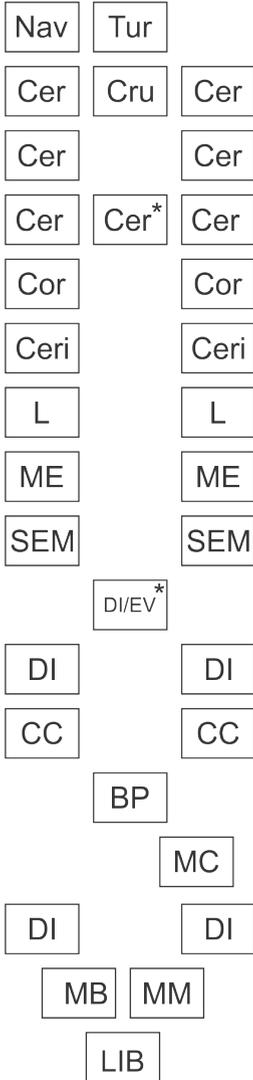
⁴⁵⁸ Cf. Ibid. n.172.

⁴⁵⁹ Cf. Id, n. 128 e 131.

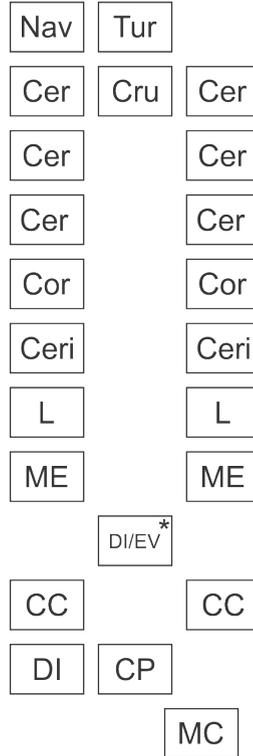


DIAGRAMA 1 – Procissão de entrada

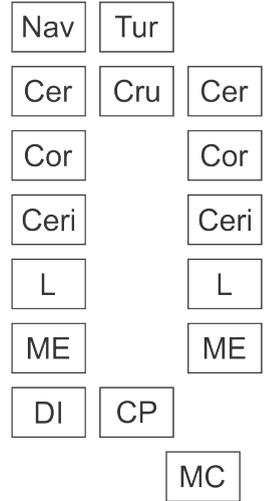
Missa Solene com o Bispo



Missa Solene com o Presbítero



Missa com o Presbítero



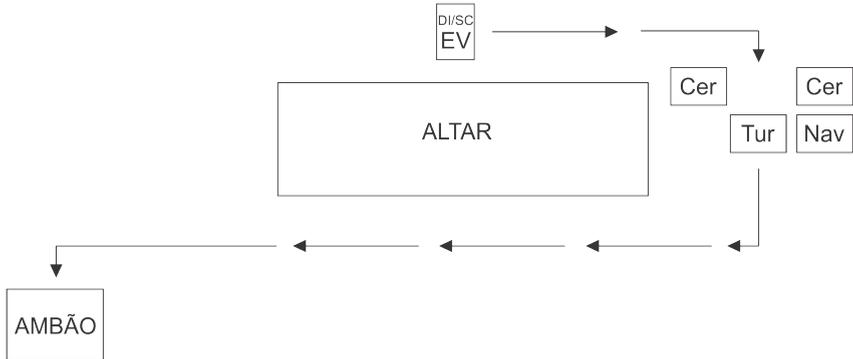
* Á sétima vela deve ser usada somente quando a missa for presidida pelo Bispo.



DIAGRAMA 2 – Procissão do Evangelário

1. Procissão até o ambão

1



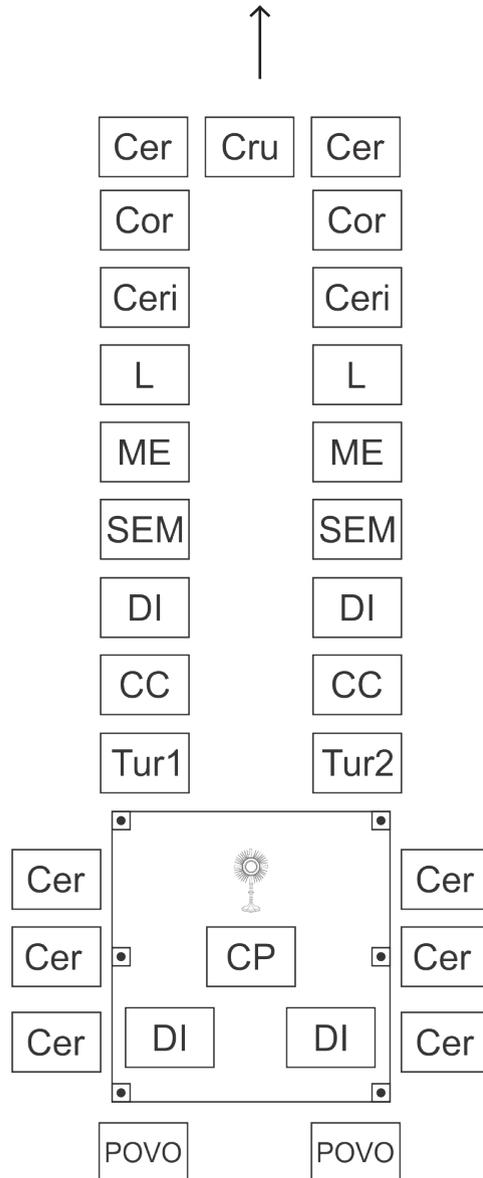
2. Posicionamento durante a Proclamação do Evangelho

2





DIAGRAMA 3 – Procissão de *Corpus Christi*





APÊNDICE XII

TABELA PARA MISSAS RITUAIS, PARA DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS, VOTIVAS E MISSAS PELOS FALECIDOS

Siglas

V1 = Missas rituais (Missal Romano, Instrução geral, n. 330).

Missas para diversas circunstâncias e votivas, com ordem ou permissão do Ordinário do lugar, ao ocorrer uma necessidade mais grave ou por utilidade pastoral (Ibidem, n. 332).

V2 = Missas para diversas circunstâncias e votivas, a juízo do reitor da igreja ou do próprio sacerdote celebrante, se verdadeira necessidade ou utilidade pastoral o exigirem (Ibidem, n. 333).

V3 = Missas para diversas circunstâncias e votivas a serem escolhidas livremente pelo sacerdote celebrante, conforme a piedade dos fiéis (Ibidem, n. 329b e c).

F1 = Missa de exéquias (Ibidem, n. 336).

F2 = Missas pelos falecidos ao receber-se a notícia da morte, ou por ocasião da sepultura definitiva, ou no dia do primeiro aniversário (Ibidem, n. 337).

F3 = Missa “cotidiana” pelos falecidos (Ibidem, n. 337). Quando se proíbem F1 e F2 evidentemente também se proíbe F3.

+ = permitem-se.

- = proíbem-se.



1. Solenidades de preceito	V1 - F1 -
2. Domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa	V1 - F1 -
3. Tríduo pascal e 5ª feira da Semana Santa	V1 - F1 -
4. Solenidades que não são de preceitos Comemoração de todos os fiéis falecidos	V1 - F1 +
5. 4ª feira de Cinzas e 2ª, 3ª e 4ª feiras da Semana Santa	V1 - F1 +
6. Dias de semana na Oitava da Páscoa	V1 - F1 +
7. Domingos do Tempo de Natal e do Tempo Comum	V1 + V2 - F1 + F2
8. Festas	V1 + V2 - F1 + F2 -
9. Dias de semana do Advento de 17 a 24 de dezembro	V1 + V2 - F1 + F2 +
10. Dias durante a Oitava de Natal	V1+ V2 - F1 + F2 +
11. Dias de semana da Quaresma	V1+ V2 - F1 + F2 +
12. Memórias obrigatórias V1 + V2 +	V1+ V2 + F1 + F2 +
13. Dias de semana do Advento até 16 de dezembro	V1+ V2 + F1 + F2 +
14. Dias de semana do Tempo de Natal a partir de 2 de janeiro	V1+ V2 + F1 + F2 +
15. Dias de semana do tempo pascal	V1+ V2 + F1 + F2 +
16. Dias de semana do tempo comum	V1+ V2 + V3 F1 + F2 + F3



CONTATOS

No exercício do serviço litúrgico podem surgir dúvidas, elogios, sugestões, necessidade de formações ou alguma situação de outra ordem. Todo fiel, seja sacerdote, diácono, religiosa(o) ou leigo pode procurar as assessorias para estas situações. Sempre em espírito de verdade e caridade também o bispo pode ser contactado, como dito anteriormente, é ele o responsável primeiro pela liturgia na Diocese⁴⁶⁰.

1) Bispo Diocesano, Dom Pedro Carlos Cipollini:

dompedro@diocesesa.org.br

2) Comissão de Liturgia:

liturgia@diocesesa.org.br

3) Setor Música:

setormusica@diocesesa.org.br

4) Ministérios Extraordinários:

me@diocesesa.org.br

5) Coroinhas e Cerimoniários:

coroinhascerimoniarios@diocesesa.org.br

6) Setor Inclusão (Surdos e outras necessidades de acessibilidade):

setorinclusao@diocesesa.org.br

7) Pastoral da Acolhida:

pastoraldaacolhida@diocesesa.org.br

8) Grandes Celebrações Diocesanas

equipedecelibracao@diocesesa.org.br

9) Missas paroquiais com o bispo (crismas, posses, etc):

sec.episcopal@diocesesa.org.br

10) COBECISA - Espaço Celebrativo, Reformas, Arte sacra.

cobecisa@diocesesa.org.br

11) PASCOM – Pastoral da Comunicação

comunicacao@diocesesa.org.br

460 Instrução Redemptionis Sacramentum, n.184





*www.diocesesa.org.br 11 4469-2077 contato@diocesesa.org.br
Praça do Carmo, 36, Santo André - SP*